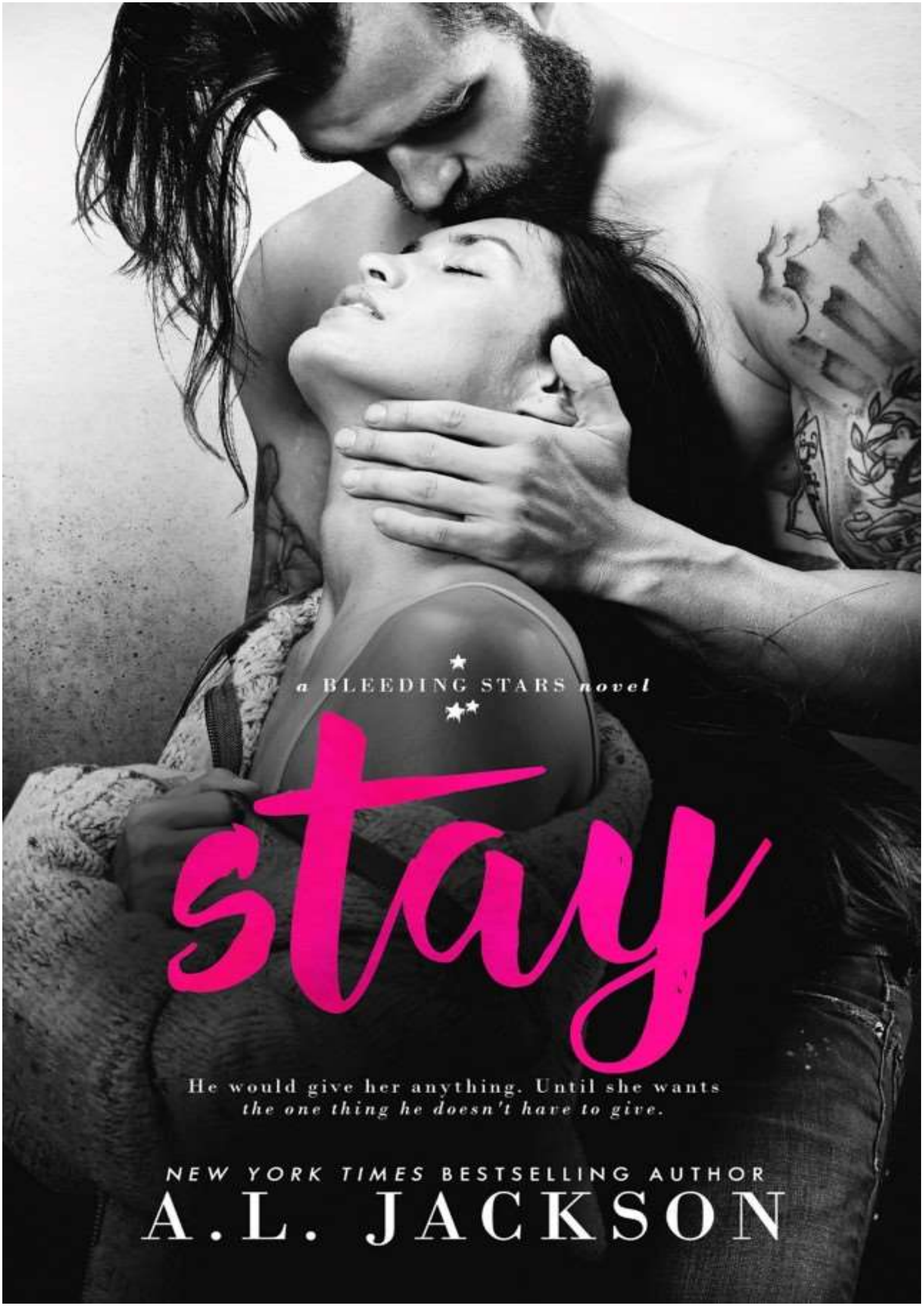

a BLEEDING STARS novel
stay
He would give her anything. Until she wants
the one thing he doesn't have to give.
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
A.L. JACKSON

PL APRESENTA

SÉRIE

BLEEDING

STARS

Livro 05

stay

A. L. JACKSON



7 ANOS DE TRADUÇÃO

Equipe PL

Tradução: Iza

Revisão: Jessica M.

Revisão Final: Ana Rachel

Leitura Final: Yaya

Formatação: Lola

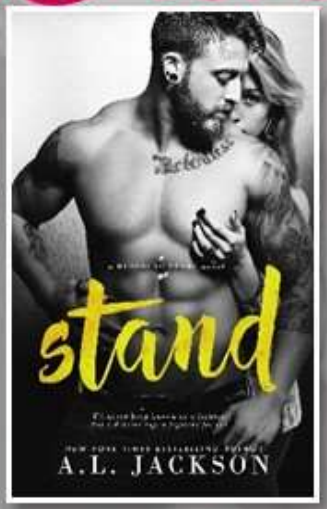
Verificação: Nishi



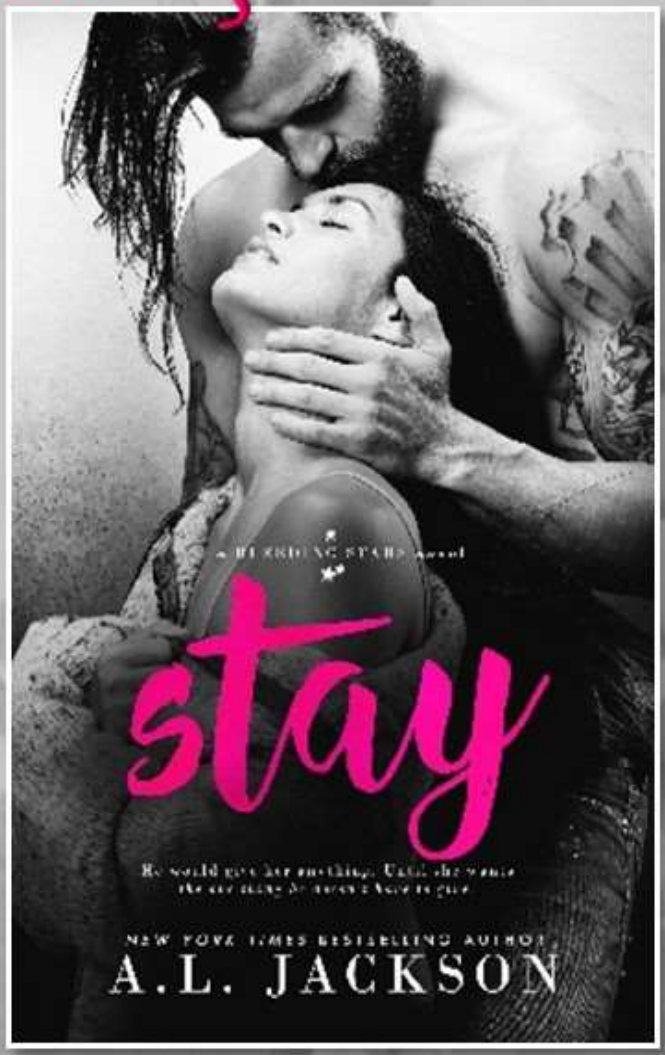
PL APRESENTA

SÉRIE BLEEDING STARS

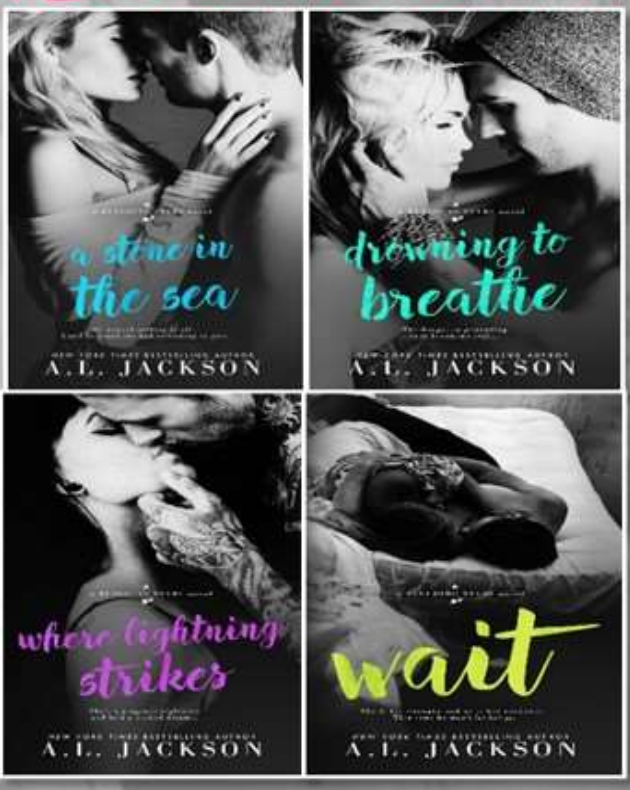
Em Breve



Lançamento



Distribuídos



Sinopse

Eu sou Ash Evans.

A vida da festa.

Sexy. Rico. Carismático.

Uma estrela de rock tatuada, com o mundo aos meus pés.

Queimo as mulheres mais rápido que um palito de fósforo.

Abracei meu estilo de vida e o vivo ao máximo.

Até o dia em que meu estilo de vida me alcançou.

Willow Langston encontrou-me no pior momento.

Literalmente.

Diante de uma poça de meu próprio sangue.

Devo-lhe minha vida e tenho três meses para pagar essa dívida.

O que nunca deveria fazer era tocá-la. Beijá-la. Levá-la para minha cama.

O amor não deveria ser parte da equação.

Abandonei essa complicação desagradável há muito tempo.

Agora a quero mais do que meu próximo suspiro.

Mas ela não sabe o que sei.

"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."

Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo PL ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus Lançamentos



Prólogo

Willow

Raramente sabemos quando nossas vidas estão prestes a mudar. Quando a direção em que estamos viajando mudará. Quando o conforto estagnado, que construímos para nós mesmos, tomará uma volta imprevisível, ou quando tudo que sabemos, terá um fim abrupto e angustiante.

Talvez devesse compreender então, quando o sino balançou acima da porta.

Acho que estava muito absorvida no trabalho, para notar o momento. Perdi a sensação da madeira sob minhas mãos, ao modelar e lixar a podridão e decadência, para expor a verdadeira beleza escondida por baixo.

Talvez devesse ter observado a maneira que meu coração acelerou, de repente, como uma premonição. Como um presságio. Como uma advertência para me proteger dos detritos espalhados à frente.



Em vez disso, levantei a cabeça. Meus olhos se apertaram contra os raios ofuscantes do sol da tarde, ao se espalharem como uma inundação atrás do homem que, repentinamente, preencheu a totalidade da porta.

Uma figura escondida, moldada nas sombras e nas silhuetas.

Um mistério cercado pelo fogo mais brilhante.

Talvez devesse ter me preparado para o impacto.

Para a colisão, que nunca anteciparia.

Ele deu um único passo para frente e, diretamente, para minha linha de visão.

Encarou-me por um tempo, como se me conhecesse, antes de inclinar a cabeça e me lançar um sorriso arrogante. Um que tinha o poder de me atravessar com a força de um caminhão, em excesso de velocidade, após perder os freios.

Talvez devesse ter me preparado.

Talvez devesse ter sido mais forte.

Talvez devesse ter me agarrado mais à promessa que fiz de nunca me permitir ser queimada.

Nunca mais.

Mal sabia que agora estava em pé nas chamas.





1

Ash

Eu era orgulhoso de ser o cara mais legal que alguém já conhecera. Espalhando o amor, onde quer que fosse. Gostava de ficar perto de todos os que atravessaram meu caminho.

Era por isso que essa droga não era legal.

Adrenalina bombeou duro em minhas veias e zumbiu nos ouvidos. Os cabelos do corpo arrepiaram-se em alerta.

Olhei de volta para as sombras da noite escura e úmida. Insetos faziam barulhos nas árvores, o silêncio sonolento só quebrado, de vez em quando, por um motor de moto à distância.

O caminho que decidi percorrer, depois que deixei o bar, era estreito, as pequenas lojas e restaurantes já estavam fechados. Uma névoa sombria brilhava das luzes da rua, que rodeavam a estrada principal, a cerca de 1,5 quilometro de distância.



Meu telefone vibrou no bolso, mas sabia, mesmo que conseguisse fazer uma ligação, não haveria chance de qualquer um dos meus amigos chegar a tempo.

Levantei as mãos no ar, de uma forma apaziguadora e dei um único passo para trás.

— Não tenho ideia do que você está falando — jurei, sendo o mais calmo e tranquilo possível.

Só que era uma mentira. Lembrei-me, totalmente, da garota, da qual ele falava, que tomou todo seu pênis, duas noites atrás. Claro, ela, convenientemente, não mencionou nada sobre Billy ou o que quer que fosse o nome desse idiota.

Normalmente, poderia me defender, acertar alguns golpes, quando os punhos fossem necessários. Não era nenhum segredo que entrei em uma briga ou duas. Estava acostumado a sair por cima. Porra, na maioria das vezes, um olhar para mim, era tudo o que levava os homens a se curvarem e se afastarem.

Não tinha tanta certeza de que esse registro seria usado a meu favor esta noite.

Esse cara me enfrentou no Charlie's, cerca de uma hora atrás e eu o mandei ir direto para o inferno.

Ele veio atrás de mim e pulou fora de seu estúpido caminhão grande.

E não estava sozinho.



Quatro de seus amigos apareceram atrás dele, bons velhos rapazes do campo que, claramente, estavam ansiosos por uma briga.

— Você está me chamando de mentiroso agora, depois que transou com minha garota? — Cuspiu.

Eu queria ser direto e lhe dizer que ele, provavelmente, deveria ser sábio e achar uma nova menina, se nós estivéssemos, realmente, tendo essa conversa. Mas, certamente, eu não ganharia pontos.

— Ei, cara, desculpe-me se sua garota te enrolou. Mas não levaria ninguém para casa se soubesse que tem alguém esperando por ela. Certamente não é meu negócio.

Pelo menos isso era verdade.

Apertei um punho na minha palma oposta, ampliando a postura. Imaginei que ele teria uma pista e daria meia volta, ou eu teria que lutar contra isso. Indiquei com o queixo a direção de seu caminhão parado.

— Agora, sugiro que volte para seu carro e vá resolver isso com ela, porque não tem nada a ver comigo.

Girei em meus calcanhares, dei as costas para eles e comecei a ir embora.

Eles dizem que a análise é clara.

Minha chance era de meio a meio.



Na verdade, diria que ela era uma cadela, porque nunca parecia estar a meu favor, quando mais precisava.

Tocava nas ruas tempo suficiente, para saber mais sobre isso.

Agia de modo arrogante, quando não havia uma alma ao redor, para me ajudar.

Você sabe outra coisa que dizem?

Dizem que o orgulho vem antes da queda. Vendo como eu usava orgulho como uma marca, realmente, não deveria me surpreender.

Um barulho cortou, através do ar pesado e algo parecido com pavor atravessou a superfície da minha pele. Ouvi a rachadura, antes de registrar o golpe real na parte de trás da cabeça.

Rugi, quando uma dor alucinante quase me tirou a consciência.

A visão ficou escurecida.

Turvo e cego.

Puxando-me para baixo.

Lutei para piscar, através da dor insuportável.

Tropecei para frente, mas consegui encontrar os pés. Tentei girar de volta, mãos desajeitadas e pronto para revidar.

Porque se caísse, então levaria o bastardo comigo.



No segundo que me virei, tive um vislumbre do brilho de metal, bem antes de uma vara me acertar.

Agonia brilhou, ao receber o golpe na lateral do rosto.

Com o impacto, minha cabeça balançou para o lado, o corpo seguindo o que meus joelhos faziam.

Voei.

A calçada surgiu rapidamente, o ar era nada, apenas um sibilo dolorido em meus pulmões, quando bati no asfalto liso.

O sangue jorrou, fazendo um rastro em meu rosto e pingando no chão.

Lutava para ficar em minhas mãos e joelhos.

Levantar.

Para fazer alguma coisa.

Uma bota pesada chutou-me o abdômen.

Um som estrangulado disparou da minha boca, quando caí novamente e sabia que as coisas não acabariam bem, quando passos vieram ao meu redor.

Mãos e pés com aquele tubo de metal.

— Idiota — outra voz rangia. Minha atenção dirigiu-se a ele, meus olhos se afastaram, antes que seu punho conectasse ao meu rosto.



Essa foi a última coisa que vi, antes de meu mundo ficar preto.





2

Willow

Saí da pequena cafeteria. A porta se fechou atrás de mim e levantei o rosto para o céu, que chegava com o dia, àquela hora enevoada, lançando no mundo um cobertor de tecido roxo e azul.

Calor e esperança.

Deus sabia que me apegava a isso, agarrando-me por um fio, que rapidamente se desfez.

Os carvalhos velhos se esticavam em direção ao céu, ramos oblíquos estendendo-se, como se protegessem a solidão dos antigos edifícios, que alinhavam a rua, no Distrito Histórico.

Inalando, respirei o aroma revigorante do meu café, o ar já espesso e ligado com o calor do verão de Savannah. Tomei um primeiro gole do líquido quente e fumegante e segui



caminhando, em direção à minha pequena loja, enquanto o sol, lentamente, subia no horizonte.

Minha casa.

Meu santuário.

Faria o que fosse necessário para mantê-lo assim.

Quando virei a esquina e comecei a descer a pitoresca e estreita rua, peguei as chaves no meu bolso. O telefone tocou, precisei segurar a bebida e as chaves em uma das mãos, para tirá-lo da minha bolsa.

Suspirei.

Emily.

O que dizem sobre contar suas bênçãos? Pelo menos não era Bates. Não tinha certeza se poderia lidar com seu jeito expansivo e marcante de manipulação hoje.

Aceitei a ligação e empurrei o telefone para o ouvido.

— Ei.

— Você está acordada?

— Claro que estou acordada.

Sua voz era leve.

— O pássaro madrugador procura sua comida.

Minha risada era irônica.

— Não se alguém lhe cortar as asas.



Silêncio entrou na linha, antes de soltar seu próprio suspiro.

— Você se lembra que a reunião é às três?

Tristeza me encheu.

— Como poderia esquecer? Estou apenas... Não tenho certeza se estou pronta para dar esse passo.

Precisava de mais tempo.

Ok, a verdade era que precisava de um milagre.

Desde que parei de acreditar nisso, bem na época em que parei de acreditar em quase tudo, o tempo parecia ser a única coisa que poderia pedir.

Quando era menina, tinha tanta fé. Acreditava em sonhos, desejos e destino. Acreditava mesmo que a noite mais escura, eventualmente, floresceria com luz. O que mais machucava era saber que as coisas com que sonhava, a maioria das pessoas consideraria modestas.

Simples e corretas.

Mesmo que não pedisse muito, era tudo o que queria. Necessitava.

Esperei.

Contei com isso.

Mas isso foi antes que todas as coisas mais importantes na minha vida, fossem, lentamente, removidas.



Uma por uma.

Meu papai.

Minha irmã.

Minha mamãe.

Chicotada atrás de chicotada. Até que minha carne estava crua e ferida, coração sangrando.

Dois anos atrás, Bates deu o golpe final.

Crença esquecida.

— Você tem que tomar uma decisão, Will, ou alguém fará isso por você e sei que não quer isso.

— Eu sei.

Ela exalou, e quase podia ver minha amiga mais velha andando pelo chão.

— Vejo você então, ok? Só... Pense nas opções.

O problema é que nenhuma das opções serviriam para entretenimento.

— Tudo bem — prometi, antes de terminar o telefonema e virei para minha loja, com a chave na mão, o metal moendo, enquanto a encaixava na velha fechadura.

Um som profundo e gutural ondulou pelo ar.

Quieto.

Estagnado.



Dolorido.

Congelei. Uma sensação de pavor tomou conta de mim, quando percebi, com minha visão periférica, uma pilha escurecida, descartada em um pequeno pedaço de grama, logo à minha esquerda.

Outro gemido incoerente.

O medo passou pela espinha, em uma onda arrepiante. Cautelosamente, virei-me. De longe, vi um homem, que estava deitado de bruços no gramado, com o rosto virado e vestido de preto. Lentamente, fui em sua direção, o coração parecendo um trovão, apertado nos limites do peito.

Esperava que talvez, apenas talvez, fosse um vagabundo que entornou uma garrafa, permitiu-se desfrutar de uma noite e pagava por ela, severamente, esta manhã.

Isso foi até que vi o sangue seco e duro em seus cabelos loiro escuros. Um rasgo, fazendo uma trilha.

O trovão em meu peito acelerou ainda mais e dei um passo para frente, mantendo distância, enquanto o rodeava.

Suspirei.

O sangue cobria todo seu rosto.

Um corte aberto em sua bochecha, lábio inferior arrebentado, barba cheia de vermelho pingando, junto de sujeira e detritos. Contusões espalhadas nos braços musculosos, que estavam cobertos de tatuagens.



O homem era uma imagem quebrada em caos e problemas.

Deus sabia que iria encontrá-lo.

Quando choramingou novamente, caí de joelhos ao seu lado. Minhas mãos tremiam incontrolavelmente, disquei freneticamente 911 e continuamente, sussurrei:

— Tudo ficará bem, tudo bem. Prometo, tudo vai ficar bem.

— 911, qual é sua emergência?

— Eu... Hum... Há um homem na frente da minha loja. Ele foi espancado, seriamente. Há sangue por toda parte.

— Você pode me dizer sua localização?

Com medo, disse o endereço, meus joelhos correndo para frente, os olhos para baixo.

— Ok, temos uma ambulância a caminho. Ele está respirando?

— Sim — disse imediatamente, mesmo que meus dedos trêmulos estivessem se estendendo, pressionando seu pescoço, o pulso estava fraco.

Ele gemeu e seus olhos se abriram. Claro contra vermelho escuro.

Azul.



Tão azuis e intensos, que penetraram em meu corpo, sua confusão invadindo aquele lugar vago e desconfiado em meu coração.

Jesus.

Mesmo com as feridas, a terrível beleza que me olhava era impressionante.

— Está tudo bem — digo de novo, passando os dedos na lateral de seu rosto com cuidado, para não tocar em nenhum ferimento, oferecendo-lhe o conforto que, de alguma forma, sabia que precisava.

Ele estremeceu e murmurou algo que soou como:

— Por favor.

Uma sirene gritou da estrada principal e se tornou mais alta, enquanto se voltava para a rua, normalmente tranquila e pacífica.

— Shh, — digo — está tudo bem. Prometo que tudo ficará bem.





3

Ash

Uma forte luz branca brilhava em cima de mim.

Sangue.

Respingado.

Marcas de dedos.

Manchas.

Sofrimento, horror e choque.

Um soluço saiu de mim e caí de joelhos, segurei-a em meus braços, balançando-a, enquanto eu implorava e empurrava.

Não.

Corpo frio.

Face pálida.

Agonia. Agonia. Agonia.



— Não. Anna, não. Deus, por favor, não.

Tentei sentar. Desorientado, ofegante, suor escorregando pela pele e lutando pela falta de fôlego. Frenético, meus olhos observam a sala escura.

Bips de monitores. A cama do hospital em que estava deitado e o tubo intravenoso, preso no meu braço. A fraca agitação do pessoal de enfermagem do outro lado da porta.

— Droga — assobiei, tentando afastar o temor atormentador do sonho. Um que não tive em muitos anos. Um que nunca seria capaz de ter estômago para aguentar.

Então, empurrei-o para longe. Onde ele pertencia. Esquecido. Porque algumas realidades nunca deveriam existir.

— Oh, diabos, não, não vou entrar nessa coisa. Posso ficar de pé e andar. — Esforcei-me para sair da cama do hospital, estremecendo como uma cadela, quando fui apunhalado pela dor, que me derrubou de lado.

Porra.

E pensei que Savannah deveria ser para relaxar. Um refúgio seguro, longe de toda a loucura de Los Angeles.



— Você tem certeza disso? — Um sorriso malicioso apareceu no canto da boca de Baz, o cara estava me provocando com uma cadeira de rodas, como se fosse algum tipo de inválido, alguém que ele pudesse levar para frente e para trás, no meio da sala.

— Estou ansioso para levá-lo em um passeio o dia inteiro. Retorno pelo que nos colocou, nos últimos três dias.

Forcei-me a ficar em linha reta.

— Ah. Não estou lhe dando as rédeas para aquele trenó. Você, provavelmente, irá quebrar alguma coisa. — Levanto os braços para os lados. — Além disso, estou bem, novo em folha.

OK. Essa era uma maldita mentira. Realmente, senti que fui atropelado por um Freightliner[1]. Mas não estava prestes a deixar que alguns idiotas me segurassem.

Passei a mão sobre minha cabeça macia e olhei ao redor.

— Você me trouxe roupas?

Ele jogou uma mochila na cama.

— Sim.

[1] Freightliner é uma fabricante de veículos comerciais (caminhões).



— Graças a Deus. Nos últimos três dias, meu traseiro tem brincado com as enfermeiras. As pobres não sabiam o que fazer com elas mesmas.

Quero dizer, sério, poderia muito bem ter dado pulos de alegria, para tudo de bom que esse vestido ridículo me trouxe.

Virei-me e comecei a puxar roupas limpas do saco, conversando com Baz sobre o ombro, quando disse:

— A pior parte foi que todo o tempo estava fora de combate. Agora, isso foi dolorido. Toda aquela delicadeza entrando e saindo daqui, apaixonando-me e não sendo capaz de fazer nada sobre isso. — Atirei-lhe uma piscadela. — Trágico.

Baz zombou.

— Pensei que o chute na bunda te ensinou uma lição ou duas. Espero que essa garota tenha valido a pena.

Sim, nenhuma garota vale aquilo tudo. Especialmente a que mentiu, quando lhe perguntei sobre o anel que ela brincava em seu dedo. Sua avó, minha bunda.

Forcei um largo sorriso, lutando contra o pouco de amargura que queria enraizar no peito.

— Ela era uma mistura de loucura e luxúria. Os homens, simplesmente, não têm capacidade de resistir a esse tipo de desastre.



Baz sacudiu a cabeça.

— O que quer que seja, cara, continue dizendo isso a você mesmo.

Algo sombrio filtrou-se na sala e parei, colocando meu tênis favorito na cama. Puxei uma respiração pesada dos pulmões.

— Fodi tudo, homem. Sinto muito. A última coisa que queria era prejudicar vocês.

Sunder deveria gravar no estúdio na próxima semana, por isso estávamos em Savannah, em primeiro lugar. Três anos atrás, comprei uma grande casa velha aqui. Minha residência longe de casa. Um lugar tranquilo, para fazer uma pausa do ritmo insano de Los Angeles. Achei que precisaria de um lugar onde pudesse relaxar e divertir as mulheres, sempre que estivesse na cidade, considerando que esta seria a base de Baz. Ele e sua esposa Shea, ficaram, permanentemente, aqui, pois era onde queriam criar os filhos.

Embora já fosse previsto, Baz tinha, oficialmente, saído da banda no ano passado e seu irmão mais novo, Austin, assumiu seu lugar como vocalista.

Baz comprou o lugar do nosso gerente em *Tybee Island*. A mansão já estava equipada com um estúdio de gravação



muito bom, por isso, fazia sentido ele ser o único a produzir nosso próximo álbum, em vez de ficar de fora.

Sim, queria sair dos holofotes e viagens, longe do caos e folia, que cercavam este estilo de vida louco, mas isso não significava que ele quisesse distância da música. Acima de tudo, a distância de nós, esta família incrível e incompatível que se reuniu, quando não tínhamos nada, éramos adolescentes e, de alguma forma, conseguimos criar algo grande.

Cada um de nós tinha um lugar aqui em Savannah, para os meses em que passávamos gravando.

Baz inclinou a cabeça, como se tentasse me ler, enquanto uma onda de culpa me atingia com força.

Não era nenhum segredo que Sunder sofreu bastante. Nós mal conseguimos passar por vícios, sentenças de prisão e a morte de nosso baterista, Mark. O mundo inteiro estava à espera do ponto final, que os fios que nos uniam se desfizessem. O que, realmente, importava era: o destino de Sunder esteve no limbo, por muitos anos.

Agora que as coisas estavam finalmente se juntando, estraguei tudo e não poderia fazer nada por pelo menos seis semanas.

O arrependimento enrolou em meu estômago.



Vacilar com a banda não estava, exatamente, na agenda.

Baz exalou pesadamente.

—Eu sei, Ash. Eu sei. Mas você tem que saber que assustou demais a todos nós. Sua irmã está fora de si. Nossas garotas estão enlouquecendo e todos os caras querem caçar os filhos da puta. Você e eu sabemos que é a última coisa que a banda precisa. Não tenho mais problemas, cara. Uma dessas vezes, você não será tão sortudo e acordarei com uma chamada que não quero. Isso já foi bastante ruim.

Sorte.

Senti algo estranho. Um lampejo de uma memória.

Olhos de chocolate. Macios, toque suave. Pêssegos.

Acho que talvez essa concussão estragou minha mente mais do que pensava.

— Aqui fora, serei mais cuidadoso. Prometo-lhe.

Nós dois sabíamos que era mais fácil dizer do que fazer.

Escolhi viver minha vida, como se todo dia pudesse ser meu último. Imprudente.

Abracei o caos, as incontáveis mulheres e as intermináveis noites.

Viva rápido e morra pesado. Não queria de outra maneira.



Minha devoção? Era inteiramente reservada para esta família e apenas esta família. Os meninos e a banda. Suas esposas e seus filhos. Minha irmãzinha.

Fora isso?

Tudo que queria de cada dia, era um pouco de diversão. Alcançar e tomar todo o prazer que o mundo tinha para dar. Abraçá-lo, em vez de colocar todos meus dias a perder, sem a consequência mórbida de ficar amarrado.

Deixaria essa besteira para meus irmãos.

Não me preocupava com isso. Era mais seguro do que obter um sabor de paz e tê-la arrancada. Somente tolos se colocam na linha. Apaixonando-se, como se pudesse durar. Empurrando a responsabilidade e o fardo, antes que se tornasse muito claro que não conseguiria suportar o peso.

Aprendi essa lição da maneira mais difícil, há muito tempo.

Um punho bateu na porta aberta. Virei-me para encontrar nosso baterista e meu companheiro de quarto, Zee, de pé ali.

— Lyrik e Austin têm o *Suburban* ligado lá na frente. Você está pronto para ir?

— Sim. Apenas me deixe trocar de roupa. A menos que um de vocês, idiotas, queira me dar um banho de esponja, antes de eu ir? — Joguei no ar a provocação, na esperança de



aliviar o humor. Odiava que fosse o responsável por torná-lo pesado.

Causar isso não era para mim.

Mas podia ver a preocupação escrita em seus rostos, perguntando-me o que fariam agora. Porque, como Baz disse sobre os meninos, nesse momento, a retaliação soava muito bem.

Inclinei minha cabeça em direção à porta. Um pedido claro para que saíssem.

Baz me olhou e zombou.

— Como se não tivéssemos visto seu traseiro nu um milhão de vezes? Agora vai ficar tímido?

— Só preciso de um minuto, cara.

A verdade era que não queria que nenhum dos dois visse a confusão escondida sob este vestido.

Baz franziu o cenho, antes que concordasse com a cabeça, como se entendesse. Ambos saíram, para me dar um pouco de privacidade.

Mudei de roupa lentamente, tentando não olhar para as contusões cobrindo cada centímetro do meu corpo: os pontos amarrando os cortes, a bandagem grande cobrindo os grampos da cirurgia, no lado inferior esquerdo do meu abdômen.

Prova de que não era invencível.



Engraçado como me recusava a pensar duas vezes sobre o final, até que me encarasse.

Alguns minutos depois, Baz abriu a porta.

— Você está pronto?

— Sim.

Eles me ajudaram a juntar as coisas, então Baz inclinou o queixo para a cadeira de rodas.

— Tem certeza que não precisa disso? Uma dessas enfermeiras que cuidaram de você, seria um ajuste certeiro.

Eu ri.

— De jeito nenhum. Não posso deixar um homem bom como eu, para baixo.

Zee rachou.

— Bom? Estou pensando, há, provavelmente, milhares de mulheres espalhadas por todo o mundo, que estariam ansiosas para chamá-lo de algo que não seja bom.

Balancei meus quadris, o movimento não tão entusiasmado, quanto normal.

— Você está certo, homem, todos diriam que sou o melhor.

Ele balançou a cabeça, murmurando baixinho, — sempre um idiota. — Claro que não conseguia esconder o sorriso subindo em seu rosto.



Capengo pelo corredor até o elevador, deixando os caras me levarem para fora. Era exatamente como eram. Sempre lá. De pé ao meu lado. Cuidando de minhas costas.

Portas automáticas abriram, enquanto caminhávamos pela saída, o brilhante sol de Savannah cegando-me, pois saía para a luz pela primeira vez em três dias.

Respirei o ar quente e úmido.

Gratidão cresce em meu estômago. O fato de ter outro dia para viver. Essa vida louca para abraçar.

Uma espessa intensidade me envolveu. A energia cintilava pelo ar. Os pelos do meu corpo, arrepiados.

Não como fizeram a outra noite. Mas em um tipo diferente de consciência.

Viro meu olhar para o pequeno SUV prateado, parado no quarteirão e os grandes olhos de chocolate, que me encaravam de volta. Mesmo através da janela, não havia como confundi-los.

Tão familiar.

Meu peito apertou tão, dolorosamente, que quase me senti bem.

— Vamos tirar você daqui. — Minha atenção se voltou para Baz, quando abriu a porta do passageiro dianteiro. Assenti e olhei para o carro. Não poderia me libertar do fascínio que me atraía dessa maneira.



Porque quem quer que ela fosse?

Não havia dúvida de que salvou minha vida.

E isso era uma dívida que não tinha uma única pista de como pagar.





4

Willow

O sol abrasador de Savannah iluminou a sequência de janelas que dava para a rua, na frente da minha pequena loja.

Nenhuma alma entrou pela porta durante todo o dia, o que era, em grande parte, um problema, mas não deixei de encontrar conforto na solidão.

Mal podia discernir os movimentos suaves e silenciosos de Emily, que trabalhava no pequeno escritório. O clack, clack, constante do teclado, um leve correr nos trilhos de metal do armário de arquivo, abrindo e fechando, o zumbido de um ventilador obsoleto.

A umidade cobria a atmosfera empoeirada, as partículas grossas e lentas dançavam, através de feixes de luz, que cortavam as janelas. O antigo ar condicionado zumbia,



fazendo seu melhor para compensar, mas não chegando perto de fazer algo nesse calor.

Um silêncio calmo encheu o espaço, quebrado apenas pelo som suave da lixa que eu passava sobre a madeira, de novo e de novo.

Arranhando.

Arranhando.

Arranhando.

Revelando a beleza escondida embaixo.

Atrás do balcão, que era pintado de forma rústica, fiquei curvada sobre a peça, que encontrei abandonada, ao lado de uma lixeira. Deixada como lixo podre sem valor.

Era quase engraçado como encontrei o meu maior consolo em relíquias quebradas, que eram deixadas para decadência. Mas minha mãe me ensinara a reconhecer o valor em objetos descartados. Para encontrar o que estava escondido por baixo de uma pintura descascada e rachaduras estilhaçadas.

Olhar mais profundo do que a superfície.

Uma onda de tristeza me bateu, o peito apertou, dolorosamente. Procurar mais fundo foi o que fiz toda minha vida. Acreditando no melhor de quem amei.

Dando meu apoio e encorajamento.



Minha fé.

Pouco a pouco, aquela fé foi se quebrando.

Por um segundo, apertei os olhos, fechados contra o assalto de memórias, meus dentes rangendo e aumentei a pressão contra os visgos da madeira, esfregando as partes corrompidas, para expor o que tinha de bom por baixo.

Encontrar a beleza que conhecia.

A beleza na qual confiava.

Perdi-me no meu trabalho tranquilizante. Tão centrada, que ofeguei, quando o sino acima da porta tocou. Assustada, ergui a cabeça e meu coração acelerou, num tom errático, contra minhas costelas.

Meus olhos apertaram contra os raios brilhantes do sol do fim da tarde, que se espalhavam como uma inundação repentina, atrás do homem que, de repente, preencheu a totalidade da minha porta.

Surgido das sombras.

Uma silhueta escurecida, iluminada em seu entorno por um anel ardente de chamas.

Fogo.

Eu podia senti-lo brilhar no ar. Energia, potência e calor.



Tão real quanto a umidade que se agarrava ao meu suor, encharcando minha pele.

E sabia.

Sabia, pela maneira como meu pulso ficou inconstante e um pingo de medo espetou-me, que este era o homem que não fui capaz de tirar da mente, na última semana. Aquele que me roubou o sono. A lembrança de seu rosto maltratado deixou-me com um profundo sentimento de preocupação e a terrível beleza dele me dominou, com um intenso sentido de intriga.

Finalmente, deu um passo em frente, expondo-se completamente.

Minha respiração ficou trancada em algum lugar na parte de trás da garganta e esse medo aumentou um pouco mais, assim como uma carga de adrenalina percorrendo as veias, como se fosse aço líquido.

Não me movi. Apenas congelei, com a mão ainda segurando o bloco de lixa, enquanto o olhava, como se fosse um pedaço de arte mórbida.

Uma estátua de pedra quebrada.

Cativante.

Magnético.

Imponente.



Com a garganta seca, meus olhos vagaram. Com uma necessidade primal estimulando-me, procurei suas feridas. Traçando a linha de pontos, que corriam logo abaixo de seu olho, as contusões profundas que o rodeavam, as lacerações e descolorações que mancharam o enigma intrincado de tinta, tecida como um quebra-cabeça, em seus braços fortes.

O calor queimado.

O trauma infligido conseguiu fazê-lo parecer um guerreiro conquistador que voltou da batalha.

Cada polegada esculpida de seu corpo grande gritava força. O músculo ondulado e definido era apenas acentuado pela camisa preta, que se estendia sobre o peito largo.

Eu o vi de longe. Naquele momento, quando, finalmente, sucumbi à necessidade de vê-lo novamente, convenci-me de que precisava saber se estava bem. Porque, Deus sabe, este homem me afetou de alguma maneira, vendo-o lá, fraturado e quebrado.

Vendo-o agora? Era alarmante.

A intensidade que girou entre nós, enquanto ele permanecia lá, aqueles olhos azuis me atingindo, como se me procurasse do mesmo jeito.

Então deu-me o sorriso mais largo que já vi.

Covinhas ressaltaram em suas bochechas, dançando com a promessa de travessura. Nesse segundo, ele quase



parecia... Fofo. Sem dúvida, isso o tornou cem vezes mais perigoso do que jamais imaginara.

— E aí, querida. — Sua voz era tão profunda quanto aquelas covinhas. Áspera e crua, patinando sobre minha pele como uma carícia poderosa.

O que havia de errado comigo? Não era eu. Mas soube quando aconteceu. Essa conexão louca que senti por um homem, simplesmente, porque tropecei nele em sua pior situação. Como se fosse sua parceira, cuidando dele, em um momento que jamais deveríamos compartilhar.

Fiquei momentaneamente calada, levantei-me, tentando tirar um pouco da poeira e detritos de minhas roupas de trabalho. Meu sorriso foi tímido, enquanto contornava o balcão.

— Você está aqui. — Isso saiu da minha boca em um sussurro soprado.

Ele estendeu os braços para os lados, um sorriso cheio de vida, tomando um tom de brincadeira.

— O que? Não me diga que não está animada por me ver. Quero dizer, sou meio inesquecível e achei que poderia sentir falta de mim. Então, aqui estou.

Ele soltou essas palavras como uma provocação casual. Apenas por aquele sorriso, poderia apostar que aquele era



seu modo de operação normal, se a situação em que se encontrava não fosse tão grave.

Seu tom se aprofundou.

— Diga-me que você não sentiu minha falta.

Fico calada por alguns instantes.

Aparentemente, seu ego era tão grande, quanto o resto dele.

Deve ter sentido minha luta, porque seu sorriso amenizou e se transformou em algo genuíno, mergulhando em uma nova atmosfera, que me envolveu.

— Eu sou Ash. Ash Evans.

Eu sabia seu nome. O policial usou-o, quando me questionou, perguntando o que sabia e pedindo qualquer informação que pudesse dar, que era nada, considerando que nunca vi o homem antes, na minha vida.

— Eu sou Willow. Willow Langston. — Falei nervosamente. Porque foi assim que esse cara me deixou, trêmula e tímida.

Sua cabeça inclinou para o lado e o sorriso só cresceu, os olhos mexeram rápidos, para cima e para baixo do meu corpo, como se tentasse encontrar algo escondido dentro de mim.



— É bom conhecê-la oficialmente, Willow. Parece que lhe devo um agradecimento, ou um pedido de desculpas, ou talvez ambos.

Apertei minhas mãos.

— Você não precisa me agradecer. Fiz o que qualquer outra pessoa faria. Estou feliz por te ver em pé.

Ele riu, embora soasse com descrença.

— Não lhe devo um obrigado? Devo-lhe muito mais do que apenas um obrigado. Você salvou minha vida.

Minha testa apertou.

— Não.... Eu... Estava apenas vindo para o trabalho. Se não fosse eu, outro alguém o encontraria.

— Sim e poderia chegar um segundo tarde demais. Ou talvez olharia para outro lado. Não importa que pudesse ser outra pessoa. A única coisa que importa para mim, é que foi você.

Faíscas foram soltas. Enchiam o espaço. Assenti lentamente.

— Ok, então, de nada.

O riso me chocou, quando saltou através do ar denso, repentino, alto e livre.

Como se estivesse espantado com a simplicidade de minha afirmação. Como se pensasse que era a coisa mais



linda que já ouvira. O ar, em torno dele, era como luz, uma gritante contradição com a ferocidade que trouxe, momentos antes.

Minha cabeça girava e um trovão estourou em meu coração.

— Oh não, Willow. Aqui estava eu, agindo como idiota, sujando a frente da sua bonita loja, encontrando-me lá fora, como um pedaço de lixo, para você encontrar na parte da manhã. Com certeza, desfiz qualquer plano que tivesse para o dia. Poderia ter virado o estômago também, porque essa droga não foi bonita. Estou aqui para fazer as pazes com você. Qualquer coisa que quiser. Diga e será seu.

Uau.

— Essa é uma promessa nobre horrível que está fazendo, Sr. Evans.

— Promessa que pretendo manter.

Meu estômago se apertou. Não sabia quem era esse cara. Mas o que sabia? Que era muito mais do que eu aguentaria. Tudo já estava frágil e quebradiço, pronto para rachar. E ali estava ele, sacudindo-me mais.

— Como disse, não é necessário. — Minha recusa parecia mais como uma defesa.

Sua cabeça inclinou e os dentes seguraram o lábio inferior, cabelo loiro escuro jogado para o lado. O cabelo foi



raspado em ambos os lados e mais em cima, que só adicionou à sua vibração uma espécie de vingador glorioso, com um sorriso malicioso e uma língua rebelde.

— Que tal começar com um jantar e ver o que pode acontecer depois disso? É o mínimo que posso fazer.

A dispersão de borboletas levantou na barriga e, freneticamente, bateu suas asas. Porque estou atraída por este homem de uma forma que nunca estive por ninguém antes. Nem mesmo com Bates. Bates foi um amor lento, o tipo que cresceu em mim. O tipo que era para ser permanente.

Aquilo ali era motivo suficiente para eu passar longe.

— Isso é uma má ideia.

— Má ideia, hein?

Balancei a cabeça.

Sim. Terrível e horrível má ideia.

Porque não havia nenhum lugar dentro de mim, para ser rasgado em pedaços.

E de alguma forma sabia que esse homem iria me rasgar em pedaços.

Seus olhos se estreitaram, antes que se virasse. Ele começou sinuoso, através de minha loja, como se fosse apenas mais um cliente, com sua presença ousada, grandes mãos entendidas, dedos passando pela madeira e tremulando



sobre os desenhos das antiguidades recuperadas, que pendiam das paredes.

Contemporary Comfort foi o sonho da minha mãe. Ela sempre quis uma pequena loja de antiguidades, no coração do distrito histórico de Savannah e a abriu em seu quadragésimo sexto aniversário. Eu tinha quatro anos. Minha irmã e eu tínhamos, basicamente crescido, rodeadas de lixadeiras e decapantes no quarto dos fundos, que funcionava como loja e armazenamento de madeira.

Este lugar foi sempre meu conforto e meu espaço, antes de se tornar meu tudo.

Era a última coisa que me restava.

Raiva vibrou em meu espírito.

E agora Bates seria responsável por tirá-lo também.

Ele puxou um preço antigo, amarrado a uma cadeira de balanço com um pedaço de fio fino. Eu a pintei de vermelho, então lixei profundamente, até que manchas de madeira branca lisa aparecessem.

Uma carranca puxou a testa e ele continuou fazendo o mesmo, peça por peça. Por alguma razão, senti-me desconfortável, ao olhá-lo andando. Era como se, cavando através da minha arte, estivesse peneirando minha mente.



Comecei a sentir uma dor no estômago, uma intuição que dizia para pedir-lhe que parasse, mas achei que era incapaz de formar as palavras.

Muito lentamente, ele se virou e olhou para mim. Sua pergunta soou como uma acusação.

— Por que está tudo para fora?

— Porque tento eliminar algumas coisas.

Mentira. Mentira. Mentira

Eu tinha certeza que era óbvio, também. Nunca fui boa em esconder as coisas. Usava as emoções na minha manga, para todo mundo ver. Foi por isso que tinha, praticamente me escondido aqui, onde era seguro, pelos últimos dois anos.

Franziu sua testa.

— De onde esse material vem?

Tentei limpar a crueza da garganta.

— Eu o encontro e, em seguida, revendo.

Ele olhou na minha direção, os olhos azuis se estreitaram em chamas. Botas pesadas ecoaram sobre o piso de madeira. Meu pulso se iluminou num constante estrondo, batendo mais forte enquanto chegou.

— Então, por que tudo... Tem a mesma aparência? E eu não quero dizer o mesmo. Parece que tudo veio do mesmo lugar. A mesma mão.



Choque me acalmou. Estava completamente surpresa que este homem, que parecia maior que a vida, tomaria seu tempo, para, realmente, perceber algo parecido.

Hesitei, antes da admissão sair livremente.

— Porque encontro o que está quebrado e o restauro.

Conhecimento pendurava entre nós, antes de algo significativo passar por sua cabeça, o qual jogou para o lado.

— Hã. Encontrar o quebrado e renová-lo parece ser sua especialidade, agora, não é? — Disse, a voz reduzindo seu tom com a implicação.

O homem se aproximou.

Tremor me atingiu.

Deus, precisava tirá-lo daqui. Porque ele estava nublando meus sentidos. Distorcendo meu julgamento. Fazendo-me entreter com pensamentos que não tinham nenhuma intenção de me divertir.

Quem quer que fosse esse homem, vivia a quilômetros de distância do meu mundo, e eu, claramente, não tinha lugar para ser uma parte do dele.

Além disso, reconheci seu tipo. E o tipo dele, definitivamente, não iria querer o que tivesse para dar.

Problema estava escrito nele em faixas amplas e luzes brilhantes.



Seus lábios apertados em contemplação, quando se aproximou.

Pisquei em direção ao chão, querendo correr e me esconder, mas meus pés estavam presos ao chão.

— Diga-me por que você está vendendo.

— Ela está vendendo porque está em falência.

Nós dois voltamos a atenção para a voz intrusa. Emily estava na porta da parte de trás, jogando fora meu negócio, como se fosse dela para dar.

Meu queixo caiu.

—Emily — repreendi, duro e rápido.

—O quê? — Ela disse, balançando a cabeça, como se estivesse desapontada comigo. Seu rabo de cavalo loiro rolou para trás, quando saiu de trás do balcão. —É nada mais que a verdade, Willow. Talvez, se parar de mentir para todos ao seu redor, conseguirá parar de mentir para si mesma.

Eu a amava.

Realmente.

Mas naquele momento, queria estrangulá-la, por me envergonhar bem na frente deste homem, que já arruinava algo dentro de mim.

Ash encarou-me, antes de se virar de novo, olhos patinando pela loja.



— Sim? — Pronunciou como uma pergunta incitada. — Quanto?

Sua atenção voltou-se para a mulher, que deveria ser minha melhor amiga. A pessoa que esteve lá para mim em todos os momentos. E aqui estava ela, traindo-me.

— Cinquenta mil.

— Feito. — Disse, como se não lhe custasse nada.

Raiva passou por meu corpo, as mãos apertadas em punhos, ao meu lado. Eu não sabia com quem estava mais irritada.

— Ah, não... Não há nenhuma chance na terra que você me dê um centavo. Não sou mendiga, Sr. Evans.

— Devo-lhe — ele voltou, olhos azuis soltando fogo branco.

— De jeito nenhum. Minha mãe me ensinou a trabalhar duro, para ter o que tenho. — Havia uma chance de ter pisado meu pé, como uma criança petulante. — E lhe prometo que isso não irá mudar agora. Qualquer problema que comecei, que trouxe sobre mim, serei a única trabalhando para me livrar dele.

Saiu, antes que pudesse detê-lo.

— Então você está me dizendo que precisa trabalhar para fora? — Essa provocação sedutora estava de volta com



força total e dane-se, meu coração fez aquela coisa louca de bater rápido.

Meus próprios olhos se estreitaram.

— Eu não sou esse tipo.

Ele riu. Riu tanto que uivava.

— Oh, querida, não se engane, levando-a para minha cama soa como a melhor ideia que já teve. Parece-me que você pode precisar dela também e prometo, não a decepcionaria. Mas tinha outra coisa em mente.

Pasma, eu só olhava, esperando que se explicasse.

— Você vê, tenho este grande casarão antigo, que só parece que pode precisar de seu trabalho. A maior parte dela já foi renovada. Tudo, exceto meu quarto, que está à espera de algo muito especial. Acho que posso tê-la encontrado.

Minha cabeça balançou.

— Eu não...

— O que você diz, venha a minha casa e despeje todo amor naquele quarto que você, obviamente, despeja neste lugar. Decore-o. Pinte. Preencha-o com móveis que já restaurou. Deixe todo seu toque sobre ele. Meu orçamento é grande.

A insinuação era flagrante.

— E acredite em mim, dormirei melhor à noite.



Respirei fundo.

— E você lhe pagará cinquenta mil, além de renovar os custos? — Esta era minha melhor amiga, que parecia ter nenhum problema em me jogar sob um ônibus. Mas sabia de suas intenções, eram boas e só tentava me ajudar. Mas tive a sensação de que só piorava as coisas.

—Alegremente, — disse Ash — pago, antecipadamente, o valor total.

— Esta é uma má ideia — sussurrei outra vez, mas este menino só tomou um passo mais perto. Estava tão perto que eu respirava seu ar: todo homem, sexo e perigo.

Ele enrolou uma única mecha do meu cabelo por entre os dedos e a levou ao nariz. Respirou fundo, em seguida, exalou as palavras, como um sussurro contra minha bochecha.

— Pêssegos... O que pensava.

Ele se afastou, pegou uma caneta no balcão e rabiscou seu endereço em um pedaço de papel.

Então, caminhou para a saída, acenando de modo casual.

— Vejo-a segunda-feira, querida — então partiu.

Deixou-me com uma grande confusão no meio da minha loja.





5

Ash

Sentei-me, olhando para o sinal de madeira, pendurado ao lado de sua porta. Gentilmente, girei as dobradiças de metal.

A madeira foi esculpida com o nome da loja.

Conforto contemporâneo.

Cinzelado, ao lado das palavras estava o logotipo da loja. Um dente de leão foi espalhado. O tronco era curvo e uma parte dos pequenos tufos brancos rodearam-se, a partir do



caule, como se fossem levados pelo vento. Eles dançaram toda a parte superior da escultura, ficando menor e menor, antes que desaparecessem.

Uma carranca ficou entre meus olhos e apertei o volante.

Não podia deixar de me sentir abalado. Cambaleado.

Como se devesse a esta menina mais do que pudesse dar.

Não ajudou que só de olhá-la fiquei sem ar nos pulmões.

Porra. Ela era linda. Grandes olhos de chocolate.

Seu rosto parecia uma daquelas relíquias encontradas em sua loja.

O corpo, como um templo de sedução, que deixou meus joelhos trêmulos.

Para não mencionar a sugestão de um sotaque doce. Cada palavra que saiu daqueles lábios cheios vermelhos, atirados direto para meu pênis.

Tudo isso foi envolvido nesse talento alucinante, que reconheci, no segundo que passei por sua porta.

Somado a isso, havia uma garota fascinante que era tímida, doce e feroz.

Controlei-me ao máximo, para não enterrar o rosto naquelas mechas cor de mogno e ter um real aroma de



pêssegos. Esse cheiro assombrou minha mente, desde que acordei naquela cama de hospital. Seria necessária minha contenção, para não deixar o nariz se arrastar em toda extensão da pele cremosa. Apostava que seria mais doce que açúcar.

Eu estava bem acostumado a chegar e ter apenas as coisas que quisesse, tê-las se prostrando aos meus pés como uma oferenda.

Tanto amei quanto odiei, que sua primeira reação foi me excluir. Geralmente, gostava de coisa fácil e, no meu mundo, havia muitas facilidades para se estar ao redor.

Não essa menina.

O que me aproximou mais foi essa familiaridade, que não me largava. Era uma sensação de estar preso a ela, de alguma forma fundamental.

Sabia que era o fato de que me salvou.

Ela se ligou a mim de uma forma, que tinha certeza de que nenhum de nós conseguiria entender.

Eles disseram que traumas fazem isso para as pessoas. Amarram suas almas e não consegui parar de sentir como a minha se enroscou com a dela.

Mais que isso, vi fogo intenso naqueles olhos amolecidos. Essa mesma sensação inquietante e intrigante



estava passando dela para mim. Essa atração ricocheteou entre nós.

Combustível.

Misture os dois juntos e com certeza, daria um incêndio.

Seria muito estúpido considerar ir até lá. Tinha um sentimento de que não era o único que não podia pagar. Meus limites não foram gravados na pedra à toa.

Lancei um último olhar para as grandes janelas, que brilhavam com o reflexo do sol. De alguma forma sabia que ela ainda estava ali, olhando para fora.

Resolução tomou conta do meu espírito.

Pelo menos salvar este lugar era uma coisa que podia pagar.





6

Willow

O SUV escuro e caro de Ash afastou-se do meio-fio, o que me fez voltar a realidade. Uma onda de raiva desordenada tomou conta de mim.

Foquei toda atenção em Emily, que reorganizava algumas bugigangas atrás do balcão, como se não tivesse nada melhor para fazer.

— O que estava pensando? — Exigi, dando um passo em sua direção.

Ela olhou para cima, piscou para mim com inocência fingida em seus olhos azuis claros.

— O que você quer dizer?

— Sabe exatamente o que quero dizer. Como disse a um completo estranho isso? Você me fez parecer desesperada e patética.



A zombaria subiu na parte de trás de sua garganta.

— Caso não tenha notado, Will, você está desesperada. Observo voce ao longo dos livros, uma centena de vezes. Procurando algo... Qualquer coisa que pudesse ajudá-la. E bem no próximo mês não terá o dinheiro para sua mãe, casa e loja. O despejo será duro. Não há mais extensões de prazos. Você teve a última que eles estavam dispostos a dar. E sabe o que eles dizem, tempos desesperados exigem medidas desesperadas e essa medida acabou de sair de sua porta.

Emily Matsy e eu fomos amigas desde a segunda série e ela entrou em cena para me ajudar, quando as coisas afundaram.

Afundando cada vez mais.

Era a única pessoa viva na qual confiava. O fato de, basicamente, trabalhar na minha loja de graça, nos últimos dois anos, para manter este lugar em pé, prometia-me uma lealdade cega. Sabia que estava apenas cuidando de mim, tentando encontrar uma solução que lhe implorei para encontrar.

Ela deu de ombros, como se essa solução fosse clara como o dia.

— Você o salvou, Will e agora ele quer te salvar. Isso aí é o que chamam de justo. Isto não é você ser carente ou



receber esmolas. Aquele rapaz entrou aqui querendo retribuir e não poderia tê-la encontrado em melhor hora.

Ela inclinou a cabeça para o lado, toda tímida e bonita.

— Eu iria tão longe a ponto de chamá-lo de destino.

Destino.

Suprimi um riso amargo.

Bem, já estabeleci há muito tempo, que o destino não era meu amigo, assim, seu argumento não ganhou nenhum ponto.

Frustração estampava minha testa.

— Não era sua escolha, Emily! Não estou qualificada para fazer o trabalho que ele me pediu para fazer... E muito menos ser paga por cinquenta mil dólares.

Isso por si só era loucura. Loucura.

— E se eu estragar tudo? Desapontá-lo? Além disso, nem sequer sei algo dele e tenho que aparecer em sua casa na segunda-feira?

Pânico, intriga e um pouco de atração, que não queria sentir, revezavam-se, fazendo piruetas em minha barriga. Pisquei, quase implorando com as palavras.

—Deus! E quem tem cinquenta mil dólares, assim, na hora? Quero dizer, você o viu? Ele poderia ser um traficante



de drogas, um assassino ou talvez um daqueles motociclistas... Como... Nesse show que me forçou a assistir?

Sim. Sim. Tinha que ser ele. Nenhum lindo homem agiria de forma imprudente, sem ter alguns fantasmas do passado à espreita em seu armário.

As sobrancelhas dela desapareceram atrás de sua franja, as palavras, um murmúrio de incredulidade, tudo misturado com uma risada incrédula.

— Você, realmente, não sai muito, não é, Will?

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

Rindo em voz baixa, ela balançou a cabeça.

— Honestamente, não sabe quem ele é? Na semana passada, quando estava completamente distraída e no seu limite e não finja que não me deu uma razão para notar, não procurou informações sobre ele?

Nervosa, esfreguei as pontas dos dedos contra meu polegar.

— Claro que não. Isso é rude.

Não que aparecer no hospital, porque não conseguia parar de pensar nele, não era.

Claro, fiquei no carro, incapaz de me forçar a sair dele e apenas entrar no hospital. Fiquei ali sentada por quase 20 minutos, debatendo sobre minha loucura, mas depois ele apareceu, saindo do prédio.



Ele roubou minha respiração, quando estava ali, aquele olhar hipnotizante procurando, como se me sentisse.

Certo, então foi quando soube que precisava parar com pensamentos perigosos e divertidos, sobre um homem claramente perigoso.

E então ele apenas se virou e veio valsando pela minha porta.

Com um suspiro, Emily virou-se para trás do balcão, agarrou o iPad que deixou ali e digitou algo nele. Ela o passou por cima do balcão em minha direção.

— O que é isso?

— Veja por si mesma.

Timidamente, dei um passo para a frente, depois outro, olhando para baixo, com medo de encontrar os segredos revelados na tela.

Meu estômago revirou e houve um medo inflamado.

Sunder.

O homem que assombrava e perseguia meus dias e noites, estava em um grupo de homens em um palco. Cada um deles lindo. Brilhantes e intimidantes. Maus, ousados e confiantes.

Mas o único que podia ver era o homem que estava à direita, com um baixo amarrado ao redor do corpo grande, o



poder em sua postura e um sorriso arrogante montando seu rosto, demasiadamente, atraente.

Ash Evans.

Eu era uma idiota. Deveria perceber isso à quilômetros de distância.

Toda Savannah esteve alvoroçada sobre seus novos moradores, que chegaram à cidade como uma tempestade, há três anos. A banda de LA se instalou na cidade e começou um alvoroço de fofocas e especulações.

Paparazzis apareceram e, de repente, as coisas por aqui se tornaram muito mais interessantes.

Esses meninos foram tanto perda quanto ganho, para a cidade.

Mas nunca, em um milhão de anos, imaginaria que cruzaria com um deles, porque não era exatamente o tipo que saia e ia nos lugares que este tipo de meninos frequentava.

E, claro, aquele que entrou na minha visão, tinha que ser o que me fez tremer e querer.

Uma colisão como acidente.

Lindo caos.

Ash Evans era famoso por todas as coisas que eu desprezava. Mas, acima de tudo, achava decadente seu estilo de vida rock star, sexo fácil e dias desperdiçados.



Não tinha certeza de que estrela do rock era mais seguro, do que qualquer uma das outras opções que joguei fora.

— Não sei se posso fazer isso. — Saiu como um sussurro.

Emily bateu a velha registradora, fechando-a.

— Nenhuma vontade? Realmente, acha que não pode? Você quer deixar o sonho de sua mãe acabar? Esse sonho que ela incutiu em você? Desistir e ceder, quando tem uma solução olhando-a de volta? Bem. Continue. Mas lhe prometo, você irá se arrepender para o resto de sua vida. Você foi a única que me disse que estaria disposta a fazer qualquer coisa para salvar esta loja. Isso significava muito para você.

Ela estava certa. Mas isso parecia... Diferente. Aterrador e emocionante. Isso pareceu uma combinação perigosa.

Seus olhos azuis estreitaram, quando me encararam.

— Mas antes de decidir jogar tudo fora, acho que deveria responder-se melhor algumas perguntas... Como: por que é que você está realmente dizendo não?

Do outro lado do balcão, deu um passo em minha direção, seu tom grave apontando.



— Porque sim, também o vi. E sim, vi o jeito que olhava para você e tenho certeza que não perdi o jeito que você o encarava.

— Eu... — Essa única palavra era algo concreto de minhas próprias dúvidas e reservas. Em mim mesma. Este misterioso homem, que provocou algo que não queria sentir. Dúvidas sobre todas as escolhas que fiz até este ponto na minha vida e as que queria fazer para meu futuro.

Elas giraram em torno de mim, como uma tempestade que se aproxima.

Emily ficou calada por alguns instantes, sua atenção direcionada à parede, antes que me olhasse.

— Sei que está com medo de pisar fora de sua bolha. De seguir em frente. Mas é tempo. Você perdeu muito, ao longo desses anos, também sei que sente mais do que pode suportar.

—Em... — Supliquei.

Ela me cortou, com uma sacudida afiada de sua cabeça.

— O que torna ainda pior é Bates tentando achar uma brecha para sua vida, depois de tudo que fez. Mas passou dois anos, Will. Dois anos de você apenas aguentando, depois que a traiu. Dois anos de você mal quebrar a superfície. Se continuar desse jeito, irá se afogar.

Olhei para os pés, absorvendo suas palavras.



Ela se moveu em direção ao escritório de trás. Parou na porta, hesitante, antes de me olhar novamente.

— E você, honestamente, acha por um segundo, que não está qualificada para esse trabalho? Todas as aulas de design de interiores que fez? Esses sonhos que teve? Você estava tão perto de terminar, Will. Bates, de alguma forma, manipulou-a para pensar que não era importante. Que não era boa o suficiente. Vai deixar todas as mentiras bestas que te disse atingi-la? Porque não há uma palavra que ele já te disse que importe, a menos que deixe.

A corrente de ar deixou meus pulmões, quando Emily desapareceu e pressionei as mãos no balcão, tentando recobrar os sentidos. Para encontrar uma solução. Todas as lições que minha mãe sempre me deu, flutuaram ao meu redor, apenas fora do alcance.

Siga os seus sonhos.

Solidão me inundou e sem outro pensamento, peguei minha bolsa e voei para fora da loja.

—Oi mamãe — murmurei baixinho, quando afastei um cacho sem vida de cabelos grisalhos de sua testa. Pressionei um beijo lá, sentindo seu cheiro. Enchi meus pulmões,



completamente, com o cheiro familiar de talco de bebê e um vestígio deste lugar horrível.

Ela se encolheu e piscou para mim, em confusão, quando interrompi sua jornada para qualquer tempo e lugar distante que sua mente levava.

Sentei-me, dando-lhe espaço, enquanto meus olhos traçaram o retrato na minha frente. Um retrato desenhado em uma colcha de retalhos de rugas e linhas, com o rosto resistindo à história de uma época de risos e anos de trabalho duro.

Ela sempre foi minha rocha. Minha fundação. Minha definição de força. Talvez por isso, vendo seu corpo e mente reféns da doença, a dor era muito pior. A deterioração lenta deixou-a, finalmente, confinada à cama.

Seus vidrados olhos castanhos, iluminados em seu próprio reconhecimento, as palavras mal se formando nos lábios secos.

— Willow? É você, docinho?

Dor torceu-me como uma lâmina e sorri de modo triste, impedindo as lágrimas, quando passei os dedos com ternura por seu rosto.

— Claro que sou eu.

Um lado de sua boca mexeu, seus olhos arregalaram-se, distantes e ela se perdeu em sua mente.



Eu odiava vê-la dessa forma.

Cada dia levado de sua vida, levado pelo diagnóstico que recebeu, logo após o nascimento de minha irmã. Crescendo, sempre soube que minha mãe tinha esclerose múltipla. Era uma frase comum em nossa casa, algo que minha irmã e eu, com medo, sussurramos uma para a outra, naqueles momentos em que ela nos abraçava e seus olhos pareciam tão tristes, quando sussurrava:

— É só um dia ruim. Vai passar.

Ela sempre ficava melhor. Até o dia em que não ficou mais.

O estresse tornou pior. Isso é o que o médico disse.

Com certeza não ajudou as coisas, quando meu pai nos deixou, quando esses “maus dias” chegaram mais próximos.

Depois que minha irmã Summer foi embora? Minha mãe piorou muito e nunca mais saiu da cama.

Estágio final. Isso é o que eles chamam.

Talvez eu fosse uma criança tola, mas não me preparei para isto, para este último resultado, quando os braços e as pernas já não cooperavam, quando a espasticidade[2] dolorosa estaria em conjunto e seus músculos trancariam em espasmos, que nunca a deixariam melhorar.

[2] Quando ocorre um aumento do tônus muscular, envolvendo hipertonia e hiperreflexia, no momento da contração muscular, causado por uma condição neurológica anormal.



Em cima disso, tive que sentar e assistir, impotente, sua mente, lucidez indo e vindo com a doença e os medicamentos que lhe deram, para deixá-la confortável.

Gentilmente, movi seu braço, pois o punho estava pressionando muito apertado em seu queixo, minha voz tão suave.

— Como você está se sentindo hoje, mamãe?

Não tive resposta, apenas os olhos distantes. Reunindo as lágrimas, puxei a cadeira próxima ao seu lado, minhas palavras tranquilas direcionadas para a pessoa que sempre me entendeu.

— A loja está em apuros, Mama. — Mordi o lábio, desviei o olhar, antes de me virar para ela. — Eu não queria deixar que isso acontecesse. Sinto muito. Nunca quis ser descuidada com seu sonho.

Seu sonho que se tornou o meu próprio sonho.

Passei meus dedos por seus cabelos.

— Às vezes, o amor fica no caminho, não é?

Ela sempre me ensinou que o amor era a mais importante de todas as coisas de nossas vidas. Eu só não sabia como conciliar os dois, a escolha de amar e o que iria me custar no final.

Minha garganta estava arranhando, mas continuei:



— Mas tenho uma chance de fazer isso direito. Salvar a loja. Quero mamãe, quero muito, mas estou apavorada que vá colocar tudo a perder de novo.

Mudança era sempre um risco e, depois de Bates, passei os últimos dois anos certificando-me de encontrar o menor número de riscos possível, isolar-me do mundo, que parecia ter intenção de me devorar, até que não sobrasse nada. Engraçado como ainda estava prestes a perder tudo.

— O que você acha, Mama? Vale a pena o risco?

Eu não esperava uma resposta, mas seus olhos vidrados estavam em minha direção, suaves e cheios de amor com a crença que sempre teve em mim.

— Quando a resposta a levar, para perseguir seus sonhos. Sempre, Willow. Sempre.

Uma lágrima escorreu por meu rosto e seu sorriso tremia, enquanto lutava para manter o foco em mim, mas seus olhos começaram a se agitar e logo desapareceu.

Senti-me desesperada para segurá-la por um momento mais.

Enrolei minha mão em torno de seu punho cerrado, apertando-o. Mama... Você é a única que me resta. Não me deixe. Preciso muito de você.

Meu apelo silencioso foi deixado, sem ser explicitado, quando sua rouca respiração diminuiu com o sono.



Fiquei, momentaneamente, calada, com todo o sofrimento que atingiu meu corpo e tentei segurar um grito, sentindo-me mais solitária do que estava antes.

Peça por peça. Coração por coração.

Por que todo mundo importante para mim, era arrancado?

É uma loucura, quando a última coisa que quero é estar sozinha, mas quando se esconde, não há chance alguma de ter alguém que tire isso de voce.

O rosto de minha irmã apareceu, atrás dos meus olhos. Tão vibrante. Tão cheia de vida. Foi.

Mas minha mãe...

Olhei para o rosto resistindo.

Minha mãe sempre me ensinou que, se algo era importante o suficiente, nunca deveria desistir ou deixar de lado. Levantei-me e dei um beijo em sua testa. Sussurrei contra sua pele:

—Sempre.





7

Ash

— Os idiotas ainda estão por aí, cara. — Lyrik passou a mão tatuada através de seu cabelo escuro como breu.

— Sim.

— Então, o que faremos sobre isso?

— Não tenho certeza se há alguma coisa para fazer... Nem sequer tenho um nome para ir atrás.

Apenas cinco malditos caras me provocando, nos recessos de minha mente e uma ladainha de cicatrizes para mostrar-lhes.

— E o que acontece se você os encontrar de novo?

Abro um sorriso irônico.

— Rezo a Deus que você esteja comigo.

— Pssh... Você acha que precisa de mim para cobrir seu traseiro? Um homem grande como você? Estou desapontado



que não possa lidar com eles. Embaraçoso. — Sua boca torceu em total destruição merecida, considerando que eu era, normalmente, aquele a impondo.

— Às vezes um homem só tem de admitir quando está em desvantagem.

Ele me encara com aqueles olhos escuros, sua guitarra favorita no colo. Seus dedos pressionam as cordas, dedilhando um único acorde e piscando os nós dos dedos superiores, que cantavam minha alma. Embora agora os nós do dedo inferior esquerdo lia-se Blue e o direito Adia, desde que o cara, finalmente, encontrou algo real para quem cantar.

— Tem certeza que não quer tentar pressionar a polícia, para localizá-los? Você não estava exatamente útil, quando o questionaram.

Deixei meus dedos dedilharem as cordas do meu baixo, arrancando algumas notas.

—Não, cara, você sabe que não é como cuidamos dessa merda.

Ele balançou sua cabeça.

— Isso é exatamente o que tenho medo.



— Antes de passar pela sua porta, preciso que entenda que não sou qualificada para fazer o que está me pedindo.

Energia pulsava entre nós.

Faíscas pulsavam entre nós.

Todo o fim de semana questionei se imaginei isso. Não seria nenhuma surpresa, se o baque em minha cabeça fosse o responsável por me deixar um pouco insano. Mas pensava agora que só poderia ser culpa dessa garota.

Então, passei os últimos três dias perguntando-me se ela, realmente, viria.

Perguntando o que isso significava.

Questionando, primeiramente várias vezes o porquê insisti que viesse aqui.

Deus sabe que poderia ter feito um cheque e deixá-la fora do gancho.

Então, foi alívio que senti, quando a encontrei em pé na minha porta, torcendo as mãos delicadas, uma bolsa pendurada no ombro. Usava uma calça jeans justa e uma camiseta superfina, solta, que caia sobre ela em todos os lugares certos, com todas as ondas de mogno e seus olhos cor de chocolate, suaves e brilhantes.

Queria colocar minha boca sobre ela e consumi-la como uma boa bebida longa.

— Quem disse? — Exigi em um tom baixo.



Ela balançou a cabeça, com um som descrente.

— Talvez seja o fato de não ter nenhuma especialização ou treinamento. Nunca tentei pegar um trabalho deste tamanho antes.

Sacudi duramente a cabeça.

— Diz a garota que tem uma loja cheia de excelentes móveis remodelados por ela mesma. Não iria pedir-lhe, se não tivesse confiança que me dará exatamente o que procuro.

Levantei meus braços para os lados, apontando para a enorme casa imponente, em torno de nós.

— Este aqui é meu bebê, querida. No segundo que passei por ela, chamou-me e sabia que precisava tê-la. Foi destinada para mim.

Toda minha equipe disse-me que era louco, quando dei dinheiro pela mansão, no mesmo dia em que tropecei nela.

Encontrar a plantação alastrando, parecia como se tropeçasse em outra época.

Um tempo que era mais simples.

Com decoração, ela seria meu refúgio. Um começo longe do brilho e glamour de Los Angeles. Meu santuário, longe daquele borrão interminável de estradas, viagens e programas que fazíamos, enquanto estávamos em turnê.



Aqui em Savannah, onde era mais quente do que a terra de *Hades*[3] e os holofotes eram desativados. Onde não havia câmeras enfiadas na minha cara, toda vez que saía de uma porta. Onde o sono chegava um pouco mais cedo, do que quando me envolvia nas noites cheias de mulheres e bebidas, que me fazia descansar com o sol quebrando no horizonte e somente quando a exaustão finalmente se instalava.

Porra, mesmo eu precisava, de vez em quando, de distância do estilo de vida louco que vivia.

— Não estou dizendo que não acredito no meu trabalho, Sr. Evans. Eu só preciso lhe dizer e quero que entenda, que não trabalhei em algo dessa magnitude antes. Você está me pagando um monte de dinheiro e parece que está fazendo isso por obrigação e não por causa da minha capacidade.

Levantei um único ombro, imaginando que a honestidade era minha melhor aposta.

— Talvez. Mas o que sei é que, depois de você me dar de volta tudo, tenho algo que posso lhe oferecer, então por favor, não tire isso de mim. Além disso, todas essas coisas em sua loja? Explodiram minha mente. Você é muito talentosa e sei que sabe disso também.

Um sorriso tímido tremeu ao redor de sua boca deliciosa e ela olhou para as tábuas de madeira do alpendre.

[3] Hades - deus do mundo inferior e dos mortos



— Você é ridículo.

Riso rolou por minha garganta.

— Já fui chamado de coisas muito piores, querida.

Aqueles olhos brilharam, quando me olharam.

— Por que não duvido disso?

—Suponho que seja porque é uma menina inteligente. — Atirei-lhe uma piscadela, amando a facilidade entre nós, que parecia certa.

Abri mais a porta.

— Deveria entrar.

Respirando profundamente, ela entrou. Seu olhar saltou sobre todo o foyer. Seus olhos traçaram a grande escadaria, que se curvava em direção ao segundo andar e saltaram sobre os limites máximos do teto, que foram rebaixados e decorados com sancas espessas.

O lugar estava completamente perfeito, eu mesmo poderia dizer.

Sua voz cheia de admiração.

— Uau. Isto é incrível. Este lugar poderia estar em uma revista.

— Você gosta disso?

Ela me lançou um sorriso irônico.



— Apenas um mentiroso diria que não. Provavelmente, alguém que estava com ciúmes e desejou que fosse você, estrela do rock.

Willow pronunciou a última palavra como se oferecesse um escuro, sujo e profundo segredo, deixando-me saber que sabia exatamente quem eu era, quando foi claro como o dia que, quando pisei em sua loja há três dias, ela não fazia ideia.

Dei um passo em sua direção, depois outro.

A eletricidade brilhou entre nós.

Ela se apoiou na parede.

— Bem, estou contente de ouvir que não é uma mentirosa, garota do interior. — Inclinei-me bem de perto nesses lábios vermelhos e macios, quando disse isso.

O que estava fazendo? Isso não era meu show, pisando em terreno perigoso assim. Precisava voltar para o fácil, afastar-me desta menina, que era tão obviamente doce.

Modestamente confiante. Timidamente forte. Boa.

Meninos como eu destroem meninas como ela, porque nunca ficavam.

Mas não podia deter os olhos de traçar seu rosto deslumbrante. Não conseguia manter meus dedos se contorcendo de desejo.

Apenas uma pequena amostra.



Ela limpou a garganta, quebrando a intensidade. Obriguei-me a dar um passo atrás.

— Devemos ir lá em cima? — Perguntou.

— Venha agora, querida, realmente precisa perguntar? Você sabe que seria um prazer absoluto. — Disse isso com todo o mal que pude reunir, esperando encobrir toda a seriedade, por baixo da minha declaração.

— Limites, Sr. Evans. — Ela já se dirigia à escada, enquanto falava. — Se vamos trabalhar juntos, precisará descobrir o que eles querem dizer. — Enganchou seu polegar por cima do ombro, suas palavras envoltas em sotaque sulista, induzindo a luxúria. — Vi um dicionário, em uma dessas estantes lá atrás, na sala de estar. Você pode querer usá-lo.

Comecei a subir as escadas atrás dela.

— Entendo bem a palavra, querida. Só acho que seus limites podem ser um pouco altos e largos. Não deixa um monte de espaço para manobras, não é?

— Oh, minha palavra... Você é.... — Lançou-me um sorriso por cima do ombro, olhos cor de chocolate alargando com a provocação. — Ridículo.

Eu ri. Forte. Esta menina.

Havia apenas algo sobre ela.



Algo diferente das mulheres que conheci, em clubes decadentes e bares úmidos. Tão diferente do que sair depois de um show, esperando, cobiçando os convites para os bastidores. Não estava pronto para desistir. Ganância carnal.

Fácil.

Eu a guiei à esquerda, no topo da escada. Sua contemplação era quase incrédula, enquanto, rapidamente, examinou a área.

— Quão grande é este lugar?

— Grande. Oito quartos, para ser exato. Apenas tímidos mil e novecentos metros quadrados.

Sempre fui atraído por excesso e extravagância. Em ter mais do que precisava.

Posses. Mulheres. O topo era o que eu desejava.

O que quer que fosse a porcaria que usava para me sentir cheio, antes da morte e uma perda tão brutal provou que não poderia continuar nesse caminho ou perderia a grande paixão que tenho de estar em um palco.

Selvagem. Imprudente. Mais.

Isso era apenas eu. Aceitei o fato de ser condenado a isso há um longo tempo.

— Aqui estamos. — Passei por ela e empurrei as portas duplas abertas.



Willow parecia cautelosa, quando entrou no cômodo enorme, que ocupava quase um lado todo do andar de cima. Os pisos de madeira dura foram polidos e desgastados. Minha cama enorme estava isolada no centro dele, em uma confusão de travesseiros, lençóis amarrotados e edredom emaranhado.

Cocei a parte de trás da cabeça.

— Como disse, este é o quarto que não reformei nada. Está tão ruim como no dia em que me mudei, exceto pela camada de sujeira que limpei.

— É lindo — sussurrou, enquanto girava em um círculo lento, levando a aura da sala. Como se permitisse que as velhas paredes falassem com ela.

Seu rosto marcado por uma expressão serena, suave e reverente.

E tão intrigante.

Seu olhar de busca viajou, à vista dramática dos fundos. Às vezes, ela até chegava a mim. A fileira de janelas dava para o amplo quintal, que era uma grande extensão gramada que chegava até pequeno riacho, beirando a mata com árvores, que cresciam como uma parede viva, para esconder a propriedade.

Willow retirou um caderno de sua bolsa, instalou-o na curva do cotovelo direito e pegou um lápis. Sua mão esquerda



começou a voar furiosamente através de uma folha, enquanto olhava ao seu redor.

Absorvida. Quase encantada.

— Lindo — murmurou, inteiramente para si mesma. O fluxo de sua mão e a inspiração fluindo a partir dela, parecia chicotear acima de sua própria energia, transformando-a em algo feroz e poderoso que brilhava no ar pesado.

Eu só assisti.

Finalmente, levantou a cabeça. Talvez acabou de se lembrar que eu ainda estava lá.

— Há tanta coisa para trabalhar aqui. É.... Impressionante. Estes pisos e sancas. O espaço em geral. Mas o que quero saber é o que quer que este espaço diga sobre você? O que quer ver, quando vier aqui à noite e o que quer sentir, quando acordar de manhã?

Podia sentir o sorriso se formando em minha boca.

— Não me importaria de ter algumas fotos sensuais de você nas paredes. Grandes.

O problema é que não tinha certeza se foi verdade ou provocação.

Acenei minha mão na direção da grande parede em branco, que dava para minha cama, em frente às janelas.

— Praticamente cobrir toda esta parede. Definitivamente, gostaria de acordar assim, na parte da



manhã. Dormir também. Vamos começar por aí. Meu próprio *Feng Shui*.

Pelo menos a entrega era tudo sobre flertar e jogar.

Por baixo de sua respiração, ela riu, mas manteve-se focada em rabiscar alguma coisa no seu bloco de notas. Certo. Olhava para baixo, mas isso não significava que perdi seu tímido sorriso afetado, jogando tudo sobre sua boca.

— Você é ridículo. Completamente ridículo. Você sabe que isso não vai acontecer, certo? Mas o que estou ouvindo é que você quer sexo.

Sim, sim, definitivamente queria sexo.

— Para o quarto ter uma mensagem sedutora? — Ela esclareceu, arqueando uma sobrancelha única do meu jeito.

— Sim. Sexy. Um pouco escuro. Mas quero que seja divertido, também.

Ela franziu o cenho.

— Não tenho certeza se entendi.

Lancei-lhe um sorriso.

— Não há dúvida que um quarto precisa gritar paz e conforto e tudo isso, mas você está perdendo um fator importante. Um quarto também deve ser onde uma pessoa tem o mais divertido.



— Eu só posso imaginar o tipo de diversão que está insinuando, Sr. Evans. — Limpou a garganta, tentando esconder uma risadinha doce.

— Oh, não me interprete mal, querida. Sou um verdadeiro fã desse tipo de diversão. Como disse, sexo vem acima. Mas não acho que está deixando a imaginação correr solta o suficiente, para este projeto.

Levantei meus braços para os lados.

— Sou um cara propenso a explosões de diversão. Quero este espaço, para acomodar isso. A última coisa que quero é que me faça parecer estúpido ou que não possa me soltar aqui, se quiser.

— E o que exatamente isso implica?

Lento e predatório, fechei a distância entre nós. Talvez procurasse por qualquer desculpa, para obter a mão sobre ela. Quem diabos poderia me culpar?

— Vamos dizer que queira dançar...

Puxando o caderno e lápis de seu alcance, coloquei-os de lado e a tomei pela mão.

Luzes brilharam ao seu redor. Desajeitada e animada. Claramente, ela queria sair e jogar, enquanto que a força tímida disse-lhe que seria sábio fugir.

Aqueles olhos de chocolate aquecidos, curiosos e grandes. Abertos. Como se fosse dar tudo, para ver dentro de



mim. Como talvez quisesse desenterrar meus demônios. Descobrir os meus pecados. Saber se havia alguma coisa boa para descobrir.

Mais uma vez tive esse sentimento louco de familiaridade. A sensação bizarra que a conhecia de alguma forma, ou talvez fosse o instinto dizendo-me que precisava conhecê-la melhor, ao mesmo tempo que o corpo me avisava para mantê-la à distância.

Distância mínima.

Puxei sua mão e a fiz tropeçar para frente. Nossos dedos foram tecidos e travados entre nossos peitos. A minha outra palma percorreu suas costas e descansou na parte inferior. Puxei-a para mais perto.

Choque térmico através do ar.

Eletricidade e fogo.

Podia senti-la tremer em toda minha pele.

Balançando-a gentilmente, abracei-a forte, minha voz um murmúrio áspero, contra sua bochecha.

— Talvez queira dançar lento.

Guiei-a, dando um passo atrás, antes de levantar a mão acima da cabeça.

— Ou talvez queira estar solto e te levar pelo quarto inteiro.



Rapidamente, girei-a em um rodopio.

Ela gritou de surpresa. Seu cabelo movendo-se ao seu redor, como um halo escuro, um sorriso brilhante em seu rosto, quando a trouxe de volta para o bem-estar dos meus braços.

— Ou, talvez, queira ficar um pouco selvagem. Fazer cambalhotas pelo chão. Pular na cama. O que quer que me faça sentir bem.

Ela estava rindo livre, enquanto nós dançávamos. Oscilando, girando-a e a mergulhando, antes de tê-la, de repente, apoiada contra a parede, todo seu doce corpo bem perto do meu.

Desejo me atingiu com tudo. Uma compulsão esmagadora que me doía, para pressionar o nariz na carne exposta, correndo ao longo da delicada inclinação de seu pescoço. Absorvê-la, desde sua pequena orelha até à clavícula sexy.

Quase podia sentir o cheiro do mel, proveniente de sua pele.

Minha boca encheu de água.

Droga.

Aqui estava eu, apenas implorando por apuros.



Nossas bocas estavam há uma mínima distância. Essa atmosfera de curta duração foi substituída com a respiração dura e ofegante de sua boca.

Tudo ondulava e balançava.

Ela me encarou, procurando meu rosto, olhando-me um pouco como a forma como observou minha casa.

Como talvez eu fosse um daqueles pedaços quebrados que ela queria esculpir e reformar. Como se visse alguma coisa enterrada, que precisava ser ressuscitada. Mas essa garota não tinha a pista que não havia nenhuma possibilidade de conserto para mim.

Enfiando o lábio inferior entre os dentes, ela, timidamente, estendeu a mão e deixou o calor de suas unhas coçar, através da barba, ao redor do meu queixo. Seu toque era mais suave ainda, quando a arrastou, mal encostando a marca da nova cicatriz que me marcava, logo abaixo do olho.

Meu pau saltou e meu peito apertou.

Condenado por me sentir bem por isso.

Assim, tão certo e tão errado.

Sua voz era grossa.

— Sabia que me preocupei com você? Quando te levaram na ambulância, tudo o que podia fazer era pensar sobre o homem que foi levado. Não conseguia parar de



imaginá-lo amarrado a essa maca. Um estranho que me tocou, sem dizer uma palavra.

Algo estranho estremeceu através de meus sentidos, elevando-se, a partir desse lugar que tranquei há muito tempo. Queria atropelá-lo. Em vez disso cedi e encostei o nariz na sua testa. Enterrei-o na queda de seu cabelo.

— Pêssego. — Murmurei.

Ela sabia que foi exatamente o mesmo para mim?

Essa dica de uma memória me perseguindo. Dia e noite.

Com trêmulas mãos inseguras, Willow acariciava sobre meus ombros. Hesitante e lento.

Sua respiração engatou, quando moveu mais para baixo os braços.

E aqueles olhos. Eles eram suaves, cálidos, curiosos e seus dedos começaram a traçar sobre as linhas de sombras das tatuagens, que cobrem a totalidade dos meus braços.

Vacilei.

Não era como se garotas não as tocassem o tempo todo. Mas isso nunca foi feito por qualquer outra razão além das meninas, que se interessavam em obter duas coisas de mim.

Uma noite de sexo selvagem desenfreada e um nome para se aproveitar.



E merda, sempre contava como uma vitória. O desapego. Pele com pele, sem um fio de intimidade.

O toque de Willow quase me fez sentir como se estivesse tecendo nas fibras do meu ser. Como se a criatividade louca de sua mente brilhante passasse através de seus dedos e criasse uma arte, para cobrir a pele.

Podia sentir isso me gravar, como uma queimadura lenta.

Soltei um suspiro estremecido.

Com o som, seus olhos foram de volta para os meus.

Seus lábios se separaram e sua expressão se agitou em confusão.

Luxúria. Necessidade. Querer. Medo.

Todos eles expostos, através de suas feições delicadas.

Eu não deveria tê-la. Sabia que não deveria. Mas não havia nada que pudesse fazer para me parar.

Sempre, sempre no momento.

Esse era eu.

Pressionei-a com mais força contra a parede, o meu pênis ansioso contra sua vagina revestida de jeans.

Desesperado para o atrito.

Ansioso para o alívio.



Tudo despertou e podia jurar que o quarto girou o terreno movediço abaixo de nossos pés.

Ela engasgou de surpresa, os olhos tão grandes. Suas unhas picando, cavando a carne de meus ombros.

Esperando.

O que essa menina fazia comigo?

Inclinei-me, minha boca perto de sua orelha. Minha voz veio em um murmúrio áspero.

— Você me quer?

Não tive que esperar muito tempo para a resposta.

Horror, de repente, roubou sua expressão.

Dor, tristeza e culpa.

Ela me empurrou, afastando-se da minha pergunta e virou-se para fora das janelas. Raios do sol de Savannah estavam brilhando ao seu redor, quando deixou cair a testa no painel, ombros arfando a cada respiração que dava.

Corri atrás dela. Colocando minhas duas mãos apoiadas acima dela. Enjaulando-a.

— Pêssego. — Murmurei novamente, tentando persuadi-la a jogar fora o arrependimento, do qual estava, obviamente, cheia agora.

Suas palavras fluíram com força.

— Eu não acredito em amor à primeira vista, Sr. Evans.



Confusão me atingiu, antes de um rosnado escuro retumbar em meu peito, que estava pressionando em suas costas, deixando toda minha dureza se misturar com sua delicadeza.

Deus. Queria estar dentro dela.

Inclinado para a frente, minha boca raspando na concha de sua orelha.

— Quem disse alguma coisa sobre amor, Pêssego? Isto? Isto é luxúria.

Deixei cair a mão a partir da janela, pousando contra seu ventre, que tremeu e estremeceu contra meu toque.

— Você sente isso? Tudo fervendo ao nosso redor? Ameaçando transbordar? Uma chama, apenas esperando por um fósforo.

A luxúria corria por minhas veias, ganhando velocidade. Podia sentir seu coração batendo em suas costelas, contra o tecido fino da camiseta.

Minha voz caiu uma oitava.

— Diga-me que me quer. Diga-me que sente isso também.

Ela respirou fundo e pude sentir a dor enfiada, através da pergunta.

— É para isso que você me trouxe aqui?



A angústia em sua voz me atingiu com força, obriguei-me a recuar e dar-lhe algum espaço. Parecia que uma vida se passou, para que ela pudesse reunir sua determinação. Lentamente, virou-se para me encarar.

— É isso mesmo? — Perguntou.

O desconhecido girou em torno de nós. Perguntas, confusão e incertezas.

— Eu não sei. — Finalmente admiti.

Raiva e decepção torceram sua expressão.

— Você não sabe? Você me oferece cinquenta mil dólares para vir redecorar um quarto individual em sua casa, que claro, apenas teve de ser seu quarto e não sabe? Diga-me, Sr. Evans, que me trouxe aqui para, realmente, fazer alguma coisa para você, ou se só quer dormir comigo? Talvez, só precisava tirar um pouco de culpa do seu peito, assim decidiu obter algo para si mesmo no processo? Qual seria?

— Willow — murmurei, sabendo que minha verdade completamente contradisse minhas ações. —Você tem que saber que não era minha intenção incomodá-la.

— Não foi sua intenção me perturbar? — Suas mãos fecharam em punhos contra o peito, como um cruzamento de proteção. — Isso... O que você fez... — Acenou com a mão para o local onde a prendi contra a janela — pode não ser um



grande negócio para você, mas é um grande negócio para mim.

Umidade brilhava em seus olhos, e, porra, queria me chutar, por pressioná-la em um canto.

Ela se atrapalhou para reunir rapidamente suas coisas.

— Willow — chamei, quando pendurou a bolsa em seu ombro.

— Acho que terminamos por aqui. — Disse-me.

— Vamos, Willow.

Ela me ignorou, quando praticamente correu para fora da minha porta.

Agarrei o meu cabelo, gritando para o teto.

— Porra!

Porque isso era eu. Imprudente, nos momentos que deveria ser cuidadoso. Os que, tão claramente, devem ser tomados em cautela. Soube, desde o momento em que a conheci, que ela era diferente.

A culpa apertou meu peito. Machuquei-a e odiava ser responsável por isso.

Mas a parte mais assustadora de tudo foi que não sabia por que me importava.





8

Ash

— Ei, você aí, docinho, o que posso fazer por você?

Olhei para a voz rouca da senhora mais velha, entregando bebidas atrás do balcão. Estava sentado em um banquinho e ela jogou um guardanapo na minha frente, meu joelho saltava um milhão de milhas por minuto. Lancei minha atenção ao redor do pequeno bar, que não pisei antes.

— Guinness seria bom.

— Vindo agora.

Então sim. Era para manter-me isolado. Ficar fora de vista. Não sabia quando poderia me deparar com um daqueles babacas da outra noite.

Chame-me de imprudente.

Mas não havia nenhuma chance que pudesse ficar na minha casa por um segundo a mais. Após o que aconteceu



com Willow, mais cedo, passei o dia inteiro sentindo que ia explodir.

Estava impaciente, ansioso, precisando de emoção. Esse máximo de prazer carnal disparava em minhas veias.

Estava na hora de voltar para minha zona de conforto. Voltar para o reino em que me enfiei, anos atrás.

Não há lugar melhor para tirar Willow do meu sistema do que um lugar como este.

— Aí está você — disse a senhora, colocando a caneca na minha frente. — Dia ruim?

Ri, enquanto envolvi uma das mãos em torno do punho.

— Algo parecido.

Eu era um asno. Não admira que Willow passou como um furacão pela minha porta. Empurrei-a, quando não deveria. Mas isso não lhe dava o direito de tentar me devolver os 50 mil que transferi para sua conta.

Eu o enviei de volta.

Era dela. Trabalhado ou não.

— Bem, esperamos que melhore seu dia. Não há outro lugar mais feliz no mundo do que *The Hideout.* — Ela gesticulou ao redor do gasto e sujo bar, rindo de sua própria piada.



Um sorriso saiu do canto da minha boca e levantei a caneca em sua direção, em uma saudação.

Ela estava certa.

Este lugar me faria muito bem.

Tomei um gole da cerveja, antes de me virar e ir direto ao assunto. Caçar, quando olhei ao redor do espaço escuro, úmido, cheio com algumas pequenas mesas e uma fileira de desgastadas mesas de bilhar, na parte de trás. Luzes tradicionais penduradas acima da mesa de bilhar, lançando a área em uma névoa amarela. O lugar tinha apenas um punhado de pessoas jogando e um par desalinhado de caras velhos no bar que, provavelmente, consideravam este lugar um lar.

Ela me encontrou, antes mesmo de vê-la.

Fácil.

A garota vindo na minha direção, provavelmente me bateria no rosto, se falasse a palavra em voz alta.

Não sexy, gostosa ou todos os tipos para transar. O que, acredite em mim, ela era todas essas coisas.

Mas a mais honesta verdade? Não quis dizer isso ofensivamente. Quis dizer isso como um elogio para nós dois.

Sem amarras. Zero consequências.

Quem diabos iria achar isso ruim? Eu não.



A loira de pernas longas nem sequer hesitava em correr os dedos pelo meu cabelo.

Aparentemente, eu tinha fácil escrito em minha testa, também.

— Ash Evans. — Foi como um ronronar, na parte traseira de sua garganta.

Uma segunda natureza, meu sorriso surgiu no rosto e eu mastiguei o lábio inferior, enquanto colocava minha mão em sua cintura.

—Na mosca — disse-lhe.

Ela deixou a ponta dos dedos rastejar, ao longo da gola da minha camiseta.

— Gostaria de ver mais do mesmo.

— É assim mesmo?

— Mmhmm.

Modéstia, aparentemente, não era sua coisa.

Esta garota me entendia.

Fiquei de pé e a puxei em direção ao pequeno corredor que levava aos banheiros. Empurrei-a contra a parede e enfiei os dedos em seus cabelos, mergulhando minha boca para encontrar a dela.

Buscando alívio. Para voltar ao que era. O que sabia.

Porque Pêssego invadiu minha mente.



E esta menina era tudo sobre perfume floral.

Esse tipo de coisa nunca me incomodou. Nunca.

Mas não conseguia afastar a sensação de que algo estava errado.

Algo azedo estabeleceu-se em meu estômago. Tentei me livrar da frustração nesta menina.

Quero dizer, vamos lá.

Eu era a vida de uma festa e para este tipo de festa, normalmente, era o anfitrião mais simpático do mundo.

Mas não serviu agora. Meus beijos agressivos ficaram rasos. Finalmente, deixei a testa cair contra a dela, enquanto dava um gemido exasperado.

Deus.

O que havia de errado comigo?

A pobre menina, que mantinha presa contra a parede, inclinou a cabeça para trás na confusão.

— Qual é o problema?

Essa foi uma boa pergunta condenada.

— É só... Estou estranho a um par de semanas.

Arqueou uma sobrancelha.

— Não está no humor para viver de acordo com sua reputação?



Um riso curto saiu de mim e pesar balançou na minha cabeça, enquanto me distanciava.

— Acho que não.

Preparei-me para que me criticasse, por ser um idiota total. Em vez disso deu-me um tapinha no peito, como se sentisse pena de mim.

— Você não parece tão bem. Deveria ir para casa.

O que mais me incomodou? Sem dúvida, estava certa.





9

Ash

A campainha ecoou contra as velhas paredes da casa, despertando-me do sono. Pisquei para o dia emergente. Considerei jogar as cobertas sobre a cabeça e ignorar a intromissão, quando tocou de novo. Arrastei-me para fora da cama, coloquei um par de jeans e peguei o tênis do chão.

Corri lá embaixo, abrindo a porta da frente, enquanto puxava a camisa sobre a cabeça.

Então congelei.

A luz brilhante da manhã se espalhava, através da entrada. No meio disso estava Willow, de pé ali, olhando-me totalmente insegura e de alguma forma, confiante também.

Meu peito apertou, de forma louca, com alívio, pesar e algo que não queria contemplar.

— Willow. — Cuidado encheu meu tom.



Honestamente, não tinha certeza se a veria novamente.

Ela me espiou.

— Podemos conversar?

— Claro.

Dei um passo para trás, dando-lhe espaço para entrar. Ela não disse nada. Só foi diretamente para as escadas, subindo-as com a mesma bolsa de trabalho que tinha ontem, saltando contra seu quadril.

Segui-a, tentando achar o tipo certo de desculpas, querendo chegar e tocá-la da mesma forma, odiando o fato de essa menina ter me colocado tão fora de forma, que estava tendo dificuldades em me reconhecer.

Ela foi direto para meu quarto. Virou-se, logo que chegou ao meio. Ergueu o queixo. Ferocidade marcou sua postura, tudo misturado com apreensão distinta.

Confusão.

Esta menina tímida exalava uma força tranquila.

— Você me devolveu o dinheiro — ela acusou.

Suspirei.

— Claro que sim, é seu.

Seu olhar retornou ao redor do meu quarto.

— Mas eu o devolvi.

Meu aceno estava relutante.



— Sim. Você devolveu porque lhe empurrei em uma direção que não queria ir. Isso é sobre mim. Eu sou.... — Meu olhar caiu, antes de observá-la vagar na minha própria inquietação, porque tenho certeza que não fui feito para isso. — Estou muito quebrado, ok? Sinto muito mesmo. E quero que você tenha esse dinheiro, de uma forma ou de outra. Acho que só pensei... — Parei, porque não queria dizer isso.

Willow tinha razão ontem. Eu queria tomar um pouco de algo para mim. Como não poderia? Ela era muito impressionante. Intrigante. Diferente. A familiaridade era como uma droga.

Ela respirou fundo e virou o rosto para a janela. Esses pedaços de mogno desciam em espiral, em ondas suaves, por suas costas. Mas seu corpo? Ele estava hesitando. Sua voz era um sussurro, quando falou.

— Sou uma pessoa privada, Sr. Evans.

Encarou-me por cima do ombro, como se quisesse ver minha reação.

— Entendi.

— Você entende?

Segurei minha nuca, os músculos tensos.

— Talvez não totalmente. Mas todos nós temos segredos, Willow. Coisas que não queremos que as pessoas saibam.



Alguns de nós apenas os escondem de forma diferente do que outros.

Seus olhos se estreitaram. Avaliando. Antes de parecer chegar a uma decisão, parecia preocupada do que pudesse lhe custar.

— Com quantas mulheres você já dormiu?

A pergunta me deixou fora de guarda. Essa foi a última coisa que esperava que perguntasse.

Minha testa ficou apertada.

— O que?

— Você me ouviu.

Esfreguei as duas mãos sobre o rosto.

— Isso é, realmente, o que quer saber agora?

— Sim.

— O que isso importa?

— Você e seus amigos andando pela cidade, não vêm sem rumores. Quero saber se são verdadeiros.

Exalando pesadamente, balancei a cabeça, com um encolher de ombros. Não estava prestes a jorrar mentiras.

— Os rumores são verdadeiros. Sou quem sou e isso é o que sempre vai ser. E o fato que importa é que não posso, honestamente, responder a essa pergunta, porque não tenho ideia. Parou de importar há um longo tempo.



Na estrada, cintos corriam para fora de entalhes, realmente rápidos. Todos aqueles rostos, nomes e corpos se transformaram em uma imagem obscurecida. Como um filme em preto-e-branco, que foi definido para avançar rapidamente, apenas um pisca-pisca no tempo.

Desconectado.

— A razão... — Ela hesitou, antes de prosseguir. — A razão que o encontrei espancado fora da minha loja? Foi por causa de uma garota?

Um choque de amargura apertou meu peito. Aquela garota fez-me ser algo que prometi a mim mesmo que nunca seria, novamente.

Um trapaceiro.

Balancei a cabeça.

— Não teria tocado nela, se soubesse que pertencia a outra pessoa. Mas isso não importava para os idiotas que me caçaram.

Willow se encolheu com a informação e torceu as mãos.

— E você quer que eu seja mais uma delas... Outra das garotas que toca e não significa nada?

Sabia que atravessava um terreno irregular, virando essa linha.

Cuidado encheu minha explicação.



— A única coisa que sei é que não posso parar de pensar em você. Desejá-la.

— Você não me conhece.

— No entanto, aqui estamos nós.

Encarou-me. Tudo sobre ela parecia tão evidente, naquele momento.

Inocente. Decente. Honesto.

Algo que parecia um lote inteiro de punhos em meu peito, causando-me dor e esta parte dolorida de mim queria envolvê-la e roubar a emoção que esmaeceu seus olhos brilhantes.

Eu podia senti-la guerreando novamente. Decidir o quão longe estava disposta a ir comigo. O que estava disposta a dar.

Ela apertou as mãos contra o peito.

— Se eu fizer este trabalho, preciso que você entenda algo sobre mim, Sr. Evans. — Acenou com a mão no local onde a mantive presa ontem. — Isso pode ser para você... Sexo casual. São tantas mulheres que não pode contá-las. Mas não sou eu e nunca será. Não faço uma noite ou tenho casos e não tenho uma regra de três, cinco ou dez encontros.

Willow hesitou, antes que pudesse reunir determinação.

— Vou sempre ser o mesmo tipo de garota. Se resolver compartilhar meu corpo com um homem, é porque o amo e



será recíproco. Porque quero compartilhar minha vida com ele. Não tenho vergonha dele... Não em tudo. — Rapidamente, piscou e seus dentes pegaram o lábio inferior. — Mas de alguma forma, de pé aqui na sua frente, sinto-me pequena e tola.

Sua voz parou.

Dei um passo para frente implorando.

— Pêssego.

De alguma forma, compartilhar isso comigo foi enorme. Ela me confiou algo que eu não merecia.

Com um aceno de cabeça, deu um passo para trás.

— Deixe-me terminar. Estive com um homem a minha vida inteira. Meu ex-noivo. Seu nome... O nome dele é Bates.

A sacudida de dor pareceu golpeá-la, ao pronunciar o nome. Pesar em todas as direções.

Do nada, raiva cresceu no meu peito, algo protetor levantando-se no meio dela. Minhas mãos fecharam em meus lados.

— Minha vida toda. Ele foi meu primeiro e era suposto ser o último. Único. — Frenéticos, seus olhos corriam ao redor da sala, demorando-se na porta apenas um segundo a mais do que qualquer outra coisa. Tenho a sensação de que faria qualquer coisa para escapar desta conversa.



— Dois anos atrás, encontrei-o com uma mulher que ele me apresentou. Você sabe... Há anos tentava me convencer de que minha loja e minha arte eram tolas. Que não significavam nada, porque ia ser o único a cuidar da nossa família. Então, de repente, estava determinado a passar meu negócio para ela.

Ela balançou a cabeça.

— Eu deveria perceber. Devia ter. Ele me convenceu a passar minhas economias para ela, para um novo empreendimento. Disse-me que era a única maneira que poderia, finalmente, dar ao luxo de começar a vida que sonhei, desde que era uma garotinha. Uma vida que ele empurrou por mais anos do que poderia contar. Eu daria qualquer coisa para ele.

Essa intensidade inflamando, rodava entre nós. Ela me estrangulava de uma maneira que não entendia muito bem. A sensação pegajosa, quente, revestia minha pele.

Eu queria envolvê-la em meus braços.

Dizer-lhe que estava tudo bem.

Quando era obvio que não estava nada bem.

Dor engatou em sua respiração.

— Bates me traiu da pior maneira que um homem poderia. Roubou tudo de mim. Quebrou-me. Tratava-me como um capacho e posso ter me apaixonado por ele, naquela



época, mas não irei me apaixonar por isso de novo. Uma coisa que você nunca deve fazer é trocar o quebrado por fraco.

Mate-me.

Isto foi profundo e rápido. Tive um momento difícil para decifrar de baixo para cima. Dentro para fora. Quem eu deveria ser, supostamente e o que isso deveria significar.

E droga, acho que eu era o único fraco, porque não podia ficar longe um segundo a mais. Lentamente, fechei o espaço vago que nos separava.

Willow olhou-me, enquanto eu me elevava sobre ela. Minha voz estava baixa.

— E agora você esperava surgir o tipo de cara que este Bates era suposto ser.

Surpresa brilhou em sua expressão, antes que oferecesse o menor aceno. Claramente, ela não esperava que eu a entendesse. Mas com esta menina? Era difícil se perder. Essa doce inocência macia. A bondade que irradiava dela como o sol.

O meu olhar saltou por todo o rosto.

— O cara é um idiota.

Quem poderia deixar uma coisa boa como ela ir, era um idiota na certa. Um egoísta, que precisava de uma boa lição. Queria caçá-lo e ensinar-lhe algumas maneiras.



Que foi, precisamente, por isso que não me misturava neste tipo de besteira. No entanto, lá estava eu, de pé ali, querendo fazer-lhe um milhão de perguntas... Encontrar a solução para cada uma delas.

— Fui a única idiota.

Peguei seu queixo com o dedo indicador e a forcei a olhar para mim.

— Não diga isso, Pêssego. Você é linda e inteligente.

Ao contrário de qualquer menina que já conheci.

Uma careta fez sua boca tremer.

Coloquei seu rosto em minhas mãos e fiz que me olhasse, antes de eu falar novamente.

— Esse cara está lá fora. Prometo-lhe, querida. Ele está lá fora, buscando você e um dia irá encontrá-la. Ele vai encontrá-la, porque o merece. Não se atreva a se contentar com nada menos do que ele. Você me entendeu?

Olhos chocolate amoleceram.

Tão doces.

Coloquei uma mecha de cabelo solto atrás da orelha e enviei-lhe um sorriso, enquanto tudo dentro de mim era um amontoado de confusão.

A decepção desta menina a tornou, oficialmente, fora dos limites.



Embaixo disso, havia um ódio queimando. Ódio para o bastardo que cometeu esse erro.

Para não mencionar a pontada de ciúme que senti por um cara imaginário, abstrato, que acabei de prometer que estava lá fora, esperando por ela.

Sabia, com cada parte de mim, que a menina era incrível. Especial.

Chame-o de instinto, não sabia o que era.

Tudo o que sabia era que era obrigado a mostrar-lhe.

Pelo tempo que o cara de sorte viesse bater à sua porta.

— Você ainda quer a verdade? Por que a trouxe aqui? — Perguntei. Apertando um pouco mais seu rosto, puxei uma polegada mais perto.

Ela assentiu com a cabeça em minhas mãos.

— Porque um pouco mais de uma semana atrás, estava descartado, como um pedaço de lixo, na beira da estrada. Corpo mutilado. Hemorragia interna e entrando em choque. Minutos da morte. Não me lembro de nenhum tempo, em minha vida, que estive mais apavorado. Senti a vida escapando e não podia fazer nada sobre isso. Então, abri meus olhos.... Abri meus olhos e vi estes olhos marrons encarando-me de volta. E naquele segundo? Sabia que ia ficar bem. E agora está, realmente, muito difícil desviar o olhar.



Sorri-lhe. Suavemente. Honestamente. Sem qualquer pretensão. Esperei que soubesse que a entendi. Que respeitava quem era.

Disse-lhe, somando tudo.

— Eu gosto de você, Pêssego.

Doce riso sombrio reverberou pela sala.

— Você é ridículo — disse ela novamente.

— Você não tem ideia.

Afastei-me e inclinei a cabeça em direção ao quarto.

— Você vai ter piedade de mim e fazer este quarto?

— E se estiver aqui apenas pelo dinheiro? — Sua resposta me pareceu tanto um teste, quanto uma provocação.

— Você está?

—Seria uma mentirosa se dissesse que não queria salvar minha loja — admitiu, antes de estender sua mão macia e colocar contra minha bochecha. — Mas quero fazer isso por você também. Mesmo almas selvagens precisam de um lugar para descansar.

Jesus.

Esta menina.

Forcei leveza no meu tom e coloquei algum espaço entre nós, antes que arruinasse tudo de novo, pelo impulso irresistível de beijá-la.



— Então é melhor deixarmos você ocupada, não é?

Não foi tão difícil falsificar o sorriso que lhe dei.

— E só por isso estamos totalmente claros, você percebe que é insanamente linda, certo? Não brincava sobre a necessidade de ter suas imagens em minhas paredes. Vamos precisar de muito tempo para configurar uma grande sessão de fotos. Será épico. Você a nomeie, *Exotic*. Cabelo e maquiagem. Guarda-roupa super sexy. Gosto de preto. Muito.

Essa energia ainda rolava à nossa volta, embora tivesse se acalmado a um tranquilo zumbido saciado.

— Ah e você precisa largar essa coisa de Sr. Evans. É Ash, baby. Ash.

— Só se você deixar cair a coisa toda de "Pêssego".

— Sem chances.

— Ridículo. — Bufou e eu apenas sorri.

E de alguma forma, nesse segundo, gostei dela um pouco mais.

Bati meu ombro no dela.

— Agora, sobre o book... Não podemos esquecer a renda. Nunca, jamais, esquecer a renda.





10

Willow

— Como ela está hoje? — Perguntei, quando puxei uma cadeira ao lado da minha mãe, onde dormia.

Sheila ocupou-se ao seu redor, deslocando o corpo frágil em uma tentativa de impedi-la de ter espasmos, que começavam a parecer inevitáveis.

Simpatia forrava sua expressão e ela se virou, colocando os cobertores em torno do corpo de minha mãe.

— A febre foi contida novamente. Tentando diminuí-la. Parece que ela está com outra infecção nos rins.

A preocupação comprimia minhas costelas. Dei-lhe um aceno apertado, mas sensibilizada.

— Obrigada.



Sua única resposta foi um aperto encorajador no meu ombro, antes de se dirigir para fora do quarto e a porta se fechou atrás dela.

Virei-me para olhar para baixo, em direção à minha mãe. Passei meus dedos suavemente sobre sua mão e sob o queixo, que estava sempre fechada em um punho.

— Consegui, mama. Saí. Assumi o cargo que salvará a loja.

Um sorriso vacilou no canto da minha boca, quando algo aqueceu minha barriga.

— Ash Evans. Esse é seu nome. Ele é o homem que me contratou para renovar seu quarto. Você deve vê-lo, mamãe... A sua casa. Iria adorar.

Segurei sua mão um pouco mais apertado, mordendo o lábio, confidenciando as palavras.

— Ele me deixa nervosa, porque não é como qualquer homem que já conheci. Não está perto de ser meu tipo e tenho certeza que não sou o dele também.

Reprimi o riso trabalhando na minha barriga.

Dificilmente.

Vi alguns tabloides anunciando o tipo de mulher que Ash Evans gostava. E esse tipo de mulher vinha de um mundo diferente do que eu conhecia.



— Mas há algo sobre ele. Algo que me faz querer estar no seu espaço, para conhecê-lo melhor.

E não tinha nada a ver com o fato de parecer que meu relógio biológico passava rápido. Não era sobre correr atrás de um homem, porque isso nunca foi minha coisa. Ash era o único que colocou isso na cabeça. O fato de que estava à espera de um homem, era mais o meu jeito.

Aquele que me amaria do jeito que eu o amaria.

Aquele que queria uma família e um lar.

Devoção e lealdade.

Mas isso não muda o fato de que, cada vez que estava na mesma sala com ele, sentia-me insegura e carente. Querendo algo que nunca poderia deixar-me ter.

Minha voz apertou.

— Não desistirei daqueles sonhos, mama. Não irei. Prometo. Você se lembra deles? Você se lembra...?

Acima, o céu azul esticava no horizonte. Tufos de nuvens puras, brancas, flutuavam em brisas infinitas. Aves sobrevoando e piando, passavam de árvore em árvore.

Risos percorreram os céus, quando sua irmã mais velha, Summer, perseguiu Willow, através do campo.



Ela a agarrou por trás.

Ambas gritaram, rindo livres, quando caíram no chão.

— Apanhei você. — Summer quase se regozijou.

Willow usou as duas mãos para empurrar para trás as mechas do desarrumado cabelo que caiu em seu rosto, sorriso livre e amplo.

— Você sempre me pega.

Summer tinha sete anos, apenas um ano mais velha do que Willow, mas sempre parecia ser mais rápida. Não incomodava Willow em nada, exceto que estava com medo de que um dia ela pudesse não ser capaz de vencer. Não queria ficar para trás.

Sua mãe veio e se estabeleceu ao lado delas, observando-as da maneira que fazia: tão protetora e cheia de amor, que fez o coração de Willow sentir como se só pudesse estourar.

Sua mãe virou o rosto para o céu, retornando ao seu jogo.

— Sua vez, docinho. O que você vê?

Willow olhou para as nuvens que navegam acima.

— Um cavaleiro. Vejo um cavaleiro que veio para matar o dragão que está escondido ali.



Willow apontou o dedo para uma nuvem inchada, parecendo uma chama brilhante de luz solar.

— Veja... Está em seu covil. Ele roubou as joias da princesa e as guarda com sua vida. Mas o dragão não é ruim. Acha que isso é o que deveria fazer.

— E por que isto?

— Porque ninguém teve tempo para lhe ensinar o que é certo.

Afeição passou pela risada de sua mãe.

— Essa é uma história triste, minha Willow.

Willow não achava que suas histórias eram tristes. Elas sempre tinham um final feliz. Mas sua mãe disse que essa era. A tímida com sonhos românticos e desejos simples. Suas histórias foram tão longe dos sonhos selvagens, magníficos que sua irmã acabara de falar.

Às vezes, ela desejava que pudesse ser como sua irmã mais velha.

Mais corajosa.

Mais bonita.

Mais velha.

— Elas não são tristes. — Willow discordou. — O cavaleiro vai conceder-lhe um desejo e seu desejo será que ele encontre o amor. O verdadeiro tipo.



Um riso de luz tremulou de sua mãe e olhou para Willow com adoração.

— Esse é seu presente. Você vê a beleza no antigo. A beleza no mau. A beleza que se esconde em todas as coisas. Está sempre lá, só temos de olhar forte o suficiente para isso, não é?

Willow assentiu com entusiasmo, como se pudesse entender.

— Quem você vai ser? — Sua mãe perguntou.

Willow podia sentir seu sorriso dividindo seu rosto.

— Serei uma mãe e trabalharei em minha loja, para todo o sempre.

Sua mãe passou a mão por seu cabelo bagunçado.

— Claro que você vai.

— Oh... Oh... E sempre serei a melhor amiga de Summer!

— E quanto a você, minha gloriosa Summer? — Perguntou sua mãe.

Summer estava deitada de costas, com os braços e os pés esticados para fora, como se fizesse um anjo de neve na grama. Olhou para o céu, seus cabelos negros espalhados ao seu redor.



— Serei uma dançarina. Talvez, mudar para Paris ou Nova York. Sim, é isso, Nova York. E vou levar Willow comigo, porque ela sempre será minha melhor amiga.

Willow estirou-se no chão, ao lado de Summer e ligou seu dedo mindinho com sua irmã mais velha. Era seu sinal especial que estariam sempre juntas.

Sua mãe se abaixou e arrancou dois dentes de leão com cabeça branca, da extensão de grama onde se sentaram, na beirada do riacho. Segurou um com a irmã de Willow.

— Mmm... Com certeza é um grande problema e não duvido nenhum pouco, porque minhas meninas podem ser qualquer coisa que quiserem. Mas apenas para ser seguro, acho que você pode desejar sobre ele.

O olhar de Summer era sonhador e soprou com força.

Sua mãe olhou para Willow, a maneira como sempre fazia, respirando toda a sua crença e inspiração.

— Sua vez, docinho.

Ela segurou um dente para a criança.

Willow fechou os olhos.

Quero ser como minha mãe.

Willow se inclinou e o soprou no ar.





Anseio pressionou-me para baixo, ao meu redor e afastei as lágrimas que caíram. Levantei-me e dei um beijo na testa de minha mãe, sussurrando as palavras:

— Sempre, Mama, sempre.

Ela gemeu de algum lugar profundo.

E só poderia ter conforto no fato de que ela sabia que eu estava lá.





11

Ash

— Isso é uma péssima ideia.

Por que as pessoas continuam a me dizer isso?

Baz apoiou um quadril contra a grande mesa, que ocupava uma tonelada de espaço, na minha cozinha ainda maior. A área desse espaço era aberta para a acolhedora sala de entretenimento, que dava para o pátio que se expandia para fora. Amei toda a *vibe* da sala grande: o cômodo era um grande espaço fechado, a partir do resto da casa, dando-lhe uma sensação de isolamento.

Ele tomou um gole de cerveja, com um olhar duro, como se fizesse uma colocação.

— Como isso é uma má ideia? — Defendi, tentando conter o riso. — Acho que essa poderia ser a melhor ideia que já tive.



— Acho que nós já estabelecemos que todas suas ideias são ruins.

— Ei, isso não é muito agradável. Você está, realmente, tentando me rasgar aqui, não é? E não consigo pensar em uma maneira melhor de deixar o mundo saber que Ash Evans não vai a lugar nenhum, além de voltar para o palco.

— Pensei que deveria ficar fora por seis semanas? — Austin franziu a testa do outro lado da cozinha e jogou uma tampa de garrafa no lixo.

— Ele deveria. — Baz disse, arregalando os olhos para mim, como se dissesse: — Veja, todo mundo sabe que deveria descansar.

— Sim e os malditos *paparazzi* tem especulado sobre minha morte, desde então. Espreitando lá fora na rua, em frente da minha casa, tentando tirar uma foto. Droga, metade deles acham que estou, realmente, morto e estão sentados à espera do meu publicitário confirmar a informação. Uma garota escreveu alguns posts sobre sua vida acabar, porque a minha já era. Não é legal, cara. Não é legal. Preciso corrigir a situação.

Baz apontou em minha direção.

— Você sabe que não deveria ler essas coisas.

— E o que mais deveria fazer durante o dia? Estou entediado aqui. Quer dizer, exceto para Zee lá...— Apontei



meu polegar para ele, que se recostou em uma das duas espreguiçadeiras na grande sala. — Mas, considerando que chato é o nome do meio do cara, não está ajudando em nenhuma questão.

O cara era legal e casual, quando veio para cá, ele foi meu companheiro de quarto desde que o resto da banda começou a se ramificar e encontrar vida própria. Colocar anéis nos dedos de suas meninas e começar famílias.

Nem uma vez o vi ficar com uma menina. Ou um cara, se essa fosse a questão.

Zee zombou.

— Seja qual for, imbecil. Você sabe que não pode viver sem mim. E não finja que não teve companhia por aqui todos os dias desta semana.

Lyrik, nosso guitarrista, riu.

— Ah, sim, acho que é hora de você nos encher sobre este “projeto redecorar” que tem em andamento.

O idiota teve a coragem de atirar aspas no ar.

— O quê? Minha suíte é o último ponto da casa que precisava ser refeito. Era uma necessidade e encontrei alguém para preenchê-la.

— Aposto que sim. — Retrucou com um sorriso lascivo.

— Não gosto disso. — Dei-lhe um aceno de cabeça. — Fomos à loja da menina agradecê-la...



Começava a vir como uma segunda natureza a raiva repentina que vibrava em minha espinha, quando as lembranças me atingiram. Esses cinco rostos ficavam cada vez mais difíceis de esquecer. Estava tão acostumado em ser o cara fácil de estar por perto. Construí toda minha vida desta maneira. Mas apenas algumas besteiras eram impossíveis de ignorar.

Minha garganta estava apertada e cocei minha nuca com o dedo indicador, tentando afastar a inquietação.

— Honestamente, senti-me estranho voltando lá, onde aconteceu. Mas no segundo que entrei, soube que esta menina era talentosa, então pensei nisso.

Então, talvez, deixei de fora a parte sobre como não podia tirá-la da minha mente. Isso era munição que nenhum desses idiotas precisavam.

— Oh, vamos lá, Ash. — Austin disse, cruzando os braços no balcão e apoiando os antebraços na mesa. — Cinquenta mil apenas para alguém entrar e dar-lhe sugestões e que não inclui qualquer dos custos reais? Isso é insano. Até eu faria isso por vinte e cinco. — Ele bateu palmas. — Boom. Barganha. É um ganha-ganha.

— Certo, como se seu traseiro preguiçoso fosse levantar um dedo em torno deste lugar.

Rindo, ele arqueou uma sobrancelha.



— Tudo o que digo é que não acredito por um segundo que não há algo mais acontecendo.

— Tenho dinheiro de sobra. Além disso, ela mesma trabalha em algumas peças originais. Fazendo a pintura. Pedido de suprimentos. Gerindo toda essa merda. Vai ser o quarto perfeito.

— Eu não sei, — Baz lançou — parece-me que o meu irmão mais novo pode ter um ponto válido. Deixe-me adivinhar como isso aconteceu... Garota super gostosa resgatou seu traseiro, você deu uma boa olhada nela e decidiu que cinquenta mil era um bom preço para mergulhar suas mãos sujas no pote de mel, por um par de dias.

Normalmente, riria com a minha equipe. Porque nada do que dissessem seria nada além da verdade. Porque era tudo brincadeira. Nenhum dano, nenhuma falta.

Não dessa vez.

Protecionismo cresceu. Era uma sensação tão estranha, tão perturbadora, que me fez cerrar os dentes. Minha voz saiu mais dura do que pretendia.

— Duvido muito que estaria aqui hoje, se não fosse por essa menina. Descobri, através da contadora que estava com um pouco de dificuldade. E se há algo que posso fazer para ajudá-la, então, farei. Devo-lhe minha vida.



Os sorrisos escorregaram de seus rostos e algo pesado levou o humor.

Baz suspirou e sua testa enrugou de preocupação.

— E como é que você vai ter certeza que esta menina não vai tirar vantagem sua? Quero dizer, não se esqueça o que teve da última vez.

O pânico me apossou.

Que porra é essa?

Baz sabia muito bem que esse era um assunto para não ser abordado. Considerando que não tocou nele, em todo esse tempo, ele sabia disso também.

Ainda assim, esclareci.

— Não, homem, não é nada disso. Prometo-lhe, ela é uma das boas.

As portas duplas que levam para a sala grande, de repente, abriram-se e Shea desfilou, carregando um monte de sacos.

— Quem é uma das boas? — Perguntou.

E uma das pessoas que mais amava neste mundo seguiu atrás dela.

Kallie, filha de Shea, que Baz adotou, com uma confusão de cachos loiros voando ao seu redor, e seu irmão mais novo, Connor, esforçando-se para se manter em pé.



Claro, Brendon, o filho de Lyrik, estava no comando, gritando por cima do ombro para eles tentarem pegá-lo.

Líder do bloco.

Porque essa era apenas a forma como o garoto era.

Tamar entrou atrás das crianças, segurando Adia, a filha dela e de Lyrik. A garota era todo cabelo preto selvagem, olhos azuis e um sorriso grande e adorável.

Minha irmãzinha, Edie, foi a última a entrar pela porta de vaivém.

Ao vê-la, afeto e pesar rodou através do meu espírito.

Quase me eviscerava, toda vez que a via, embora, fiz o meu melhor para manter isso contido. Para fingir que não me abalava, toda vez que voltava a pensar naquela noite. A noite que a atirei aos lobos, quando ela tinha quatorze anos: era um pouco mais que um bebê e o deixei afundar seus dentes afiados dentro dela.

Pior ainda, não soube disso até o ano passado. Naquela noite, sete anos atrás, estava muito envolvido na minha própria bagunça. Naquela mesma noite brutal que minha irmã foi destruída, meu mundo estava se desfazendo.

A culpa se levantou como uma tempestade.

Deixei-a de lado, sacudi os pensamentos mórbidos e forcei um sorriso e leveza em minha voz.



— Oh, sim, meu dia está feito. Todas as minhas pessoas favoritas estão aqui!

Levantei minha mão para o lado de Brendon e Connor, para me darem um *high Five,* quando passassem pela minha cozinha. Brendon pulou, bateu no meu lado e me lançou um de seus sorrisos de abalar.

Aquele com certeza ia ser um destruidor de corações.

Connor fez o seu melhor para se manter, parando em frente a mim e se concentrando em seu salto.

— Peguei, tio Ash!

Claro, porque Shea e Sebastian não conseguiam manter suas mãos malditas longe um do outro, tiveram Connor no segundo que se uniram. A criança de três anos de idade, basicamente, passava seus dias tentando acompanhar as crianças maiores.

— Sim, você fez. Você me pegou.

Brendon começou a correr em círculos ao redor da ilha, procurando por problemas.

Muito parecido com seu pai.

As três crianças decolaram novamente. Minha casa pode muito bem ser um playground, mas você, com certeza, não iria me ouvir reclamar.



— Que tal levar este jogo para fora? — A voz de Shea soou em tom de reprimenda, embora seu rosto estivesse cheio de sorrisos.

Atravessei o espaço, mergulhei e dei um grande beijo estalado na sua bochecha.

— Cale-se, sua menina boba. Para que você acha que é essa grande casa? Diversão e mais diversão. Oh e mais diversão. Não é verdade, Kallie O'Malley?

—Sim, sim, sim! — Gritou do outro lado da mesa. Sua mão estava agora toda embrulhada na de Brendon.

Shea apontou para mim.

— Agora, não vá me chamar de menina boba, senhor. Quem é que veio para alimentá-los, enquanto o resto de vocês corriam ao redor?

—Divertindo-nos. — Ofereci bem rápido, cortando-a com outro beijo em sua bochecha.

Baz riu.

— Cuide de si mesmo, homem. Estou vendo-o aí, beijando minha mulher.

Levantei minhas mãos.

— Calma, calma. Estou apenas espalhando amor ao redor. Shea parecia um pouco solitária, quando entrou pela porta, por isso achei que era para eu intervir e ter certeza que não perdia as coisas boas da vida.



Ele levantou uma sobrancelha, antes de rir baixo e abraçá-la por trás.

— Oh acredite em mim... Ela não está sentindo falta de qualquer coisa.

Lyrik pegou Adia de Tamar. Ele a levantou no ar, fazendo o bebê de seis meses de idade rir e se debater.

Com um sorriso, ele a abaixou e colocou, de forma protetora, contra seu peito. O homem era nada menos que uma poça de gosma, quando se tratava de sua família. Este foi o primeiro ano que conseguiu ficar com seu filho Brendon, por um mês inteiro, durante o verão. Graças a Deus, conseguiu fazer as coisas direito com a mãe do garoto, há alguns anos.

Desviei a atenção para Austin, que se moveu em direção à minha irmãzinha. Descobrir que estavam ficando foi um pouco chocante, mas eram perfeitos um para o outro.

Edie puxou-se fora de seus braços e veio em minha direção. Olhos da mesma cor que o meu transbordavam de preocupação.

— Como está se sentindo?

— Perfeito.

Ela franziu o cenho.

— Vamos, Ash. Não há nenhuma maneira que você se sinta perfeito.



— Sim, alegar que está acabado não vai dar-lhe quaisquer pontos no palco, também. — Lyrik sorriu. Idiota.

Levantei minhas mãos, em sinal de rendição.

— Estou melhor, ok? Muito melhor.

Um sorriso suave surgiu na boca da minha irmã.

— Bom. Agora posso chutar seu traseiro, por ser tão estúpido e se meter em uma briga.

— Não é necessário, pretendo fazer isso por você, Edie. — Baz acrescentou, com um sorriso arrogante no rosto, enquanto olhava para mim.

Apontei em sua direção.

— Cuide de si mesmo, homem, sabe que posso levá-lo em um segundo. Além disso, posso precisar de sua ajuda, um dia desses.

Lyrik adiantou-se, com sua filha abraçada em seus braços.

— Sendo apenas mais um motivo para mantê-lo longe do Charlie. A última coisa que precisamos é de você ir a procura de problemas. Deus sabe que conhece, exatamente, onde encontrá-los.

— Diz o pote para a chaleira. — Adicionei toda a afrontosa provocação que poderia encontrar.

Lyrik riu.



— *Touché*, meu amigo. *Touché*.

— Hum, não haverá necessidade de alistar a ajuda do meu homem em qualquer negócio, — disse Shea. — E não acho que você vá me distrair com toda essa conversa de louco. Quero saber quem é uma das boas.

Claro que quer.

Os lábios vermelhos de Tamar esticaram, em um de seus sorrisos sensuais.

— Estou supondo que isso tem algo a ver com Willow. O anjo da guarda de Ash.

— Oh, minha Tam Tam. — Disse isso como um aviso, lançando um olhar em sua direção.

Tamar subiu um único ombro.

— O que?

Shea esfregou as mãos.

— Ohh... Eu gosto dessa conversa de anjos da guarda. Ela é bonita? Agradável? Uma garota do interior ou uma garota da cidade? — Sua atenção se lançou para o teto. — Você sabe, todos aqueles quartos no andar de cima estão implorando para serem preenchidos. Ainda tenho as minhas centenas de dólares com a necessidade de pintá-los de rosa e azul, em vez desses quartos extra luxuosos que tem lá em cima. Total desperdício.



Fiz o meu melhor para não deixá-la me destruir no lugar errado.

Não.

Nunca.

Nunca me deixaria sentir assim novamente.

Mantive o sorriso colado no meu rosto.

— Acho que posso ter que aumentar meu valor sobre a nossa aposta. Quartos rosa ou azul. Todos. —Ela soou como uma ameaça. — O dobro ou nada. Existem estas botas super fofas que vi na janela de *Tomgirl,* na semana passada. Venha para a mamãe. Certeza que meu homem aqui iria apreciá-las.

— Você se lembra que jogou fora essa aposta a mais do que três anos atrás? Quanto tempo terei que esperar para o pagamento?

— Até eu ganhar, é claro.

Liberei um som de descrença com meu sorriso.

— E como isso é justo?

— Oh, é justo. Acredite em mim, é justo.

— Não vai acontecer. — Disse.

Louco como as mulheres assumiam que, só porque queria viver minha vida sem um monte de besteiras de anexos, achavam que encontravam alguma coisa. Elas não



poderiam imaginar nada diferente do que eu ter um grande buraco na minha alma dolorida, para ser preenchida.

Bem, adivinhe? Esses anexos foram o que criaram esses buracos, em primeiro lugar. Não, obrigado.

Austin intrometeu

— No entanto, tem a garota que você está perseguindo, decorando seu quarto. Soa bastante doméstico para mim. — Ele sorriu com todos os dentes.

— Não a persegui.

Quase soou como uma mentira.

Porque, droga, uma parte de mim queria persegui-la. Pegá-la. Segurá-la. Apenas por pouco tempo.

Um enorme estrondo sacudiu as paredes na sala ao lado, onde as crianças brincavam. Vidro quebrado e vozes pequenas, que estiveram gritando, estavam tranquilas demais.

— Oh meu Deus, vocês dois vão derrubar esta casa. — Shea gritou.

Brendon espreitou a cabeça pela porta. Olhos tão escuros quanto os do seu pai, piscando com preocupação e culpa.

— Momma Blue, precisamos da sua ajuda aqui. Agora.



Tamar riu e disparou. Shea deu um sorriso, antes de ir para a sala de estar.

Baz jogou uma carranca para um Lyrik perturbado.

— Cara... Nossos filhos... Colocá-los juntos, aqueles dois não são nada além de problemas.

— Grande como ladrões, irmão. Espere até que virem adolescentes. Apenas espere. Meu instinto diz que teremos de mantê-los a sete chaves.

— Não vá até lá, homem, não vá lá.

Lyrik riu.

— Devemos ficar preocupados, quando descobrirem que não são, realmente, primos. Mas ei, ele é um bom garoto e tem o meu sangue fluindo através dele, então... — Lyrik entregou o último comentário com um encolher de ombros arrogante.

Austin riu, quando atravessou a sala, agarrou um chip de uma tigela e colocou-o na boca.

— Você, realmente, acha que Kallie Bug cairia nessa Baz? Ela é uma tonelada mais esperta do que você lhe dá crédito.

— O que está falando, sobre ser mais esperta do que eu lhe dou crédito? A pequena Bug é tão rápida como um chicote e é, precisamente, por isso que terá o mínimo de



interesse em meninos até que tenha, pelo menos, trinta. Talvez quarenta.

Shea riu, caminhou na ponta dos pés, deu um beijo suave na boca.

— Oh, papai urso, tem um monte de lições vindo em sua direção.

Ele grunhiu.

— Não quebre meu coração, baby.

— Ei, pensei que era a minha linha... Você vir e roubar minha linda Shea, bem debaixo do meu nariz. Coração. Partido. Ainda não posso acreditar que você foi e fez desse jeito. Uma atrocidade.

Enfiei minha mão contra o peito, dirigindo uma faca imaginária e lançando ao cara, que era um dos meus melhores amigos no mundo, uma das poucas pessoas neste mundo que eu era, totalmente, devotado, um sorriso brincalhão. Porque era puramente isso, uma piada.

Ele deu um soco em mim, recusando-se a me deixar chegar em sua esposa, enquanto fez isso.

— Tenha cuidado.

Rindo, saí de sua linha de fogo.

Eu sempre, sempre me cuidava.

Eu sabia os limites.



Sabia quando era um bom momento para atravessar a terra perigosa.

Poderia ter dedos nessa linha. Caminhar ao lado das chamas.

Não importava.

Nunca me permiti chegar perto o suficiente, para me queimar.

Bati minhas mãos juntas.

— Agora, sobre esse show...





12

Willow

Como me convenceu a vir esta noite, eu não sabia.

Isso não era minha cena.

Estava em um nó. Amarrada, torcida. Nós de confusão e desejo.

Olhos azuis brilharam, quando olhou para mim e envolveu sua mão grande em torno da minha. Olhos azuis da cor do Caribe.

Interminável.

Sem fundo.

Uma onda de calafrios tremia na minha espinha e me agarrei com mais força à sua mão, enquanto nos guiava através da multidão, no bar escuro.

Disse-me que ele e sua banda iriam tocar em um lugar chamado Charlie, que não era muito longe da minha loja.



Quase neguei. Quase. Então Ash disse que me queria lá, para eu ser uma parte do primeiro show que tocaria, desde o incidente.

Não havia nada que pudesse fazer.

Simplesmente, balancei a cabeça e disse que estaria aqui.

Este homem me fez... Instável. Instável e irracional. Fazia-me desejar coisas que nunca quis antes.

Coisas que, certamente, iriam me destruir, se desistisse e cedesse.

Ele foi ganhando força, para me dividir em um milhão de pedaços irreconhecíveis.

Gravetos para um incêndio devastador.

Ash abriu a multidão sem uma palavra.

Não havia uma única pessoa, no enorme e antigo edifício, imune à sua presença.

Ao seu poder.

E, certamente, senti a maioria.

Ash foi recebido com saudações e aplausos. Sem mencionar o olhar faminto de mulheres, obviamente, ansiosas para afundar as garras em sua pele e devorá-lo.

Ciúme me esfaqueou no peito.

Deus.



Foi uma emoção que não podia sentir.

Não com este homem.

Mas esta noite, com a mão ferida no seu domínio de proteção, senti-me assim, como se ele fosse meu.

Agora Ash apenas sorria abertamente, abrindo caminho através da multidão.

Confiante. Forte. Lindo.

Ele jogou um daqueles sorrisos para mim, de cima do ombro.

— Por aqui, querida. E precisa tomar um fôlego e relaxar. Não finja que não a sinto tremendo. Prometo-lhe, meus amigos não mordem.

Mal sabia que eu tremia por uma razão completamente diferente.

Seu sorriso alargou-se a um daqueles sorrisos arrogantes. Namorador, puro e provocante, com tentação sexy.

— Quero dizer, eles podem olhar como se mordessem, mas estará completamente segura, contanto que esteja ao meu lado. — Virou-se, mergulhando para baixo e aproximou sua boca da minha orelha. — Pensando nisso, é melhor ficar perto de qualquer maneira... Você parece deliciosa esta noite. Alguém terá a tentação de querer comê-la.

Senti formigamentos pela pele.



Um flash de atração.

Uma onda de necessidade.

Ele me levou a uma cabine em forma de ferradura, isolada e escondida bem no fundo. Cadeiras extras foram colocadas em torno dela, para dar maior capacidade para a grande festa, que tomou conta da área.

Como se fossem donos dela.

Os homens da Sunder estavam contra almofadas marrons de pelúcia. Uma intensidade diferente de tudo que já vira, rodeava-os.

Uma aura inconfundível. Grave, escura e profunda.

Cada um deles tinha um braço envolto em torno de uma mulher bonita, pressionado em seus ombros como se fossem esculpidas para se adequar.

Todos, exceto Zee, que era o único que conhecia.

Nervos tremiam pelo corpo e respirei profundamente, como que Ash sugeriu. Acabei precisando disso, depois de tudo.

O que não antecipei foram os sorrisos e as boas-vindas que atravessaram seus rostos, mesmo que não escondessem a curiosidade em seus olhos, quando me encararam.

Ash fez apresentações rápidas, colocou-me em um assento ao seu lado e pediu bebidas. Uma enorme emoção



irradiava dele, ficando apenas um pouco mais brilhante, quando olhou por cima do ombro para a multidão.

— Mal posso esperar para subir no palco.

Seu amigo Baz tomou um gole do líquido âmbar que rodou em seu copo, a mão enrolada em torno do vidro, quando apontou o dedo indicador para Ash e falou comigo.

— Você sabia que seu menino aqui sempre consegue o que quer?

Baz enviou um olhar afetuoso na direção de Ash, que apenas sorriu de volta.

Isso foi o suficiente para estar grata em vir.

Nós dividimos um par de bebidas. O clima cresceu desordenadamente, o grupo de amigos tendo o melhor dos tempos.

Pensei que me sentiria estranha. Fora do lugar. Como se não pertencesse ao grupo.

Estava completamente errada.

Tentei segurar a profusão de risos que queria estourar livre ao observar o homem, que penetrava mais e mais em meus ossos, contar uma história.

Claramente, ele estava tonto.



Seu sorriso era confuso e sua voz alta o suficiente para todos na mesa ouvirem, uma vez que estava de pé, ao lado da cabine, em vez de sentado.

— E Baz aqui, começou a correr pelo beco, traseiro brilhando à luz do luar, tentando manter suas calças caídas em volta dos joelhos.

Lyrik bateu a palma da mão sobre a mesa, quebrando-se.

— Ei, cara — Baz se defendia, abraçando sua esposa um pouco mais apertado. — Isso foi totalmente culpa sua. Você é o idiota que deixou essas garotas no ônibus da turnê, no meio da noite.

Ash deu de ombros.

— O que? Achei que poderia usar um pouco, para descontrair. Você teve um dia muito longo.

Uma sobrancelha arqueou e Baz tomou um gole de sua cerveja, antes de apontar o pescoço na direção de Ash.

— E precisava de dez *groupies* para fazê-lo? Aqui estava eu, dormindo e meus olhos abriram com uma manada de meninas gritando, pulando na cama, na parte de trás do ônibus. Senti como se tivesse uma centena de mãos em mim, arrancando e rasgando minha pele, tentando obter minhas calças para baixo. Acordei com arranhões e manchas de



batom. Assustou-me pra caralho. Voei pelo corredor e saí pela porta do ônibus.

Ele enganchou um polegar na direção de Ash.

— Claro, esse punk aqui estava de pé, do lado de fora da porta no estacionamento, rindo feito um burro, como se fosse a coisa mais engraçada que já tinha visto.

— Ele era a coisa mais engraçada que já vi. Sério, deveriam ter visto seu rosto, quando todas as dez meninas saíram correndo atrás dele. Cara, todas poderiam ser fantasmas. pela maneira que saiu correndo. Poderia ter-lhes dito que gostava de brincar de perseguição.

Shea apertou as mãos sobre as orelhas.

— Eca... Eca... Eca. Pare aí, Ash. Não quero ouvir nada sobre meu homem e um monte de meninas, que tentaram pegá-lo nu. Você deve saber que esse assunto é totalmente fora dos limites.

Ash fingiu ofensa.

— Oh, vamos, linda Shea, isso foi bem antes de você quebrar meu coração e manter este otário ardente durante a noite. Isso foi a pelo menos uns dez anos atrás. História antiga.

— Um, novidade, nenhuma mulher quer ouvir sobre conquistas de seu marido... Como... Nunca.

Sebastian enterrou um beijo nos cachos de sua cabeça.



— Não se preocupe, querida. Não deixei que nenhuma delas me tocasse. — Ergueu a sobrancelha para Ash. — Embora, se me lembro a história corretamente, Ash estava muito feliz em entrar e tomar meu lugar.

— Ei, não queria decepcionar as fãs. Isso apenas não é legal. Um homem tem que fazer o que é necessário. Sacrifício e tudo.

— Oh meu Deus. — A irmã mais nova de Ash, Edie, cobriu os olhos com as duas mãos, sentada no colo de seu noivo Austin. — Meu irmão, às vezes não te aguento mesmo — disse-lhe.

Zee jogou uma tampa de garrafa nele.

— Sempre um idiota total.

Ash girou para o lado e desviou, como um profissional. Apostava que era esse o caso.

— O quê? — Ele se defendeu, colocando totalmente uma cara séria, apesar que, todos que o olhassem, podiam ver o sorriso puxando os lábios.

Tamar revirou os olhos e se aconchegou em seu marido.

— Uh, como você joga fora essas histórias, como se fossem comportamentos normais?

Ash levantou as mãos no ar.

— Hey, estas eram normais, ocorrências diárias, até duas de vocês — apontou para Tamar e Shea — virem



intrometer-se e prenderam todos os bons momentos. Duas estraga-prazeres divertidas, isso é o que são. Enfeitiçando meus meninos com toda gostosura, levando-os pelos pênis e ensacando suas bolas. Portanto, nada legal. Nada legal mesmo.

Uma parte de mim queria se assustar, com a maneira que falava sobre sexo, de forma tão casual. Como se significasse nada. Mas uma grande parte minha não poderia analisar assim esta noite. Estava muito envolvida no afeto fácil que passou entre todos eles.

O conforto. A lealdade. O jeito que deveria ser.

Esse tipo de devoção era precioso. Impagável. E era tão vívido, neste lado dele, mesmo que fosse feito com toda sua imprudente, linda facilidade.

— Mantenho as bolas de Lyrik fechadas com zíper, no bolso da frente da minha bolsa, muito obrigada. — Tamar o insultou, com um sorriso vermelho petulante, que enviou para o marido.

Ele a olhou. O cara parecia tão mau, quase malvado. Mas não havia dúvidas que essa mulher era o centro do seu mundo inteiro.

Meu peito apertou em uma velha agonia. Na solidão. Joguei fora meus pensamentos depressivos. Queria



experimentar isso, estando aqui, em vez de ser ameaçada pela depressão.

Lyrik disparou um sorriso ameaçador para Ash. Ele ergueu o queixo, mostrando a tatuagem estampada em seu pescoço.

— Tipo como a mão da minha garota no meu pau, de qualquer maneira. Não tenho muitos problemas com ela me levando por ele.

Baz soltou o riso, cuspindo cerveja sobre a mesa. Shea se inclinou em torno de Lyrik, a mão subindo para um *high five* com Tamar.

— É disso que estou falando.

Ash deu um tapa na testa, com a palma da mão.

— Vocês perderam suas mentes insanas. Alguém me salve da loucura. Agora, tudo que tenho é Zee no meu canto e, uma vez que o cara é algum tipo de celibatário ou algo assim, ele não é, absolutamente, de nenhuma ajuda.

Um riso escapou de mim. Tentei cobri-lo, mas estava lá. Meus dentes puxando para trás o lábio inferior, lutando contra o sorriso que queria libertar-se, debaixo de sua luz brilhante.

Porque ele olhou em minha direção.

Sorriu aquele sorriso de cortar meu núcleo. Um que era suave. Tipo. Quase adorando.



Meu estômago revirou e capotou e um nódulo ficou pesado, na garganta.

Sem dúvida, o chão debaixo de mim ficava escorregadio.

Perigoso.

Baz drenou sua bebida e bateu o copo vazio na mesa.

— Tudo bem, se estamos realmente fazendo isso, precisamos fazê-lo.

Todos os caras seguiram o exemplo e tomaram suas próprias bebidas.

Ash bateu as mãos.

— Claro que sim, ele está ligado. Hora de dar algo aos *paparazzi,* para realmente falar.

Um show surpresa.

Isso é o que Sunder planejou. Esta era uma banda que, normalmente, tinha seus shows esgotados em todo o mundo e lá estavam eles, subindo ao palco, na frente de uma multidão de bar desavisada.

Todos os caras saíram de trás da cabine. Adornando as bochechas, testas e bocas de suas mulheres com beijos carinhosos.

Olhei para baixo. Longe. Sentindo-me como se violasse algo privado.



E então ele estava lá. Aquele homem poderoso estava na minha frente, a mão estendida, para me ajudar a ficar de pé.

Espalmou minha bochecha. Suavemente. Deus.

Eu não conseguia respirar.

— Obrigado por estar aqui, querida. Significa mais para mim do que imagina.

Balancei a cabeça contra seu toque.

Fogo e luz.

Lutei contra a emoção que ameaçava me consumir e me tomar como refém.

Algemando-me. Acorrentando-me. Uma prisioneira voluntária.

Zee bateu Ash no ombro, quebrando o momento.

— Vamos, cara. Você queria isso e nós lhe demos.

— Venha.

Relutantemente, Ash começou a se afastar, antes de apontar para mim. Sua expressão, rapidamente se transformou em algo arrogante e com certeza uma contradição, que parecia ser o coração deste homem confuso, caótico.

— Você se deleitará esta noite. Prometo-lhe que não irá se arrepender de ter atravessado aquela porta.



Eu só pude acenar fracamente, enquanto o observava desaparecer. Inquieta, sentei-me novamente.

Naquele momento, senti meu mundo tranquilo quebrando, experimentando outro mundo. Era um feito de caos, confusão e ilegalidade. Um universo que pertencia a Ash Evans.

Cautelosamente, espiei por cima as três mulheres à esquerda na mesa, comigo.

Todas as três olharam para trás, como se testemunhassem um milagre.

Edie foi a primeira a quebrar o silêncio, quando se moveu para frente.

— Estou contente que nós temos um minuto. Quero que saiba como estou agradecida pelo que fez para meu irmão.

Olhos azuis brilhantes, iguais aos do seu irmão, brilhavam sob as luzes.

— Estava apenas fazendo o que qualquer outra pessoa faria.

— Nós gostamos de pensar assim, não é? — Ela balançou a cabeça. — Mas sabemos que nem sempre é o caso. Este mundo pode ser tão cruel. Acho que foi evidenciado pelos empurrões cruéis que o deixaram lá, em primeiro lugar.

Tamar e Shea grunhiram em acordo.



Meus olhos se estreitaram com sinceridade.

— Eu nunca poderia desviar o olhar de alguém que precisasse da minha ajuda dessa maneira.

A memória de suas palavras não saía da minha mente.

— E agora é, realmente, muito difícil desviar o olhar.

Deus sabia que gastei mais tempo do que podia, ao tentar decifrar o que significavam.

Querendo saber por que senti, exatamente, da mesma maneira.

Como me tornei, inexplicavelmente, ligada a um estranho? Estava desesperada para saber.

Shea sorriu.

— É por isso que todos nós estamos tão agradecidos que foi você que o encontrou, que estava lá no momento certo. Nossas vidas são uma sequência interminável de hipóteses e o que poderia ter sido e a realidade, é que o salvou. — Ela inclinou a cabeça. Uma questão suave e estimulante. — E agora está aqui... Com ele.

Mexi-me novamente, olhando para o tumulto que atingiu a beirada do palco. Todos os caras subiram as duas escadas, à direita das elevações. O que deu início à uma onda de interesse e entusiasmo, no denso ar nebuloso.

— Ele me pediu. — E quase soou como uma defesa.



Tamar sorriu.

— Ele parece pedir-lhe para fazer um monte de coisas ultimamente, não é?

A implicação era clara.

Minhas sobrancelhas espremeram.

—Não é nada assim. Estamos apenas... Ele passou por um monte de coisas. E estaria aqui para Ash, mesmo que não fizesse o que faz por mim.

A verdadeira questão? Eu precisava de um pouco de poupança, também. E de alguma forma, no processo, senti como se ele estivesse me oferecendo algo diferente do que apenas o fluxo de caixa, para salvar meu negócio.

Parecia mais.

Shea sorriu de modo genuíno.

Essas mulheres eram tão diferentes do que imaginei, quando vi suas fotos. Tão diferente do que os tabloides as fizeram parecer.

Aparentemente, era verdade o que diziam. Você não deve acreditar em tudo que lê.

— Esse menino é demais, não é? — Perguntou Shea, com afeto em seu tom.

Olhei na direção do palco.

Parecia impossível desviar o olhar.



—Ele é. — Meditei, principalmente, para mim mesma. Estava distraída com a força da multidão, que parecia desesperada para chegar mais perto. Pela vibração que acendeu no ar, intensa e grave.

Ash inclinou-se, mexeu com alguma coisa no palco.

Eu lutava para respirar.

Desviei minha atenção, pegando o sorriso no rosto de Tamar.

— Não precisamos controlá-lo para você? Porque tenho certeza que o menino é mais do que apenas demais.

Vermelhidão inflamou minhas bochechas.

Instante. Incontrolável.

Assim como incontrolável era a fantasia lasciva que tomava conta da minha mente.

Ela veio espontaneamente.

Indesejável.

Todos, exceto aquele lugar escondido, secreto, interno, que fervia e sacudia, com curiosidade escura.

— Ohhhhhh! — Tamar tirou. Sua boca esticada em um “o” perfeito. — Então é assim que é, não é?

Então, talvez, quisesse rastejar debaixo da mesa e me esconder.



Os olhos de Shea se arregalaram e pulou, com uma risada.

— Não há necessidade de ser autoconsciente sobre isso, Willow. O menino gosta de se gabar. Caso não tenha notado, o cara não é, exatamente, tímido ou modesto.

— Pssh, ele gosta de se gabar em tudo. — Tamar acrescentou, o riso em sua voz. — O ego de Ash é tão grande quanto seu...

— Ah! — Edie bateu as mãos sobre os ouvidos. — Acho que esta conversa pode ser tão ruim para mim, como Ash falando de Sebastian, na frente de Shea. Pare aí, muito obrigada.

— Eu ia dizer seu coração, Edie. Seu coração. Seu irmão tem um coração, realmente, grande. Quase tão grande quanto o de meu marido.

Tamar piscou para mim, quando disse isso.

Puras insinuações.

Vermelhidão inflamou e calor se espalhou por cada polegada do meu corpo.

Meu Deus.

Eu não sabia se queria rir ou chorar.

Se queria me levantar e correr para terra firme, ou se me apegava à essas mulheres para sempre.



Se congelava, através de meus medos ou, por alguns minutos felizes, deixar-me levar.

Permitir-me viver. Sentir. Não sentia muita coisa além de dor, tristeza e preocupação, em tanto tempo.

— Eu... Eu não...

Sóbria, Shea sentou-se na cabine de pelúcia. Pensei que fosse capaz de ler cada uma das inseguranças que passou por minha mente.

— Ei, está tudo bem. Honestamente, Willow, podemos entendê-la. É assustador sentir algo que não temos certeza que devemos sentir. Assustador sentir algo novo. Especialmente, quando sabemos que ele só poderia quebrar-nos, mesmo que nosso coração esteja dizendo para dar-lhe uma chance, de qualquer maneira.

— Ash não...

Ela me cortou com uma sacudida afiada de sua cabeça.

— Ash pega mulheres, Willow. Ele não as traz com ele. Não, em todo o tempo que o conheço. Nem uma única vez.

Lutei para processar o que queria dizer.

Seu sorriso era nada menos do que uma carranca simpática.

— E Ash... Há um homem complicado por baixo de todo o fácil e alegre cara. Não mostra para um monte de gente, mas sei que está lá.



Sua carranca se aprofundou.

— Mas a única coisa que você deve saber: tem um coração enorme, Willow. Ash pode ter o maior coração de todos eles. E acho que ,talvez, seja o que o aterroriza mais.

Suas palavras pareciam uma boia e um aviso.

Encorajamento e cautela.

Ele pode destruí-la, mas poderia valer a pena.

Uma voz profunda pigarreou no microfone.

A multidão trovejou e bateram os pés. Assobios e aplausos ricochetearam nas antigas paredes de madeira do edifício enorme.

Esperava ver Austin na frente.

Mas não.

Destacando-se na frente e no centro, estava o homem que não poderia expulsar de minha mente.

Um que podia sentir lento, mas, seguramente, infiltrando-se pela pele, encharcando meu espírito, levando-me completamente.

Invadir e inundar.

Eu sabia que se o deixasse entrar, não voltaria a ser a mesma.

— Como está todo mundo esta noite? — A voz áspera de Ash reverberou sobre o espaço, sacudindo cada alma com



suas palavras. Empurrou a mão de modo casual pelo seu longo cabelo, o sorriso largo.

Embora algo sobre ele soasse com uma vibração predatória. Corpo tão grande. Força emanava em todos os músculos protuberantes.

Sem dúvida, era o guerreiro que tomou o palco.

— Oh meu Deus! — Ouvi Tamar murmurar, atrás de mim. Mas estava em transe, olhando sua reação.

Em vez disso, observava o olhar dele passar pelas faces extasiadas, que o olhavam.

— Parece que houveram alguns rumores sobre meu bem-estar, espalhados por aí. Então, sim, posso ter me metido em um pouco de encrenca, depois de deixar este fino estabelecimento, há algumas semanas.

Ele riu baixo e pensei que fosse jogar, simplesmente, esse episódio, quando sorriu para a multidão.

Insignificante.

O incidente era apenas mais um pontinho no seu dia.

Mas, aqueles olhos azuis percorreram as faces reunidas a seus pés, até seu olhar de aço encontrar com o meu.

Turbulento.

Implacável e sincero.

O local girou.



— Agora sei que sou, geralmente, aquele em pé aqui, vivendo a vida grande e sem um monte de pensamento sobre as consequências. Mas quero ser real por um segundo.

Ele fez uma pausa, encontrou meus olhos novamente.

— A verdade é que não tenho certeza que estaria de pé aqui hoje, se não fosse o cuidado de uma menina. Todos esses rumores que estão ao redor? Bem, não seriam rumores, em vez disso minha banda contaria uma história muito diferente, hoje à noite.

Sangue martelava em minhas veias.

— Ela me salvou e não acho que entendeu ainda o que isso significa para mim. Mas estou com a expectativa de que perceberá, hoje à noite.

Seus olhos me seguraram em uma batida mais longa, antes de virar sua atenção para longe, de volta para a multidão a espera.

— Eu sei que, normalmente, não fico aqui na frente com minha guitarra e que não fazemos covers, mas aposto que vocês estariam dispostos a me acompanhar um pouco, não?

Gritos e vivas vibraram pelas paredes. Um trovão de aprovação. Meu coração acelerado pulou uma batida rebelde.

Deus.

Eu estava em tantos problemas, quando começou a tocar, ele abriu a boca e a voz mais sedutora veio sussurrada.



Ash iniciou um cover de *Snow Patrol "Chasing cars".*

Mas a tocava de modo corajoso e cru. Como um apelo perfeito e torturado. Bateu contra mim com um choque direto para cada um dos meus sentidos. Tudo isso estava embrulhado no homem, no centro do palco.

Um foco de luz.

Um farol.

Sensual e vivo.

De pé lá, vi um homem consumido pelos segredos que mantinha, nos recessos de sua mente.

Indo a uma profundidade que mal me deixou conhecer.

Mas sentia que estavam lá. Escondido debaixo de seu próprio exterior intimidador e impressionante, havia algo sombrio e doloroso, tudo misturado com uma bondade, que achava que talvez ele nem soubesse que possuía.

Ash cantou a música como se pudesse ser sua última.

Com tudo.

Até o momento que terminou, minha garganta estava completamente trancada. Perguntas giravam, através do meu espírito e mente. A confusão tomou conta de mim, nunca foi maior do que no último momento.

Porque peguei o que me dizia.



Mas, de alguma forma, parecia que ele poderia dizer mais.

Ash deu um passo para trás e pegou seu baixo, antes de a banda continuar com o show.

O estilo dessa noite estava tão longe do normal deles, o que normalmente tocavam. Cada música crua e desconectada. Flutuei e nadei pela intensidade.

Onda após onda.

Perdida na *vibe*, na música e nas letras.

Perdida no homem.

Quase me senti chocada, quando a banda, de repente, terminou, com um rugido de aplausos ecoando nas paredes antigas.

E pelo tempo que Ash colocou seu baixo para o lado e saltou da elevação de frente do palco, como se não tivesse ficado muito ferido, eu era uma total bagunça.

O DJ assumiu e uma batida dançante começou a tocar, através dos alto-falantes de cima.

Errático, meu coração acelerou mais e mais rápido, quando Ash cortou a multidão agradecendo, enquanto passeava nela.

Mas, claramente, tinha apenas um alvo na sua mira.

O homem era tão perigoso e vivo.



Atraente.

Magnético.

Uma chama muito brilhante.

Quando surgiu no meio, ele expulsou um sorriso arrogante, destinado apenas para mim.

Juro que senti essa energia me tocar à distância. Não havia absolutamente nada que pudesse fazer, apenas ficar em meus pés trêmulos.

Asas se agitaram na minha barriga. Antecipação e calor.

Pisquei através da realização. Estava animada. Animada para chegar perto de um homem, que não tinha coragem de ficar mais próxima.

O que eu achava que estava fazendo? Preparando-me, mais uma vez, para ser uma tola?

Ele se fez perfeitamente claro. Nossas vidas estavam indo em direções opostas.

Extremos.

Por esses poucos meses, elas se cruzaram no meio. Mas isso não quer dizer que estávamos na mesma página.

Mas ali estava eu, indefesa, quando veio direto em minha direção. Ele não abrandou. Seus passos largos comiam o chão, seus músculos esticando sob a camisa, a cor gravada em sua pele e jogando como uma provocação.



Ele não parou.

E minha respiração se foi, quando mergulhou para baixo e passou seus braços ao redor do meu quadril, levantando-me com seus grandes braços, como se eu pesasse absolutamente nada.

Girou-me ao redor, levantando o rosto com toda a alegria fácil, rindo para mim.

Sem vergonha.

Sem preocupação.

Tudo o que podia fazer era me agarrar a ele.

— Ash, você vai se machucar.

Aquele sorriso.

— Não, baby, você nunca me machucaria.

Eu lutava para assumir o controle das minhas emoções, que foram rapidamente colocadas para fora de controle, quando lentamente me escorregou para baixo, ao longo de seu corpo duro e plano.

— O que você achou?

Acho que você é incrível.

Acho que o verdadeiro você é alguém que ninguém realmente vê.

Acho que poderia me apaixonar por você.

Com muita facilidade.



Tão estupidamente.

— Você foi brilhante. — Sussurrei, sentindo-me corajosa, quando estendi a mão para tocar seu rosto. Procurei aquele mar de azul, a maneira como seus olhos foram direcionados. — Obrigada por me trazer aqui. — Disse.

Suas mãos grandes agarraram-me pela parte de trás das coxas e me puxou perto.

— Pêssego. — Parecia quase confuso, como se não pudesse entender isso, tampouco.

No contato ofeguei, as mãos torcendo em punhos no tecido de sua camisa. As palavras me deixaram, antes que pudesse detê-las.

— O que está fazendo comigo?





13

Ash

Essa era a porra do problema. Não tinha uma única pista do que fazia. Não tinha controle sobre a direção que minhas intenções estavam seguindo.

Maldição.

Estando lá com Willow envolta em meus braços? Esse perfume inundando-me e seu corpo macio dobrado contra o meu?

Eu queria mantê-la.

Apenas por pouco tempo.

Mas sabia que fazer isso seria nada menos do que um pecado, tendo esta menina doce, inocente e a marcando... Corrompendo-a.



Ela queria todas as coisas boas nesta vida, que eu não tinha para dar. Aquelas coisas? Estavam lá fora, em algum lugar, esperando para encontrá-la.

Deus sabia, aquele bastardo não era eu.

Mas isso não me impediu de a puxar para mais perto, murmurando “dança comigo”, quando a levei para a multidão. Uma inclinação rebelde vibrava de mim, com a batida da música pesada. Ela vibrava com o chão e chocou, através de nossos corpos. Faíscas brilharam e aqueles olhos de chocolate brilharam.

Maldição.

Ela era bonita, olhando-me como se visse algo que, simplesmente, não existia lá. Era uma parte de mim que foi enterrada há muito tempo. Era a parte que queria estender a mão, envolvê-la e segurá-la para sempre.

De alguma forma, estar em seu espaço, quase me fez lembrar o que isso era. O vislumbre de esperança que provocava na minha barriga, um medo que me aterrorizava, com o pensamento de nunca deixar ir.

Essa familiaridade.

Ela estava sempre lá, irritando-me, de algum lugar nas profundezas de meu cérebro.

Estava tão perto de reconhecê-la.



Respirando profundamente, deixei minha mão percorrer a curva de sua cintura fina. Ela tremeu com o contato e os meus dedos se contraíram, comichando para mais, quando sabia muito bem que não poderia tê-la.

A multidão, vibrando, nos engoliu. Estávamos perdidos no meio. Para as luzes, as trevas fascinantes e o som hipnótico. Balançando meus quadris, eu a incentivei a me corresponder. Willow balançou, respirou um suspiro ofegante, deixou-me afiar meu joelho entre as coxas.

O que diabos eu achava que estava fazendo?

O problema era não sabia como parar.

A única coisa que sabia era que queria que ela fosse livre. Para sentir o que era para ser sentido. Sem restrições. Livre da besteira da traição daquele idiota Bates. Então, nós dançamos esta delicada e confusa dança, no meio da multidão de corpos e o pulso inebriante do sangue.

A cena inteira era como um prelúdio para o sexo.

Preliminares.

Tórrida, aquecida e descontrolada.

Eu quase podia sentir o cheiro.

Experimentar isso.

Mudei, avançando para mais perto, meu joelho mais profundo entre suas coxas.



Ela endureceu.

Minha boca estava em seu ouvido.

— Eu tenho você, Pêssego. Solte-se.

Ela guerreou, mas podia sentir isso, a tensão delimitadora, através de seus músculos. Pulsando, em seguida, cedendo.

Apertando o meu braço em volta da sua cintura, abracei-a mais perto, minha mão livre naquele rosto lindo.

— Ash. — Exalou. Necessitado e profundo.

Foi a primeira vez que me chamou pelo primeiro nome. Isso me bateu como um bastão elétrico e a puxei para mais perto. Meus quadris foram para cima, apertados contra o dela, batimento a batimento, meu nariz perdido no exuberante movimento sedoso de seu cabelo.

Ela era tão gostosa.

Tão macia.

E essas pernas.

Aquelas longas pernas.

Willow usava um vestido mais curto, bege, fluido e solto, a bainha e as mangas aparadas neste plissado rendado que gritava interior e tinha certeza que deveria parecer recatado e doce.

Não.



Era sexy pra caramba.

Pecaminoso.

E lá estava eu, o bastardo em mim ansioso para o mau.

Fantasias me agrediram. Aquelas pernas em volta da minha cintura, minha língua lambendo-as para cima e para baixo.

Suprimindo um gemido, fiz o meu melhor para manter meu pênis submisso. Para evitar que cada gota de sangue se desviasse para o sul.

Impossível.

Não com seu calor constante contra minha coxa. Não com o lento balanço de seus quadris, batida pesada e instável do peito.

Eu sentia sua respiração vindo mais curta e mais rápida, o seu passo combinando com o meu.

Droga.

Deveria ficar com alguém e fazê-lo rápido. Enviar esta menina em um táxi e mandá-la, de forma segura, para sua casa. Agarrar-me a uma das *groupies,* que invadiram o bar. Estendo a mão e tomo minha escolha.

Fazer isso ajudaria a ambos. O problema era que a única coisa que queria era ela. Foi assim, desde a manhã que me salvou.



— Você me tem tão fora do eixo, querida, — murmurei em seu ouvido — que não sei se estou vindo ou indo. Estou me perguntando o que é que está fazendo para mim.

Willow exalou um suspiro ofegante, mais sentindo do que ouvindo.

— Ash, eu...

— Eu sei, linda, eu sei.

Mas eu não sabia, não realmente. Podia sentir-nos ultrapassar essa linha que coloquei entre nós. Tropeçar nela... Não sabia se queria correr de volta para a segurança, ou deixar-me cair.

Mas chegar perto era perigoso.

Imprudente, de uma maneira que me recusava ser.

Mas nenhum desses pensamentos irritantes me parou de passar o nariz em seu pescoço, inalando o perfume na pele macia, atrás da orelha, traçando a inclinação de seda de seu pescoço.

Pêssegos e creme.

Doce.

Intoxicante.

Meus lábios pressionados contra a carne, sobre seu pulso. Meu pau endureceu, dolorosamente e meu coração bateu no peito.



Minha língua vagou para fora, para um gosto.

Apenas uma pequena amostra.

Seus dedos cravaram em meus ombros e recuei, para encará-la, sabendo que, mais uma vez, empurrei esta menina saudável acima de todos esses limites invisíveis, que foram definidos entre nós como uma armadilha.

Embora, ao contrário de quando fiz isso no meu quarto, desta vez sua expressão não refletia dor. Foi lavada e piscava com desejo, dúvida e essa necessidade louca, fabricada entre nós como uma tempestade.

— Ash. — Foi um gemido.

Luxúria me bateu. Queria beijá-la. Queria beijá-la, intensamente, com minha boca molhada.

— Acho que é hora de levá-la para casa, querida.

Antes que fizesse algo estúpido.

Algo que nós dois nos arrependêssemos.

E merda. Matava-me pensar nessa menina se arrependendo sobre mim.

— Prometi que iria trazê-la aqui, que teria um bom tempo e então te levaria para casa em segurança. Isso é exatamente o que pretendo fazer.

Ela piscou, totalmente chocada, fora do transe que estávamos.



Assentiu, embora parecesse um pouco de dor o que atravessou esse olhar ardente.

— Ok.

Entrelacei seus dedos nos meus.

As chamas lamberam meu braço.

Porra.

Isto era ruim.

Um homem sábio apenas manteria a boca fechada, mas não pude deixar de dizer mais, para tirar aquela sensação de rejeição, que vi piscar em seus olhos. Puxei-a de volta para mim.

— Antes de ir, quero que saiba uma coisa: você é a garota mais bonita, em todo esse maldito lugar.

Deixei meu polegar passar por sua bochecha.

Faíscas matadoras.

— Você sabe o quê, Pêssego? Sabia que é a garota mais linda aqui? Tão sexy e doce. Um olhar para você e não quero parar.

Foi precisamente por isso que precisava tirá-la daqui. Deveria ter a santidade concedida a mim, quando me virei e a levei de volta para a mesa. Porque meu corpo e minha mente gritavam todas as razões para levá-la comigo, quando sabia,



sem sombra de dúvida, que não haveria uma coisa boa sobre isso.

Seria nada mais que egoísta.

Vil e fundo.

Até o momento em que voltamos para mesa, minha tripulação estava de pé, com a cabeça para fora.

— Aí está você, idiota. — Lyrik me deu um soco no ombro um pouco mais suave do que faria normalmente. — Pensei que ia ter que caçá-lo, porque temos certeza que não estamos prestes a deixá-lo entrar em qualquer briga com idiotas esta noite. Última coisa que precisamos é que incite outro estrondo.

— Não, homem, tudo está bem. Você não precisa se preocupar com isso.

Pelo menos por mais um dia.

— Você está pronto para ir, então? Só temos babá até a uma e mamãe e papai devem vir, realmente, muito cedo pela manhã.

Ainda achava tão estranho essas palavras saírem da boca do cara.

Eu ri.

— Ah, o grande e mau Lyrik West se transformou em uma garotinha.



— A garotinha que ficaria feliz em atingi-lo.

— Você gostaria que pudesse me bater, idiota — disse com um sarcasmo brincalhão, apenas sorrindo, quando apertei a mão de Willow, a menina que nos olhava como se fôssemos completamente loucos.

Na verdade, estávamos.

Só um pouco.

— Vamos — disse Baz, deixando uma pilha enorme de grandes notas no meio da mesa.

O modo como o cara as jogou, você pensaria que ficaria falido.

E eu era, supostamente, o único que fora negligente com minha parte.

Nós saímos como um grupo, um cluster turbulento que passava através da espessa multidão. Gritamos despedidas, assumindo, completamente, quando recebemos elogios e aplausos, andando rápido para evitar as mãos de garotas que estavam todas muito ansiosas para serem amigáveis. Algumas dessas meninas não tinham vergonha alguma. Não pensavam duas vezes em fazê-lo bem na frente de Shea, Tamar e Edie, tanto que me irritava.

Aparentemente, um anel em seu dedo significava absolutamente nada, se fosse um prisioneiro da fama.



Mas Baz, Lyrik, e Austin... Tornaram-se profissionais. A única coisa que ofereceram foram sorrisos de boca fechada e um olhar que gritava nada.

Toda vez que alguém tentava prender minha atenção, Willow lançava um olhar cauteloso em minha direção. Obviamente, perguntando-se o que iria fazer.

Se eu pegaria ou negaria.

Como se eu fosse fazer algum movimento idiota e a largasse por um caso de uma noite.

Como se tivesse estômago para isso, de qualquer maneira.

Lá fora, a noite esfriou. Escuridão pendurava como uma cortina do céu, um sem fim, salpicado com um spray de estrelas. Postes iluminavam os paralelepípedos. Eles lançavam picos de luz para o nevoeiro, que se levantava à partir do rio Savannah.

Havia algo assombroso sobre este lugar à noite. Reconfortante de uma forma escura, misteriosa.

Eu apreciava isso.

Pensei que talvez fosse me sentir sem sorte, tinha algumas reservas de sair para a noite profunda, densa, após o que aconteceu três semanas atrás.

Mas não.

Sentia-me bem.



Certo de uma forma que não estive em um longo, longo tempo.

Olhei para Willow, que andava ao meu lado. Sua mão estava na minha, seu rosto deslumbrante virado para o céu, os olhos fechados, como se respirasse a beleza. Como se fosse uma parte dela, em vez de apenas uma observadora linda.

Meu peito apertou.

Droga.

Risos ecoaram nos tijolos exteriores desgastados, quando todos conversavam em voz baixa. O clima se transformou em algo tranquilo quando saímos do bar barulhento. Casais se aconchegaram uns aos outros, quando terminaram sua noite fora, Zee na frente acompanhando, as mãos enfiadas nos bolsos.

Paz.

Não tinha muito disso na minha vida. Mas, certamente, naquele momento? Flutuava nele.

Boas noites foram compartilhados e todos entraram em seus carros.

Abri minha *Navigator* e ajudei Willow a entrar, tentando ignorar o modo como meu corpo despertou consciente, quando o fiz.



Percorri a frente e pulei dentro, liguei o motor e me dirigi para a pequena casa onde fui buscá-la mais cedo. Silêncio nadou entre nós, tão complexo quanto a noite.

Tranquila e cheia, sem perguntas.

Finalmente, quebrei-o.

— Obrigado por ter vindo esta noite.

Ela me deu um daqueles sorrisos gentis.

— Esta noite foi incrível. — Mordeu o lábio, que ameaçava tremer. — Às vezes, ficamos tão confortáveis atrás de nossas armaduras, que nos esquecemos de que precisamos sair delas, para realmente viver.

Olhei-a.

— É isso que está fazendo, Willow? Escondendo-se?

Ela parecia contemplar um momento, antes de falar.

— Não acho que foi consciente ou qualquer tipo de decisão deliberada que tomei. Mas parece que tudo aconteceu tão rápido. Parece que cada vez que virei, perdi alguém que amava. Meu papai. Minha irmã. Minha mamãe. Bates. Uma perda após a outra, até que chegou a um ponto onde a única coisa que fazia era respirar. Acho que ficava reclusa, à medida que meu mundo se fechou em torno de mim. Era mais fácil ficar lá.

Um milhão de perguntas giravam em minha mente.



Ela me encarou. Aberta. Honesta.

— Mas isso não é onde quero estar.

Meu instinto cerrou.

— Pêssego.

— Não sinta pena de mim. Lembra do que te disse? Nunca confunda quebrado com fraco.

Engoli, passando o nó que, de repente, cresceu em minha garganta, superado pelo fato de que esta menina reservada estava me permitindo ir um pouco mais profundo. Um pouco mais adiante.

— Irá me dizer sobre isso?

— Isso seria uma longa história terrível para dizer tão tarde em uma noite.

Levantei uma sobrancelha.

— Se você já não assumiu isso sobre mim, sou uma espécie de coruja de noite. Todo ouvidos, querida. Todo ouvidos.

Seu sorriso se alargou um pouco, antes de cair plano e Willow inclinou a cabeça para a rua.

— Ok, então... Minha mãe. Ela mora naquela rua.

Acho que quando disse que perdeu sua mãe, assumi que estava morta.

Perdido, olhei-a.



— Ela vive nesta casa histórica bonita toda feita de antiguidades e relíquias. Iria adorar isso, se só sua mente e corpo estivessem lá para se divertir. É uma instalação de cuidados de longo prazo, que está vestida como uma casa singular. — Seu sorriso era fraco e explicou. — Como se o ambiente pudesse esconder o fato de que nunca sairá da cama de novo.

Simpatia me agarrou, minha voz firme.

— O que aconteceu com ela?

— Ela tem MS.[4] — Balançou sua cabeça. — Nunca imaginei que poderia consumi-la do jeito que fez. Às vezes, sinto-me culpada e a parte mais difícil para mim é observá-la, lentamente, perder sua memória. Vendo-a confusa e agitada.

Sem dúvida, esta menina me confiava coisas que certamente e raramente confiava para alguém.

Deveria impedi-la. Sabia que deveria. Mas apenas fiquei lá, como o bastardo maldito que era, em silêncio, pedindo-lhe para compartilhar mais de si mesma.

Sua voz flutuou na tristeza.

— Mata-me ir até lá, porque ela parece estar presa no passado a maior parte do tempo... Em seus sonhos. Sonhos que tinha para mim e minha irmã, que nunca aconteceu. A maioria de seus sonhos eram simples. Iguais aos meus.

[4] Esclerose múltipla



Passei meu braço pelo console e apertei sua mão.

— Realmente, sinto muito.

Ela sorriu para mim.

— Eu também.

— E sua irmã?

Estava empurrando-a. Mas não podia parar. Não foi possível parar esta troca ou essa sensação de que estava me dando. Talvez, apenas por estar lá, oferecia-lhe algum tipo de conforto.

Instantaneamente, arrependi-me da pergunta.

Porque Willow, fisicamente, encolheu-se.

Um sopro de corpo inteiro.

Como se atingisse seu rosto.

Sua voz era áspera e forçada.

— Ela morreu há muito tempo e isso é algo que é difícil falar. Com qualquer pessoa.

Porra.

Passei a mão pelo cabelo.

— Isso é horrível, Willow. Estou tão arrependido. — Encarei-a, perguntando por que não podia, simplesmente, calar a boca. Por que essa menina obrigava-me a me abrir totalmente. — É difícil para mim falar sobre minha irmã, também. — Admiti.



Ela franziu o cenho.

— Edie?

Sabia o que ela estava pensando. Edie parecia muito bem. Mais feliz do que poderia ser. Que saiba, ela era, o que também me fazia tão feliz.

Mas ainda...

Ambos os ombros levantados com a confissão.

— Eu fui responsável por um episódio muito ruim em sua vida. Merda, gostaria de poder retirar isso. Voltar no tempo e parar. Mudar. Mas não posso e isso me mata.

A atenção de Willow se perdeu para fora do para-brisas, no spray de luzes sombrias que se espalharam para fora à nossa frente, o intangível guiando o caminho. Sua voz era subjugada.

— Eu gostaria de poder voltar atrás e mudar tanto. Cometi tantos erros.

Meu sorriso era sombrio.

— Fiz alguns eu mesmo.

Um milhão.

Demais para contar.

Erros que passaria o resto da minha vida pagando.

Instinto disse-se que Willow se sentia, exatamente, da mesma maneira.



Estacionei na calçada, em frente à sua casa, o pesado ronco do motor, o pano de fundo por trás do silêncio que desceu, escuridão invasora de todos os lados.

Essa estranha conexão surgindo também.

Conforto e paz.

Depois de alguns segundos, ela, timidamente, espiou por cima de mim.

— Não... Você quer entrar?

Merda.

Merda. Merda. Merda.

Queria bater a cabeça no volante. Talvez enterrar-me em um barril sem fundo de cubos de gelo e água. O que, realmente, queria era apenas dar-lhe algo.

— Acho que seria uma má ideia.

Quem pensaria que me tornaria sábio?

Mas se alguma vez tomei a decisão correta, foi agora.

Dor atravessou suas feições delicadas. Como se fosse apenas aprofundar os cortes que já sofreu. Como se estivesse mexendo, querendo curá-los, disposta a se machucar de novo, no processo.

— Ok, — Sussurrou, antes de abrir a porta, com a intenção de deixar escapar tudo o que foi deixado por dizer.



Sem pensar em todas as consequências, estendi a mão, uma gananciosa e passei em seu cabelo, profundo o suficiente para que pudesse colocar a palma em sua nuca.

Forcei-a a olhar para mim.

Porra. Willow era linda, com os olhos selvagens, respirações afiadas e espírito quebrado.

— Eu quero. — Emendei com a verdade, adentrando mais em seu espaço.

Nariz com nariz.

Respiração contra respiração.

— Deus, eu quero.

Meu tom endureceu com fúria precisa sobre a menina que contraía cada célula do meu corpo.

— É o que você realmente quer, Pêssego? Se é o que realmente quer, eu a seguirei direto para sua casa. Atiro o seu corpo pequeno e gostoso sobre meu ombro, levo-a lá em cima, jogo-a para baixo e a faço gozar. Passaria a noite inteira fazendo-a implorar e gritar meu nome.

As palavras soaram como um sussurro na minha garganta, enchendo o espaço como flechas de tortura delirante. Golpeando um após o outro.

— Eu ia te fazer gozar. De novo e de novo.



Suas respirações eram curtas, que inalei, cada parte de mim querendo sugá-la.

— Mas você sabe que não é perto de ser o que quer, Willow. Não está perto de ser o que merece, porque não estou perto de ser aquele cara. No final, a única coisa que eu faria é machucá-la. Então, agora fingirei que não quero tanto te foder que mal posso ver, para que possa fazer exatamente como prometi e levá-la à sua porta e deixá-la.

Consciência despertou entre nós, como um curto-circuito.

A energia frenética bateu contra nossa pele, formigando.

Ela ameaçou levar-nos a lugares que não poderia ir.

Ameaçou me fazer sentir coisas que não tinha certeza de que já senti.

Coisas que eu não podia.

Assim não.

Não desta maneira.

Precisando quebrar o encanto que a menina tinha sobre mim, limpei a garganta, puxei a mão e desliguei o motor. Soltei-me do cinto de segurança, passei a frente do SUV e a ajudei a descer.

Nós não dissemos nada, enquanto a levava até a porta, presos em nossa própria luta pelo controle. Quando Willow parou, chave na mão, mergulhei e pressionei meus lábios em



sua testa, respirei sua doce inocência, que só reforçou minha determinação.

— Você merece algo melhor do que o que tenho para dar.

Ela segurou uma única mão em minha camisa, até que, relutantemente, afastei-me.

Então a deixei lá como prometi, lutando contra a sensação de coceira, angústia queimando em meu sangue. Dei o máximo de mim para não virar e correr de volta para ela, quando ouvi a porta ranger aberta e depois se fechar atrás dela.

Cautelosamente, olhei por cima do ombro. Uma luz acendeu em uma janela do andar de cima e sua sombra dançou, por trás da cortina.

Fiquei ali, olhando-a. Um tremor passou em minha espinha. Gavinhas finas e esticadas afundaram seus dentes em minha pele.

Porque era o certo, não?

Instinto me dizia que esta menina poderia brilhar muito.

E eu estava preocupado que iríamos nos queimar.





14

Willow

— Então, tenho uma boa notícia e uma má. Qual você quer primeiro?

Vacilei em sua porta, com o coração na garganta, não sei onde estaríamos esta manhã, mas, com certeza, seria estranho.

Aparentemente não.

Ele ficou lá, todo sorriso e sensualidade, garantindo que, qualquer que seja sua "má notícia," não podia ser de todo mau. Calor fácil pulsava dele, em ondas. Assim, brilhante como o sol que subia ao céu, atingindo-o em raios de luz.

Ele esticou os braços para os lados e jurei que a intrincada teia de tatuagens cantava todas suas músicas. Músicas que fiquei quase desesperada para saber as palavras. Essas cores puxaram contra o músculo desmedido,



sua camisa tão apertada e tão apertada como a calça jeans em cada centímetro de seu corpo tonificado.

Não deveria olhar.

Mas isso se tornou uma façanha impossível, especialmente depois da maneira como me virou de dentro para fora, na noite passada.

Ele me fez querer experimentar coisas que, certamente, nunca experimentei antes. Era enervante.

Ontem à noite, mal dormi. Virava no vão da cama, com um desejo tolo pelas lascivas promessas escandalosas, que murmurou para mim como ameaça. Parte minha queria calá-lo e fechá-lo, enquanto uma voz rebelde, escondida em meu interior, saltou sussurrando: você sabe que gostaria de saber o que é isso.

A parte mais assustadora é que estive tão perto de implorar, para que fizesse bem todos esses avisos. Só queria sentir algo bom e ter coragem de sair e levá-lo.

Nervosa, passei os dentes sobre o lábio inferior e forcei um sorriso, que não me fez sentir tão mal.

— Você não sabe a resposta para isso? Que a má notícia vem em primeiro lugar? Você sempre dá a má notícia em primeiro lugar.



Ele deu um passo para trás sorrindo e não hesitou em segurar minha mão na sua. Como se pertencesse lá o tempo todo.

— Acho que não deveria perguntar então, porque tenho certeza que a boa notícia vem em primeiro lugar, neste caso.

Era tudo provocação fácil.

— Agora, não fique muito preocupada, porque não é um grande negócio, honestamente. Tudo é apenas parte da minha vida, querida. E desde que você sai comigo, faz com que seja uma parte dela também.

Curiosidade espiou de dentro de mim e uma inquietação surgiu.

— Ok. — Disse, permitindo que me levasse para as profundezas da sua deslumbrante casa.

Ash me arrastou pelo corredor largo e saiu no meio do piso inferior, passamos por meio das portas giratórias e entramos na cozinha e sala grande, que era do tamanho de toda minha casa. A cozinha era de aço inoxidável preto, com bancadas de mármore branco. Os armários e acentos de madeira foram esculpidos, para manter o estilo country vivo.

Um contraste perfeito entre o antigo e o novo.

Ele girou no meio da cozinha e caminhou para trás, enquanto falava, querendo claramente que o seguisse.



— Então, como disse, nós temos algumas boas notícias e más notícias. A boa notícia é que dei, totalmente, algo de verdade para os *paparazzi* falarem. Estão todos alvoroçados esta manhã, com um monte de fotos que foram tiradas da Sunder no palco. Nós colocamos para descansar todas as mentirosas especulações que Sunder vai acabar ou que me substituiriam.

— Isso é bom. — Disse, acenando com a cabeça enfaticamente, ainda torcendo as mãos, enquanto esperava a parte ruim da notícia.

— Sim. É. — Ele hesitou, puxando uma respiração profunda, que ampliou seu peito, antes de começar a falar. — Veja, eles só gostam de torcer as coisas para caber nas próprias agendas. Inclinam as histórias para qualquer direção que lhes ganham maiores acessos.

Criar mais bagunça, mentiras nos seguem, praticamente desde o segundo que *Sunder* tornou-se grande. E não vou ficar aqui e fingir que não fiz coisas obscuras em minha vida, porque tenho certeza que está bem ciente disso. Mas vamos apenas dizer que, por vezes, essas histórias são distorcidas.

Senti a carranca perplexa puxando minha testa.

— O que está dizendo?

— Estou dizendo que nos viram juntos ontem à noite e, aparentemente, pareceu mais intrigante do que o show real.



— Passou a mão pela bagunça de cabelo. — Porra, é sempre assim. As coisas ao redor são muito mais interessantes do que no palco.

— Ok. — Eu ainda esperava, torcendo as mãos.

Encarou-me com aqueles olhos potentes.

— Isto é apenas rotina para mim, Willow. Algo que, praticamente tenho que lidar, cada vez que saio da privacidade da minha casa. Mas não sabia como você reagiria.

Ash encarou o chão, antes de olhar para mim.

— Pense que, na noite passada, fiquei um pouco distraído para pensar nisso.

Ele disse como se não fosse tabu o assunto que precisávamos evitar.

— O que disseram?

Agarrando minha mão, puxou-me para frente.

— Dê uma olhada por si mesma.

Ele virou o laptop, que estava aberto na ilha.

Minha frequência cardíaca ficou errática. Não podia discernir se era por causa dos nervos sobre o que encontraria, ou porque entrei no espaço de Ash.

Porque comecei a orbitar sua atmosfera.



Seu grande corpo movia-se perto de mim. Sua respiração soprou os fios soltos do meu cabelo e resvalou pelo pescoço. Ash colocou as duas mãos sobre meus ombros, como se me preparasse, pronto para me apoiar em tudo o que precisasse.

Um tremor rolou, antes do choque de ar sair dos meus pulmões e meus olhos focaram na tela.

A guia foi aberta em um site de celebridades, que mantinha os fãs vorazes e insaciáveis por fofocas, informando sobre atos sujos de seus *super stars* favoritos.

Havia duas fotos da banda no palco. Mas não foi para onde o foco foi direcionado.

Não.

Ele visava a imagem granulada, preenchendo a maior parte da página. A imagem era escura e sombria, mas inconfundível.

Era uma imagem ampliada de Ash e eu, na pista de dança e claramente roubada por alguém na multidão.

Estávamos peito a peito.

Suas mãos estavam em meus quadris e seu rosto estava enterrado no meu cabelo.

Não sabia se me horrorizava ou mudava nos meus pés instáveis, quando olhei para a visão erótica, apresentada para



todos verem. Com certeza nunca usei esse tipo de expressão como a que estava na foto.

Era como se estivesse em algum tipo de êxtase, que nunca senti, levando-me para um lugar onde estava livre e viva.

Sexy.

Procurada.

A boca ficou seca e com mão trêmula, estendi-a e rolei para baixo. Havia outra, abaixo dela, que capturou a todos, quando saímos do bar. Fios difusos de luz escorriam, através da neblina, iluminando o grupo em um brilho amarelado, *Sunder* parecia tão grande, mau e bonito, em uma riqueza de poder e mistério escuro, na noite profunda.

Mas foi a última que foi ampliada e recortada, que engatou minha respiração.

Ash apertou meus ombros, um lembrete de que estava lá.

Esta imagem foi desfocada do resto e pensei que, talvez, devesse parecer muito menos interessante.

Maçante e chata.

Porque era tão simples. Um ato mundano.

Ash e eu estávamos de mãos dadas, enquanto caminhávamos pela calçada de paralelepípedos.



No momento, parecia inocente. Natural.

Vê-lo agora...

Minha cabeça inclinou-se para trás, quando bebi na expansão infinita de estrelas e me lembrei que fechei os olhos, para salvar aquele momento perfeito no meu cérebro. Então, sempre lembraria do jeito que me senti ali de pé, a seu lado.

E Ash... Ash Evans olhava para mim.

Emoção tomou-me como um tornado.

Os homens não me olham assim.

Bates, certamente, nunca olhou.

Este foi capturado por acaso. Interpretado errado.

Não era real.

A parte mais assustadora de todas foi perceber, então, que queria que fosse.

Minha atenção viajou para o título.

Seria o último bad boy, finalmente, domado?

Sexo, drogas e rock 'n' roll.

Ash Evans, da Sunder Fame, não é estranho a qualquer um desses, por isso, não foi surpresa quando o roqueiro famoso, recentemente, encontrou-se em mais águas quentes, quando foi agredido, na madrugada de 23 de agosto, perto de sua casa de férias em Savannah, Georgia. A briga ocorreu na



frente de Comfort Contemporany, uma loja de antiguidades, no distrito histórico. A proprietária o encontrou espancado e alertou as autoridades.

Rumores que o baixista encontrou a morte foram desfeitos, quando se juntou a Sunder para um acústico, ontem à noite, em um bar local, no centro de Savannah.

Não é nenhum segredo que o bad boy teve mais do que seu quinhão de mulheres. Ele disse, recentemente: — amo as mulheres e elas me amam. Não peço desculpas. Simples assim.

Embora, o que sempre se manteve mais aparente, é a forma como gosta de deixá-las.

Mas pressionaríamos muito para encontrá-lo olhando tão aconchegante, como fez após o show da noite passada com ninguém menos que Willow Langston. Sim, a proprietária de Confort Contemporany.

É este um caso clássico de obrigação, ou, talvez, o apologético solteirão sem remorso, finalmente, encontrou seu par?

Sinto muito senhoras, só o tempo dirá.

Silêncio pairou ao nosso redor, até que me deixou compreender o que o artigo implicava.

— Você está brava? — Murmurou contra o topo da minha cabeça.



— Como poderia estar brava com você sobre isso? Estávamos apenas dançando. Celebrando, por ser capaz de voltar a um palco.

Isso é tudo o que era.

Certo?

Mas meu coração tremendo pensou que talvez ele tenha reconhecido a diferença.

A respiração que Ash lançou era quase dolorosa e pressionou os dedos com mais força em meus ombros. Massageando. Persuadindo. Exigindo. Como se quisesse questionar a colocação que fiz.

—Willow, — pronunciou meu nome com cuidado. — Sei que você é discreta, querida e que prometi que isso não era grande coisa, mas como apontou antes, só porque algo pode não me incomodar, não significa que não irá te incomodar.

Deus, Ash tinha um coração tão conflitante, confuso.

Tão indulgente e indiferente.

Tão atencioso e gentil.

— É só que... — Esforcei-me para dar sentido à minha própria confusão. — Um dia... Quero o que essas imagens sugerem. Quero alguém, realmente, olhando-me dessa maneira. Seus amigos... A maneira como eles se amam... A maneira como falam sobre suas famílias. Seus filhos.



Minhas palavras reduziram-se a um sussurro ansioso. — Para mim, não há nada neste mundo mais bonito do que isso.

Lentamente, Ash virou-me em sua direção. Sem dúvida, reconheceu o que estava na minha expressão.

Saudade.

Esse olhar comandando, acorrentando, amarrando-me de uma maneira que não entendia.

Senti-me presa. Exposta. Vulnerável. Como se cada desejo que já pedi aos céus, acabasse de ser colocado a seus pés.

— Willow. — Sua voz era um arranhão cru, no fundo de sua garganta. O belo corpo avançou cada vez mais perto, roubando o pouco de ar que foi deixado no quarto.

Sua presença rodou pela minha cabeça, anseio tranquilo misturando-se com um choque ousado de desejo.

Meu peito arfava.

Timidamente, estendeu sua mão, a grande mão sobre minha bochecha, persuadindo meus olhos a observar o brilho de seu olhar. Este homem intoxicante e hipnotizante.

Exalando duramente, aproximou-se tão perto, que senti o martelar de seu coração.

Ele passou o polegar por baixo da cavidade do olho.



— Pêssego. — Desta vez, quando disse isso, sua voz vibrou com algum tipo de dor desconhecida. — Então, isso é realmente o que espera. — Disse sem um pingo de dúvida. — A parte da família.

Umidade reuniu em meus olhos. Eu não podia parar. Este homem viu, através de mim, em todos os lugares que eram crus e doloridos.

— Esperei por tudo isso. Amar. Família. É a única coisa que sempre quis.

— Aquele cara foi um idiota. — Essas palavras quase vieram com um sorriso terno.

Ri, quando olhei para aquele homem que fazia algo para mim, que não deveria ter o poder de fazer.

— Bates roubou tudo de mim, Ash. Meu dinheiro. A casa da minha mãe. Todas as coisas que guardei. Mas acima de tudo... O que mais me machucou? Ele roubou a família que deveríamos compartilhar.

Inclinei a cabeça, enquanto o estudava. Aquele que deveria ser nada mais do que um estranho. Eu estava compartilhando coisas com ele, que eram intensamente privadas. Mas de alguma forma sabia que protegeria esse conhecimento em suas mãos grandes e capazes.

— Tudo o que sempre quis era ser mãe. Desde que era uma garotinha... Brincando e sonhando, evocando histórias



com minha irmã do que seríamos. Seus sonhos eram selvagens. Grandes. Aventureiros. E os meus... Eram simples e pequenos.

Trazê-la para a história quase me fez sentir como uma confissão suja. Pensamentos de sua vida me trouxeram tanta tristeza. Assim, muitos arrependimentos. Mas estava cansada de manter tudo enterrado. Cansada de ir para lá sozinha.

— Tenho vinte e oito anos, Ash. — Quase soou como uma súplica. — Dez anos atrás? Juraria que agora já teria uma casa cheia de crianças. Correndo soltas. Seria agitado e confuso e desejava isso, enormemente. Às vezes paro e olho ao redor e me pergunto, onde foi que errei? Como acabei neste lugar em que nunca imaginei que estaria, em vez de construir uma família? Toda vez que me viro, parece que só perco alguém. E sei que tenho apenas vinte e oito, mas há dias que acordo e me pergunto se nunca vou encontrar alguém que, realmente, irá me amar. Alguém que não vai me deixar.

— Pêssego. — Foi um sussurro. Seu próprio apelo.

Minha boca tremia com um sorriso triste. Sabia que me fazia parecer uma tola, mas esse homem, de alguma forma, entendia tudo.

— Minha reunião de escola será em duas semanas e nem sequer sou capaz de ir. Parte disso é saber que Bates estará lá. Mas mais do que isso? Vai ser um lembrete de tudo



que perdi. Um lembrete das coisas que tinha tanta certeza de que conseguiria até agora.

Não o dinheiro, coisas financeiras ou materiais.

As coisas preciosas, que não tinha certeza de que um dia teria.

Baixei os olhos.

— Deus... Soo tão patética. Fraca.

Sua cabeça balançou lentamente.

— Não fraca, querida. Apenas ferida.

Um riso sufocado saiu de mim, em uma onda de tristeza e consegui dar um pequeno sorriso.

Porque é o que esse rapaz fez para mim.

Ele me fez ter esperança.

Despertou algo dentro de mim, que esteve ausente por tanto tempo.

Talvez, para sempre.

Mãos grandes enquadraram meu rosto.

— Talvez seja hora de alguém devolver o favor. Juntar seus pedaços de novo.

Tudo parecia tão apertado, o ar, sua espera e o momento que parecia nos ligar.

A espera da viagem para o invisível.



Seu olhar aquecido brilhou.

— Willow. — Murmurou, olhos procurando. Hesitando, antes que algo cedesse.

E eu não estava preparada.

De modo nenhum.

Mas aquela boca perigosa, de repente, estava na minha.

Lábios, calor e luz ofuscante.

Um suspiro necessitado me deixou e a frequência cardíaca saltou.

Minhas mãos seguravam seus pulsos, quando manteve meu rosto em sua firme segurança, recusando-se a deixar-me ir.

Ash me beijou suavemente. Cuidadosamente. Como se aquele simples toque pudesse restaurar algo dentro de mim.

Derreti contra ele. Esse poderoso corpo me pressionou com mais força contra o balcão e o deixei. Ash deve ter tomado isso como um convite, porque a demanda de sua boca tornou-se urgente.

Seus dentes beliscaram meus lábios e suas grandes mãos passavam por meu cabelo. Ele os segurou firmemente, pendendo minha cabeça para trás.

Com um suspiro ofegante, meus lábios se separaram.

Sua língua quente inclinando contra a minha.



Chamas.

Senti-as em todos os lugares. Queimando-me por dentro.

Minha pele estava em chamas.

Seu domínio possessivo.

Beijo impiedoso e reivindicando.

Devastador.

De cortar a mente.

Beijou-me, até que meu espírito vibrou e minha alma foi acertada. As mãos carentes emaranhadas em meu cabelo, enquanto nossos corpos abalavam, armavam e se agitavam.

A única coisa que eu queria, era mais.

E muito mais, com este homem caótico, era a última coisa que precisava.

Ele iria me destruir.

Eu sabia.

Eram todos iguais.

Ash recuou um pouco. Suas mãos passaram pelas minhas bochechas. Segurou-me lá, encostando sua testa na minha, ofegante, buscando ar.

— Finja comigo, Pêssego. Finja comigo.



Confusão distorceu meu julgamento já nublado e me agarrei mais apertado nos pulsos dele, para não cair no chão.

— O que?

— Finja comigo. Finja que tudo o que o artigo disse é verdade. Finja que você é minha e sou seu. Que domou o último *bad boy*. Vamos em sua reunião e mostrar para aquele bastardo, exatamente o que perdeu. O que está perdendo. Deixe-o saber que ele é o perdedor, em seu próprio jogo.

Ele passou a língua pelos lábios inchados.

— E depois de dois meses, quando terminar este trabalho, quando você deixar sua marca na minha casa, com seu talento incrível, pode quebrar, publicamente, com a estrela de rock mais famosa do mundo. Porque você e eu sabemos que ele não chega perto de ser bom o bastante para você. Vamos. Vamos mostrar a Bates e à cadela, que ambos podem ir se foder.

Apertou seus olhos e quase implorou.

— Finja comigo.

E se você me machucar?

E se eu me apaixonar por voce?

E se quiser que você fique?

Todas minhas reservas uivavam e rugiam.

Tudo o que sempre quis era ser amada.



Completamente.

Para amplificar esse amor, que lhe dei em troca.

Para dar esse amor e transformá-lo em algo brilhante. Para alimentá-lo com vida.

Este homem oferecia-me uma versão falsificada disso.

— Isso não vai mudar o fato de que essas imagens são uma mentira. — As palavras estavam apertadas, quando as forcei entre meus lábios.

— Então vai ser nossa mentira. Nossa. Eu quero tentar. Deixe-me tentar colocar alguns desses pedaços juntos, novamente. Fazê-la lembrar quem você é. Agitá-la para fora da sua concha, assim estará pronta, quando o cara vier lhe procurar.

A última dessas reservas gritou.

E se eu quiser que ele seja você?

Seus lábios tocaram os meus.

Suave. Doce. Fogo.

— Por favor. — Disse-me.

— Ok.

Cedi, antes que minha autopreservação pudesse ter uma palavra a dizer.

Porque Deus, se fosse honesta também, queria um pouco do que ele me oferecia.



Então ele colocou a boca de volta na minha. Marcando-me, com a magnitude de seu beijo. Uma centelha de esperança brilhou.

E sabia que não importava quando acabasse, nunca mais seria a mesma.





15

Willow

Sentei-me na cadeira e fechei o livro no colo.

Sheila me enviou um sorriso carinhoso.

— Adora, quando você lê para ela. Sua mãe tem um sono melhor, todas as vezes que faz isso. Ela te ouve, respondendo-lhe ou não.

Olhei para minha mãe, a boca escancarada, queixo inclinado para o lado. Dor apertou meu coração.

— Eu sei.

Sheila deu um tapinha no meu ombro.

— Você é uma boa filha, Willow. Não há um monte de pessoas que perdem um tempo para fazer isso.

Isso era algo que não conseguia entender. Porque me sentava lá? Sentia-me impotente. Desejando que pudesse



mudar seu mundo e não havendo absolutamente nada que pudesse fazer.

Mama agitou-se em seu sono superficial, gemendo o nome da minha irmã.

— Summer.

Cada célula do meu corpo se apertou.

— Shh... — Murmurei, enquanto acariciava seus cabelos para trás. Dando-lhe conforto da maneira que Summer e eu sempre desejávamos dar.

Summer balançou Willow em sua pequena cama de solteiro.

— Shh... — Disse-lhe. — Foi apenas um sonho ruim.

Willow engoliu os soluços, tentando mantê-los quietos, sabendo que sua mãe gostaria de vir até ela. Iria se preocupar, aborrecer-se, então fingiria que estava tudo bem.

— Eu não gosto quando ela está doente.

Summer beijou sua têmpora e passou os dedos pelo cabelo de Willow.

— Mama não gosta disso, também. Ela odeia. É por isso que nós temos que ser fortes por ela. Ficar juntas.



— Mas você se foi tantas vezes...Não gosto de estar sozinha aqui. Especialmente, quando mama fica triste.

Sua mãe ficou triste desde que seu pai as deixou, uma vez que suas mãos pararam de funcionar do jeito que precisava delas. Mesmo que tentasse esconder, Willow ainda a ouviu murmurar, preocupando-se que ela não sabia como iria manter a loja.

— Tento ajudar de todos os modos que posso. — Willow prometeu.

— Eu sei que está. Você é um anjo para mama. Sabe disso? Trabalhar lá ao seu lado. Ela está orgulhosa de você.

— Ela está orgulhosa de você, também.

O silêncio pairou espesso no ar, o desacordo de Summer ainda estava aparente.

— Quero fazê-la orgulhosa. Apenas não estou certa de como fazer isso.

Desde que tinha treze anos, Summer saía muito, deixando Willow sozinha. Mais e mais. Mas ela sempre entendeu que os sonhos eram diferentes e não era sua obrigação fazer a irmã mais velha mudar os dela.

— Mama só quer você feliz. — Disse Willow.

Summer ligou seu dedo mindinho com o de Willow, sua voz saiu tranquila, como um segredo.



— Estou tentando ser. Só não sei porque sinto que me esqueci o que é isso.





16

Ash

Por todas as coisas sagradas.

A mulher era um templo doce da tentação.

Estendi a mão para ajudá-la a sair do assento baixo do meu carro.

Então, sim, tirei meu carro preferido da garagem, especialmente, para esta ocasião. Porque, se estávamos assumindo algo, assumiríamos com tudo.

Mas meu *Maserati* não era nada, comparado à menina que me olhou com um sorriso tímido, enquanto girou e deixou as pernas luxuriosas para fora, tão longas, tonificadas e adornadas nestes super altos saltos de tiras, que eram uma tentação, deixando-me duro.

Segurei-a por todo o trajeto a pé com um pouco mais de força do que o necessário. Ok, talvez com apenas a



quantidade certa, porque ela se atrapalhou, tropeçando em minha direção.

— Oi — Provoquei, um sorriso levantando canto da minha boca.

— Oi. — Sussurrou tão baixo, que mal pude ouvir.

Ou, talvez, ocupei-me, sentindo um bom aroma de pêssegos, amando o jeito que seu cabelo foi puxado para o alto, na parte de trás de sua cabeça, em uma torção sexy e confusa, o comprimento balançando pelas costas.

Pescoço exposto.

A menina mostrava um decote que passava entre seus lindo seios e me fazia querer beijar entre eles.

Oh, sim.

Passei toda a viagem imaginando a forma mais rápida para tirá-lo de seu corpo.

— Você está com tudo. — Disse-lhe, puxando sua mão para mais perto, nossos lábios perto de se tocarem.

— Estou com tudo. — Ela reiterou.

Senti até na alma que ela fez essa promessa com orgulho, sacudindo-me, abalando-me, esse orgulho que não podia deixar de sentir por esta menina.



Coloquei um braço em volta de sua cintura delgada, puxando-a contra mim e tentei não gemer, quando pressionei a boca contra a dela.

Fingindo.

Parecia que fingir não era tão difícil, quando tinha uma menina como essa ao meu lado.

Então passei os últimos cinco dias praticando esse fingimento que faríamos esta noite, beijando-a longo e lento, a cada chance que tive. Roubando sua respiração. Vagando um pouco mais nas águas turvas de sua mente.

Através de sua perda e tristeza que, apenas comecei a entender.

Desejando que tivesse o poder de erradicar tudo.

Sabendo que não tinha a menor chance.

Apoiei a mão na parte baixa das costas.

— Vamos mostrar para esses idiotas quem é a verdadeira Willow Langston.

— A verdadeira Willow Langston? Acho que pode ser apresentada a versão falsa, envenenada de Willow Langston. Não tenho certeza que há um monte de verdade acontecendo esta noite.

Riso retumbou em meu peito.



— Oh, querida, esta é, definitivamente, a versão sexy, mas de onde estou de pé, não acho que haja algo falso sobre isso.

Deixei o meu olhar percorrer de cima a baixo o comprimento do seu corpo de dar água na boca. Esta noite seria uma longa noite. Tinha que me lembrar que estava apenas fingindo que ela pertencia a mim.

Porque esta menina merecia mais.

Willow merecia tudo.

O problema era: meu pau não parecia saber a diferença.

Ela deu uma daquelas batidas suaves, perniciosas, no meu peito, antes de se aconchegar mais perto.

— Você está me provocando? — Perguntou, olhando-me, com a cabeça apoiada no meu ombro, os olhos de chocolate tão cheios de calor e facilidade inesperada.

Como se meu ser não tivesse uma relação direta com seu humor.

Como se, talvez, estivesse dando-lhe algo de volta.

Fazendo algo bom.

Essa energia brilhou.

Consciência passou entre nós.

Amarrada, carregada de alta tensão.



Porque eu estava aqui, passando por uma linha perigosa.

Mas foi essa familiaridade, que girou através de meus sentidos mais profundos, naquele lugar que estava escuro, quieto e reservado e me incitou a dar outro passo.

— Acredito que você tem a coisa toda de provocação virada do avesso. Olhou para si mesma no espelho, antes de eu te buscar? Você não sabe do que as fantasias são feitas? Um olhar, um bebê e me traz de joelhos.

Vermelhidão tocou suas bochechas. Algo doce, terno e tímido. Vertiginosa, minha mente é esmagadora para meus sentidos.

— Você não parece tão ruim, estrela do rock.

— Sim? Pensei que fosse gostar. — Puxei um dos meus suspensórios.

É claro que me vesti de forma especial. Procurei em meu armário e encontrei calças pretas, arregacei as mangas da camisa branca de botão, para mostrar os braços, apenas no caso deste idiota necessitar uma outra razão para ter ciúmes. Coloquei suspensórios, porque, vamos ser honestos, ele merecia totalmente essa cena.

Não tínhamos muito que nos preocupar com a forma que esta menina parecia esta noite, de qualquer maneira. As



chances eram que o cara não iria sequer olhar na minha direção, exceto desejar que ele fosse eu.

Bem, esperava que não me desse vontade de chutar seu traseiro.

Raiva pulsava.

Deus sabe que pensei nisso.

Não tinha certeza de como me controlaria esta noite. Como poderia me segurar, ante a raiva que fervia quente no meu sangue, cada vez que pensava sobre o que esse bastardo fez. A traição era uma droga repugnante. Algo que odiava e uma das razões que escolhi ficar solteiro. Mas a verdadeira questão? A escória traiçoeira não estava em falta.

Foi a outra coisa que fez minha cabeça girar.

O fato de que ele a roubou.

Destruído.

Desolado.

Mentiria, se negasse querer nocautear o cara. Permanentemente. Não acredito que ele e a cadela aplicaram esse tipo de golpe, roubando suas economias, pegando sua casa de infância.

Não podia imaginar esse tipo de desumanidade.

Fez-me querer mostrar-lhe apenas como brutal este mundo poderia ser.



Willow correu os dedos pela fileira de botões da minha camisa, brincando com um no topo.

Deus, essa garota ia ser minha morte.

— Gosto disso. — Murmurou, toda sedutora, puxando-me na direção letal de meus pensamentos.

Pressionei a palma da mão contra o peito.

— Bom. Porque você está presa comigo. Toda. Noite.

Um pensamento improvável.

Mas, ei. Um cara poderia sonhar.

Willow sorveu uma respiração profunda, quando nos aproximamos da entrada.

— Promete? — Nervos rolaram em sua coluna vertebral. Palpável e real. Encarou-me, implorando com aqueles olhos com alma. — Prometa-me que não sairá do meu lado, ok?

Corri o nariz ao longo de seu queixo. Inalando. Lutando contra o fogo que acendeu minhas veias.

Certamente, tínhamos que parecer como o casal mais feliz sobre a face da terra.

Certo?

— Prometo, querida. Não há nenhuma necessidade para que fique nervosa. Hoje à noite, seremos só eu e você.

Veja.

Fingir era fácil.



E fingir nunca feria.





17

Willow

— Sabe quando você apenas sabe? Essa é a maneira que foi para mim e Willow. O segundo que abri meus olhos, e a vi? Bam. Amor à primeira vista. Nunca acreditei em qualquer dessas coisas antes..., mas, às vezes, tudo que precisa é de uma mulher para virar seu mundo inteiro de cabeça para baixo. Não é mesmo, querida?

Fios de pequenas luzes brilhavam de cima, empurrando o manto da escuridão envolto em toda noite amena. Uma brisa fresca agitava, vinda das águas próximas de onde estávamos, apoiados na grade dos jardins de rosas, na beira do rio tranquilo. Fogueiras de gás provocavam e ardiam nos leitos de vidro colorido, suas reflexões projetando uma dança, brilhando ao longo dos fluxos de ondas calmantes.



Ash mantinha seu braço em volta da minha cintura, como um elemento permanente, seu sorriso tão fácil, brilhando, cheio de luz ofuscante.

Magnético.

Juro que tinha todas as meninas aqui em volta do seu dedo.

Eu inclusive.

Como a tola que era, joguei junto. De pé, ao seu lado, senti que era muito real e muito agradável. Inclinando-me mais perto, coloquei a palma da minha mão direita sobre seu coração, amando o conforto da batida constante.

— É isso mesmo. — Dei uma olhada nele, antes de encarar de volta para cinco pares de olhos tietes. Bati tão forte no peito. — Este aqui é meio difícil de resistir.

Do outro lado, o nosso pequeno círculo de velhos amigos e conhecidos, Emily revirou os olhos e enterrou um sorriso sabido em sua taça de *martini,* para evitar de nos dedurar e desfazer nosso jogo.

Eu, há muito tempo, superei estar zangada com ela por me expor aquele dia, na loja. Como poderia lamentar agora? Não com Ash ao meu redor e eu me envolvendo nele, na noite fria e calma.

Então, e daí se lhe confessei sobre essa jogada. Confiado a ela que esse homem me torceu em um milhão de nós



intrincados, que não tinha certeza que alguma vez pudessem ser desfeitos.

Como ele me beijou.

Em seguida, o fez de novo e de novo.

Como me fez sentir algo que não toquei, em toda minha vida.

— Ugh. Estou com tanta inveja. — Maddie quase choramingou, apesar de fazer isso com um sorriso. — Seu namorado é como... O cara mais gostoso na terra. Isso não é justo.

Podia sentir Ash tentando esconder o riso. O fato é que Maddie falou como se ele não estivesse ali. Como se não fosse feito de carne, osso e sangue, mas, sim, uma invenção desse mundo fascinante, intocável, que parecia quase imaginário.

— Terei que concordar. — Disse, talvez um pouco demasiado rápido. Este homem era magnífico. Uma criatura rara de ser encontrada.

Seu braço apertou em torno da minha cintura, os dedos segurando meu lado, a voz tão suave.

— Ah, agora isso é doce, mas vocês não têm que tentar inflar meu ego. Todos sabemos quem é o sortudo por aqui, sou eu.

— Hmm. — Kimberly refletiu, franzindo a testa. — Eu apostaria minha casa há dez anos atrás, que você estaria com



Bates. E, agora, está aí com um cara famoso? Meio que explode minha mente. — Ela quase zombou, tomando um gole de cerveja.

Sempre tão ousada.

Kayla bateu nela no braço.

— Kimberly.

—O que? — Olhou impertinente. Sabia que ela não tinha ideia de que ainda sentia como se lâminas de barbear raspassem minha pele, cada vez que ouvia seu nome.

Essa menção de seu nome? Automaticamente, tinha-me de volta em guarda.

Em alerta máximo.

Da mesma forma que estava, quando passei pela porta de entrada, no início da noite.

Nós estávamos aqui por duas horas. Ele não apareceu. Nesse tempo, relaxei com a segurança da noite.

Talvez, devesse tomar isso como meu próprio aviso. Um sinal de me afastar, para colocar algum espaço entre nós.

Em vez disso, suspirei em conforto, quando Ash me deu um aperto reconfortante, como se soubesse que poderia precisar de minha confiança restaurada. Afundei mais em seu aperto. Á espera que esse gesto pudesse significar alguma coisa.



Ash deu um beijo em meu pescoço.

Arrepios dispersaram, livres e rápidos.

— Não, honestamente, está tudo bem. — Parecia louco como verdadeiro soou. — Ultrapassei isso há muito tempo.

Eu o superei.

Talvez não tivesse superado o que ele fez.

Mas estava, definitivamente, livre dele.

Ash esfregou o lado do meu rosto, jogando sua parte tão bem, que quase podia acreditar.

Cantarolei.

— Acredite em mim, encontrei algo muito melhor para tomar seu lugar.

Ash beliscou a carne sensível da minha orelha.

Desejo.

Ele parecia tão real, um trovão batendo nas minhas veias demasiado apertado, muito vívido. Puxando minhas entranhas. Pulsando entre minhas coxas.

Deus, o que este homem fazia comigo?

Ash riu.

O que quer que fosse? Ele sabia exatamente como manejá-la. Como controlá-la.



Aquele rapaz arrogante lançou um sorriso para meus amigos.

— Ahh... Vocês estão falando sobre o pequeno filho da puta que pensou que poderia ser melhor que minha menina?

— Umm... — Kimberly gaguejou, seus olhos arregalados, quando se entreolharam, como se não tivessem ideia de como responder-lhe.

Emily soltou uma risada, finalmente, entrando na conversa. Riu tanto, que se dobrou na cintura.

— Meu Deus. Um dia, se Willow quiser se livrar de você? Por favor. Venha me encontrar. Acho que te amo.

Mas foi afeto todo suave e não havia nada sério, exceto por sua gratidão pelo que ele fez. Uma paz inesperada tomou conta de mim, que não sentia desde menina.

Não desde quando me sentava com minha mãe e minha irmã e sonhava.

Sonho grande, pequeno e tudo mais.

— Desculpe, amor, mas meu coração já está tomado. Mas tenho certeza que podemos configurá-lo com um desses meninos bonitos daqui. Aquele ali estava com os olhos arregalados em você a noite toda.

Ele apontou na direção de Freddy, que, definitivamente, não estava com os olhos em Em. Ash atirou-lhe uma piscada.



Ela apenas balançou a cabeça com um sorriso exasperado e tomou outro gole de sua bebida.

A noite se aprofundou e todos nós conversamos e rimos, afundando no conforto quente. Ash e eu vagávamos pela pequena reunião, como se fôssemos um. Encontrei-me com algumas pessoas que não falei nos últimos anos.

Alguns perdi contato, depois que Summer se foi.

Outros desapareceram com os anos.

Em seguida, houve as pessoas que me afastei, quando me fechei para o mundo.

Quando me escondi, porque era muito mais fácil do que enfrentar o dia.

E agora Ash estava me fazendo destacar na sua luz.

Ele era louco por mim, enchendo-me com seu louvor, suas palavras e crença firme. Como me prometeu, nunca saiu do meu lado.

— Tenho que usar o banheiro. — Sussurrei em seu ouvido.

— Isso é um convite para segui-la, querida? Porque se for, estou totalmente dentro.

Um sorriso assumiu toda aquela boca paqueradora, o menino totalmente à vontade, em seu reino.

— Você não desejaria.



— Uh... Sim, querida, definitivamente, desejo fazer isso.

E estava ficando confusa sobre fingir. Especialmente, quando ele me seguiu para o interior e começou a nos guiar pelo corredor, girou e me pressionou contra a parede.

Ash beijou-me com força.

Surpresa, choraminguei, antes de ceder, agarrando a gola da camisa.

Pela primeira vez, ele espalmou meu traseiro com uma dessas grandes mãos.

— Pêssego. — Murmurou tão baixo. Ash endureceu e esse sentimento estranho estava de volta, correndo sob a superfície da minha pele.

De repente, empurrou de volta e enviou-me um sorriso de provocar comichões na barriga, embora estivesse ofegante por seu próprio ar. Ele bicou um beijo de boca fechada nos meus lábios.

— Vá, antes que a siga lá dentro. E sei que você não quer isso.

Buscando por ar, desvencilhei-me da parede e me atrapalhei no resto do caminho pelo corredor, em meus demasiado saltos altos, tentando endireitar-me, enquanto andava.

Tremia, sentindo o calor de seu olhar comer-me, todo o tempo.



Abri a porta e entrei no banheiro. Encontrei meu reflexo, com inchados lábios vermelhos, olhos castanhos selvagens e bochechas rosas aquecidas.

Vi alguém que foi ousada e corajosa.

Esqueci como aquela garota parecia. O mais assustador era que não conseguia mais me lembrar, exatamente, quando ela desapareceu.

Utilizei o local de repouso, lavei minhas mãos, aplicando um revestimento de brilho puro. Aquele sorriso ainda estava firmemente no meu rosto, quando enfiei uma mecha de cabelo atrás da orelha, em seguida, ansiosamente recuei no corredor.

Engasguei, exalei um suspiro chocado e me firmei contra a parede, para me impedir de cair no chão.

Medo, dor e raiva bateram como uma onda gigantesca.

Bates estava lá, no final do corredor.

Apoiado contra a parede.

Porque, Ash?

Ash o prendeu.





18

Ash

Eu a vi tropeçar em seu caminho pelo corredor naqueles saltos, aqueles shorts tão curtos e as pernas muito de fora que não consegui desviar o olhar. Quando a porta se fechou atrás dela, arrastei a mão frustrada pelo topo do cabelo e soltei uma respiração tensa, reprimindo uma risada.

Ela sentia vontade de olhar para trás. Ansiosa para olhar. Para encontrar como minha expressão se parecia.

Sabia que a sua seria todos os grandes e confusos olhos, e sorrisos e bochechas afetadas.

Deus, eu gostei.

Coloquei minhas mãos nos bolsos e me balancei sobre os calcanhares, resolvendo esperar.

Foi quando senti.



A consciência que arrepiou toda a volta do pescoço, como unhas arranhando um quadro negro. Meu instinto agitado me alertou que as coisas estavam prestes a tomar um rumo desagradável.

Lentamente, desloquei para olhar por cima do meu ombro.

Cada célula do meu corpo congelou.

Nunca esqueci um rosto.

Exceto, que ele não me olhava. Estava olhando na direção do banheiro, onde minha Pêssego desapareceu. Isso foi logo antes de seu olhar seguir em minha direção. Como se ele estivesse juntando as peças e descobrindo que ela estava acompanhada.

Meu coração bateu tão rápido, que tive a certeza que ele estava bombeando nada além de pura adrenalina. Raiva corria por mim como um tornado, pegando-me em sua rotação e nublando meus pensamentos.

Ainda assim, tudo mudou mortalmente lento. Então, muito lento, quando completei o giro em meus calcanhares, encarei o bastardo.

E vi.

O segundo, que me reconheceu, ele empalideceu e deu um passo chocado de volta.



Minhas mãos se apertaram em punhos, ao meu lado. Fiz o meu melhor para ser legal. Para manter a calma, porque a vida continua e toda essa merda. Porque estava a cerca de dois segundos de me desequilibrar e duvidava que este fosse o melhor lugar no mundo para decretar vingança.

Pressionei o punho na palma da minha mão oposta. Exatamente como fiz naquela noite. Ao contrário de antes, porém, não era 5-1. Era apenas eu e ele.

Ele foi o único a pular para fora, ao lado de seu amigo. O único que desceu sobre mim com punhos, pés e fúria. O único que infligiu o último golpe, que me deixou inconsciente.

Como disse, nunca esqueci um rosto.

Só que esta noite, ele vestia um terno, como um idiota que acabou de chegar do escritório, gravata afrouxada e jaqueta desabotoada, todo o tipo de ego inchado e orgulho injustificado.

Um jorro de ar empurrou de seus pulmões, antes de seu rosto se contorcer em um sorriso de escárnio.

Isso foi o suficiente para minha reserva ser esquecida. Voei à frente e o peguei pelo colarinho, antes que pudesse ter algum sentido.

Eu o bati contra a parede.



Ele grunhiu com o impacto, lutando contra meu aperto, debatendo-se como uma vadia, tentando se livrar dos meus pulsos. Era patético e completamente inútil.

Não iria a lugar nenhum.

— Bem, o que você sabe? É um pequeno mundo de merda, não é? Lembra-se de mim, idiota? — Minhas palavras foram entregues com calma de gelar os ossos e atado com a promessa de minha retribuição.

Podia sentir o medo irradiando dele, tão certo como o vi tentando mantê-lo em segredo.

— Que diabos está fazendo aqui? — O homem planeou a respiração curta e áspera. — E o que diabos está fazendo com Willow? Seu pedaço de merda... O que faz com ela?

Confusão me sacudiu de volta, antes de um lento medo passar pela minha pele. Em minha consciência. Para minha realidade.

Bates.

Este era Bates.

Claro que era ele. Realmente, não deveria ficar surpreso. Uma vez canalha, sempre desprezível. E este, na verdade, teve a audácia de se mostrar e agir como se tivesse uma palavra a dizer em sua vida.

Atirei meu sorriso mais arrogante, apenas imaginando a cena para a qual ele, involuntariamente, caminhou entre mim



e Willow, alguns segundos atrás. Todo o “fingir” que estávamos fazendo certo, neste mesmo lugar.

O cara tinha um timing impecável, isso era certo.

— O que estou fazendo com Willow? Acho que a melhor pergunta seria o que não estou fazendo com ela agora, não é? — Dei de ombros, como qualquer idiota deveria fazer. — Principalmente vivendo dentro daquele corpo apertado, sexy, sempre que posso.

Ele se agitou por todo o lugar, lutando com todas as forças para se soltar. Covarde, nem sequer moveu de volta uma polegada.

— Ela é muito selvagem, não é? Insaciável. Acordou-me três vezes na noite passada, porque, simplesmente, não conseguia o suficiente. — Fiz uma careta, todos os tipos de confusão com alegria fingida. — Ou talvez ela me acordou quatro vezes.

— Willow nunca iria tocar em alguém como você. — Ele disse, como se o pensamento fosse vil.

Alguém como eu?

Raiva atingiu cada célula do meu corpo.

Sim. Eu queria rasgá-lo em pedaços. Dar-lhe uma pequena amostra do que ele e seus amigos fizeram naquela noite. Mas buscar vingança, para mim, não era o que vim fazer aqui esta noite.



Estava aqui por ela.

Além disso, imaginei que empurrando meu "relacionamento" e de Willow em seu rosto, seria exatamente o tipo de punição que merecia, o tipo de sanção que o atingiria onde mais contava.

Porque essa garota ... Ela era, obviamente, o prêmio final e esta noite estava realizando, exatamente, o que me propus fazer aqui.

Willow e eu estávamos nos mostrando a esse desgraçado. Derrubando-o e o colocando em seu devido lugar.

Ri, um som impetuoso, provocante, de forma grosseira.

— Você tem certeza disso? Porque você e eu sabemos que estava de pé bem ali, observando o que estava por vir. Acho que seria melhor que mantenha seus olhos longe da minha garota. Porque, na próxima vez que nos encontramos em uma rua escura? Prometo-lhe, não estarei sozinho.

— Willow não é sua garota. — Bates rosnou.

Grunhi em retorno, apertei o colarinho de sua camisa em torno de sua garganta.

— Veja, tenho certeza que é onde você está errado. Engraçado, não é? Como você e seus meninos me caçando, acabaram me jogando nos braços de Willow.

Ele se sacudiu, quando pronunciei em voz alta o que fez.



Talvez visse em meus olhos. Vingança estava por vir.

Sorri perto de seu rosto e ele tentou se afastar. A única coisa que conseguiu foi bater sua cabeça contra a parede. Movi-me, ficando em sua linha de visão.

— Não demorou muito tempo para descobrir a melhor maneira de retribuir sua bondade. Mas, você sabe, aquela doce menina não é tão difícil de agradar. Porém, você pode não saber muita coisa sobre isso, ou teria feito. Satisfazê-la.

Minha raiva diminuiu com o tom, como se estivesse compartilhando um segredo obscuro.

— Ela me contou que suas experiências passadas foram um pouco decepcionantes.

Mexi meu dedo mindinho em seu rosto, com minha expressão de falsa simpatia total.

Seu rosto empolou com raiva, tão vermelho, que pensei que teria um aneurisma ali mesmo no local. Seus dentes cerraram com tanta força que pareciam que estavam se moendo.

— Porra! — Cuspiu.

Como se uma bomba fosse detonada, senti a dor que, subitamente, veio andando pelo corredor.

Willow.



Rezava para que ela estivesse bem com isso. Que atuaria junto. Que ficasse forte, quando sabia que Willow iria desmoronar.

Eu faria o meu melhor para pegar os pedaços quebrados mais tarde.

Olhei para esta menina que, literalmente, tirou o ar dos meus pulmões. Aquela que me amarrou apertado e enviou meu pulso em um disperso frenesi. As memórias do espancamento se misturando com luxúria, latejando e vibrando, um coquetel de minha raiva e essa estranha devoção a ela, que não conseguia me livrar.

Empurrei tudo isso de lado e dei-lhe o meu maior sorriso, suplicando-lhe com os olhos para perceber o que acontecia, antes de me virar de volta para o bastardo que estava lutando em meu agarre.

— Não. Acho que prefiro transar com ela.

Levantei os pés dele alguns centímetros do chão e o esmaguei contra a parede. Nada forte que pudesse, efetivamente, machucá-lo. Apenas duro o suficiente para que percebesse que estava prestes a mijar nas calças.

Sem lhe dar tempo para se recuperar, larguei-o e dei um passo para trás. Pego totalmente desprevenido, Bates tropeçou para frente. Curvou-se em dois, inalando um monte



de respirações sibilantes duras em seus pulmões, que estavam, sem dúvida, com medo da violência e com ciúme.

Eu estava lá como o bastardo arrogante que poderia ser. Com um olhar complacente no meu rosto, observando-o se inclinar em suas mãos e joelhos, lutando para se reerguer. Com um olhar violento direcionado a mim, ali mesmo no chão, ele se transformou e jogou com ela.

— Willow. — Disse que como se fosse seu dono. Percebendo-a se aproximar lentamente.

Eu sabia. Vi tudo de sua expressão decadente.

Ele pensou que poderia estalar os dedos que Willow viria correndo.

De jeito nenhum.

— Olá, querida. — Eu a agarrei pela cintura e a puxei para a segurança do meu lado. A promessa silenciosa de segurá-la. —Parece que o seu ex idiota decidiu aparecer, depois de tudo.

Disse como se ele não estivesse ali.

Ela endireitou-se e levantou seu corajoso queixo.

— Bem, acho que é um timing perfeito, uma vez que estávamos saindo.

Dei o maior, regozijador, sorriso que poderia encontrar.



— Vejo você por aí, Bates. Minha menina e eu temos alguns negócios para tratar, não é mesmo, querida?

Bates ficou lá, furioso, quando comecei a levá-la para fora. No segundo que viramos as costas para ele, com a voz baixa, lançou as palavras por trás.

— Vim aqui para falar com você, Willow. Tentei entrar em contato.

Ela parou, mas não se virou para ele, imediatamente. Encarou-me com força antes de, lentamente, virar-se para olhá-lo por cima do ombro.

— Bem, isso é muito ruim, Bates, porque não tenho nenhum interesse em falar com você. Tudo o que precisava ser dito foi feito há muito tempo. Acredite em mim, recebi sua mensagem alto e claro. Assinado e carimbado. Gravada na pedra. Então, pode parar os textos e mensagens, porque não tenho nada a dizer.

Este filho da puta enviou mensagens a ela?

Uma nova rodada de possessividade ricocheteou através das fronteiras do meu peito.

— Isso foi há anos. — Bates cuspiu.

Riso amargo rasgou de sua garganta.

— E você acha que muda alguma coisa? Porque há anos que tomou tudo de mim. Você é, realmente, um idiota, se acha que não fez.



Ela olhou ao redor. Ressentimento e velhas mágoas faziam sua boca tremer. Sua voz endureceu com a acusação.

— Onde está a castidade, de qualquer maneira? Será que quis deixá-la em casa, para esperar por você?

— Nós não estamos mais juntos.

Ela riu com escárnio, a cabeça balançando, enquanto lutava para ficar firme.

— Isso não é uma tragédia? — Seu corpo inteiro tremeu com sua própria raiva reprimida. — As coisas fazem muito mais sentido agora.

Aproximei-me dela e baixei a boca para sua orelha.

— Vamos, querida. Vamos tirá-la daqui.

Furiosamente, concordou.

Afastei-a e dei mais um passo para trás, bloqueando o bastardo, que veio desesperado atrás de nós.

— Você não pode estar, seriamente, saindo com esse cara.

Ela não olhou em sua direção.

— Sim, estou.

Bates continuou nos abordando. Estava no meu limite para não virar e colocar esse imbecil para fora, na frente do público que se reunia ao nosso redor.

— Você nem sabe quem ele é?



Willow ignorou.

— Ele é perigoso, Willow.

Zombei. Eu era isso mesmo e ficava mais perigoso a cada palavra ofensiva que saia de sua boca corrupta.

Mantivemos o ritmo e a trajetória. Precisava nos tirar de lá antes de me perder.

Bater.

Podia sentir meu controle entrando em fragmentação, sob a pressão.

E este não era o lugar.

— Você sabia que ele fodeu a menina de Billy? Sabia que se separaram por sua causa? Cancelaram o casamento.

Como se fosse minha culpa que a puta mentiu, quando lhe perguntei se tinha alguém.

Ela inalou uma respiração afiada e tropeçou em seus pés, parando. Tentei pedir-lhe para se manter em movimento, mas os calcanhares cravaram no chão. Willow não entendia como eu estava perto de cair em cima deste idiota, no meio desta reunião.

Piscou o que parecia um milhão de vezes, antes de ranger fora quatro palavras cortadas.

— O que você disse?

Lentamente, virou-se para encará-lo.



Emily estava de repente lá.

— Willow. — Disse-lhe, com a voz muito perto, tão protetora como eu me sentia. Sua atenção se lançou entre cada um de nós, preocupação e angústia estampada em todo o rosto.

Bates apenas ficou lá, olhando presunçoso.

Como se tivesse todas as cartas e acabasse de fazer um [5]straight flush.

— Eu disse que ele fodeu a menina de Billy.

Emily engasgou ,com a menção do nome e Willow engoliu em seco.

— Billy? Seu melhor amigo, Billy?

— Sim. — Disse-lhe.

Ela começou a assentir, mas era tudo instável, levantando seus ombros e estufando o peito.

— Você fez parte daquilo.

Sua declaração perfurou o ar, como um golpe de martelo.

Bates empalideceu. Obviamente, esperava uma reação diferente sua.

[5] Melhor sequência no poker.



Os olhos dela se deslocaram para mim. Horror encheu seu próprio reconhecimento.

Tristeza. Arrependimento. Empatia.

Tudo isso, esta proteção em minha direção.

Lentamente, seu foco voltou para o rato bastardo, ainda de pé, como se tivesse algo a provar.

— Você fez isso? Você e aqueles idiotas inúteis que chama de amigos? Você o atacou? Deixou-o na frente da minha loja para morrer? Como pôde? — Foi tudo uma acusação chocada.

— Ele mereceu isso.

— Oh meu Deus. — Emily estava ofegante, as mãos pressionadas contra a boca.

Choque percorreu a multidão boquiaberta.

Raiva contraiu meus músculos e saltei sobre meus pés, dando tudo de mim para contê-la. Porque se alguém tinha que reagir, era eu.

Em vez disso, Willow era quem o restringia, enquanto ficava cara a cara com ele. De trás, conectei meu braço em volta da sua cintura e comecei a arrastá-la de volta.

Sua voz mudou para um sussurro.

— Não posso acreditar que já amei um homem como você. Agora só me enoja.



Ela se virou e começou a caminhar comigo em direção à porta, quando o bastardo estendeu a mão e a agarrou pelo braço.

Willow gritou.

Em um flash, eu o tinha pela garganta.

Foi instantâneo.

A violência desatou por toda minha carne. Meus dentes cerrados e tensão pulsaram através de cada músculo. Um farfalhar de energia cresceu ansiosa pela sala. Pessoas se fechando ao nosso redor, os olhos arregalados, em curiosidade mórbida. Só o vi, minha visão estreitou, tingida em violência vermelha e ódio.

— Não toque nela. Nunca mais. — Apertei meus dedos e o puxei para perto. — Se fizer isso, terei certeza de que nos reuniremos em um beco escuro e prometo que da próxima vez você não vai gostar do resultado. Entende o que estou te dizendo?

Não me importando se entendia, joguei-o ao chão, cambaleando para trás. Ele aterrissou duro em seu traseiro, no chão de mármore liso.

Fúria percorria, desesperadamente, todo meu sistema, em um instinto de destruição. Queria destruí-lo. Não poderia dizer se por mim ou por ela. Mas estava lá. Queimando.



Agarrei-a, escondi seu rosto no meu ombro, para protegê-la da confusão a nossa volta. Arrastei-a para fora de lá, antes que as coisas ficassem mais feias do que já estavam.

Meu olhar permaneceu vigilante, observando por cima do ombro, enquanto esperávamos que o manobrista recuperasse meu carro. Willow manteve-se respirando no meu pescoço e eu enchendo os pulmões com pêssegos, doce e mel, cada vez que ofegava, sentindo o frescor indescritível.

O manobrista estacionou. Ajudei-a ao entrar, contornei a frente do carro, rapidamente e sentei no banco do motorista. Liguei o carro e saí cantando pneus, tirando-nos de lá, antes que fizesse algo que não poderia ser desfeito.

Enfiei o dedo no botão do teto solar. Precisando de ar.

Ele se abriu para a noite, com vento rasgando e cintilantes estrelas.

Liberei toda a agressividade na estrada e direção, enquanto apertava as mãos.

Porra.

Queria quebrar algo em pedaços.

Tomando uma respiração dura, lancei um olhar para a garota que me olhava do outro lado, sabendo que, provavelmente, parecia um louco.

Viciado.

Selvagem.



Ela estava pressionada, lateralmente, na porta.

E pensei que talvez estivesse assustada com minha explosão no resort.

Mas seu peito arfava, uma expressão selvagem, com aqueles longos pedaços de cabelo vibrando em seu rosto lindo.

Encarou-me com olhos grandes de chocolate.

Fundido.

Seu olhar passou por mim como lava.

Queimando tudo por onde passava.

— Você é tão bonito. — Disse-me, com voz rouca.

— Pêssego. — Sussurrei como um aviso. Não tinha certeza se confiava em mim naquele momento.

— Você é. Sabia que... Você sabe, a primeira vez que o vi ... Quando estava deitado, coberto de sangue e abriu seus olhos e me mirou, o que vi? Algo tão bonito, cru e poderoso. Mesmo estando todo quebrado. A maneira como me olhou balançou meus ossos. E então esta noite... O que fez por mim... Eu não...

Passei a mão pelo meu cabelo surrado, um espelho perfeito para o coração se debatendo.

— Pêssego.

Outro aviso.



Eu não merecia o jeito que me olhava. Como se fosse bom e reto, quando não era melhor que o bastardo que deixei deitado lá no chão.

Então, lentamente, Willow estendeu sua mão, passando os dedos, gentilmente, ao longo da cicatriz bem, abaixo do meu olho, que ganhei naquela noite.

Um tremor atingiu-me todo.

Energia pulsava, tremia, balançava.

Droga.

Segurei-a pelo pulso e a pressionei na parte inferior do meu nariz.

— Você está me matando, querida.

— E você está me salvando.

Uma carranca surgiu em meu rosto.

— Foi você que fez tudo.

Pensando por um segundo, balançou a cabeça.

— Se não fosse por você, estaria em casa hoje à noite, escondendo-me no escuro. — Sua língua saiu para passar pelos lábios. — E nunca seria corajosa o suficiente para ir lá, ou para enfrentá-lo. Para dizer as coisas que disse.

— Mas isso é onde acho que você está errada, querida. — Desta vez foi a minha vez de estender a mão e tocá-la no rosto. Olhando entre ela e a estrada. — Acho que é muito



mais corajosa do que se dá crédito. Eu vejo isso. Sinto, cada vez que te olho. Você é incrível, Willow. Cada vez que entra por minha porta, percebo isso. Tão boa, que eu não deveria fazer qualquer merda errada como estou fazendo com você.

Ela ainda ofegava e com aqueles shorts de tirar o fôlego, inclinou-se para meu toque.

— Eu... — Tentou falar, antes de olhar para baixo, desviando o olhar. Mesmo com a cabeça virada para baixo, não deixei de ver o rubor de suas bochechas. Hesitou, antes de continuar. — Quando você me beija... Não parece fingimento. Parece a melhor coisa que já senti.

— Quando te beijo, não é fingimento. Quando lhe disser que está linda, a melhor coisa que já vi? Quero dizer isso. E quando a olho...

Toquei o centro do meu peito, que parecia rasgar. Exposto. Talvez, dizendo a verdade, quando não faria bem a qualquer um de nós. Mas não havia mais como esconder, quando esta menina me olhava desse jeito.

— Sinto-a bem aqui. Podemos inventar, mas você não pode fingir isso.

Como se não confiasse em si mesma, pressionou-se mais contra a porta.

— Você me faz querer coisas... Coisas que sei que não deveria querer.



— E o que você quer, Pêssego? — Joguei baixo, sabendo muito bem que estava nos levando em uma direção sem retorno. — Disse, quando entrei em sua loja, que iria dar-lhe qualquer coisa.

— Eu quero... — Ela colocou o lábio inferior entre os dentes, nervosa ou insegura para me dar a verdade.

Sangue bateu, impiedosamente, por minhas veias. Engrossado com luxúria. Tudo isso nublou meu julgamento, deixando instável meu centro de gravidade.

Porque conhecia o olhar em seu rosto. O desejo foi escrito, através dela, como uma partitura musical.

A maneira como seu corpo balançou, tremeu e, silenciosamente, implorou.

Desesperado para ser tocado.

Eu sabia que deveria fechar a boca. Deixar isto para lá. Deixá-la em casa. Em vez disso, liberei as palavras.

— Diga-me, Pêssego.

A grossa necessidade saiu de seus lábios. Silenciosamente. Honestamente.

— Quero que me toque. Eu... Eu não... Não sei como é....

Aquele rubor estava de volta com força total, os olhos arregalados e expressivos.



— Droga. — Assobiei quase silenciosamente, levando um chute de luxúria na barriga. Percebendo o que dizia. O que ela estava querendo dizer.

— Você quer que a faça gozar?

Sua boca se abriu e Willow balançou a cabeça lentamente.

— Eu nunca...

Esfreguei a mão no rosto, esperando que isso pudesse me ajudar a ver em linha reta. Todas as decisões que tomei, vindo à tona, competindo com a vontade de reescrever e a pequena quantidade que restava da minha consciência gritava para ver a razão.

Pela primeira vez, não queria ser o bastardo que levava a culpa.

Esta menina era boa.

Pura.

Esperando o cara certo.

E esse, definitivamente, não era eu.

Mas nada disso parecia importar para meu subconsciente, que já entrou em ação. Antes mesmo de perceber, o carro mudou de direção e estava devagar, na estrada deserta, indo em direção à minha casa.

Lutei para encontrar o equilíbrio.



Procurando por limites.

Talvez, pedindo por uma linha maior, porque ignorá-la estava se tornando impossível.

— Nunca? — Perguntei.

Ela apenas balançou a cabeça.

— O quão longe estamos fingindo Pêssego? Porque não posso brincar com você. Recuso-me. Nós sabemos que merece mais do que isso. Sei que quer mais do que posso te dar.

— Apenas... Deixe-me sentir alguma coisa. Algo diferente. Algo melhor. Algo bom.

Ela torceu os dedos tão apertados, que tinha certeza que cortou o fluxo sanguíneo.

— Eu não sou.... Não sou muito boa nessas coisas. — Calmamente, confessou.

Mãe do céu. Droga.

Idiota.

Não poderia imaginar a besteira que ela se alimentou, por todos esses anos. Se era mesmo capaz de pensar que não era boa o suficiente, Bates deve ter feito um trabalho muito duro com sua cabeça.

Virei à direita para minha garagem, um pouco mais rápido do que o necessário. Os pneus levantaram uma



tempestade de poeira, quando viramos em direção à casa. Diminuí a velocidade, estacionei e desliguei o motor. Meio segundo depois, segurei aquele rosto lindo nas palmas das mãos, forçando-a se concentrar em minhas palavras.

— Ouça-me e ouça bem. Ele é nada além de um idiota, Willow. Aquele desgraçado não tem a mínima ideia de como cuidar de você, como te tocar direito, como fazê-la se sentir bem. Apenas um idiota egoísta iria transferir essa culpa para você.

Seus olhos passaram por dúvida e necessidade, então dei um beijo suave em sua boca.

— Vamos lá... Vamos mostrar para aquele bastardo o que é sexo.

Ela deu uma risada suave. Tão doce. Tão perfeita e brilhante. Conseguiu uma forma de tomar posse desse espaço escuro, profundo. O espaço que estava escondido dentro de mim. Um que, durante anos, tentei esquecer que existia. Um que mal reconhecia.

No entanto, de alguma forma, ela a reconheceu.

Meu peito apertou. Toda vergonha escondida dentro de mim, o arrependimento e remorso pediram-me para tomar cuidado, para ver o que estava fazendo. Para verificar minhas intenções.



Esta não era uma *groupie* à procura de caso de uma noite.

Você a está sacudindo e a tirando de sua concha. Mostrando-lhe que é linda. Lembrando-lhe tudo o que tem para oferecer. Então, quando aquele bastardo de sorte lá fora, finalmente, encontrá-la, estará pronta para exigir em troca.

Isso pareceu ser motivo suficiente para me fazer sair do carro e correr para seu lado. Ajudando-a, levei-a pela mão e a puxei para dentro. Subi as escadas, abrindo a porta do meu quarto.

Instantaneamente, podia sentir seus nervos em alta, a forma como seus passos urgentes diminuíram, quando me seguiu. Eu precisava desacelerar também. Manter a calma, para quando toda a noite se esvair. Soltei sua mão, pensando que talvez optasse por fugir, sabendo que seria o melhor.

Em vez disso, ela foi até a linha das janelas, olhando para a noite.

Essa energia pulsando ao nosso redor.

— Tem certeza que é o que quer? — Perguntei, ainda na porta.

Virou-se lentamente, encarando-me.

O luar filtrando atrás dela, iluminando-a em sombras cintilantes e luz suave e leitosa.

Estava deslumbrante.



Tão impressionante, que não consegui parar a formação de um nó na base da garganta ou o peso que, de repente, desceu no centro do peito.

— Eu não deveria, mas quero.

Caminhei em sua direção, meus passos medidos na aproximação. Tirei os suspensórios dos meus ombros, as palavras retumbantes na boca.

— Farei você se sentir bem, Pêssego. Darei o que aquele idiota foi muito egoísta para dar. Em seguida, vai acabar ali mesmo. Se voce se sentir desconfortável por um segundo sequer, diga-me. Coloque para fora.

Ela baixou o olhar para o chão.

Tocando seu queixo, dei-lhe um empurrão suave, fazendo-a me olhar.

Olhos de chocolate me encararam. Eles passaram por confiança, desejo e medo persistente.

Raiva passou pelo meu espírito.

Queria matar aquele bastardo.

Tive a sensação de que Bates nunca levantou a mão contra ela. Seu abuso? foram todas as palavras que, claramente, expeliu, que a colocaram para baixo. Insultos que a fizeram se questionar.



Passei minha mão em sua bochecha, inclinando a cabeça, fiz com que minha voz fosse sincera, para que soubesse que queria dizer cada uma das palavras que proferi.

— Isto é para você, Pêssego. Porque você quer e porque escolheu.

Deixei minha mão percorrer a esbelta e delicada inclinação de seu pescoço. Minha pele esquentou no ponto que pulsava e corria selvagem, sob o meu toque.

— Tão linda. — Disse, enchendo-a com a verdade. —Tão gentil. Tão boa. Você sabia que essas são todas as coisas que vejo, quando a olho?

Passei a mão ao redor da sua nuca e empurrei os dedos em seu cabelo, removendo o laço. Libertei-o de seu domínio, deixando cair livremente, em uma bagunça bonita.

Willow exalou uma respiração necessitada.

Eu a senti. Como se pudesse trazê-la para perto de mim. Eu era um idiota, querendo mais do que tinha para dar, sabendo que tinha tão pouco a oferecer em troca. Orando o tempo todo que isto pudesse ser o suficiente.

Guiei-a de volta para a cama.

— E este corpo, — murmurei, enquanto desfazia o nó do material em sua cintura, que agia como um cinto — toda vez que você anda pela minha porta, minha mente vai direto para o obsceno. Querendo saber como se parece, debaixo de todas



aquelas roupas. Sabendo que é espetacular e apenas tenho minhas fantasias para atestar isso.

Ela estremeceu.

Apoiei-me em mais um passo.

— E agora, saberei em primeira mão.

Arrepios passaram através de sua carne.

Palpável.

Meu estômago torceu em uma espiral de nós aquecidos.

Droga.

Eu não tinha ideia de como faria para tomá-la. Estava morrendo de vontade de ficar confuso com esta menina. Sujo. Tocá-la em todos os lugares. Transar com ela em todos os sentidos.

Se fingirmos, eu seria todas as fantasias.

Preparei-me, quando coloquei a palma contra sua barriga lisa, disse a mim mesmo para ir devagar, para levá-la fácil. A única linha de chegada que iria ultrapassar seria a dela.

Corri o nariz por sua bochecha, pelo ouvido, enquanto a dobrava para trás, murmurando todo o tempo.

— Esta noite te pertence. Tocarei em você até que esteja dançando em algum lugar com as estrelas e então vou te



pegar, quando voltar para cá. Então, vou fazê-la voar novamente.

Ela choramingou e apertou suas coxas juntas e sabia que já a tinha onde queria.

Tremendo, molhada e pronta.

Precisando tanto disso, que seus nervos não iriam atrapalhar, a menina tão adorada por minhas palavras que as palavras de Bates seriam excluídas, uma por uma.

Coloquei seu cabelo de lado, mostrando um longo zíper que fechava a roupa.

Meu toque levantou uma onda de arrepios, através de sua carne exposta.

— Você sente isso, Pêssego? Quase não te toquei e já está tremendo.

— Ash. — Sussurrou.

— Diga-me, querida.

Ela molhou os lábios.

— Eu não... Por favor.

Uma risada sombria saiu livre, porque esta menina era muito boa. Muito inocente e doce. Nunca estive com uma mulher como ela. Não em toda a minha vida.

Lentamente, desci o zíper. O som dele correndo livre ecoou como uma promessa, contra as paredes nuas.



— Linda — sussurrei em sua pele.

Coloquei as duas mãos em seus ombros, massageando. Pressionei um beijo em sua nuca, antes de me mudar para o lado, beijando-a sob o queixo, quando passei para frente.

Em pé na sua frente, assisti sua expressão, quando arrastei ambas as mãos sob o tecido de cada lado.

Com um suspiro, separou os lábios e me encarou.

Confiando em mim para cuidar dela.

Cuidadosamente, afastei o tecido preto, as mãos sobre sua pele sedosa, enquanto o guiava para baixo.

Era como a inauguração de alguma peça de valor inestimável, preciosa obra de arte. Uma que nunca esteve em exibição e que cada bastardo no mundo queria, mas nenhum deles podia pagar.

Ela tremia e eu balançava.

Que diabos fazia comigo?

Willow inalou e exalou estas trêmulas respirações duras, quando deixei o único pedaço de material escorregar por seu corpo deslumbrante.

Sua roupa caiu no chão. Uma poça a seus pés.

Parecido comigo.

Ela era exatamente o que esperava.

Uma obra-prima.



Toda tonificada, linhas longas e curvas suaves. A menina era alta, elegante e esbelta. Assim como esbelto era seu nome.

Linda.

Inspiradora.

Parecia que se ficasse muito perto, eu afundaria na certa e desapareceria.

Talvez para sempre.

Os seios estavam pressionados e inchados sobre o mais sexy sutiã preto que já vi, rendas puras com algumas tiras frágeis, com a parte inferior correspondente.

Deixei o dedo fazer um rastro através da cinta.

— Gosto disso. Muito.

Conscientemente, ela mastigou o lábio.

— Você disse que gosta de preto...

Willow parou de falar, com a gravidade que se iluminou entre nós.

Energia cravada e pulsante.

Cada célula do meu corpo definia-se em estado de alerta, enquanto nós mudamos, através da intensidade densa, que engoliu cada gota de ar.

Mal tocando.



No entanto, senti-me mais perto dela do que estive com alguém, em tantos anos.

Meu pau tensionou implorando, com a visão ofertada na minha frente. Obviamente, receberia nenhuma ação esta noite. E era tão confuso, tão em desacordo com quem eu era, que estaria bem com isso.

Mas era meu espírito que engatou, quando peguei uma dica do que foi marcado em sua pele.

Ele estava escondido debaixo de uma onda de espessura mogno, em cascata, embaixo do seu ombro nu, do lado esquerdo.

Quase cauteloso, desloquei para trás a mecha de cabelo, para revelar o segredo. Meus dedos passaram ao longo da tatuagem que ela gravou lá, sempre escondida por suas roupas. Meus olhos saltaram entre o design e a dor intensa que a atingiu nos olhos.

Era um dente de leão. Uma réplica exata do logotipo pendurado no sinal, sobre sua loja.

Ela tremia, com a voz desgastada com algo brutalmente triste.

— Minha mãe... Ela amava. Acreditava que guiava os caminhos de nossos sonhos. Nós só tínhamos que ter a coragem de persegui-los.



— Pêssego. — Meu murmúrio atingiu o ar e ela deu aquele sorriso melancólico de cortar meu núcleo. Como era possível esta menina me tocar dessa maneira?

Mas era e apenas fiquei lá, enquanto tinha aquela expressão em seu rosto, como se quisesse me conhecer. O verdadeiro eu. As peças que não eram nada, mas esqueletos e ossos escondidos bem no fundo de um armário com cadeado.

Minhas entranhas tremiam pelo tempo que ela encontrou a barra da minha camisa e começou a trabalhar através dos botões. Um som necessitado veio do fundo de sua garganta, quando tomou sua vez de me revelar, polegada por polegada.

Sua garganta balançava, enquanto engolia.

— Isso me assusta... O jeito que você me faz sentir.

Mãos quentes pousaram no meu estômago e suprimi um gemido que não pude deixar de soltar, quando acariciou meu abdômen, que saltou ao seu toque.

Ela empurrou o material sobre meus ombros e os encolhi, para ajudar a tirar.

E perguntava-me o que diabos pensaria, quando visse a tatuagem escondida do meu lado.

Mas era como se já soubesse que estava lá.

Sua atenção foi dirigida para ela, embora parecesse quase desconfiada, ao acariciar o que imprimi há tanto



tempo. O meu era deformado. Apodreceu. A cabeça da flor estava completamente estéril de sementes. Parecia um limbo, um caule sem vida, marcado profundamente, em uma corrida caótica de cores e turbilhões de desespero.

Executado como uma casa para o perturbado e quebrado.

Um lugar que reservei para aqueles que nunca retornariam.

Todas as coisas que Willow mais queria? Eu saqueei.

Muito covarde para enfrentar os obstáculos de frente. Então as deixei cair. Obliteradas. Partindo.

As palavras saíram cerradas, raspando minha garganta.

— Engraçado... Porque sempre pensei que eles eram seus sonhos flutuando para longe. Escapando de você. Deixando-o parado ali, para vê-los à deriva e fora do alcance.

Seu rosto marcado com tristeza.

— Ou talvez eles estão apenas lá fora esperando por nós, para encontrá-los.

O sorriso que me bateu era de longe fingido. Quase triste e piscando com um pouco de luto, que nunca mostrei. Mas essa garota conseguiu puxá-lo de mim. Toquei seu rosto confiante.



— Os seus estão, querida. Estão lá fora, esperando por você, para alcançá-los. Pense que está mais perto. Você apenas tem que acelerar e deixar ir.

—Como posso fazer isso, quando me prendi tanto?

— Digo que devemos começar por aqui. Agora, você começa a tomar de volta todas as coisas que perdeu.

— Algumas estão perdidas para sempre.

Inquietação me passou e a forcei para longe, chegando para frente alguns centímetros, acabando com toda a distância que nos separava.

Pele à pele.

Peito a peito.

Seu coração batia tão selvagem. A debandada que corria fora de controle, batendo quilômetros à sua frente. Pressionei minha mão lá.

Explorei um pouco, meus dedos roçando o tecido rendado do sutiã, traçando todo o seu perfeito peito cheio, antes de o colocar na minha mão.

Ela engasgou, como se nunca tivesse sido tocada dessa forma antes, os dedos afundando em meus ombros.

Minha boca pressionou a dela, suavemente a princípio, lembrando-me de levá-la lentamente e com cuidado. Tratá-la do jeito que nunca tratei uma única garota antes.



Nem mesmo ela.

Aquele lugar escuro doía com o pensamento e o desliguei, fechei, com foco nos lábios aveludados desta menina, as calças suaves que foram escapando. Minha língua sacudiu, para obter uma pequena amostra, antes de lamber sua boca deliciosa.

— Você tem um gosto tão bom. — Rugi livre, quando a beijei mais profundo. Mais difícil. Lutando contra o frenesi que, constantemente, construía dentro de mim.

Implorando por uma chance de ficar um pouco mais perto do tipo de beleza que nunca experimentei antes.

Para encostar nela.

Guardar um pouco comigo, depois que ela se fosse.

Willow gemeu e eu adorei.

Tudo acelerou.

Seu coração, minha mente e o mundo, que começou a girar fora de tempo.

Sua língua acariciou, explorando e implorando.

Enquanto, a minha dançava, prometia e provocava.

Meu pau latejava. Tão forte. Morrendo de vontade de mergulhar em sua carne sedosa. Para se perder nesta sensação que estava me conquistando.



Mudei-a de volta mais um passo, envolvi um braço em sua cintura.

— Aperte.

Trancou seus braços em volta do meu pescoço e rastejei com ela na minha cama, até que estávamos no meio.

Beijei-a feito louco, tão louco como estava me conduzindo. Levantei em minhas mãos e joelhos, braços prendendo-a, a cabeça descendo, quando mergulhei em sua boca quente.

Sua língua era o caos. Seu toque insano. E pensei que tinha certeza de perder o juízo. Cada parte racional e lógica gritou para parar. Mas não podia. Fui guiando para frente, nesse território perigoso, onde não podia me dar ao luxo de estar. Sentindo um lampejo de algo diferente de luxúria, quando balancei meu pau, coberto com a calça, contra a sedução rendada que repousava entre suas coxas.

Willow levantou-se. Implorando. A procura de atrito.

— Oh meu Deus! — Choramingou. Sua cabeça corria de frente para trás, como se pudesse sentir o mundo escorregar para fora dela e tentasse tomar posse.

Como se nunca tivesse sentido nada tão bom.

E eu estava apenas começando.

Sabia que não levaria mais de uma carícia e minha menina gozaria. Esse pensamento era, realmente, tudo o que



me levou a soltar a mão e descer, acariciando por cima de sua calcinha, que estava toda molhada, seu corpo pedindo por liberação.

— Isso, querida? É este o local que queria que eu tocasse? — Expressei isso como uma pergunta, quando puxei o pedaço de renda de lado, dedos passando em seus lábios e beijando através do clitóris.

Seus quadris se sacudiram da cama.

— Isto... Por favor — quase implorou.

Mudei de posição, ficando totalmente de joelhos. Assisti o rosto, para gravar sua expressão, quando pressionei dois dedos na vagina, tão justa e escorregadia.

Sua boca se separou e seus olhos excitaram.

Gemi.

— Droga, baby... Você é indescritível.

E isso era tudo que poderia fazer, antes de me inclinar para trás e tirar sua calcinha.

Obra-prima.

Não estava mentindo.

Rosa, bonita e apertada.

Coloquei os braços sob suas pernas e a agarrei pelas coxas, mergulhando direto em seu núcleo.

Minha língua tomou todo seu calor.



Willow resistiu, lutando contra as sensações, mas a puxei mais perto.

Devorei-a de cima para baixo, antes de lamber seu clitóris e os meus dedos voltarem a lhe penetrar.

— Ash. — Liberou um suspiro surpreso, quando suas mãos voaram no meu cabelo, como se precisasse de algo para segurar.

Concentrei todo meu esforço em mostrar a essa garota, exatamente o jeito que deveria sentir, quando um homem a tocasse.

Tensão crescia nela, rapidamente.

Apelos saiam ofegantes de sua boca. Crescendo mais grossos. Mais carentes. Profundos.

Willow percorreu um caminho que nunca andou.

Podia sentir isso influenciar cada célula de seu corpo. Apertar. Espremer. Brilhar.

Girei minha língua e a inclinei.

Ela se arqueou.

Implorando meu nome, como se fosse uma canção.

Amei que não fosse reservada ou tímida sobre isso. Ela cantou meu nome em voz baixa murmurada, enquanto apertava suas coxas ao redor da minha cabeça. Continuei a



comê-la até a última gota de prazer que pude retirar de seu corpo.

Suas paredes pulsavam em torno dos meus dedos e diminuí o ato, facilitando e aliviando, até que ela parou de latejar e os tremores assumiram.

Beijei, suavemente, o interior de sua coxa.

E ela ficou ali, ofegante, olhando para o teto.

Sorri-lhe.

— Sim?

Era errado que me sentisse um pouco presunçoso?

Tocou meu rosto. Mais suave do que deveria.

Minhas entranhas torceram com a forma como me encarou e recuei, para dar-lhe espaço. Ou talvez precisasse para mim.

Willow se sentou, com a mão no meu peito, olhos chocolate brilhando. Uma mistura líquida de curiosidade, medo e desejo.

— Quero senti-lo. — As palavras rasparam através do ar denso.

Balancei a cabeça, enquanto meu pau gritou sim, por favor.

— Eu disse que esta noite não era sobre mim. — Ela saiu de cima da cama e estava diante de mim, coberta em



nada além de seu sutiã de renda, o corpo insano e ainda tremendo com o brilho.

Pegou minha mão, tão valente e confiante, olhando-me.

— Mas e se isto é para mim?

Encarei-a.

A mente estava em guerra com meu coração e espírito.

O problema era que nenhum deles sabia contra quem lutavam.

Ela me puxou para ficar e não resisti. Também não a detive, quando caiu de joelhos. Sua timidez estava de volta, todas as perguntas e incertezas voltaram.

Acariciei sua bochecha.

— Pêssego. Você não precisa fazer isso. Não tem nada a provar.

Ela traçou os dedos sobre a cicatriz do meu lado com os olhos tão sinceros, quando olhou para mim.

— Não acredito que ele foi uma parte disso. Que fez isso com você. Eu...— Foda-se ele. — Disse.

Os lábios dela dançaram com o sorriso mais fraco. Aquele rubor atingiu o rosto, quando deixou as palavras caírem da sua boca bonita.



— Você, definitivamente, sabe como ser um homem, não é? Vocês dois.... Vocês nem sequer vivem na mesma estratosfera.

Pensei que, talvez naquele segundo, apaixonei-me um pouco por ela. Um momento de reviver os mortos.

Porque jurei que podia sentir meu espírito subindo no peito, quando começou a se atrapalhar com o botão da braguilha, seus nervos ondulando livres, como se tivessem asas, quando ela puxou o zíper para baixo.

O pênis contraiu-se. Parecendo mais ansioso do que deveria estar. Nenhum de nós deveria envolver-se desse jeito, como estávamos.

Especialmente, quando um jorro de ar chocado correu de sua boca, quando me puxou livre.

Aqueles olhos arregalaram-se tão selvagens, olhando para mim. Seus dedos subiram, mal tocando minha pele sensível e inchada.

— Você é indescritível. — Ela mal conseguiu murmurar de volta o meu louvor, quando encostou em mim, antes de me testar na mão. Instável e apreensivo.

— Willow. — Disse. Meio avisando, meio apelando. Porque aqui estava esta menina tentando descobrir como por sua mão em volta do meu pênis, enquanto podia senti-la se aprofundando em cada parte de mim. Willow, finalmente,



levantou a outra, agarrando-me bem no meio com ambas as mãos, de leve, como se não soubesse se iria me machucar.

Então ela...

Fechou seus olhos, sentou-se sobre os joelhos e se inclinou para frente. Colocou um beijo suave contra a ponta.

Tão doce.

Porra.

E eu sabia que, com seus olhos espremidos apertados, procurava coragem. Ela estava em algum lugar, em sua cabeça, tentando descobrir a coragem que vi tão claramente, em seu interior. Encontrou-a porque, entre uma respiração e outra, usou suas mãos para me testar contra os lábios. Eles se separaram e puxaram para dentro.

Gemi, torci meus dedos através dessa massa de mogno, a menina tão intrincada e complexa como os pedaços de madeira que trazia à vida. Ela começou a me chupar, ganhando uma confiança instável, quando me levou mais profundo, com cada curso.

Em algum lugar no fundo da minha mente, sabia que teria o melhor boquete da minha vida. Isto era um pouco estranho, porque esta menina era tão tímida e insegura.

Mas nenhuma daquelas meninas sem rosto se destacou e sabia, sem sombra de dúvida, que nunca experimentei nada melhor em toda minha vida patética.



E isso me assustou pra caralho.





19

Willow

— Você quis deixá-lo beijar? — Summer bateu seu ombro em Willow.

Willow não pôde deixar de baixar a cabeça, para tentar esconder o rubor que subia por suas bochechas. Seus dedos brincavam através das altas gramíneas, onde se sentaram. Calor encheu o ar de Savannah, o céu tão azul, brilhante e acima, as árvores em ondulação, com os ventos suaves e deixando cair suas folhas, o som delicioso da brisa.

— Não.

Summer deu um riso despreocupado.

— Oh minha Willow, o que farei com você? Você não sabe que é para isso que namorados são? Beijar? — Sua irmã provocou.

— Eu não sou como você. — Willow admitiu.



Summer fingiu ofensa com um suspiro e sua mão bateu sobre o coração.

Os olhos de Willow passaram longe.

— Oh meu Deus... Você sabe que não é o que eu quis dizer, Summer.

Significava que não era corajosa e ousada como sua irmã.

Sua mãe lhe disse que seus pensamentos e ideias eram corajosos. Era o jeito que ela olhava para o mundo que deixaria sua marca.

Risos filtram através da brisa novamente.

— Eu sei, Willow. Você nunca diria uma palavra negativa sobre mim. Mesmo que possa ser verdade.

— Não diga isso. — Willow pediu.

Summer apenas balançou a cabeça e olhou para o céu.

— Algumas coisas são apenas o que são, irmãzinha. Mesmo que eu nunca quisesse que elas fossem.

O tom de sua irmã tinha se tornado triste, ultimamente.

— É por isso que não posso esperar para sair desta pequena cidade, com mentes ainda menores. Não posso esperar até que esteja livre de tudo isso. Para viver minha vida do jeito que quero.



Temor passou por Willow. O pensamento de sua irmã deixando-a também. Assim como seu pai fez no ano anterior. Não com sua mãe ficando cada vez mais doente. Estar sozinha era seu maior medo.

— O que faria sem você? Odeio o pensamento de você não estar aqui.

Tristeza encheu com o suspiro de sua irmã.

— Eu odeio a ideia de deixá-la, também. De deixar mama. Mas não sei se posso ficar, Willow. Não pertenço a esse lugar. Não me encaixo. Você não vê isso?

Ela se virou e a olhou, sua expressão implorando para que entendesse.

— Você e eu. Nós somos diferentes. Todas as belas coisas que tem criado na loja de mama? Você brilha aqui. Sua felicidade é aqui. E preciso encontrar um lugar onde eu brilhe.

Willow ligou seu dedo mindinho com sua irmã.

— Você vai encontrá-lo. Sei que irá.

Esperança, que parecia marcada pela descrença, brilhava nos olhos de Summer.

— Sim. Eu irei.

Arrancando um dente, Willow estendeu-o apenas à maneira como sua mãe sempre fazia.



— Faça um desejo.

A risada de Summer era descrente e lenta, sua voz suave com carinho.

— Veja... É isso que estou dizendo. Você é toda bondosa, coisa que nunca serei.

Acordei e levantei com pensamentos em minha irmã persistindo no meu espírito. A luz do sol passava pelas janelas. Desorientada, comecei a entrar em pânico, antes de me acomodar no conforto ao meu redor.

Isso não poderia ser real. Embrulhada no forte conforto dos braços de um homem estranho, seu grande corpo tão cálido e seguro, pernas entrelaçadas com a minha.

Um homem como Ash Evans, no entanto.

Ele me abraçou mais apertado, como se, mesmo dormindo, sentisse que me mexia. Sua boca apertava, suavemente, na parte de trás da cabeça. Seu nariz estava no meu cabelo e Ash murmurava um suspiro de satisfação.

Memórias de ontem à noite vieram até mim.

— Eu devo ir.

Sua mão segurou meu rosto e me guiou, até que estive ajoelhada diante dele.



Ele inclinou a cabeça e surgiu em sua boca um sorriso satisfeito. Cheio de promessas escuras.

— Querida, acha que terminou? Estou apenas me aquecendo. Você deve certamente ficar.

Eu tremia. Corpo. Mente. Alma.

Fique.

A noite passou em um borrão feliz. Seu toque, sua língua e seu corpo pressionado ao meu. Todo o tempo e de novo. Empurrando os limites, sem nunca romper. Meu corpo se torceu e Ash me levou para sua cama. Mãos grandes, tão suaves, trabalharam para vestir sua camiseta sobre a minha cabeça antes de puxar as cobertas sobre nós e sussurrar:

— Durma.

Quase podia sentir o rubor no meu rosto. Como era possível sentir tanto constrangimento e ousadia?

Ingênua e bonita?

Cuidando para não o acordar, desenrolei-me de seu abraço e saí da cama. Meus pés aterrissaram no calor da madeira gasta, abaixo de mim, neste lugar que confiou às minhas mãos. Parecia tão diferente à luz do dia.

Tanto como ele.

Olhei para a sua beleza bruta, quebrada, uma estátua de dilapidação perfeita de pedra preciosa, que rolou, para ficar de bruços. Suas costas nuas estavam expostas, pura



força muscular, ombros largos, grandes e cintura fina. O lençol mal chegando a cobrir seu perfeito traseiro redondo.

A vermelhidão tomou conta do meu rosto e apertei os lábios com os dentes.

Então, talvez fosse uma voyeur. Roubando alguns minutos privados.

Quando ele não estava de pé em cima de mim, dessa forma magnética, impondo, mas ao invés disso, perdido em seus próprios sonhos. E eu me perguntava... Se esses sonhos viajavam tão longe como seu amor de estar em um palco. Se queria mais ou algo diferente, ou mesmo se estaria eternamente satisfeito com isso.

Precisando limpar a cabeça, olhei ao redor do quarto, nossas roupas espalhadas pelo chão, até minhas pernas nuas, que apareciam por baixo da enorme camiseta.

Então, isso não ajudou.

Soltei um suspiro, lancei um último olhar para trás para o menino, na ponta dos pés andei para fora de seu quarto e desci.

Depois da noite passada, o café era uma necessidade.

Sim. Café.

De repente, cheia de propósito, abri as portas da cozinha.



Então, gritei e derrapei, até parar. Bati minha mão sobre a boca, para abafar o som horrível. Ou, talvez, para encobrir meu constrangimento, quando desejei que minha mão fosse cerca de cem vezes maior, para cobrir muito mais.

Zee se assustou, em pé na frente da máquina de café.

— O que está acontecendo Willow? — Suspirou pesado. — Você me assustou pra caralho. Porque está gritando? Sou só eu.

Tentei me equilibrar, minhas mãos trêmulas puxando a bainha da camisa de Ash para baixo um pouco mais.

— Te assustei? Eu acho que é o contrário. Eu não...

Sua sobrancelha arqueou.

— Diga-me que não esqueceu que moro aqui. Realmente, sou indistinguível em relação ao resto dos caras? Agora, isso é triste.

Nem mesmo perto. Ele era lindo. Incrível. Mas seu espírito parecia sempre tranquilo. A mosca na parede, que absorvia tudo.

Fiz uma careta, esperando que não o ofendi.

— Claro que não. Acho que é porque não te vejo muito por aqui, quando estou... E eu...

E estava totalmente distraída. Ainda flutuando através desse sonho de ontem à noite. Perguntando quando voltaria para terra firme. Quando essa bolha iria estourar.



Vermelhidão brilhou em meu rosto e comecei a recuar.

— Eu deveria... — Autoconsciente, acenei com a mão para a porta atrás de mim.

Deus. Isso não poderia ficar mais difícil. Era isso o que eles chamavam de a caminhada da vergonha? Porque estava sentindo isso por toda parte, iluminando a pele e deixando meus nervos sensíveis.

Zee riu.

— Não se preocupe, Willow. Você não é a primeira menina de fora a vir para esta cozinha, na parte da manhã. Talvez a primeira a entrar gritando. Mas, definitivamente, não é a primeira.

Vacilei.

OK.

Isso doeu.

Não deveria. Mas doeu. Outro lembrete de que precisava me cuidar. Ver onde pisava e no que estava me metendo. Porque sentia como se talvez estivesse ficando muito profundo.

Summer sempre me disse para ter cuidado. Que eu tinha um tipo especial de coração. O tipo que era facilmente esmagado.

O sorriso de Zee era doce. Macio em seu jeito fácil de compreender.



— Ei, não quis dizer nada com isso. O que faz com Ash é seu negócio.

Torci minhas mãos na frente do corpo.

— Mas não estamos... Nós não...

As portas se abriram atrás de mim. A presença, que soprava com ele, engoliu todo o ar.

Tremi.

Oh Deus.

Esse menino me afetou. Demais.

De trás, Ash envolveu os braços em volta da minha cintura.

Fogo, chamas e luz.

Um tremor atravessou-me da cabeça aos pés.

Ele riu, como se soubesse todo o poder que exercia.

— O que quer dizer, não estamos?

Senti o sorriso satisfeito que jogou em Zee, por cima do meu ombro. Como se fosse claro como o dia o que estávamos fazendo, fazendo a coisa mais confusa. Em seguida, ele começou a deixar um rastro estonteante de beijos, ao longo do meu pescoço.

Fascinante.



Isso poderia ter sido a única razão pela qual derreti contra seu domínio, no meio de sua cozinha, na frente de seu amigo.

Zee riu baixinho. Devia estar acostumado ao humor alegre de seu amigo.

— Parece que essa é a minha deixa para sair e não atrapalhar o que quer que vocês dois estão ou não fazendo.

Arrepios surgiram.

— Obrigado, cara. — Ash murmurou.

— Sem problemas. O café está feito.

Zee pegou seu copo e começou a atravessar a cozinha. Ganhei um sorriso quase simpático, quando se aproximou. O que ele mandou para Ash era quase como um aviso e desapareceu pela porta de vaivém.

— O que foi isso? — Perguntei. Saiu mais como sussurro do que pretendia, com aqueles lábios contra minha pele.

— Isso significa que ele gosta de você. — Ash continuou beijando meu pescoço, nariz indo mais fundo no que tinha que ser um ninho de ratos de cabelo. — Basicamente, ele me disse que ficaria muito feliz em me bater, se te machucar, tudo sem dizer uma palavra.

Ele me virou e meu coração tropeçou, antes de dar a próxima batida. Mais pedaços de seu cabelo caíram para



frente em sua testa, seus ângulos definidos do rosto, seu queixo largo e seu nariz afilado. A estátua perfeita quebrada. Meu glorioso vingador iluminado pela luz.

A parte secreta me emocionou. Essa parte que estava sendo pisada em pedaços por eu ser tão tola, por fazer o que estava fazendo agora. Porque não lhe disse nenhuma mentira.

Eu só compartilhava meu corpo com um homem, se o amasse. E pouco a pouco Ash manteve-se, levando pedaços de mim para si mesmo. Meu coração, meu espírito e meu corpo.

Se não me cuidasse, tudo pertenceria a ele.

Ele me destruiria.

Algo grave passou por sua expressão. Doloroso e prometido. Entregue, duramente, quando deu um passo ameaçador em direção a mim. Roubando-me ar e sanidade.

— Mas não há nenhum risco nisso, vendo a forma como nós estamos apenas fingindo. Certo, querida?

Tive a sensação nervosa que pudesse dizer isso para seu próprio benefício. Que talvez houvesse uma chance de sentir-se diferente também.

— Você não pode ferir o que você não tem — disse-lhe. Talvez, meu próprio aviso para dar um passo atrás.



Ash agarrou meus quadris em ambas as mãos. Gritei, então dei boas-vindas ao calor duro de seu corpo conectado com o meu. Sua voz era crua e suave.

— Mesmo se eu quiser te abraçar... Mantê-la... Será tudo errado, baby. Será tudo errado, porque sou errado. Sou feio em todos esses lugares que as pessoas não podem ver. Esse é um lugar que não posso deixar você ir. Não vou deixar você ir. Você merece muito mais do que o que está esperando.

Ash disse, como se tentasse se convencer. Mas havia algo sobre ele oferecer essa verdade. Confirmando a realidade desse ponto dentro dele, que só tinha vislumbrado. Este menino bonito quebrado não foi cortado apenas na parte externa. Tinha algumas dessas cicatrizes espalhadas pelo interior, também.

— Eu nunca pedi para ir lá.

Defesa.

Era tudo que tinha.

Sorriu e era ao mesmo tempo triste e arrogante. Deveria ter sido impossível. Mas não para ele.

— Não há necessidade de dizer isso. — Seu polegar roçou o oco debaixo do meu olho. — Estava escrito em cima de você na noite passada. Estes olhos, Willow.

Assisti o pesado estalo de seu pomo de Adão, enquanto engolia.



— É como se tivessem sua própria alma. Como se soubessem coisas escondidas. Que mantivessem todos os segredos que nunca foram contados. E quero dar-lhe tudo o que estão pedindo. Qualquer coisa. Mas há algumas coisas que, simplesmente, não tenho para dar.

Emoção brotou. Apertada e ardente.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que quando terminarmos? Quero ter-lhe dado algo, ao invés de ter tirado de você. Quero que esteja pronta para enfrentar este mundo, levá-lo na palma de suas mãos e exigir tudo o que merece. Quero passar todos os dias que temos mostrando como é linda. Isso significa que não quero te machucar. Nunca. Preciso saber que pode lidar com isso.

— Você me faz sentir como se pudesse.

Era tanto minha maior verdade e minha maior mentira.

Ele se aproximou.

— Qual é seu maior medo?

Eu não tinha necessidade de procurar tão longe, minha boca estava sussurrando os segredos que guardava.

— Estar sozinha. — Apertei meus olhos, com um movimento acentuado de minha cabeça antes de esclarecer. —Não de ficar sozinha fisicamente. Mas de ser solitária.

Abracei o ar em torno de nós, antes de tocar no peito.



— De ter todo esse amor aqui e não ter ninguém para dar.

Guardada, olhei-o, seu olhar tão intenso.

— Parece que todo mundo que mais amo é arrancado para longe. Um por um. E estou com medo de que um dia, darei a volta e não haverá uma única pessoa em pé, além de mim.

— Aquele cara está lá fora — prometeu novamente. Enfático. — Aposto que está montado lá fora em um desses dentes de leão que sua mãe enviava para os céus, quando era apenas uma menina. Lá fora, flutuando no ar.... Esperando por você para alcançá-lo.

E se quiser que ele seja você?

Aquela voz gananciosa e vaga gritou por mim, uivando com a consumidora solidão, que só este homem tinha o poder de tocar, como fez na noite passada.

Bates nunca chegou perto.

Silenciei-a e olhei para este homem notável, as palavras apenas uma respiração.

— Qual é o seu maior medo?

Ele não hesitou.

— Apaixonar-me. Ser responsável por isso. Pela felicidade do outro, sabendo que um dia, serei responsável por decepcioná-lo.



O olhar em seu rosto quase obliterou meu coração. Estava ali por um breve flash de segundo. Indo embora, antes que pudesse ser percebido.

O tipo mais cruel de dor.

Um sorriso falso rachou seu rosto.

— Já tentei fazer isso uma vez... Não terminou muito bem. E não tenho certeza se posso passar por algo tão horrível novamente. Já destruí muitas coisas na minha vida, Pêssego. Não tenho a intenção de repetir.

Balancei a cabeça devagar, tentando processar este homem. Seu grande coração sangrando e sua alma calejada.

Ele avançou em minha direção, obrigando-me a retroceder, até minhas costas pressionarem o balcão.

— Nós estamos bem, então? Concordamos que passarei os próximos meses consertando sua mente... Tudo, menos sexo, Pêssego. Porque, como te disse ontem à noite, não posso mexer assim com você. Sabendo o que isso significa para você. Mas vou te ensinar a exigir o que quiser. O que precisar. Então, quando terminar, sairá da minha porta pronta para encontrar o cara que vai me soprar para fora da água.

Impossível.

Eu não disse isso.

Em vez disso, balancei a cabeça.



Um sorriso surgiu nos lábios.

— Bom. Acho que a próxima coisa na agenda será mudar a ordem do dia no meu quarto, porque acordar ao romper da aurora, com o nascer do sol através das janelas, não é, exatamente, a minha coisa favorita de manhã. Especialmente, acordar com uma cama vazia, quando você deveria estar nela.

Ele fingiu um beicinho.

Um riso soltou.

— O que, acha que só porque me pegou em sua cama, vou de repente, começar a fazer seu lance? Você fica sem cortinas até as paredes serem pintadas. Não é como se não tivesse outros seis quartos para escolher.

Ele se moveu mais rápido do que poderia fazer sentido. Prendeu-me contra o balcão. Um predador me acuando. Pronto para atacar sua presa.

Era eu uma tola por querê-lo?

Um sorriso arrogante curvou sua sedutora boca, paquerador, inclinou-se mais perto.

— Hmm... Se bem me lembro, era você quem fez todos os lances, noite passada. — Rugiu.

— acho que foi você quem me disse para nunca ter medo de pedir o que quero.

A verdade era que tinha medo de pedir tudo.



— E o que é que você quer? — Persuadiu.

— Quero você.

Fiquei em silêncio, quando me pegou pela cintura, colocando-me para cima do balcão, as mãos empurrando os joelhos.

Eu solucei, chocada e tão ligada, que não vi como preparei as mãos espalmadas sobre o balcão, atrás de mim.

Isso era o que esperava. A sensação pela qual estava desesperada em conseguir. O que sabia que faltou.

Seu sorriso era desonesto e sua língua saiu, para molhar os lábios. Um único dedo provocou através de minha umidade.

O mundo inteiro ficou elétrico. Cada átomo, uma sinapse de necessidade.

— Ainda nua.

Engoli o nó na garganta.

— Sim.

Ele gemeu. Mal tocando minha pele sensível, inchada, ainda formigando da noite passada. Meu estômago se apertou e esses lugares pulsavam, com um desejo que nunca conheci.

Suas palavras raspavam minha pele, como a lixa que eu passava pela madeira. Expondo o que estava por baixo.

— Qual foi sua parte favorita?



Ash circulou a ponta do seu dedo ao redor desse ponto que eu mais queria.

Faíscas.

— Eu...

Não conseguia respirar. Não conseguia pensar.

Acrescentou um dedo, provocando e me explorando de frente para trás, tocando lugares que nunca fui tocada.

Suspirei.

— Ash...

— Eu sei, querida, eu sei. — Sussurrou. Antes mesmo que começasse a me testar, já sabia a resposta.

Ash pressionou dois dedos dentro, senti-o suado e quente, chamas lambendo, dançando e circulando. O prazer espalhou e se reuniu. Levando-me toda. Mais alto e mais alto. Voei até estar com meu traseiro mal agarrado ao balcão.

Beijei-o com força.

Nos segundos que nossos lábios se encontraram, devorou-me.

Boca, língua, corpo, alma.

Ele pressionou seus dedos duro e profundo, girando o polegar dessa forma mágica, sabendo exatamente o que eu precisava. Enviou-me em êxtase novamente. Atirando-me para aquele lugar prometido. Onde as estrelas dançavam e



sangravam. Fiquei flutuando por muito pouco tempo, antes que voltasse à realidade.

E, como prometeu, estava lá, para me pegar em seus braços.

Sem pensar, desci do balcão e cai de joelhos.

— Isso... Isso foi meu favorito.

Depois do que acabou de fazer, deveria ser uma mentira. Mas isso... Isso era o que me perseguia nos sonhos. Explorar e experimentar este homem magnífico. Uma fantasia. Minha própria ilusão impecável.

Um gemido surgiu de algum lugar profundo, em sua garganta. Seus traços torceram, em uma confusão de choque e luxúria.

— Tocá-lo. Prová-lo.

E talvez tenha sido todos os orgasmos que me fizeram enlouquecer.

Porque a menina encolhida e tímida pensaria que isso era humilhante. Provavelmente, porque Bates me disse que era horrível para ele. Fez-me questionar cada toque, cada necessidade e desejo que tinha. Mas de joelhos na frente da Ash Evans, senti-me poderosa. Vendo o homem intimidante ficar acima de mim, a protuberância de seus bíceps e braços, seu abdômen plano, passando pelo estômago rasgado, dentes tão cerrados.



O guerreiro.

Mas podia senti-lo tremer.

Cheio de necessidade.

Algo que criei nele.

Desci sua cueca. Expondo-o do jeito que me expôs.

O homem era enorme. Tive o pensamento rebelde que Tamar tinha razão. Tinha que ser tão grande, quanto seu coração.

— Por que você está sorrindo? — Perguntou-me, com um daqueles sorrisos. — Acho que está saindo demais comigo. Parece que estou esfregando em você.

Corajosamente, levei-o na minha mão.

Porque Ash Evans me esfregando era, exatamente, o ponto.





20

Willow

Lá embaixo, a campainha tocou. Excitação tremia na minha espinha. Dei um último olhar para mim mesma no espelho, alisei o vestido bege bonito, que combinava com um par de sandálias. Dei-me um sorriso tranquilizador e virei para pegar minha pequena bolsa e descer as escadas.

Um encontro.

Aparentemente, Ash Evans levava todo esse fingimento a sério.

E Deus, adorei. Compartilhando cada segundo, até o momento em que se fosse.

Fui para o hall da minha pequena casa e direto para a porta. Abri. Pega de surpresa, recuei, minhas entranhas torcendo em dois, ao descobrir o que me esperava do outro lado.



Bates.

A raiva se reuniu como uma tempestade.

— O que está fazendo aqui?

— Ah, agora é essa a maneira de receber o amor de sua vida? — Ele disse isso com cada onda de desprezo condescendente que sempre me reservou.

Ressentimento ondulava e me enervava.

— Isso é porque não tenho nenhuma boas-vindas para dar. Você as usou. O que significa que não é bem-vindo aqui... Então precisa ir.

— Estou preocupado com você. — Disse, o desprezo, de repente, ausente do seu tom.

Isso era Bates. Astuto e matreiro. Sempre usando palavras, para obter o que quisesse.

Minha risada era nada menos que um escárnio.

— Você está preocupado comigo? Isso é novo.

— Essa sua cabeça estava sempre cheia de contos de fadas, Willow. Não posso mudar isso, mas me sinto responsável, quando vejo que deixa se levar por um deles.

Indignação passou através dos meus nervos.

— Isso é engraçado, considerando que você é o único que me mostrou, em primeira mão, que não devo acreditar neles.



— Eu mudei.

Escárnio teceu nas palavras.

— Você mudou?

— Sim.

Meu olhar viajou por cima do ombro para a rua, onde um caminhão estacionou na minha calçada. Eu mal conseguia identificar a silhueta do homem sentado no assento do motorista.

Não importava. Eu o reconheci.

A ira tranquila saturou cada célula do meu corpo, este ódio que não conseguia entender, cresceu no meu espírito.

— Você tem coragem de aparecer na minha porta com Billy, no entanto? Depois do que vocês fizeram?

— Eu lhe disse antes, ele tinha que pagar. A última coisa que vou fazer é me sentar de lado e vê-la se perder com um homem assim.

De repente, senti-me enjoada.

— Um homem assim? Você, realmente, é ignorante, Bates? Realmente, acha que depois do que fez comigo, tem uma palavra a dizer sobre quem vejo ou o que faço?

— Eu te amo. Cometi alguns erros, mas estou aqui para recompensá-la. Você não consegue ver isso?

Erros?



Ele arruinou minha vida.

Suas palavras azedaram em meus ouvidos. Eu o odiava. Porque talvez fosse o momento em que percebi que o odiava. Completamente. Não houve partes deixadas em meu interior que, secretamente, desejavam que tivéssemos encontrado um resultado diferente.

— Meu amor morreu por você há muito tempo. Agora você e Billy precisam sair do meu caminho. Tenho planos.

Seus olhos traçaram meu corpo, o vestido que usava. Suas narinas se alargaram.

— Eu não vou desistir de você, Willow. Prometo-lhe isso.

Balancei a cabeça.

— Bem, isso é muito ruim, porque está desperdiçando seu tempo.





21

Ash

Virei na rua de Willow. Ansioso. Ávido. O que era, provavelmente, a emoção mais ridícula que experimentei. Mas nada disso parecia importar. Porque lá estava ela, cada vez mais forte, quanto mais perto estava de seu lugar.

Aquele sorriso se espalhou pelo meu rosto, quando vi o caminhão grande estacionado no meio-fio.

Uma onda gelada feroz e letal tomou minhas veias. Cada nervo do meu corpo disparou, com um ódio tão espesso que certamente iria sufocá-lo, quando fiz contato visual com o bastardo ao volante.

Punhos, pés e aquela vara.

Meu olhar cravou no bastardo sentado no banco do passageiro.



Minhas mãos apertaram o volante e os dentes mostraram-se em fúria, raiva esmagando meu peito tão apertado, que fiquei com falta de ar.

Raiva passou por minha cabeça.

Ambos os veículos diminuíram, quando passamos. Olhos presos em uma guerra silenciosa, iminente.

Talvez Lyrik tivesse razão. Talvez devesse ter pressionado a polícia. Cuidado dessa merda de maneira racional, como pessoas normais. Porque estava ansioso para o acerto de contas e o desastre já estava escrito.

No segundo que passei, aquele idiota do Billy ligou o motor e fui deixado com este protecionismo crescente que consumia o espírito e meu olhar viajou para a menina que estava na porta.

Maldita seja.

Por que ela tem que me afetar dessa maneira?

Faz-me sentir louco e diferente, melhor e pior.

Mas não podia parar. Não foi possível parar a necessidade desesperada, quando entrei em sua garagem, estacionei meu SUV e desliguei o motor.

Saltei como uma espécie de louco demente, indo em sua direção, tentando controlar a raiva que fervia nos músculos. Subi rapidamente os dois degraus onde ela estava.



— Pêssego. — Minhas mãos pousaram em ambos os lados do pescoço.

Alívio.

— Você está bem?

Willow tentava controlar sua respiração irritada.

— Sim.

— Que porra é essa que ele queria?

— Eu.

Sufoquei uma risada. Claro que ele queria. Quem não gostaria? Às vezes, até mesmo idiotas vinham a seus sentidos.

— E?

— E lhe disse que precisava sair, porque eu tinha muito mais o que fazer com a vida.

Ri novamente. Desta vez o som saiu mais suave e encostei minha testa na dela.

— Boa menina.

Ela sorriu para mim.

— Ei, tenho uma estrela do rock infame para domar. Este é um negócio sério. Não tenho tempo para qualquer um de seus disparates.

Por que ela tem que ser tão doce?



— Pêssego... O que vou fazer com você?

— Beije-me.

Gemi, beijei-a longa e profundamente, minhas mãos em seu queixo, o coração batendo muito rápido. Willow agarrou-se a meus pulsos, beijando-me de volta. Suave e macio. Delicioso. Delírio.

Afastei-me. Um pouco de seriedade saiu em meu tom.

— Preciso que voce me diga se esse idiota está incomodando-a, Willow. Não o quero em qualquer lugar perto de você.

— E não o quero em qualquer lugar perto de você. Qualquer um deles. O que fizeram...

Engoli em seco.

— Não se preocupe comigo.

Sua testa se juntou.

— Odeio que ele foi parte disso. Odeio-o tanto por lhe ferir.

Balancei a cabeça.

— Prometo-lhe que lidarei com isso. Por nós dois. Compreende? Eu não quero você se relacionando com esse imbecil.

Ela assentiu, mas parecia relutante.



—Diga-me que tudo bem. — Exigi um pouco mais difícil. Porque merda. Eu não estava brincando sobre isso. Não com ela. Não com alguém como ele.

—Tudo bem. — Disse.

— Boa. Porque você estava certa... Temos coisas muito mais importantes para fazer. Como este encontro.

Coloquei o braço em torno do seu ombro e comecei a guiá-la em direção ao meu *Navigator*. Podia sentir a tensão escoar dela, quando se aconchegou ao meu lado. Dei um beijo em sua testa, antes de lançar um sorriso para os *paparazzi,* que esperavam para ter uma foto do outro lado da estrada.

— Parece que você está ficando popular, srta. Langston, — murmurei, com um gesto na direção deles.

Ela escondeu o rosto no meu peito e pude sentir seu sorriso flutuando sobre meu coração.

— É um pequeno preço a pagar, para obter esses momentos com você.

Peguei a cesta de piquenique e cobertor do assento, atrás de mim e, rapidamente, contornei a frente do *Navigator*. Abrindo a porta, curvei-me exageradamente. — Aos seus serviços, senhora.



Willow deu uma risadinha, o som tilintou livre e me envolveu como um abraço.

— Bem é um cavalheiro então? — Disse em seu sotaque bonitinho interiorano, quando saiu do assento.

Deus. Esse som sozinho fez-me querer comê-la.

E esse vestido...

A mulher tentava matar-me.

Arqueei uma sobrancelha.

— E o que deu-lhe a impressão de que não sou um cavalheiro?

Desta vez, ela riu.

— Um.... Olá, senhor que espalha o amor, onde quer que vá. Isso, por si só, deveria ser prova suficiente.

Enfiei seus dedos com os meus.

— Como, no mundo, espalhar amor é considerado rude? Soa bastante bom para mim. — Inclinei-me e sussurrei em seu ouvido: — e sempre digo por favor e obrigado. Veja, cavalheiro por completo.

Ela revirou aqueles olhos bonitos.

— Mantenha-se dizendo isso, estrela do rock.

Rindo, puxei-a um pouco mais, quando a levei até uma pequena duna. Dispersa, gramas elevadas cresceram a partir



da areia, balançando na brisa, que se movia com as ondas suaves tombando, caindo na costa de *Tybee Island*.

— Como está aqui?

Bloqueios de mogno chicotearam ao seu redor, ao olhar em volta. Ela deu um aperto de mão, olhou para mim.

— Está perfeito.

Espalhei o cobertor e coloquei a cesta em cima dele, desempacotando tudo de dentro, vinho, queijo e biscoitos. Então, sim. Tive que engolir e ligar para Shea, para pedir-lhe conselhos sobre o que levar, enquanto a menina gritava ao telefone, anunciando sua vitória sobre nossa aposta, que estava apenas em perspectiva.

Ela só não sabia que a coisa era impossível, então deixei-a cutucar, provocar e incomodar, fazendo-me questionar, novamente, no que estava me metendo.

Mas vendo Willow parada ali? Esse vestido delicado agarrado em suas coxas e cabelo chicoteando no vento? A expressão de adoração em seu rosto? Sabia que valia a pena, mesmo que por pouco tempo.

Tiramos nossos sapatos, sentamos no cobertor, alimentando um ao outro com pequenos pedaços de comida, enquanto ríamos e tomávamos nosso vinho, como se fôssemos um casal normal, compartilhando outra noite tranquila. Nossa conversa foi fácil e descontraída. Nossos



toques brincalhões e doces, enquanto o ar arrefecia, com o dia indo embora e o céu escurecendo cada vez mais a cada minuto.

Satisfeito.

Eu não tinha certeza de já ter sentido algo tão forte.

Willow, de repente, ficou de pé, com aquele sorriso livre e me olhou por cima do ombro, correndo do banco de areia em direção à praia deserta. Indo direto para a água.

Eu estava bem atrás dela.

Rindo, enquanto a perseguia.

Jogou-me água e espirrei de volta, o material fino de seu vestido ficou encharcado na bainha, bem agarrado às suas coxas.

Deus.

Ela era deslumbrante.

Diferente em todos os sentidos. Brincamos e tocamos pelo que pareceu uma eternidade, até que meu peito estivesse muito cheio e o pênis implorasse por atenção.

E sabia que estava caindo profundamente. E, exatamente, por esse pouco tempo, escolhi não me importar. Porque este tipo de fingimento parecia a melhor coisa que já fiz.



Ela gritou, quando, de repente, agarrei-a e a joguei por cima do ombro.

— Ash... O que você pensa que está fazendo? — Implorou, com uma fome crescente, que era impossível perder, ofegante.

— Transportando seu doce traseiro até o cobertor, para que possa ter um gostinho de você. — Dei nesse traseiro doce um bom golpe. — O que parece que estou fazendo?

— Oh meu Deus, Ash, coloque-me para baixo.

— Não é o caso.

Sua risada era nada menos do que sedução.

— Oh, cuide de você, Sr. Evans, não lhe pertenço. Coloquei-a no centro do cobertor, enjaulando-a por todos os lados.

Seus quadris mexeram, buscando o atrito, os ombros pressionados firme no cobertor, enquanto se contorcia. Olhei-a com as sombras jogadas em seu rosto, o fraco brilho da lua marcando sua pele cremosa.

Meu pênis latejava. Inclinei-me e me esfreguei contra seu doce calor.

Felicidade.

Willow estremeceu e suspirou, depois deu uma risadinha, quando belisquei seu queixo, minha voz áspera.



— Neste momento, você é minha. Toda. Minha. E não há nada que possa fazer sobre isso.

— E se aquele cara que estive esperando, de repente, viesse andando sobre o monte, procurando por mim? — Foi toda uma provocação rouca.

— Eu lhe diria para virar à direita por aí, porque não acabei ainda. Ainda temos algumas lições a aprender.

— Oh, o que estamos fazendo, não é?

— Mmhmm...Todos os tipos de lições.

Uma que certamente testava meus limites.

Coisa boa, porque estava pronto para o desafio.

Deixei minha mão percorrer sua coxa, esgueirando por baixo do vestido e apalpei seu traseiro. Ela gemeu.

Riso soou pelo ar, vozes vindas da praia.

Nós congelamos e os olhos de Willow voaram para longe.

Apertou o rosto no meu pescoço, escondendo seu riso autoconsciente lá, o som vibrando em mim como uma carícia, nenhum de nós dispostos a se mover, até que as vozes desapareceram.

Puxei de volta minhas mãos, sorri para a menina. Mais suave do que pretendia.

— Acho que é melhor guardar isto até voltarmos para minha casa. Não queremos dar muito trabalho aos *paparazzi*,



não é? A última coisa que o sortudo vai querer é uma foto sua na praia comigo.

Meio que engasguei com isso, porque odiava cada vez mais o pensamento.

Um baixo riso saiu dela, antes que seus olhos se enchessem de algo profundo. Adorador. Passou os dedos através dos longos pedaços do meu cabelo.

— Você merece ser amado, também, Ash. Espero que você saiba disso. Espero que se abra o suficiente, para encontrá-la um dia.

Acalmei-me, antes de balançar a cabeça, para refutá-la.

Ela passou a palma da mão pela minha lateral, onde todos os meus erros me assombravam, depois, lentamente, chegou até meu coração.

— Sabe o que acho? Acho que este coração está parado no tempo. Um prisioneiro do passado.

Minha boca se abriu para detê-la, mas continuou cortando-me.

— Acho que em algum lugar, no percurso, você teve o coração partido e agora está com medo de permitir que isso aconteça novamente.

Luto girou em meu ser, como um furacão. Como se ele tivesse se levantado das profundezas do mar e caído em cima de mim, como uma onda devastadora.



Uma onda que revelou o ponto que queria manter enterrado para sempre.

— Quem quebrou seu coração, Ash?

Meu rosto se fechou com a admissão áspera.

— Eu quebrei, Pêssego. Fui eu. E nunca farei isso de novo. Você precisa se lembrar disso.





22

Ash

— Que porra é essa? E você não nos chamou? — Baz voou para a frente de onde estava sentado no sofá, enquanto Lyrik saiu dele e começou a andar pela sala. Austin respirou duro, os dentes de Zee cerrados.

A hostilidade era palpável no espaço confinado.

Ricocheteando entre todos nós.

Estávamos no porão da casa de Baz, onde o estúdio fantástico estava escondido, na parte de trás.

Nós estávamos aqui pelo último par de horas, tomando decisões, revendo algumas letras e trabalhando, através de alguns acordes.

Então, sim. Tecnicamente, eu ainda deveria estar sentado nas arquibancadas. Mas como disse, esses idiotas não estavam dispostos a me segurar ou me deixar de fora.



Idiotas que se tornaram o foco da nossa conversa.

Soltei uma respiração tensa, ainda tentando trabalhar com a realidade.

— O idiota andou naquela reunião como se fosse dono do lugar. Como se o mundo lhe devesse alguma coisa. Até que eu estava na cara dele. Face a face... De repente o babaca não era tão durão. Vai saber.

Lyrik agarrou com as duas mãos seu cabelo, andando furioso pela sala. Típico.

— Sim, até que encontrou com dois deles. As probabilidades estão cada vez menos a seu favor. Digo, você não pode estar lá fora, vagando sozinho. Isso é besteira, cara. E se isso se transformasse em uma repetição da primeira vez?

— Teria lidado.

— Sim, mas e sobre o resto de seus amigos lá fora? Agora tem dois idiotas correndo ao redor, chateados que suas meninas escolheram você. E estou apostando que depois daquele encontro na reunião, não o deixou com um sentimento caloroso.

Eu zombei.

— Ele pode ter ficado vermelho, mas não chamaria exatamente isso de caloroso.

— Eu aposto.



Baz juntou as mãos entre os joelhos.

— Então, o que faremos sobre isso?

Lyrik, praticamente, zombou, saltando uma batida frenética na ponta dos pés.

— Sei exatamente o que quero fazer sobre isso.

Austin agitou no ar a palheta que estava brincando, pegou-a em um punho e a atirou novamente.

— Estou dentro. Digo para caçar os bastardos. Acabar com isso agora, antes de se colocar em uma situação que você não pode sair. Eles já provaram que são do tipo de marginais que atacam um homem em gangue. Ou talvez você precise dar o fora de Savannah. Voltar para Los Angeles e ficar quieto, até as coisas esfriarem. Nós seguraremos o álbum um pouco. Já estamos segurando por um par de semanas, um pouco mais não vai doer.

— Sim. Eu voto LA. — Zee não estava brincando. Não era seu estilo. Mas, se fosse o caso? Ele estaria ali mesmo com luvas, subindo para o ringue.

Sacudi duro minha cabeça.

— De jeito nenhum. Não estou me escondendo. E sério? Ficar escondido em LA? Isso é como uma espécie de paradoxo torcido. Aqui é onde eu deveria vir para relaxar.

E Pêssego estava aqui.



Tentei não deixar ir mais fundo o fato de que foi meu primeiro pensamento. Fiz uma oferta, uma promessa e pretendia mantê-la.

Sentei-me para frente. Ira rasgou meu peito, tentei controla-la. Olhei para o chão, passando para trás os longos pedaços de cabelo, que caíam para frente.

— Eu não sei o que diabos fazer. O fato que ele é o ex de Willow... É....

Uma bola de raiva engoliu minhas palavras.

Porra.

Eu queria apagá-lo. De muitas maneiras.

Pisquei.

— Isso complica as coisas.

Lyrik franziu a testa.

— Isto não é sobre ela.

Vacilei e suas palavras sibilaram.

— Merda. Isso é sobre ela?

Cai para trás na cadeira.

— Você sabe que não é.

Não podia ser.

— Você tem certeza disso? — Lyrik pressionou.



— Não, até começar com esse tipo de besteira. Você sabe que não me perderia assim.

Atirei-lhe um olhar de advertência. Ele compreendia; ia para esse território perigoso, onde sabia que não era permitido.

— Sim? E por que, quando eu estava todo torcido sobre Tamar, pensando que não poderia tê-la, você estava ali para puxar minha cabeça fora do traseiro? Obrigando-me a enfrentar o que estava bem na minha frente?

Tentei manter minha voz leve.

— Isso é porque pensou que não a merecia, cara. Eu fiz uma escolha, para viver da maneira que vivo. Escolhi estar sozinho. E não preciso de qualquer um de vocês me dizendo que a escolha foi errada. Você era um miserável e estou tão feliz quanto posso ser. Grande diferença.

Gostaria de saber quando isso começou a ser uma mentira.

— Todos temos histórias, homem. — Cutucou, seu tom de voz diminuindo, porque sabia que estava patinando em gelo fino. — Quando é que você vai aprender que não tem que ser um prisioneiro da sua?

A visão me bateu antes que pudesse detê-la.

Sangue.

Marcas de mãos.



Manchada.

Frio.

Agonia arranhou meu peito e minhas mãos prenderam em cima das coxas.

— Não.

Baz começou a empurrar também.

— Você sabe que está nos alimentando com sua própria marca de besteira, desde que estávamos com nove anos? Sinto o cheiro a uma milha de distância e de onde estou sentado, cheira muito mal. Isso já aconteceu há um longo tempo.

Há muito tempo, quando o tempo parou. Como se qualquer quantidade de dias ou anos, pudesse apagá-lo. Mudar o que fiz.

Zee riu, totalmente, alheio às insinuações de Baz e Lyrik, que foram diminuindo.

— Sério.... Estou acostumado a acordar todas as manhãs com esse idiota enviando uma garota diferente tropeçando porta afora. Maldição, de repente, esbarro com Willow se esgueirando na cozinha, para uma xícara de café, ao romper da aurora, cabelo todo bagunçado para cima, com o rosto vermelho e tímida. Acho que é hora de confessar, irmão, porque ela não está nem perto de ser seu tipo e parece-me que você não pode ter o suficiente. Quero dizer,



não que possa culpá-lo. Se tivesse uma garota como essa, gostaria de mantê-la, também.

Mantê-la.

Aquele lugar invisível dentro de mim puxou.

Forcei uma risada desconfortável.

— Que seja, idiotas. Não é nada disso.

Só que senti tudo sim. Eu gostava dela lá. Ficando. Adormecendo em meus braços e acordando na parte da manhã.

Culpa me invadiu. Difícil e dura, não devia alimentar esses pensamentos. Recusei-me a assumir esse tipo de peso. A alegria de alguém.

— Ainda não resolvemos nada. — Lyrik ficou no meio da sala, com os dedos entrelaçados atrás da cabeça. Tentando segurá-la junto. — Precisamos pressionar os policiais sobre isso, ou cuidar disso nós mesmos. Você sabe onde estou, mas não é mais tão simples. Há uma tonelada a mais para todos nós andarmos na linha. Famílias. Crianças.

Baz grunhiu em acordo.

— Não peço a qualquer um de vocês.

Austin sentou-se para frente.

— Mas isso não significa que não estaríamos lá, também. Porque isso é exatamente onde você sempre esteve.



Cuidando das nossas costas. Da próxima vez, prometo que vou estar lá para proteger a sua.

Baz exalou pesadamente.

— Só fique quieto, ok? Não vá para a cidade ou se coloque na linha, da maneira que gosta de fazer. Nós vamos descobrir o que fazer. As possibilidades são que ele só vá explodir.

— O problema é que não tenho certeza se quero que façam isso.

— Entendemos isso, cara. Nós começamos isso. Você apenas tem que decidir se ir atrás deles vai valer a pena, no final. Você decide que sim? Sabe onde estaremos.

Baz olhou em volta para todos, procurando um acordo.

Cada um deles acenou sua fidelidade.

A forma como sempre foi.

Tudo.

Todos nós.

Toda vez.





Edie me puxou para a privacidade do hall, o resto do grupo fazia um barulho de bagunça, do outro lado da casa de Baz.

Ela me encarou.

— Nós queríamos que fosse o primeiro a saber, antes de fazermos o anúncio.

— De jeito nenhum. — Murmurei, quando um pouco de choque percorreu meus sentidos. Não sabia bem como processar esse tipo de notícia.

Por Deus, não poderia ser mais grato por minha irmã encontrar o amor e a felicidade. Sabendo o tempo todo que seu anúncio estava na raiz de sua tristeza.

Outra tragédia que fui o responsável.

Austin tinha os braços cruzados sobre o peito e olhava para ela com uma expressão de adoração estampada em seu rosto.

— Você está feliz? — Perguntei-lhe.

— Muito feliz.

Puxei-a em meus braços, abracei apertado, sussurrando mil desculpas silenciosas por aquela noite e dizendo que faria qualquer coisa para voltar no tempo, enquanto murmurei contra sua cabeça.

— Você vai ser a melhor mãe do mundo, Edie. Sei que você vai.



Ela assentiu e se afastou.

— Obrigada. — Sussurrou.

— Não há absolutamente nenhum agradecimento para mim?

Olhou por cima do ombro, para Austin, que, lentamente, aproximou-se.

Olhei para eles.

— Estou, realmente, feliz por vocês dois. Ambos tiveram a chance de encontrar algo melhor. Algo bom em si. Nunca deixem que isso se vá.

Edie recuou. Deixou seus dedos vibrarem pelo meu peito, sua voz um mero sussurro.

— Nós não vamos.

Ela me jogou um beijo e os dois deram um passo atrás para a briga, que era sua festa de aniversário.

Segui-os, mas me mantive há uma dúzia de passos para trás.

Willow estava à mesa, rindo abertamente com algo que Tamar disse, o som vindo de sua boca como a brisa através das árvores. Farfalhando completamente, tocando em meus ossos.



Seus olhos encontraram os meus, quando entrei. Como se me sentisse ali, olhando-a. A familiaridade louca me acendeu. Reconhecimento cada vez mais forte a cada dia.

Edie bateu um garfo contra um copo de vinho.

— Tudo bem, todo mundo... Venham... Nós temos um anúncio a fazer.

Relaxei atrás de Willow, envolvi seu corpo em meus braços e enganchei meu queixo em seu ombro. Enfiei nossos dedos juntos, apertando-a na frente, de alguma forma sabendo que precisava segurá-la apertado, quando minha irmã soltasse sua alegria para o mundo.

Todos aplaudiram e comemoraram.

Willow ficou quieta e num flash de um segundo, seu corpo inteiro ficou rígido.

Sabia que ela não queria. Esta menina brilhante estava longe de ser indelicada. Mas quando alguém era agraciado com o que você mais queria? Notícias como essa poderiam sempre ferir.

Uma hora mais tarde, estava sentado na poltrona reclinável de Baz com uma cerveja, quando ela entrou. Tão



natural quanto respirar, abri os braços e Willow subiu em meu colo, tecendo seus dedos suaves pelo meu cabelo.

Meu peito apertou e o sangue parou, com o toque simples.

— Você está bem? — Perguntei.

Ela olhou de volta para a sala principal, onde o resto da minha família estava rindo, conversando e amorosos com seus filhos. Tamar foi tirando um milhão de fotos, quando apontou sua câmera em todos os rostos sorridentes, espalhados pela sala.

— Sim. — Willow murmurou baixinho.

Virou-se para mim, a voz baixa e reverente.

— Às vezes, a melhor coisa que podemos fazer, é encontrar a alegria na felicidade das outras pessoas. E estou tão feliz por ela. — Passou os dedos pelo meu cabelo, expressão sincera e leve. — Feliz por você.

Deus.

Esta menina era tão doce.

— Vem cá. — Puxei-a contra mim e ela se enrolou em meu colo, descansando a cabeça no meu ombro. Encaixava-se ali, perfeitamente.

Minha vida sempre se moveu à velocidade da luz.

Flashes de rostos e noites intermináveis.



Eu estava sempre com fome demais para me encher.

Desses poucos momentos erráticos, para me dar alguma aparência de ser inteiro.

Bem ali, meu mundo caótico deu uma pausa. Esta menina o parou.

Beijei-a no topo da cabeça e rocei os dedos pelo cabelo.

Ela suspirou.

Algo já pareceu tão certo na vida?

Olhei para cima, quase assustado, quando vi Tamar se posicionando, câmera pronta.

Clique.





23

Willow

O sol estava brilhando e alto. Raios de luz passavam como flechas e batiam no chão, onde estava sentada na sala de Ash. Estava sentada em uma lona de estopa, que foi espalhada no chão, para proteger as pranchas de madeira, enquanto trabalhava em uma cômoda maltratada e negligenciada, que descansava em cima.

Esticando as pernas em volta dela, inclinei-me e corri a lixa sobre a peça grossa, a madeira rangeu. Lentamente... Com cuidado.... Cautelosamente, revelando a beleza que estava por baixo.

Sabia que estaria lá.

No segundo que a vi, soube que esta peça de má qualidade de mobiliário esquecida, foi feita para o quarto do Ash. Masculino e robusto. Colossal. Substancial. Entendi que



se derramasse meu amor para ela, em troca, daria mais cem anos de amor.

Flutuava através da solidão tranquila, imersa no meu trabalho e elevada a um tipo de paz que sempre alcançava, quando meu foco sintonizava unicamente em minha arte.

Um choque atravessou a tranquilidade.

Atrapalhei-me com a respiração profunda e a segurei em meus pulmões. Energia agitava o ar carregado de pó e olhei por cima do meu trabalho.

Ash estava na porta, olhando-me.

Eu não estava mais encantada. Estava embriagada.

Ambos os braços estavam esticados, as mãos pressionadas em cada lado do batente. Ele usava nada além de um par desvanecido de jeans, que estava baixo em sua cintura fina, as ranhuras e abdômen plano e liso em seu apertado estômago faziam-me tremer. Peito esticado com uma forte intimidação.

Sua presença era potente.

Uma droga.

Lentamente, entrou na sala. Arrastando a intensidade com ele, como uma tempestade destrutiva que foi construída à distância. Nuvens e trovão. Fogo e gelo.

Olhou-me do topo da cômoda, enquanto corria seu dedo indicador pelo topo da madeira suavizada. Um pequeno



sorriso surgiu em seu rosto, quando deu a volta e sentou-se no chão, atrás de mim. Esticou as pernas longas e se aproximou, até me envolver em seu calor.

Eu tremi.

Sua respiração soprou os pequenos fios na minha nuca que escaparam do meu rabo de cavalo.

— Em que você está trabalhando?

— Na cômoda.

— Mmm... Acho que gosto — Meditou. A peça antiga era grande, possuía três gavetas de altura e três gavetas de largura. Ao contrário de qualquer coisa que você encontraria, andando em uma loja regular.

Perfeito para este homem indescritível, não convencional.

— Que cor você vai pintar? — Até mesmo as palavras mais banais soaram como sedução.

— Cinza escuro, quase preto.

Seriam pisos escuros, móveis escuros. Branco, preto e cinza. Peças ousadas nas paredes. As cores monótonas, contrastando com um toque de vermelho.

— Sexo e conforto. — Murmurou o que se tornou o mantra do quarto, contra meu pescoço.

Tremi entre as coxas.



— Sexo e conforto.

Estava se tornando mais difícil não buscar a parte do sexo com ele. Sentia os limites entre nós se tornando frágeis.

Ash fez uma trilha gananciosa de beijos até meu pescoço. Uma avalanche de sensações caiu em mim. Fiquei em silêncio por alguns instantes e tentei me concentrar, para me manter lixando a madeira.

— Pare. — Quase ri, como uma espécie de menina tonta. —Você não vê que tento trabalhar? Nunca conseguirei terminar este projeto, se continuar me interrompendo a cada cinco segundos.

Ele murmurou as palavras na curva do meu ombro:

— E se não quiser que você termine?

Esperança.

Ela despertou para a vida. junto com o desejo que veio. com um simples toque de sua mão.

— Então, diria que este é um trabalho muito caro para apenas deixar incompleto.

— Sexo e conforto. — Disse isso como uma deliberação. — Parece um trabalho em andamento.

Bufei com uma risada.

— Acredito que você poderia chamá-lo assim.



Continuei lixando a madeira. O som feria entre nós. A construção constante que prometia crescer. Ash colocou sua mão sobre a minha e começou a lixar comigo, o outro braço envolto logo abaixo dos meus seios.

Um tremor percorreu meu corpo.

Ele pressionou o rosto ao meu. Sua voz flutuou ao meu redor, tocando-me como uma carícia.

— Então, diga-me para quando é que as sessões de fotos estão marcadas. Estou definitivamente ansioso por isso.

Meus olhos foram em sua direção.

— Você é ridículo.

— Você não me amaria de outra maneira.

E eu queria ofegar perto dele. Para segurar. Para tanto me alegrar, quanto negar.

Em vez disso, congelei, então, cedi completamente, quando ele nos moveu. Lentamente, levou-me ao chão em minhas costas. Subiu em cima de mim, prendendo-me contra o chão duro, suas mãos plantadas em cada lado da minha cabeça, ficando por cima.

O sol brilhava ao seu redor. Uma áurea de fogo para um homem perigoso.

— Você é tão linda. — Sua voz era áspera, como se não fosse imune a todas as coisas que eu sentia. — E o seu trabalho... É tão bonito. Incrível. Você sabe disso, não sabe?



— Às vezes, parece que é a única coisa que tenho certeza.

— Mágica — Disse.

Toquei seu rosto. Meus dedos percorreram a aspereza de sua barba, passando através de seus lábios cheios e macios.

Ele mordiscou meus dedos, antes de pressionar o nariz na pele sensível do meu pescoço.

Desejo ardia em reverência.

Uma febre.

Fogo.

Eu gemia baixo.

— Mágico. — Sussurrei para ele, devolvendo o elogio.

Ash gemeu no fundo da garganta. O som vibrou em mim, instalando-se e borbulhando em minhas veias. Aquela arrogância doce estava em seu sorriso.

— Eu faço magia, baby. E você mal me sentiu.

Emoção me atacou de todos os lados. Turvou em ondas instáveis. Luxúria, desejo e um sentimento desintegrado de medo. Fui tomada pela maravilha do que se pôde sentir. Como seria a sensação de ter este homem empurrando dentro de mim?

Levando-me toda.



Enchendo-me em todos os sentidos. Corpo, espírito e alma.

Ash estava roubando tudo rápido. Tomando peça por peça. Tocou-me em lugares em que nunca fui tocada. Mostrou-me que estava tudo bem em exigir o que queria, quando nunca tive nem uma pista do que precisava.

Dedos ilícitos. Língua criminosa.

Fazendo-me prisioneira.

Logo, não sobraria nada de mim.

Ele mergulhou, roubando um pouco mais, controlando-me com o poder de seu beijo. Exigindo, duro e profundo.

Meu telefone tocou no bolso.

Ash parou, com um gemido frustrado.

— Não pare. — Confessei, porque quando era com ele, ficava necessitada.

Um mendigo que não tinha direito.

O celular tocou novamente.

— Melhor atender, querida. — Devolveu. Os olhos azuis do Caribe brilhavam e dançavam, com sua luz e alegria. — Agora que temos uma enorme quantidade de pessoas falando sobre você assumir o projeto desta casa, vendo o talento que exibe em sua loja, essa coisa nunca para de tocar. Para não mencionar os tabloides, que estão se comendo pelo fato da



garota mais bonita em toda a Savannah, surgir e conquistar o infame Ash Evans. Agora, estará com grandes demandas. Nós teremos que contratar um guarda-costas, para impedir que as pessoas batam em sua porta.

Atrapalhei-me com um sorriso. Meus dentes morderam meu lábio, a ação era uma tentativa pobre para parar a vermelhidão constante de rubor nas minhas bochechas. Talvez contivesse alguma das crenças que esse menino derramou dentro de mim.

Procurei pelo telefone, enquanto ele ainda estava apoiado em mim.

Olhei para o número iluminado na tela.

Pânico bateu em meu espírito e empurrei seu peito, para que pudesse sentar. Corri para atender a chamada.

— Olá?

— Willow? É Sheila.

— O que aconteceu? Ela está bem?

Meu coração estava martelando de uma forma totalmente diferente.

Medo. Tristeza. Dor.

Ash se acomodou em seus calcanhares, preocupação sobre sua expressão. Suavizou seus dedos pelo meu cabelo, no encorajamento silencioso.



— Tem sido um dia ruim. — explicou-me. —Ela está chorando. Chama por ambas. Acho que poderia ser melhor se vir e deixá-la à vontade. Você sabe como vê-la resolve.

Agonia invadiu meu coração acelerado.

— Ok, estou indo para aí.

Terminei a chamada, fiquei pensativa, enquanto brincava com uma mecha do meu cabelo. Arrastando-me das nuvens e caindo para realidade.

— Ei. O que foi isso? Você está bem? — Suas palavras eram pura preocupação. Afeição suave.

Este homem intimidante, duro, com o coração misericordioso.

— Minha mãe... Precisa de mim. Eu preciso ir. Sinto muito. Terminarei isso amanhã.

Ash levantou e ficou de pé, estendendo a mão.

— Bem, é melhor irmos então.





24

Ash

Willow correu na minha frente. Cautelosamente, parei na porta. Descansei a mão no rosto, perguntando-me o que pensava em vir até aqui. Mas esse era o problema quando estava com ela. Eu parava de pensar.

Medo embrulhou o estômago, enquanto me dirigi para o quarto. Sussurros ecoaram contra as paredes, quando Willow recebeu uma atualização de uma mulher chamada Sheila.

Mas não pude me concentrar nelas.

Minha atenção foi presa à mulher frágil, deitada em uma cama de hospital, com os braços virados em um ângulo estranho, com os punhos cerrados, a boca caída aberta, gemendo incoerentemente.

Porra.



Eu só tinha a informação que Willow me deu. Não estava preparado para isso.

— Obrigada. — Willow disse à Sheila e a mulher lhe deu um aceno de cabeça, antes de lançar um olhar afiado para mim enquanto passava e, silenciosamente, fechava a porta atrás dela.

Sofrimento crescia através da sala.

A dor de Willow.

A minha simpatia.

O tormento de sua mãe.

Willow girou para o lado da cama e puxou uma cadeira para perto de sua mãe.

— Ei, mamãe, sou eu. Estou bem aqui.

— Summer. — Sua mãe choramingou baixo, dificilmente decifrável, mas estava lá.

Willow estremeceu, inclinou-se mais perto, passou os dedos pelo cabelo da mãe.

— Shh... Eu sei, Mama, eu sei. Está tudo bem.

Sua mãe chorou novamente. Ela envolveu a mão no punho apertado da mãe.

— Você quer que eu te conte uma história, Mama? Fale sobre Summer? — Willow estava tão entregue, quando tirou o



cabelo branco da testa, lutando para não chorar, enquanto olhava para sua mãe.

Isso aí era o motivo de eu estar aqui. Porque não podia apenas deixá-la ir, quando vi a angústia encher seus olhos e sua alma.

Eu queria...

Porra. Só queria estar lá para ela.

Apoiá-la de maneiras que sabia que não deveria.

Mostrar-lhe que não estava sozinha.

A voz de Willow baixou próxima a um sussurro, algo tão intensamente triste e adorado, alimentando suas palavras, que me fizeram querer chorar.

— Você se lembra, mamãe? Você se lembra que era seu aniversário... Estava lindo lá fora. O sol estava quente, mas não muito. Você, eu e Summer arrumamos um almoço e nos dirigimos para seu local preferido. — Seus olhos beliscaram juntos. — Naquele prado fora de Stanley? Escondido pelas árvores? Você se lembra de todos os dentes de leão? Dançamos neles toda tarde. Juntando nossos sonhos no ar.

Um lado da boca de sua mãe mexeu. A aparência de um sorriso. Uma memória. Reconhecimento.

Tristeza tomou conta de Willow.

Como uma escura tempestade, mas trouxe esperança.



— Você se lembra de Summer, Mama? Disse que queria ser livre. Ela está livre agora. Você não tem que ficar triste.

Mas era tristeza que brilhava nos olhos de Willow, como essa garota altruísta derramava todo seu amor para a mãe. Entregando-se cada vez mais.

Queria ficar de pé. Ficar atrás dela. Pressionar minhas mãos em seus ombros, como uma espécie de advogado em silêncio. Dar algo de volta. Mas como diabos seria meu lugar? Não seria nunca.

Laços sempre pareciam bons para mim no início. Aquele sentimento que te faz pensar que lhe pertence. Forma. Até descobrir que todas peças erradas tentavam se unir e começavam a trabalhar em desacordo. As engrenagens não se encaixam.

No entanto, lá estava eu.

Seguindo-a até aqui, como um tolo. Agindo como se fosse algum tipo de cavaleiro de armadura brilhante, quando sabia, de todas as formas, que não era nada, além do dragão.

O destruidor.

Ela se sentou lá, fazendo jus ao seu nome Willow. Estoico e forte. Gracioso e elegante, enquanto nadava pela turbulência.

O sorriso de sua mãe aumentou, a voz áspera cheia de carinho.



— Doçura.

Uma lágrima caiu livre do olho de Willow, que deu um tapa com a mão livre.

— Você me faz sentir assim, mamãe.

— Doçura... Ainda perseguindo os seus.

Willow piscou, tentando se recompor, manter-se completa. Finalmente, encarou-me, quase implorando, antes de olhar de volta para sua mãe.

— Eu quero que conheça alguém, Mama... Alguém que é importante para mim. Ele é a pessoa de quem te falei. O que salvou a loja.

Ansiedade correu por meus nervos e fiquei em silêncio por alguns instantes, quando decidi puxar a respiração e andar para frente, em vez de ficar no canto, como um covarde.

Coloquei-me atrás de Willow, direto no local que queria ficar.

Como seu defensor.

Seu defensor.

Como alguém que pudesse amá-la do jeito que merecia.

Apoiei as mãos em seus ombros espremidos, enquanto meu coração batia como um tambor.

— É uma honra conhecê-la, Sra. Langston.



A atenção de sua mãe se virou para mim.

Consciente.

Lúcida.

Suplicante.

Bom Deus.

Eu precisava me levantar e sair. Sair desta bagunça. Podia sentir-me afundando, ficando cada vez mais profundo. Podia sentir o peso pressionando ao meu redor. Responsabilidade que sabia ser nada mais do que um peso, puxando-me direto para o chão.

Em vez disso, mudei-me para o outro lado da cama, puxei uma cadeira. Porque, por um minuto só, queria tirar essa carga de seus ombros. Dar algum conforto que Willow sempre deu.

Inclinei-me para frente, enquanto senti algo de dentro quebrar, este lugar se abriu, assim como abri a boca e comecei a cantar, antes que pudesse me parar, minha voz tão áspera e baixa.

Deito-me

Diga a sua paz

Venha o que vier

Mas você não pode esconder

A dor atrás de seus olhos



O quarto girou ao meu redor, as paredes muito apertadas, mas não poderia impedir as palavras de saírem.

Então fique comigo

Eu não me importo

Encontre seu conforto

Bem aqui ao meu lado

Eu vi tudo isso antes

Quero tirá-lo

Então fique comigo

Eu não me importo

Encontre seu conforto

Bem aqui ao meu lado

A música parou e olhei para a mãe dela, que adormecera.

Tudo coçava, minha pele e minha garganta correndo com esse sentimento doentio.

Finalmente, olhei para cima. Preso em minha cadeira por aquele potente olhar, sua boca frouxa e os olhos turvos, quando sua consciência girava.

Familiaridade, necessidade e cada maldita coisa que não podia ter.



Medo brotou, a partir desse ponto que deveria ser esquecido. A sete chaves.

Gritos.

Sangue.

Perda.

Engoli em seco, ao longo dos flashes. Levantei depressa. Willow saltou com o movimento súbito e chocante.

Precisava de ar. Respiração. Sanidade.

Podia sentir cada um deles sendo desenterrados.

Eu não podia sequer olhá-la quando disse:

— Ficarei lá fora.

Fui para o fundo do corredor. Esta casa foi decorada para transpirar consolo e paz, mas cheirava à morte. Precisava escapar. Fui para porta da frente e para a luz, em busca de fôlego.

Andei questionando-me.

Você não pode fazer isso.

Você não pode fazer isso.

De novo não.

Ao mesmo tempo, uma parte minha gritava que não era perto de ser o mesmo. Era uma parte tola, apenas implorando por problemas. Do tipo que não teria forças para lutar e sair.



Senti-me como uma idiota, quando Willow, finalmente, saiu cinco minutos depois. Torceu suas mãos, tentando olhar para dentro de mim do jeito que fazia. Mais profundo do que eu queria.

— Desculpe-me, eu te trouxe aqui. Isso foi demais.

E lá estava ela. Desculpando-se, quando eu deveria fazer isso.

Sempre me fodendo.

Ainda assim, não pude dizer nada, quando me virei e comecei a atravessar a rua, indo para onde estacionei. Ignorei o único *paparazzi* se escondendo atrás de um arbusto, um daqueles assustadores do tipo assediador, que estava nos seguindo por alguns dias, esperando para pegar um pouco de sujeira.

Sem dúvida, normalmente eu fornecia bastante esse tipo de coisa.

Willow subiu no banco do passageiro, o silêncio denso e escuro, quando dirigi para sua casa.

Sentia sua hesitação, quando puxei em seu meio-fio, as coisas que ela queria dizer, que não podia me dar ao luxo de ouvir.

Então, deixei-a lá, como um total idiota, com pouco mais de um murmuro, — eu te vejo mais tarde.



Porque não podia ficar em seu espaço por um segundo a mais. Não era possível estar mais fundo. Não quando esta menina puxou-me para mais perto, com a promessa de todo o bem que nunca poderia ter.

Sem olhar para trás, acelerei meu *Navigator* e ignorei a forma como meu interior tremia como uma cadela, por todo o trajeto para casa.





25

Willow

Observei o carro, sentindo como se quebrasse algum pedaço de mim, quando se foi.

Eu sabia bem. Mas saber nunca ajudou nada, quando já estava feito.

Eles dizem que o perigo em fingir é que isso se torne real.

E esta tarde ele se tornou muito real. Muito perto e muito duro, muito bom.

Para nós dois.

Era óbvio que, por alguns segundos, quando se sentou naquela cadeira, fez mais do que fingir com minha mãe.

Este terrível, intimidante homem, que era tão perverso. Eu o vi sentado ali, desesperado por uma maneira de tirar



um pouco do medo, ansiedade e confusão que assombrava o que restava da vida conturbada da minha mãe.

Mas ofereceu-lhe essa pequena aparência de paz, de alguma forma roubada dele.

Eu vi.

Nos espasmos de seus músculos e segurando os dentes cerrados, como se fizesse a curta distância em silêncio. Então, deixou-me em minha casa, em vez de me levar para a sua, onde estava meu carro. Era como se não pudesse lidar em estar na minha presença por um segundo a mais e Ash procurou a rota mais rápida de fuga.

Ele estava cheio de suas próprias perguntas que não podia responder. Então, empurrou-me. O seu afastamento, agora, era a única coisa neste mundo que me confundia. Eu não tinha certeza se poderia lidar.

Em vez de ir para dentro, dei a volta para minha pequena loja, onde, às vezes, trabalhava à noite, quando não conseguia dormir, a sensação da madeira me acalmava e aliviava.

Acalmar minha alma da corrida.

Esta noite, queria gritar por apelo.

Ao longe, trovões passaram, profundos e melódicos, no verão de Savannah, ainda espesso com o dia minguante. O



cheiro de chuva rápida ainda pairava no ar, agitado pelas curtas rajadas de vento que açoitavam as árvores.

Abrindo a fechadura nas portas corrediças duplas, empurrei-as de lado e acendi a luz, balançando acima da minha bancada de trabalho. Peças inacabadas foram empilhadas contra as paredes e o piso empoeirado, cheio de ferramentas espalhadas. O lugar era uma bagunça total, mas de alguma forma, proporcionou-me a maior paz.

Puxei a cadeira na frente do armário vintage de farmácia que trabalhava há anos. A única peça que minha irmã começou comigo, em um de seus caprichos e nunca terminamos. Uma que nunca tive coragem de terminar sozinha.

Apertei meus olhos fechados e comecei a arear. Lentamente. Metodicamente.

Era como acolher um velho amigo e a solidão, ao mesmo tempo. Velhas feridas abertas, curiosas, cobrindo-os com bálsamo.

Perdi-me em mim mesma e, em algum momento, o dia desapareceu e o crepúsculo chegou. A tempestade cresceu e ganhou força. Algumas gotículas bateram no telhado cada vez mais, até que a chuva começou sua queda livre para terra. Os burburinhos intensificaram, aproximando a distância, que só contribuiu para paz.



Um tremor de consciência arrepiou toda a pele.

Com ele, era sempre o mesmo.

Turbulência e caos.

Conforto caótico.

Alívio desordenado.

Precisando me proteger, lentamente virei, com medo de não haver nada de mim, se não o fizesse.

A respiração engatou na garganta e meu coração bateu de forma rebelde.

Ash estava na abertura das portas de correr, chuva caindo ao seu redor, com os braços estendidos em cada lado dele e agarrando-se às portas. Seu grande corpo estava encharcado, roupas agarrando-se a cada centímetro.

Ele ficou assim, lutando por ar.

Finalmente, levantou um pouco o rosto e olhou para mim, debaixo das sombras de sua testa.

Cambaleando.

Este homem…

Ele me abalou.

Essa beleza aterrorizante que vislumbrei no primeiro dia, estava lá, potentes olhos azuis em chamas.

O guerreiro conquistador.



Sua expressão era feroz. Esculpida em pedra. Esculpida com as mesmas dúvidas e incertezas com que me deixou esta tarde. Como se o homem tivesse construído suas próprias paredes. Barreiras de proteção.

Senti necessidade desesperada para saber por que estava ali. Para superá-los e abaixar de dentro deles. Para conhecer este homem e cada parte de mim doía para isso.

Completamente.

— Ash. — Meu próprio sussurro confuso.

Chuva correu em cascatas por suas bochechas e através de sua barba, gotas agarradas a seus lábios cheios e macios.

Uma rajada de vento soprou, agitando a chuva. Arrepios correram por minha carne e desejo encharcou-me.

Assisti o movimento de sua garganta, quando engoliu.

— O que você fez comigo? — Olhou através de mim, o tom exigente. — Diga-me, Willow. Diga que você me quer. Diga-me que não estou ficando louco. Diga-me que não sou só eu. Diga-me que toda vez que te toco, parece algo mais.

Um chiado empurrou entre meus lábios, minha respiração vindo mais e mais rápida. Girei totalmente no banquinho e, lentamente, levantei-me trêmula.

Meu coração bateu forte e derrubou todos os obstáculos no caminho. Vasculhando-os como se não significassem nada. Como se não causassem nenhum dano.



Será que o cordeiro inocente sabe que está sendo levado ao matadouro?

Um voluntário disposto?

Porque eu estava aqui, inscrevendo-me para a posição.

Levantei meu queixo.

— Eu nunca quis nada do jeito que quero você.

Seja qual for o fio de controle que o estava segurando, rompeu-se.

Ash fechou o espaço entre nós no lampejo de um segundo, com as mãos segurando meu cabelo, ao mesmo tempo que a boca inclinou sobre a minha.

Possessivo.

Poderoso.

Seus lábios molhados exigiram, quando beliscou, sugou, empurrou e cedeu. Puxou meu cabelo, inclinou a cabeça, controlando nossos movimentos.

— Pêssego. — Murmurou, enquanto recuava, para respirar freneticamente, antes de voltar. Mais profundo desta vez, buscando uma forma de entrar.

Ash traçou sua mão pela minha espinha e torceu o outro lado do meu cabelo mais apertado. Seus dedos afundaram na carne da minha parte inferior e me puxou contra si. Contra as roupas molhadas e o calor que radiava



embaixo, seu pênis tão duro e grande, pressionando contra seu jeans, implorando por fricção contra minha barriga, meu corpo implorando pelo seu em troca.

Fiquei em silêncio por alguns segundos e meus dedos agarraram seus ombros.

— Ash. Por favor.

Ele nos girou, bateu-me de volta para a peça que estava trabalhando. Bati com um grunhido, seu ou meu, não saberia dizer. Fomos um emaranhado frenético de gemidos, mãos e corpos desesperados.

Ferramentas caiam ruidosamente e a tempestade ganhou intensidade. Vento rasgou as paredes finas, a chuva atingiu o telhado e não poderia me importar que as portas ainda estavam abertas. A única coisa que registrei foi isso.

Suas mãos me agarraram pela cintura e me colocou no topo do armário. As pernas travadas em torno de sua cintura.

Instinto.

Ash estava lá desde o primeiro momento que me tocou, embora ficasse mais ousada, exigindo que ele desse e dando-lhe em troca.

Beijei-o com força e ele me beijou mais forte.

Selvagem.

Abrangente.



— O que é que você fez? O que você fez? — Ele retumbou enquanto balançava seu comprimento contra mim. Calor espalhou-se, como uma inundação. Luxúria, ganância e emoção que brotaram, para tomar posse do meu peito.

Inclinei para trás com a força de seu ataque, sua mão segurando minha cabeça, para me manter em pé. A outra palma em meu peito. O mamilo endurecido. Suas mãos se foram, apoiei-me no balcão para me segurar, quando ele rasgou os botões da minha camisa.

Solucei, enquanto me expunha, meu peito arfante com cada ofegada cheia de luxúria.

— Caralho. — Ele raspou de sua garganta, a palavra tão crua como a fome em seu olhar. Correu para tirar minha camisa e suas mãos estavam de volta para os seios cobertos de renda. Apertou-os juntos e fechou sua boca ardente sobre um deles.

Fogo disparou para meu núcleo. Raiando através de meus nervos. Voando rápido. Acendendo-me. Em toda parte. Cada polegada. Esse ponto aquecido doía, um pulsar vazio necessitado.

— Ash. — Seu nome era um suspiro. Um apelo. Tudo. Porque me sentia cair sob a demanda de seu toque. Afundando no espaço sagrado, onde a vida era feita ou para sempre quebrado.



— Eu sei, querida, eu sei. — Enfiou sua mão nas minhas costas, abrindo o sutiã e arrastou as alças pelos meus braços.

Inclinou-se para trás, seus olhos selvagens, quando deixou cair o tecido no chão.

— Deus... Você é uma obra-prima, querida. Linda para caralho, que não sei como fazer sentido com você sentada aí. As coisas que quero fazer com você.

Arrepios levantaram com suas palavras. Escuras promessas.

— Diga-me. — Murmurei, a cabeça balançando para frente em um suspiro, quando beliscou um mamilo entre os dedos e tomou o outro entre os dentes.

Fingindo.

Sabia, melhor que ninguém, que só estava me enganando, mas naquele momento era apenas a tola que estava feliz de ser enganada.

Ash lavou e rodou, sua língua trabalhando sua magia como ferida, apertando-me. Lambeu entre o vale dos seios, tomou uma curva acentuada ao norte, mergulhando no oco do pescoço.

Eu soluçava e sua voz se aproximava, uma respiração em meu ouvido.



— Quero possuir você, Pêssego. Quero despertar o que está adormecido. Trazê-la à vida. Vê-la brilhar.

Beijou meu queixo, fome em minha boca, antes de fazer o mesmo no outro lado. Suas mãos cravaram em meus quadris, puxando-me para mais perto e grunhiu as palavras:

— Quero entrar tão profundo em você, que nunca mais vou querer sair. Levá-la para o lugar onde nenhum de nós sabe onde um começa e o outro termina.

Ash estava cantando aquela mesma canção como elogio, desde a primeira noite, quando abriu meus olhos.

E sabia que esse rapaz me rasgaria em pedaços.

Crucificar e matar.

Mas desta vez vinha como uma oferenda.

Segurei firme seu cabelo, antes de rasgar sua camisa encharcada, puxando-a sobre a cabeça e trabalhando em sua braguilha.

— Leve-me. — Era um apelo.

Ele congelou.

Empurrando para trás, olhou-me.

— Leve-me. — Sussurrei a demanda.

Um sopro de ar saiu de seu nariz.

Uma carga de luxúria e desejo.

Uma crepitação de intensidade.



Nós acendemos essa furiosa paixão, que nenhum de nós conseguia segurar. Abriu o botão do meu jeans e os arrastou pelas pernas, levando minha calcinha com eles.

Logo, empurrou sua cueca, jogando-a fora, enquanto abria espaço entre minhas coxas. Suas mãos corriam para cima e para baixo, do lado de fora, tremendo, com seu pênis grande demais aninhado entre nós.

Minha boca se abriu em desejo.

Ash jurou, entre os dentes cerrados e pressionou o polegar na minha boca. Chupei do jeito que parecia querer, minha língua tocando em a carne macia, quando o segurei em minha mão.

Ele estremeceu e seu estômago tenso flexionou, quando o bombeei de cima a baixo, a mente girando em um borrão de cores e luzes, emitidas por este homem.

Eu precisava dele. Tão necessário. E estava resmungando em voz alta, enquanto o polegar roçou meu lábio inferior.

— Eu preciso de você. Ash, preciso de você. Quero você. Mais do que já quis algo. — Arrastei-me até a beirada do balcão, o homem ainda na minha mão. E, de alguma forma estava no controle. Delirante. Louca com a necessidade.

Ou talvez fosse ele.



Porque estava guiando-o para meu centro, a cabeça dele empurrando em minhas dobras.

E não me importava se atravessava uma linha que jurei que nunca iria atravessar. Dando-me a um homem, quando não era realmente meu.

Mas isso não importava. Porque queria chorar com a sensação dele, tão grande, puxando-me pelos quadris e avançando. Gritei contra a intrusão completa, minha rejeição foi nada mais que um grito suave.

— Sim.

Consumida.

Incinerada.

— Porra .... Pêssego ... Você parece ... É a melhor coisa que já senti.

Ash queimou dentro de mim. Muito grande. Demais. Insuficiente. Porque queria mais. Para encher-me, levar-me e nunca me deixar ir.

Ele começou a balançar, batendo em mim novamente e novamente. Cada uma de suas respirações veio em um grunhido gutural, o guerreiro surgindo em seus olhos, quando me encarou.

Fodeu-me como prometera.

Reconhecendo-me.



Possuindo-me.

— Ash.

Ele roçou o polegar sobre meu lábio inferior mais uma vez, mergulhou em minha boca, antes de pressionar contra o clitóris. Acariciando e circulando.

Seu toque em construção, incitando e arruinando.

Porque nunca mais seria a mesma.

Nosso vínculo pode quebrar, mas o meu nunca iria quebrar.

Nossos movimentos eram frenéticos. Desesperados e consumidos. Agarrei seu peito, enquanto me aniquilou.

Arrumando-me para me quebrar.

Eu não tinha nenhuma chance.

Sem reservas.

Prazer despertou em meus nervos, reunindo rápido no minúsculo pontinho de felicidade. Onde o homem me mandou subir, flutuando com as estrelas. Perdida na escuridão. Cega pela luz. Estremeci e tremi, quando fez o mesmo, o homem foi comigo, enquanto empurrava e se contorcia dentro de mim.

Ash engasgou uma respiração tensa, boca aberta no meu peito.



Seus braços envolveram minha cintura e me abraçou apertado.

Entrou na minha loja e me disse que me daria qualquer coisa. E assim foi feito.

E a única coisa que eu queria? Queria que ele ficasse.





26

Ash

Pressionei meu rosto na pele nua de seu estômago, que estava escorregadia e molhada, assim como a pele de suas coxas, lisas e molhadas. Engasguei, tentando respirar. Procurando alguma clareza, que estava longe de ser encontrada.

— Pêssego. — Murmurei, apertando-a mais forte, quando a garota em que estava enrolado, começou a tremer. Adrenalina drenando e pesar tomando conta.

“Se compartilhar meu corpo com um homem, é porque o amo e ele me ama.”

Sua afirmação, em todas essas semanas, alastrou-se através de mim, enquanto a realidade chegava devagar.

Dura.

Dolorosamente.



Porra.

Estremecendo, sai de seu corpo. Uma parte minha queria vomitar. Nocautear-me.

Ou, talvez, voltar a ficar dentro dela.

Merda.

Eu não sabia.

Tudo que sabia era que a fodi.

Terrivelmente.

Engoli em torno das pedras irregulares, apresentadas na base da minha garganta, palavras tão difíceis que saíram rachadas na minha língua.

— Estou limpo. Eu juro.

Minha cabeça deu uma sacudida, para afastar a vergonha, quando reconheci a expressão que não consegui ler em seus olhos.

— Eu sinto muito. Nunca quis me empolgar. Perder o controle. Não com você.

Aqui fui o tolo que pensava que não havia mal em fingir.

Ela começou a tremer por todo o lugar. Como se fosse a única que estava de pé na chuva, frio adentrando seus ossos frágeis.

“Se compartilhar meu corpo com um homem, é porque o amo e ele me ama.”



O que diabos fiz?

A culpa atingiu-me completamente. Um pânico diferente de tudo que já senti surgiu, uma onda pronta para me afogar e destruir. Meus olhos dispararam ao redor da loja empoeirada, pousando sobre o que procurava. Estendi a mão e agarrei o velho cobertor, que estava dobrado em uma prateleira à minha esquerda, sacudi-o com a mão e envolvi ao seu redor, cobrindo esse corpo lindo.

Coloquei-o firmemente sob seu pescoço como um escudo, não que fosse protegê-la da depravação e a forma com que acabei de tratá-la.

Deveria ter pensado melhor. Mas, como sempre, era o bastardo imprudente. Tomando o que não era meu para tomar.

Mantive a mão firme para manter o cobertor fechado e me atrapalhei em meus jeans. Deixei-os desabotoados, colocando um braço ao redor de suas costas e outro sob seu joelho. Levantei-a contra o peito.

Um suspiro passou por entre seus lábios trêmulos. Willow escondeu o rosto debaixo do meu queixo e se aconchegou perto.

O aroma de pêssegos, madeira e mel penetrou em meus sentidos já confusos.



Arruinando-me um pouco mais. Levei-a para fora da loja, abraçando-a com força, à medida que sai para a chuva. Ela caía ao nosso redor e corri em direção à sua casa.

— Porta de trás. — Conseguiu falar e a levei em três passos minúsculos. Inclinei meu lado contra a parede, para mantê-la apoiada, para que pudesse alcançar a maçaneta.

A porta se abriu. Fechei-a com o pé atrás de nós, o som da tempestade silenciado pelas paredes. A casa estava escura. Velozes *flashes* de relâmpagos cobriram as janelas, guiando meu caminho.

Parecia loucura que nunca pisei dentro de sua casa. Era calor e beleza, novo e velho, conforto e facilidade. Perfeito, apenas como esta menina.

Um sentimento que não queria reconhecer, apertou meu peito. Mas estava lá, presente, com seu peso em meus braços, seu coração parecia um trovão, quando bateu contra o meu.

Levei-a para fora do pequeno arco, para a sala principal e em linha reta até as escadas, que ficavam na parede lateral.

Havia apenas duas portas no topo, resolvi pela da direita, pois só poderia ser esse o quarto em que vi sua silhueta ocupando a janela, na primeira noite que a deixei aqui. Uma olhada curta dentro, fui direto para o banheiro em anexo.



Cuidadosamente, coloquei-a em seus pés trêmulos, mantendo a mão em seu corpo para apoio, enquanto abri o chuveiro quente e forte. Vapor encheu o espaço confinado e ela continuou exibindo aqueles olhos cor de chocolate, daquele jeito. Procurando.

A familiaridade se agarrou a mim mais forte do que nunca.

Fazendo-me sentir que perderia minha mente, porque estava apavorado que estivesse perdendo o coração.

O que fiz?

Tirei o cobertor de seu corpo. Tão lento. Um arrepio arruinando seu corpo todo.

Deus.

Ela era tão bonita.

Impressionante.

Observou-me tirar meu jeans, antes de atar meus dedos com os dela e a levar para o chuveiro envidraçado. A água quente caia e bateu na minha pele fria, como um milhão de agulhas de fogo.

Respirei fundo, acostumando-me com isso, passei os braços ao seu redor e a puxei para o peito, movendo-nos, para que a queda d'água ficasse, principalmente, sobre ela. Puxei sua cabeça para trás, focando nessa massa de ondas molhadas, beijando sua testa, como resistiria?



Uma vez que as pontadas de calor se transformaram em um jato relaxante, peguei a esponja e esguichei com sabão. Massageei todo seu corpo, a partir dos ombros e pescoço, para baixo de seus lados e na barriga. Segurei uma respiração, quando me inclinei e pressionei entre suas coxas, como se pudesse me esfregar nela.

Willow estremeceu, agarrando meus ombros em busca de apoio.

Olhei-a.

— Você não está tomando pílula, não é?

A expressão ilegível brilhou com mais força e ela balançou a cabeça lentamente.

— Eu sinto muito, sinto muito. — Murmurei novamente. Minha mente buscava uma solução fácil. Mas essa garota estava longe de ser fácil e não poderia mesmo começar a formar as palavras. Em vez disso, ensaboei seu corpo. Suavemente. E ela estava fazendo o mesmo por mim.

E a expressão, que me dificultava decifrar, ficou suave. Esta menina desfez-me.

Terminando de nos lavar, em seguida desliguei a água. Os tubos antigos gritaram e saí do chuveiro para pegar uma toalha seca na prateleira. Willow ficou parada, quando a envolvi, movendo apenas para que pudesse mantê-la fechada.



Então, peguei uma para mim, torcendo em torno dos quadris e a peguei de volta.

— Ash. — Disse meu nome com confusão, olhando para mim, enquanto a levava para cama.

Puxei-a para baixo dos cobertores e a deitei no meio. Quando recuei, estendeu sua mão.

— Fique.

E Deus. Um homem sábio iria embora. Pararia com essa besteira, logo em seguida. Mas lá estava eu, deixando cair a toalha e me aconchegando nela.

Enfiando-a contra meu corpo.

Por que parecia tão bom?

Ela suspirou.

— Sinto muito. — Disse novamente.

— Pelo que você sente muito? — Estendeu sua mão e enfiou os dedos nos meus, que descansavam um pouco acima de sua cabeça. — Eu disse a você que queria. Disse que queria você. — Murmurou no silêncio de seu quarto.

Aconcheguei-me mais perto e beijei a parte de trás de sua cabeça.

— Veja? Isso é o que não entendo. Eu não sou bom para você, querida. Não posso dar-lhe todas aquelas coisas que realmente quer. O que você realmente merece. Coisas que



quero que tenha. Mas no fundo da minha mente, estou ficando mesquinho. Quero mantê-la para mim. Então eu vou e....

Porra.

— Não estava pensando em nada, mas em estar dentro de você.

Willow apertou minha mão.

— Está bem.

— Não está.

Silêncio girou ao nosso redor. Minutos. Horas. Eu não sabia.

— O que aconteceu esta tarde? — Perguntou.

— O que aconteceu?

Eu sempre me orgulhava de ser o cara mais legal que você podia encontrar. Mas minha consciência não me deixaria escapar dessa mentira. Porque isso era sempre em meus termos e nunca vinha às minhas próprias custas. Esse tipo de custo era algo que não estava disposto a pagar.

— Você quer saber?

Ainda de costas, balançou sua cabeça contra o travesseiro.

Enterrei meu nariz em seu cabelo úmido e ofereci a confissão lá.



— Você me aterroriza, querida. Faz com que deseje realizar coisas que simplesmente não faço. Como tentar querer ser um homem de verdade, quando alguém precisa de mim. Isso me assusta, pois sou tolo o suficiente para ser esse homem por um tempo, sabendo que a única coisa que farei depois é virar e quebrar seu coração. Isso é o que faço, é por isso que não deve se apegar. Quando estava lá, sentado ao lado de sua mãe, percebi o quão conectado fiquei com você. Quanto queria cuidar de você.

Willow virou o rosto para mim.

Luz silenciosa passou através das curvas de seu rosto. Tão doce. Tocou minha bochecha.

— Estou com medo de você, também.

— Tentei toda a tarde ficar longe. Eu deveria.

Balançou sua cabeça.

— Eu precisei de você.

Ali estava o problema.

— Qual era a música? — Perguntou, de modo hesitante, sabendo que empurrava contra esses lugares que não queria que ela visse.

Engoli em torno da dor que engarrafava a base da minha garganta.

— Escrevi isso há muito tempo atrás.



Desesperado para mudar de assunto, passei meus dedos pelos seus cabelos.

— Conte-me sobre sua irmã.

Dor atacou suas feições, quando foi para algum lugar longe.

— Ela era a melhor. Tão cheia de vida. O tipo de pessoa que andava em um quarto e o iluminava. Os sonhos que compartilhava comigo e nossa mãe sempre foram tão grandes. Summer estava sempre rindo. Provocando. Ela amava.

Eu brincava com uma mecha de seu cabelo.

— Parece que vocês duas eram próximas.

Willow mal balançou a cabeça, antes de sua testa comprimir.

— Mas ela também estava doente Ash. Muito doente. Sempre esteve e ficou pior, quando ficou mais velha, ou, talvez, fosse apenas eu que não tinha idade suficiente para reconhecer. Sempre tão alta, então, tão baixa. Feliz, então, não podia sair da cama. Minha melhor amiga, em seguida, alguém que eu não poderia mesmo reconhecer.

Nadei através de sua tristeza, abracei-a, enquanto sussurrava seu pesar contra meu pescoço.



— Pedi-lhe para não ir, mas ela nos deixou, quando tinha dezoito anos. E de alguma forma soube que nunca iria vê-la novamente.

Minha garganta se contraiu. E isso me assustou um pouco mais, percebendo o quanto odiava isso por ela. Como faria qualquer coisa para voltar e mudar alguma coisa, para que não chegasse perto de saber nada. Protegê-la da dor.

— Sinto muito.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Você fica dizendo isso.

— Isso é porque sou o filho da puta deitado na cama com você, quando não tenho o direito de estar em seu espaço. Não deveria tocá-la. Assim não.

— E se isto é exatamente o que quero?

— Pêssego. — Parecia um aviso. Para ela. Ou talvez para mim.

Eu me fodi. Ruim.

Era um idiota.

Porque até eu era sábio o suficiente para saber que era um tolo, que não aprendeu as lições.

Rolei-a em suas costas e subi entre as coxas trêmulas.

Então, virei-me e estraguei tudo de novo.





27

Willow

Dezessete anos de idade

— Summer. — Enlouquecida, Willow caiu de joelhos, vendo sua irmã no chão, com as costas pressionadas contra a parede e os joelhos abraçados contra o peito. Rios pretos caíam como listras, o rastro de lágrimas que manchavam seu rosto, enquanto chorava.

E seu quarto.

O quarto dela foi rasgado em pedaços. Roupas espalhadas e móveis derrubados.

Cuidadosamente, Willow tocou o ombro de sua irmã, o medo fazendo seus ossos tremerem.

— Summer... O que aconteceu? Você está bem?



Sua irmã olhou-a, com olhos vidrados. Tão distante. Lentamente, entraram em foco. Ela balançou a cabeça.

— Não, Willow, não estou bem.

Willow sentiu a dor invadir sua alma. Cada vez mais sua irmã mais velha ficava assim. Frenética e furiosa. Perdida.

— Mas e o medicamento? — Willow quase implorou, enquanto se aproximava. — Pensei que estivesse ajudando.

Desamparada, Summer encarou-a.

— Eu não posso sentir com ele, Willow. Você não entende isso? Não sinto nada e preferia estar morta do que me sentir assim.

— Não diga isso.

Seu sorriso era sombrio.

— Eu odeio isso, Willow. Você sabe disso, não sabe? Odeio ser quem sou.

Willow deslocou-se, para sentar-se ao seu lado, as costas descansando lado a lado.

— Claro que sei que odeia. Sua doença não é diferente da de Mama. Nenhuma de vocês pediram e a levaria de você, se pudesse.

Summer bateu em sua têmpora.

— Mas o meu está todo aqui. Eu deveria ser capaz de controlá-lo. Mudar. E não sei como parar.



— Vai ficar melhor. — Willow prometeu. Mesmo para ela, parecia uma mentira.

Tristeza passou pela boca de Summer.

— Estou com medo que isso não aconteça aqui. Tenho a sensação de que tenho que sair daqui, antes que eu saia da minha pele. Antes que me perca completamente. Posso sentir isso... Desequilibrando-me. E isso não é algo que quero que Mama veja. É ruim o suficiente, algumas das coisas que digo para ela, quando não quero dizer. Mas cada vez que juro por mim mesma que não vou deixar isso acontecer de novo, acontece e não há nada que possa fazer para pará-lo.

Medo enrolou através do espírito de Willow.

— Por favor, não me deixe.

— Você tem Bates e Mama.

— Mas e se precisar de você?

Summer ligou seu dedo mindinho com o de Willow, levantou-a entre eles.

— Você sempre terá a mim, irmãzinha. Mas tenho de encontrar-me, antes que me sufoque. Não posso respirar e sinto que vou morrer se ficar aqui por mais um dia.

Ela apertou o punho contra o peito.

— Você tem que entender, Willow. Você ficará aqui e terá essa grande família que quer e será ser feliz. Diga-me,



você que quer isso para mim também? Que encontre a felicidade? Porque não vou encontrá-la aqui.

Essa era a única coisa que Willow queria para sua irmã. Ela assentiu, tentando falar, mas com um enorme nó em sua garganta.

— Só... Só prometa que voltará para mim.

Sua irmã apertou seus dedos mindinhos ainda mais. Um vínculo. Ininterrupto.

— O amor nunca é fácil. É confuso. Bagunçado. Às vezes é feio e às vezes é a coisa mais linda que você já viu.

Summer olhou-a, tão sincera, como se tentasse transmitir uma mensagem, que Willow não conseguia entender.

— Mas não importa o quanto ele possa machucar, nunca pode mudar o fato de que é real. Que vale a pena lutar. E o tipo real do amor irá sempre voltar para você.





28

Willow

— Que diabos você pensou? — Emily vaiou seu horror e choque, quando andou ao meu lado. Tínhamos acabado de deixar nosso café favorito, o que não era muito longe da loja e fomos passear pela calçada.

Esse era o problema. Nenhum de nós pensou.

Abaixei, para pegar um galho caído.

— Não sei o que estava pensando.

— Deus, Willow... Isto não soa como você. Estava esperando por um cara que iria aparecer e ser o tipo de homem que você quer. E então vai e pula na cama com uma estrela do rock? Sem preservativo? O homem é susceptível a lhe dar algum tipo de doença.

Encolhi-me com a suposição impetuosa.

— Ele me disse que foi testado.



Claro que foi completamente após o fato.

Depois que já foi e fez todas as coisas que não poderia desfazer.

— Conveniente. — Emily zombou, antes de bufar e diminuir o ritmo. — Quero dizer... — Soltou um suspiro que fez seu rosto soprar. — Nem sei o que quero dizer. Gosto do cara, Willow, juro que gosto.

— Você me empurrou para cima dele. Você me disse que deveria aceitar o trabalho ou “me arrependeria para sempre”.

Ela piscou.

— Falava sobre o trabalho, Will. Era hora de sair da sua zona de conforto. Para caminhar novamente em seus pés. Veja uma grande oportunidade, quando foi lhe oferecida. E sim....Vi a atração e pensei que, talvez, seria bom para você. Para um homem flertar e fazê-la se lembrar qual era a sensação de ser bonita e desejada.

Ela molhou os lábios.

— Eu nunca pensei que iria tão longe ou que seria tão imprudente sobre isso. E odeio dizer isso, Willow... Odeio isso..., Mas você sabe que ele não é o tipo de cara que vai ficar por aqui e sabe tão bem quanto eu, que vai destruí-la. Você estava de pé lá e vi a expressão em seu rosto. Vi o que está sentindo. Sei que está prestes a ter seu coração quebrado mais uma vez.



Suas palavras me atingiram como facas. Punhais minúsculos, que me cortaram em todos os lugares que feriam mais.

Naufragando.

Eu ia bem.

Não era como se sua afirmação fosse nova. Sabia que Ash não ficaria. Que não poderia tê-lo na forma como meu coração já se prendeu a ele. Meu coração insensato, que crescera propenso a tantas coisas precipitadas e tolas.

Emily me encarou de frente, olhos cambaleando com decepção.

— Você o quer tanto, que está disposta a fazer desta maneira? Um bebê? Porque se continuar com esse tipo de tolice, isso é exatamente o que conseguirá.

A dor me apertou com tudo.

Vergonha e arrependimento.

Minhas palavras saíram como um chiado.

— Claro que não.

Claro que não.

Cambaleei um passo e cai em um banco.

Apertei a mão trêmula à minha boca.

— Eu não sei o que estou fazendo, Em. Só... Quando estamos juntos... Quando o olho? Pareço sentir falta dele o



tempo todo. O que procurei por toda a vida. E quando estou com ele, cada preocupação vai para longe e esqueço o homem que continua me prometendo que ele é. Não é a maneira que o vejo. Eu me esqueço.

Ela se afundou ao meu lado, simpatia afiou em sua expressão. Passou os dedos pelo meu cabelo e me deu um sorriso triste.

— É fácil esquecer-nos, quando as coisas estão bem. Entendo isso, Will. Eu faço. Isso não significa que não esteja preocupada com você.

Meu telefone tocou na minha mão. Encolhi-me, quando vi o remetente.

Bates.

Emily percebeu, seu silêncio me cutucando para olhar a mensagem. Durante a última semana, ele enviou mensagens de texto com imagens de Ash em um mundo que, simplesmente, não conseguia compreender. Dele, em escuros clubes decadentes. Envolto em mulheres. Nos bastidores. Fazendo coisas que não quero imaginar.

Este era o Ash, obviamente, em algum lugar nos bastidores, sorvendo uma bebida, com uma mulher de joelhos entre suas pernas. Sua expressão apática mostrava que quase não registrou sua presença.





Queria desviar os olhos e proteger-me da realidade brutal do homem que tanto me preocupava. Demais.

Só me fez odiar Bates ainda mais.

Este era ele, não desistindo de mim? Provocando-me? Como se, ao mostrar essas imagens, eu pudesse perdoar o que me fez?

Nunca.

Emily olhou-me com algo semelhante a pena.

— Dói, Em — admiti, mastigando meu lábio trêmulo. — É isso que chamam de amor estúpido?

Ela enrolou o braço em volta do meu ombro e cai em seu aperto.

— Você pode atuar em silêncio, — disse, com a sugestão de uma provocação, antes de seu tom ficar sério —mas não, o amor não é a favor do mudo, Willow. O amor é sempre, sempre, para os bravos.

29



Willow

— Onde vamos?

Descansei a bochecha em seu bíceps. Porque não descansar, se podia? Ele pegou na minha mão e me guiava pelo meio da multidão, que passeava sem pressa na rua pitoresca de Savannah.

A luz do sol passava pelas folhas das grandes árvores e suas sombras.

As famílias saíram para explorar a cidade e os turistas visitavam os pontos turísticos, que pareciam subjugados.

Estar com ele fez-me sentir assim também.

Como se não houvesse nada melhor no mundo do que isto.

Estar a seu lado.

Ash me lançou um presunçoso sorriso arrogante e sexy e foi a coisa mais sensual que já vi. Só seu olhar era suficiente para me fazer corar.

Deus. As coisas que este homem fez para mim.

— O quê, você não confia em mim, querida?

Aconcheguei-me mais nele.



— Confiar em você? Isso é uma enorme pergunta, estrela do rock. Você meio que tem uma má reputação.

Ele riu tão alto, que as pessoas se viraram para olhar.

Como não fariam?

O homem era um ímã.

Uma força.

Um que me tirou completamente do chão.

Inclinou-se perto do meu rosto, sua voz muito baixa.

— Pensei que era da minha “reputação” que você mais gostava.

Insinuação pura.

Mais calor. Desta vez na minha barriga e espalhando mais para baixo.

— Gosto mais ou menos da “reputação”.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Mais ou menos? Comece a falar assim e terei que dobrar meus esforços.

Arrepios.

Sim, por favor.

— Por que tenho a sensação de que não é apenas uma ameaça, mas uma promessa?

— Porque você é inteligente.



Ri levemente, bati em seu peito forte e me aconcheguei ainda mais, deixando-me levar na liberdade, que veio com a confiança. Algo que tinha quase esquecido. Tão grata a este homem que teve tempo para mostrar para mim.

Honestamente, estava aterrorizada para voltar à sua casa naquela manhã, há duas semanas, depois da noite que me levou. Pensei que, talvez, ele se fechasse.

Estava completamente surpresa, quando me encontrou no meio do caminho de seu quintal, com um beijo ardente. Um que enfraqueceu meus joelhos e me fez apaixonar-me um pouco mais. Continuei me apaixonando desde então.

Ash apertou a boca no topo da minha cabeça.

— O que farei com você, Pêssego?

Fique.

Nós viramos a esquina.

Ofeguei, não estava chocada o suficiente. Meu sorriso tão grande, quando fui para frente e me virei, ainda caminhávamos com nossos dedos presos.

— Você me trouxe para um mercado de pulgas?

Ofensa fingida entreabriu seus lábios.

— Um mercado de pulgas? Não quebre meu coração, querida. Isso é apenas um insulto. Essa feira é a melhor exposição de antiguidades da Costa Leste. Tesouros em abundância. Herança vintage. É uma coisa boa seu homem



ter algum dinheiro extra no banco. Você sabe, para que possa levá-la em todas essas feiras próximas, extravagantes.

Meu homem.

Deus.

Isso era tudo que queria que ele fosse.

Meu.

Ainda assim, sorri para a diversão presente em seus olhos.

— Eu não imaginaria um lugar melhor para estar.

— Uh... Tenho certeza que a resposta correta para isso é minha cama.

— Certo. Não é isso.

Sempre, sempre.

Seu sorriso indulgente mudou para leve e estava me puxando contra ele, beijando-me com ternura, no meio da calçada, enquanto as pessoas se moviam ao nosso redor.

— Vamos lá... Vamos encontrar alguns desses tesouros que prometi.

Por horas, nós lemos e rimos. Toques suaves e beijos rápidos roubados, entre nossa conversa fácil. Entretia-me, enquanto vasculhava cada estande, cavavam através de todos os tesouros, que a maioria das pessoas veriam como nada



além do que lixo. Lixo que Ash sabia que eu veria como inestimável.

Alterou todo meu humor, quando uma mulher o reconheceu e começou a gritar no meio do mercado, berrando e sendo desajeitada sobre suas palavras. Ofereci-me para tirar uma foto, enquanto ele murmurava:

— Sinto muito. — Não havia nada que pudesse fazer, apenas sorrir e tirar a foto desta menina tiete, que não conseguia acreditar que estava perto de Ash Evans.

Entendi sua dor.

Felizmente, ela seguiu em frente e nós entramos em uma grande tenda cheia de arte eclética e caixas de plástico, que continham estampas de todos os tipos.

— Nós temos que comprar isso. — Fiz um gesto para uma das pinturas empilhadas na parte de trás. Era estreito e mais alto que eu. Pintado em vermelho, negro e cinza sombrio. Notas musicais estavam escondidas na arte coberta, apenas a insinuação de uma música que vinha à vida.

— Ela vai ficar perfeita em seu quarto. Contra a parede grande.

Esta tarde, já encontráramos um enorme espelho, grande o suficiente para ser colocado no chão e inclinado para o alto, contra a parede. Eu remodelaria a moldura de



madeira grossa, mas planejei deixar o espelho tingido com a idade, algo para dar profundidade, textura e contraste.

— Não trouxe você aqui para comprar coisas para mim e tenho certeza que cada coisa que escolheu hoje, tem algo a ver comigo.

Isso é porque você consumiu minha mente.

— Isso faz sentido, não é? Estou trabalhando em seu quarto. É aí que meus pensamentos estarão.

— Viemos para comprar algo que te agradasse.

Arqueei uma sobrancelha, mordendo o riso, quando me aproximei e estreitei os olhos.

— Você me trouxe para comprar lixo usado?

Horror assumiu seu rosto. Genuíno. Um segundo depois, inclinou-se para diversão.

— Oh, Pêssego, você vai pagar por isso. — Murmurou no meu ouvido, mais uma daquelas ameaças que eu queria levar adiante. — Você acha que não te conheço?

Minha mão prendeu em sua camisa, agarrando-me a ele, quando me inclinou para trás. Sentia o mundo cair abaixo de mim. Porque me conhecia melhor do que ninguém.

— Obrigado. — Disse, repentinamente.

Meus olhos se moveram por todo o rosto. Procurando. Memorizando.



— Pelo quê?

— Por ser você. Você é.... — Parou e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, como se não soubesse o que dizer. Em seguida, o homem beijou-me novamente.





30

Ash

Às vezes, você tem que saber se vale a pena apostar. Expor-se e correr risco. O problema era quando você não sabia em quem apostar. Se era merecedor do prêmio. Se os dados tortos pousassem como um par de olhos de cobra, faria você realmente perder? E se conseguisse um par de seis? O que esperava ganhar?

No entanto, aqui estava eu.

Colocando tudo em linha, rapidamente.

Jogando de forma estúpida.

Imprudente.

Eu tinha certeza de que nenhum de nós sairia por cima.

Risadas tilintantes ecoaram contra as paredes. O tipo que causava pânico no meu intestino já torcido.



— Tenha cuidado. — Avisei. Por que diabos a deixei me convencer disso?

— Pare de ser um bebê, estrela do rock. Temos isso na manga. — Humor arrumou sua voz forte, quando lutamos para manobrar o espelho volumoso em minha escada. Willow estava lá em cima, porque a convenci de que era a parte mais pesada. Isso por si só era um milagre, considerando que a menina começou a insistir que poderia levar lá para cima ela mesma.

Sem minha ajuda.

Realmente, peguei a parte inferior, porque pensei que se esse infeliz de espelho viesse abaixo, cairia em mim. Sem chance que fosse colocá-la nessa posição.

— Onde diabos está Zee, quando preciso dele? O idiota está sempre à espreita, até que haja trabalho a ser feito. Então, poof. O menino fica longe de ser encontrado.

Luz, seu riso melodioso saiu por aqueles lábios bonitos, novamente, quando me enviou um daqueles sorrisos que tiravam o ar de dentro de mim.

— Se fosse ele, também correria em outra direção. Aposto que você não tinha ideia no que estava se metendo, no dia que entrou na minha loja.

Não, definitivamente, não tinha ideia em que estava entrando.



— Talvez, ele foi encontrar com uma menina. O cara está na escassez, recentemente. Ou, talvez, simplesmente não pode lidar em estar perto e saber que essa delícia está trancada atrás da minha porta.

Não podia ver o vermelho, mas sabia que correria por suas bochechas. Mas, porra, podia sentir. Jurei que poderia sentir essa menina do outro lado da sala. A familiaridade que instou, persuadindo com conforto.

Fizemos isso por mais alguns passos. As respirações de Willow ficaram mais pesadas com o esforço.

— Eu acho que posso ter subestimado o peso desse espelho, quando o compramos.

Já foi difícil colocá-lo na parte de trás do SUV.

— Grandes planos exigem soluções grandes. Grandes, grandes soluções. — Não poderia mesmo manter o riso para fora. Aparentemente, tinha o senso de humor de um menino de doze anos de idade.

Processe-me.

— Você não é um menino inteligente.

— Você quer que eu fique inteligente? É isso que a ouvi dizer? Diga-me, querida, porque se quer que fique inteligente, então, saberia que sou um jogador, totalmente.

— Oh, aposto que você é.

Uma risada rolou livre.



Sim, por favor. Eu estava totalmente pronto para lhe mostrar quão talentoso poderia ser.

Quando, finalmente, cheguei ao topo da escada sem fim, Willow girou e eu a segui. Ela segurou firme pelo resto do corredor até meu quarto.

— Por aqui. — Instruiu.

Guiou-me para o meio da sala onde, basicamente, estabeleceu-se.

— Basta deitá-lo. Começarei a trabalhar nele amanhã.

Nós o colocamos com cuidado sobre um pano já espalhado no chão.

— Nós fizemos isso.

— Claro que fizemos. Não quero que vá ter falsa impressão de que sou algum tipo de maricas, não é?

Um sorriso provocante ampliou nela.

— Eu nunca pensaria essas coisas terríveis sobre um homem robusto.

Um sorriso se infiltrou, com sua provocação, antes de sua expressão suavizar.

Suave.

Doce.

Ela me segurou bem no centro do meu peito. Meu coração fez aquela coisa louca que implorava para não fazer.



Willow se endireitou. Seus cabelos de mogno estavam desgrenhados em cascata ao redor de seus ombros e suas bochechas estavam rosa, do dia ao sol.

Um suspiro pesado explodiu de seus lábios e olhou ao redor do meu quarto, que estava ficando perto de estar pronto. Todas as principais reformas foram concluídas, as luminárias e azulejos instalados no banheiro, o lixamento e pintura dos pisos e paredes. Algumas peças de mobiliário que tinha criado, já foram definidas no lugar.

— Ele vai ficar surpreendente. — Disse. Parecia mais para si do que para mim, a menina se pegou no seu trabalho, do jeito que sempre fazia. Como Willow via isso como algo vivo. Constantemente em transição. Como um fluxo de tempo e memórias. Esta menina deixou sua marca no momento que lhe pertencia.

— Sexo e conforto. — Disse, um pouco rouco.

Ela olhou para cima para me encarar, algo não dito entre nós, antes que se afastasse. Mudou-se para a grande parede em frente à fileira de janelas e levantou a pintura que compramos no mercado.

— Pensei em colocar essa pintura aqui mesmo, acima da cômoda e o espelho no chão, ao lado.

Seu olhar transitou pela parede longa, em branco, como se imaginasse como ficaria lá.



— Ainda não tem uma completa sessão de fotos. Acho que é hora de fazer essa mágica acontecer. Imagine o que vai parecer... Você lá em cima, enfeitando minhas paredes. Melhor coisa que já vi e serei o sortudo que acordará todas as manhãs com isso.

Veio mais áspero do que pretendia.

Ela sorriu. Mas era leve. Quase triste. Sua cabeça apenas inclinou para o lado.

— Você é ridículo.

Estava certa. Eu era ridículo. Porque isso era ridículo e perdi a capacidade de parar.

Atravessei a sala com passos medidos. Energia passando como uma onda de choque de eletricidade. Como um apertar de um botão. Instante. Brilhante. Ofuscante.

Sua respiração crescendo assim que me aproximei, mas mantive o olhar, segurando seu rosto com uma das mãos. Meu polegar roçou a curva de sua bochecha.

— Você não entendeu ainda, querida? O que vejo quando a olho? Como todos os meus pensamentos se cruzam e tudo dá errado? No segundo em que nos tocamos, perdi-me em confusão. Não devia me sentir assim, porque a única coisa que sinto é você.

Um pequeno gemido saiu por essa doce boca. Eu acariciava meu polegar ao longo de seu lábio inferior e olhava



para a menina que balançou, completamente, meu mundo. Sozinho, esmaguei a fundação que deveria ser sólida.

Inquebrável.

Meu coração pegou uma batida extra.

Como se talvez faltasse uma antes.

— Ash.

Eu a beijei. Lento e profundo, com determinação.

Willow derreteu contra mim.

Sua língua de mel tão doce.

Luxúria.

Explodiu em meu sangue como o rompimento de uma barragem.

Levando-me abaixo.

Comendo-me vivo.

Uma necessidade esmagadora me consumia. A necessidade de entrar nessa menina. Para devorar cada polegada.

Ela me beijou em retribuição. Dando tudo. Mesmo que a destruísse no final.

Recuei, beijando-a ainda, enquanto trabalhava nos botões de sua blusa. Empurrei-a, revelando a renda preta e toda sua pele cremosa.



Um gemido retumbou livre.

— Querida... Você está me matando. Toda vez que te toco, perco o fôlego.

Sanidade.

Nem sequer me conhecia mais. Talvez, toda a sua luz encobrisse minha escuridão. Talvez, ela estivesse expondo alguém novo ou talvez trazendo para a vida o velho. Ou, talvez, fosse tudo apenas uma ilusão torcida, doente. Um conjunto de menina encantadora, que me fez ver coisas que não deveria ver.

Mãos quentes pressionaram sob minha camisa. Ávidas. As palmas das mãos eram lisas, quando passou o material para cima. Ela não hesitou ao tirá-la sobre a minha cabeça.

Willow balançou para trás, olhos cor de chocolate devorando um pouco, o que estava morrendo de vontade de fazer.

— Você é tudo. — Saiu grosso. Impressões digitais passavam através das linhas de meu abdômen, sobre o peito, tocando junto a tinta tatuada na minha pele.

Memorizando.

Gravando.

Marcando.

A menina me arruinou um pouco mais com cada carícia trêmula.



— Quando estou com você... Tudo... Tudo parece bom.

Dolorosamente, meu peito apertou. Ela estava errada. A parte doente? Queria estar.

Certo.

Bom para esta menina, quando eu sabia, sem dúvida, só acabaria isso no final.

Ou esse pensamento não era claro ou eu era apenas um bastardo egoísta, porque não era o suficiente para conter minhas ações. Não o suficiente para me impedir de chegar ao fecho de seu sutiã. Minhas mãos empurraram o material para trás sobre seus ombros e abaixo do comprimento de seus braços.

Arrepios se formaram, ao meu despertar.

Um toque e ela tremia em minhas mãos.

Deixei-a no chão.

Ar bateu sua carne e vi como seus mamilos despertarem sob meu olhar.

Rosa, enrugado e apertado.

Tão bonito.

Os seios dela eram pequenos e peguei um na minha mão. Varrendo o polegar através do pico duro.

Um tremor atingiu sua coluna vertebral.

— Perfeição. — Foi um murmuro. Elogio.



Coloquei-a de costas, no centro da minha cama.

Ela obedeceu. Sem dúvidas ou reservas. Só que sua doce timidez beijou cada polegada requintada de seu corpo.

Removi suas meias e calçados, deixei-os cair com um baque no chão. Um sorriso apareceu no canto da minha boca e mordi meu lábio inferior, quando alcancei o botão de sua calça jeans.

— Deixe-me mostrar quão sexy você é. Como não consigo me controlar, quando entra na sala.

Willow tremeu.

— Ash.

— Você me possui. — Murmurei baixo, odiando a confissão, mas sabendo que era verdade. Estava tão longe do meu elemento. A facilidade voou direto para fora da janela junto com os meus sentidos.

Porque eu não tinha nenhum.

Todos, exceto o que se iluminavam sob seu toque. Sob seu olhar. Debaixo daquele coração terno, que estava, lentamente, desfazendo-me. Cortou direito através de minhas reservas e chegou a todos os lugares que não queria que ela fosse.

Porque então ela veria. Veria o que fiz.

Veria o quão vil eu fui.



Sangue.

Esfregaços.

Frio.

Anna.

Apertei os olhos contra as imagens, respirei fundo e foquei nesta menina, enquanto arrastava os jeans por suas pernas.

Deixei-a sem nada, apenas com o pedaço de renda preta cobrindo seu calor, quando se inclinou para trás em suas mãos. Uma confusão de cabelo fluiu ao redor dos ombros e se espalhou em minha cama e ela tinha uma única perna dobrada que, lentamente, balançou para frente e para trás, enquanto o peito arfava com o desejo.

Porra.

— Idiota. Idiota é quem deixaria alguém como você ir.

Sem dúvida, seria apenas mais um portador desse título infeliz.

— Falar mal de si mesmo faz você se sentir como se fosse menos do que é. Não quando é a melhor coisa que já entrou no meu mundo.

Abalado e quebrado.

— Você sabia, Willow? Ainda não entente? Você é a garota mais sexy que já vi.



Minhas palavras eram duras como macias, porque esta menina fazia-me confuso assim.

— Sabia que você anda em um local e cada cabeça vira em sua direção?

Willow franziu a testa.

— Isso é porque estão olhando para você.

Balancei a cabeça.

— Nem mesmo perto disso. Isso é o que não percebe, baby. Quão linda você é. Por dentro e por fora. Nos lugares que pode e não pode ver. E há essa parte em mim que quer arrancar cada um desses caras, que morrem para dar uma olhada em você em todos seus pedaços. Atacar. Dizer-lhes que é minha, quando sei que não posso mantê-la.

Ela estremeceu.

— Você confia em mim?

Uma engolida dura.

Um aceno de cabeça firme.

Peguei a blusa do chão. Coloquei um joelho na cama, inclinei-me ao seu redor e posicionei os braços para trás nas mangas.

Perguntas vibraram em seu rosto.

— Confie em mim. — Murmurei profundo no seu ouvido.



Deixei a camisa um pouco aberta. Apenas uma abertura induzida de luxúria, onde sua pele estava exposta bem no centro.

Porra.

Esta menina.

E depois de tudo?

Isto é o que fingia se tratar.

Eu queria lhe mostrar.

Isso era o que queria que visse.

— Isto é só para nós dois. Entende? — Perguntei, quando retornei à cama e peguei meu telefone no bolso da calça. —Ninguém mais vai ver isso. Nunca.

Ela abriu os lábios.

Surpresa, desejo e curiosidade.

Esse espírito destemido, contra uma lasca de timidez.

Luz silenciosa filtrava através das janelas. O quarto transbordava com sombras dançantes e refletia a luz.

Bem no meio dela, a menina sentou-se no display. Arte em movimento. Uma obra-prima.

Manuseei meu aplicativo da câmera.

— Ash... Eu... — Ela baixou a cabeça.



— Shh... — Corri os dedos na lateral de seu rosto e enganchei o dedo sob o queixo. — Olhe para mim.

Voltou seu olhar na minha direção. Olhou-me com olhos fundidos, confiante.

Consegui aproximar.

— Você me desconcerta.

Willow foi gravada na minha tela. Sua confusa expressão ansiosa. Olhei a ponta do meu polegar sobre o lábio macio.

Ela gemeu quando bati outra.

Clique.

Clique.

Clique.

— Deite-se um pouco.

Ela não hesitou. Só se acomodou em seus cotovelos, com um suspiro necessitado;

Comecei a passar os dedos por sua garganta, tracei uma trilha sobre o peito, onde o coração batia.

Sem dúvida, o meu estava da mesma maneira, ao fazer imagem após imagem dessa menina impressionante.

Capturando-a crua.

Vulnerável e valente.



Coloquei a camisa de lado. Apenas um pouco. E, talvez, fosse mais sexy do que qualquer coisa, apenas provocação que alterava a mente.

Um tremor ondulou sua pele e espalhei a mão em toda extensão de sua barriga plana.

Willow tremeu sob meu toque. Jurei que podia senti-la se desfazer através de mim.

Clique.

Virei, para obter uma visão melhor. A menina se contorceu, ganhando vida, no centro da minha cama.

— Você sente isso, Willow? Como é linda? Tudo da vida transbordando em você? De você? Isso é a real beleza. O tipo que não pode ser contido, não importa quão duro alguém tente mantê-la domada.

Clique.

— Toque-se. Sinta o que sinto, quando a toco. — A demanda saiu baixa.

Um gemido e sua cabeça balançou para trás. Ela mal correu os dedos através do seu seio exposto. Acariciou seu pescoço. Suas pernas. Tocando brevemente entre suas coxas.

Doce tortura.

Não conseguiria parar de olhá-la. Inclinei a câmera, para capturar a expressão em seu rosto.



Seu corpo se contraiu e meu nome ficou preso na sua garganta.

— Ash.

Ela mergulhou um dedo sob sua roupa de baixo e meu mundo desmoronou.

Havia tanta coisa que um homem podia ter.

Qualquer força de vontade que tinha foi deixada.

Reservas arrancadas.

Joguei o telefone na cama e saí do meu jeans e cuecas.

Coloquei o joelho na cama e comecei a tirar a camisa de seu apertado corpo.

A camisa puxou seus braços para trás, quando fiz o rasgo, pulsos mantidos como refém.

Seu peito nu se projetava no meu, ela ficou em silêncio na posição, seus seios pressionados e agrupados entre nós. Suas mãos presas atrás das costas.

Porra.

Controle é uma cadela a ser perdida, quando você não tem um monte, para começar.

A última mina explodiu.

Cortada.

Foi.



Indo para esta menina.

Beijei-a com força. Exigi sua língua e sua respiração e seu coração trovejou contra as costelas.

Escalei, até que montei seu corpo. Levantei-me de joelhos, elevando-me sobre ela, enquanto minha boca a devorava e meu pênis esfregava sua barriga, os braços ainda amarrados atrás das costas.

— Oh. Deus. Ash. — Seu corpo curvado, tentando encontrar o meu.

Liberei os pulsos do aprisionamento da camisa. Recuei apenas o suficiente para tirar a calcinha por suas pernas longas e inspiradoras.

Porque se essa garota queria que eu fosse inteligente, de bom grado eu seria.

Sem perder tempo, minhas mãos estavam em seus joelhos, empurrando-os abertos.

— Linda. — Rosnei. Porque era verdade. Sua fenda perfeita sendo dividida com minha língua.

A respiração estava carente, em seus pulmões e aquelas mãos delicadas com punhos não tão delicados no meu cabelo.

Um grunhido se originou em algum lugar no meu estômago e raspou na garganta.

— Deus... Amo esse sabor.



Caloroso. Molhado. Pulsando de desejo.

Não é de admirar que morria de vontade de ter um sabor.

— Poderia passar minha vida aqui... Enterrado entre suas pernas.

Chupava e mordiscava suas dobras. Provocando e torturando. Enrolando-a. Enquanto se contorcia e tentava trazer sua vagina doce mais perto do meu rosto.

A ladainha de apelos urgentes saia de sua boca.

Ri e recuei, amando que tinha o poder de afetá-la dessa forma. Quase flutuei, quando olhei para cima e vi a sinceridade em seu olhar líquido.

“Se compartilhar meu corpo com um homem, é porque o amo e ele me ama”.

Esse sentimento tomou conta de mim. Uma onda devastadora. O tipo de derrubar cidades. Levei sobre onde sabia que iria me afogar.

Corri a ponta de um dedo entre os lábios.

— O que foi isso, querida?

— Por favor.

— O que é que quer, amor? Você quer um pouco disso?

Empurrei o dedo mais profundo, mergulhando apenas para o aperto de seu corpo.



— Sim... Mais... Por favor. Não me provoque... Por favor... Preciso de você... Quero você. Você é tudo que quero. Tudo o que quero. — Saiu como um amontoado incoerente de sua boca, cada palavra encontrando sua marca, como um soco de clareza.

Mergulhei de volta, desta vez mergulhei profundamente. Espalhei-a com meus polegares, peguei-a com a língua e mudei, para circular seu clitóris, arrastando-a para baixo novamente.

Tocá-la em todos os lugares, assim como estava me tocando.

Era justo.

Willow resistiu.

Eu lavei e lambi. Movi meus dedos para seu traseiro.

Ela gemeu no fundo da garganta, amando, mas incerta se deveria. Seus dedos tremiam necessitados no meu cabelo, como se não soubesse se queria me puxar para perto ou me afastar.

— Por favor.

Virei-a sobre suas mãos e joelhos.

— Bom? — Disse quase como um aviso.

Mãos fecharam em punhos em meus lençóis.

— Sim.



Abri a cabeceira, que foi trabalhada pela mão brilhante desta menina e agarrei um preservativo.

Em tudo isso, porra, pelo menos progredi, para fazer pelo menos uma coisa certa.

Cobri o pênis, agarrei-a pelos quadris e a levei em um impulso contínuo. Enchendo-a de modo completo, o meu corpo se inclinou com o impacto.

Ela quase gritou, mas virou um gemido, quando seu corpo se ajustou a mim.

Deus.

Estava tão apertada. Suas paredes me seguraram em uma embreagem necessitada, latejante.

Nenhuma menina deve se sentir tão bem.

— Você sente isso? Chegou perto de sentir-se assim como se sente bem em mim? Será que é mesmo possível?

— Nada... Ninguém... Nunca, Ash. É você.

Defini um ritmo duro, punitivo, puxando-a de volta pelos quadris, para encontrar meus impulsos. O cabelo dela estava em todo o lugar, a pele linda coberta por um leve brilho de suor, meu nome uma petição constante, caindo de seus lábios.

Meus dedos amassando profundo. Sua parte inferior exuberante, redonda, encaixando perfeitamente no aperto das minhas mãos.



Confissões saíram de sua boca.

— Ash... Deus... O que está fazendo comigo? Eu não posso... Preciso de você mais do que qualquer coisa que já precisei.

Ali mesmo, deveria ser um sinal para parar. Deveria cobrir esta menina de volta, enviá-la para casa com um beijo casto e rezar para que não tivesse feito muitos danos.

Em vez disso, toda minha atenção voltou-se para o pau desaparecendo na fenda apertada de seu corpo, penetrando dentro e fora dela.

Arrepios correram pela pele. E sabia que não era nada, além de um pecador e um mentiroso. Persegui isso. Este corpo e esse sentimento irritante que não poderia abalar. O sentimento necessitado, que acompanhou a espinha e apertou minhas bolas.

— Você me quer? — Exigi.

— Sim.

Gentilmente, circulei seu traseiro com meu polegar e não tão gentilmente, empurrei-o.

Um gemido escapou de sua boca ofegante. Seu corpo apertou ao meu redor.

Entrei nela mais rápido e mais duro. Willow me encontrou, impulso com impulso.

Exigindo tudo o que poderia lhe dar.



Logo em seguida, parecia tudo e nada.

Passei meu outro braço em volta da cintura e mal joguei seu clitóris.

Ela era como uma bomba.

Suas mãos fecharam em punhos nos lençóis e gritou meu nome. Ela fazia todos esses sons que caíram sob minha pele e afundaram em meu espírito, sua iluminada pele cremosa em flashes de vermelho, com o prazer riscado por seu corpo.

Incinerado.

Queimado.

Sabia que seria reduzido a cinzas.

Eu balançava duro. Dois golpes erráticos. Felicidade roubando cada célula do meu corpo.

Tão bom e tão insuportavelmente errado.

Voltei para apertar seus quadris, segurando-a contra mim, enquanto me aprofundei o máximo que pude e o mundo piscou e tremeu ao meu redor.

Zombando de mim.

Willow desabou abaixo de mim, ofegante nos lençóis, voltando lentamente. Inclinei-me mais perto, salpicando sua coluna vertebral, ombros e pescoço de beijos e lutando para recuperar minha compostura.



— Eu volto já.

Tudo o que consegui foi um gasto, aceno saciado.

Saindo da cama, fui para o banheiro tirar o preservativo e lavar as mãos. Parei na porta, apenas olhando para a menina na minha cama, iluminada pelo luar contra os lençóis cinza prateados.

Uma cama que formou com suas mãos. A peça ousada que recuperou.

Willow parecia perfeita nele. Como se tivesse sido esculpida com o resto. Não podia sequer começar a imaginar o que poderia ser, sem ela lá.

Passei a mão pelo cabelo.

O que estava fazendo?

Mas o que quer que fosse, era imparável e me tinha atravessando a sala, arrastando-me até a cama e a rolando um pouco, para que pudesse entrar atrás dela.

Ela suspirou e se aproximou.

Em busca de refúgio.

Um lar.

Acariciei os cabelos despenteados, emaranhados e beijei o alto da sua cabeça, antes de me atrapalhar em meu telefone. Manuseei, através do painel frontal. A tela brilhante veio à vida.



Através das imagens, eu a vi oscilar com a expressão incerta, perguntando-se.

— Isto é você. — Sussurrei meu louvor, minha crença.

Silêncio nadou ao nosso redor por mais tempo, enquanto olhava para as fotos, meu corpo meio inclinado tomando nota e passando para a próxima. Pela primeira vez, senti a necessidade insana por esta menina ser controlada.

— Isto é o que você, realmente vê, quando olha para mim? — A pergunta foi tranquila. Quase tímida.

— A primeira vez que te vi...— Um sorriso melancólico surgindo em meu rosto e a abracei mais perto.

— Você quase tirou meu chão. Sim. Você é linda. Não acho que haja qualquer dúvida sobre isso. Mas era mais do que isso. Gostei que fosse diferente de todas as meninas que estão no meu círculo. Um pouco tímida, mas confiante. Convicções e princípios claros. Desde o início, fez-me querer olhar mais de perto e ver o que realmente estava escondido dentro.

Ela virou o suficiente, para que pudesse me olhar.

— O que você achou?

— Encontrei alguém que me fez desejar que fosse outra pessoa.

— E se você é ele? — Questionou e podia senti-la derramando-se. O desespero, que nenhum de nós sabia como



lidar. Esse sentimento de que nós dois nos pertencíamos, quando sabia que não era nada além de uma ilusão cruel.

— Eu não sou. — Podia sentir a emoção reunida no meu rosto, enrolando-se como o sorriso mais suave, enquanto olhava para ela. — Qualquer cara seria o bastardo mais sortudo, para chegar a ser ele. Mas eu não sou, Pêssego.

Parecia que quanto mais dissesse isso, menos cada um de nós acreditava.

Sombras dançavam em seu rosto, perguntas e contradições.

— Por causa da vida que leva? A banda e as viagens?

Suspirei.

— Pense, meus meninos provaram que a teoria estava errada. Talvez pensasse isso, mas todos estão em melhor situação agora do que nunca.

Coloquei o telefone de lado e segurei seu rosto em minhas mãos.

— O problema sou eu, Pêssego. O problema sou eu. Sim, poderia ficar aqui e fazer milhares de promessas e dizer-lhe que estarei aqui para sempre. E neste exato momento? Poderia ser apenas o tolo que acha que poderia ser capaz de fazer isso bem. Mas tenho um péssimo hábito de deixar as pessoas que amo para baixo. Não quero, mas é o que faço. É



quem sou. E odeio essa pessoa, mas nunca deixarei que essa pessoa arruíne você.

Willow respirou com as minhas palavras descuidadas.

Amor.

Meu coração virou.

Porque lá estava ele, brilhando naqueles olhos profundos.

Puxei o seu rosto mais perto. Nossos narizes raspando, minhas palavras enfáticas, confessadas perto de seu rosto.

— Você merece mais do que o que tenho para dar. Mais do que sou. E sei que existe esse cara lá fora.

O ciúme subiu. Uma dor sufocante que batia nas minhas veias, estrangulando todos os sentidos e negando cada palavra.

Não suportava o pensamento de outro homem tocando o que era meu.

— Você apenas tem que encontrá-lo. — Prometi-lhe, as palavras espessas e azedas na minha língua.

Tristeza inchou ao seu redor. Porra, odiava que já estivesse machucando-a.

Eu sabia que faria.



Willow empurrou. Eu queria entrar em pânico, até que se virou e deitou do lado, para que pudesse enrolar-se por trás, em meus braços.

Pegou meu telefone de novo, pisquei na incerteza, quando, de repente, estendeu-a na frente dela, a lente da câmera angulou para capturar a cena.

Clique.

E porra. Minha expressão estava esculpida em pedra. Difícil.

Mas meus olhos ficaram bem abertos.

Deixando-me para baixo, até que todas as promessas que esperavam lá dentro foram expostas.

Esta imagem?

Ilustrava uma menina olhando para um homem, como se fosse seu mundo. Segurando a fé que ele ficaria ao seu lado. Segurá-la. O homem na imagem a encarava, pronto para dar sua vida, para proteger a bondade nela.

Moveria montanhas para encontrá-la.

Caminharia pelo inferno para salvá-la.

Sua voz era um sussurro.

— Isso... Isso é o que vejo, quando olho para você.





31

Willow

Há momentos em sua vida em que deseja que pudesse, definitivamente, fazer uma pausa. Pressionar um botão, para adiar a passagem do tempo. Talvez ter a capacidade de reproduzi-los novamente, para que possa prendê-los para sempre.

Porque, você sabe, sem dúvida, que esses são um dos melhores momentos que jamais vai experimentar, em toda a vida. Mesmo quando sabe que eles são fugazes. Esse tempo gira ao seu redor, absorvendo os dias felizes e as noites arrebatadoras.

Este foi um deles.

Lustres polvilhavam uma tonalidade de luz prateada brilhante sobre a longa mesa, aninhada em uma alcova do restaurante elegante.



Rostos sorridentes sentaram-se ao meu redor, suas conversas e riso fácil ecoando no ar. O ambiente de esperança, crença e o tipo de amor que, quando era menina, sempre acreditei que iria encontrar.

Sob a mesa, uma grande mão apertou meu joelho. Ash sorriu para mim. Tão livre. Tão fácil. Era como se me prometesse que aqui era, exatamente, onde eu pertencia.

Voltou sua atenção para sua família de retalhos costurados tão perfeitamente.

Todos estavam lá para comemorar, finalmente, a volta ao estúdio amanhã.

Tive o pressentimento de que eram velhos profissionais em encontrar qualquer desculpa para ficarem juntos e se soltarem. As três garrafas de vinho da mesa pareciam provas suficientes.

— Seu sonho, homem. Essa história é totalmente ao contrário. Se a memória serve, foi você que incitou essa briga. Apenas implorou por ela... Andando naquele bar como se fosse o dono do lugar.

Presunçoso, Sebastian, que trocara o vinho por um copo de líquido âmbar, atirou-o na direção de Ash e apontou um dedo acusador na direção dele.

Ash zombou, sua voz em um tom mais alto, de forma imprudente.



— Sobre o que está falando?

Hoje à noite, o rapaz arrogante saíra para jogar. Foi assim, desde o segundo em que me pegou na minha casa. Sorriso sedutor já firmemente fixado no local. Facilidade em cada passo poderoso.

Ele apontou para si mesmo com as duas mãos.

— Este menino aqui? Ele é um amante, não um lutador.

Ash derramou seu argumento com tanta propriedade, que poderia acreditar nele.

Aparentemente, seus amigos o conheciam melhor.

Lyrik cuspiu em seu vinho.

— Não é um lutador? Eu acho que entre o grupo, provavelmente poderíamos chegar a cerca de... Oh... Não sei... De mil ou dois mil casos que podiam contar uma história completamente diferente.

Lyrik assinalou seu queixo para mim.

— Além disso, acho que sua menina aqui atestaria o fato de que você é mais, definitivamente, um lutador.

Sua menina.

Deus.

Era errado o quanto eu queria isso?

Palmas para cima, Ash estendeu as mãos.



— Hey, agora. De volta, um homem deve fazer o que é necessário. A única coisa que me preocupa é deixar claro o fato de que gosto da parte do amor muito mais do que da briga. Vamos apenas dizer que é muito mais... Satisfatório. Pensando bem, minha Willow aqui poderia atestar isso também. Alguns de nós estão apenas dotados de... Certos dons. Não é verdade, Willow?

Ele inclinou a cabeça para mim, com um arrogante sorriso.

Arrepios.

Calor.

Eu não podia parar. Bem ali, no meio do restaurante. Na frente de toda a família e amigos.

O homem me torceu de dentro para fora.

Fez-me esquecer quem eu era.

Ou, talvez, acabou, lentamente, de me mostrar quem eu gostaria de ser.

Com um riso contido, forcei um encolher de ombros com olhos grandes e inocentes.

— Você está bem, eu acho.

— Gol! — Austin bateu na mesa, rindo alto. — Chute, pontuação. Willow para a vitória.

Edie rachou e cobriu o rosto com as mãos.



Zee uivou e enganchou o polegar para mim.

— Oh, cara, agora entendo por que você está mantendo isto para si. Penso que você encontrou seu jogo, meu amigo. Fico feliz em ver que alguém, finalmente, pisou até a placa e o colocou em seu lugar.

Zee sorriu para mim, quase macio. Como se soubesse que estavam atravessando um território que poderia picar. Seu olhar me dizia que era tudo em tom de brincadeira. Parte do treino constante que acontecia entre todos eles.

A boca de Ash caiu aberta no ataque e bateu com o punho fechado sobre o coração, obviamente, morrendo de uma facada mortal.

— Oh, querida, você realmente sabe como quebrar o coração de um homem, não é? E pensei que influenciei sua mente todas as noites... Uma vez ou duas, ou talvez quatro. Acho que só terei que jogar a toalha. Desistir. Não acho que o meu frágil ego pode aguentar.

Tamar riu.

— Ego frágil, minha bunda. Seu ego tem que ser tão grande quanto seu...

— Ah... Pare... Pare aí — Edie confessou, caindo em um ataque de risos, que ela escondeu no ombro de Austin. — Eu nem sei por que saio com todos vocês. Aqui é suposto ser o



meu círculo seguro e, a cada vez, saio com imagens na minha cabeça que não quero ver.

Tamar encolheu um ombro tatuado.

— O quê? Se temos que aturar seu irmão, então você também tem.

— E como as coisas estão funcionando com Ash, Willow? — Shea passou à frente, com suas palavras travessas. — Seus “presentes” são realmente decepcionantes ou são o suficiente para talvez levá-la a um passeio longo? Porque tenho duas centenas de dólares sobre este jogador ter que pintar todos os quartos extras de rosa e azul um dia. Acho que é hora de eu ganhar dinheiro.

Ela queria que fosse uma provocação.

Eu sabia que era.

Mas isso não impediu a dor de parasitar em meu interior. Espremendo o meu espírito.

Forcei um sorriso vacilante.

— Eu não acho que há qualquer ameaça de que isso aconteça em breve.

Fiz uma tentativa corajosa para não olhar na direção de Ash, odiando me sentir vulnerável. Crua.

Eu não quero ser aquela garota.

Não mais.



O silêncio caiu sobre a mesa. A tensão espessou.

Finalmente, Shea falou em voz baixa.

— Sinto muito se disse algo que não deveria. Eu nunca machucaria nenhum de vocês.

Engoli um nó na garganta.

— Está tudo bem. Honestamente.

Era isso?

Porque podia sentir-me no precipício. Esses momentos escorregadios. Que queria agarrar para sempre.

Ash bateu as palmas das mãos em cima da mesa.

— Bem, acho que esta festa merece uma rodada de *shots*, não é?

Ele era todo sorrisos de uma maneira tensa, quando se levantou, saindo de sua cadeira e se dirigindo ao bar elegante, situado ao longo da parede mais distante, fora da alcova.

— Droga. — Lyrik murmurou, esfregando os dedos em sua boca. Ele e Baz compartilharam um olhar que não consegui decifrar. Fiquei lá, sentada, torcendo meus dedos no guardanapo de tecido, desejando que pudesse voltar alguns momentos, para quando as coisas eram fáceis e todas as perguntas que pareciam pairar ao nosso redor não eram tão profundas.



Mas lá estavam eles. Jogando na nossa cara. Sem dúvida, tudo isso de “fingindo” nos aproximou. Nenhum de nós parecia saber mais o que era real. O que queríamos ou o quão longe poderíamos ir.

— Com licença. — Disse, decidindo ficar de pé. Para fazer uma reivindicação ou uma declaração, não sabia. Talvez meu único objetivo era acalmar o homem, que estava no limite. Dizer-lhe que estava realmente bem. Sim, tinha grandes arrependimentos na minha vida, mas isso não significava que não encontrara a felicidade no aqui e agora.

Ele foi responsável por muito disso.

Mesmo que isso terminasse bem aqui, agora, eu precisava que soubesse disso.

Afastei-me da mesa, fazendo o meu melhor para não me sentir estranha ou insegura, porque estava aprendendo rapidamente que essa não era eu. Fiz uma pausa na divisão da sala.

Ash estava sentado num banco do bar.

Sentou-se de lado, o queixo barbudo forte, pronunciado e definido. Seu cabelo penteado para trás, um botão casualmente arregaçado dos antebraços, para expor a tinta escondida embaixo.

Deus.

Ele era impressionante.



Uma magnífica mistificada criatura, que rasgou todas minhas sensibilidades.

Inclinou-se para falar com a barman, que mostrou seu decote, derramando-se e forçando um sorriso sedutor em seus lábios vermelhos. Ela estava toda atrevida e provocadora, levantando uma garrafa e habilmente derramando o líquido escuro em uma curta fileira de copos de *shots* e, rapidamente, arrumando-os em uma bandeja. Vi quando, então, escreveu algo em um guardanapo e lhe entregou, do outro lado do bar.

Ash encarou-a de lado e não consegui ler seus olhos. Não poderia dizer o que eles conversaram, antes dela dizer alguma coisa para ele e virar-se, para começar a servir outra bebida.

Mágoa apertou meu coração, antes da razão correr para tomar seu lugar.

Continuei andando, até chegar por trás dele. Podia ver a tensão ondulando através do seu corpo, a apreensão, que levantou seus ombros, enquanto me aproximava.

Essa sensação cresceu grossa. A sensação de que o conhecia de uma forma que não poderia conhecer um outro homem. Uma corda amarrada. Nossos espíritos obrigados.

A cada passo, ficava cada vez mais apertado.



Ele, lentamente, olhou para mim por cima de seu ombro.

Esse mar azul tomou conta de mim. Macio e cálido, cauteloso. Aproximei-me. Ele estendeu a mão e me agarrou pela cintura, mudando apenas uma fração, para me puxar entre as pernas que se separaram.

Um sopro surpreendido saiu de meus pulmões.

Ele procurou meu rosto.

— Você está bem?

Balancei a cabeça lentamente, um sorriso em fusão com minha carranca.

— Nunca confunda quebrado com fraco.

Orgulho surgiu em seu olhar e colocou a palma da mão quente no meu pescoço.

— Pêssego.

Coloquei meu telefone no bar, virei-me totalmente, para ele e brinquei com o colarinho de sua camisa, parando por apenas um segundo extra antes de olhar para trás, para atender a intensidade em seus olhos.

— Eu estou bem, Ash. Honestamente. Acho que estive segurando um monte de arrependimentos por muito tempo em minha vida. Por muito tempo. É hora de começar a deixá-los ir e perceber que não posso voltar atrás e mudar isso. Preciso aceitar que não importa o quanto eu os queira,



existem algumas coisas na minha vida que nunca terei. É hora de encontrar a alegria nas coisas incríveis que faço.

Seu rosto refletiu dor.

— Willow.

Balancei a cabeça.

— Vamos. Hoje à noite, deveríamos comemorar com sua família. A última coisa que quero é ser o desmancha prazeres que arruinou a festa. Essa não é o tipo de “reputação” que quero ter.

Ele riu.

— Querida, está falando em insinuações? Acredito que estive passando para você.

Meus olhos se arregalaram.

— Oh, acho que você tem feito muita fricção. Em todas as maneiras corretas.

— Ahh... Então agora suas alterações sintonizaram. — Agarrou meus quadris. — Pensando que posso fazer um trabalho muito melhor do que apenas bom.

— Mmm... Eu diria que você faz.

A barman veio de repente, entrando novamente em seu espaço. Os olhos cheios de ganância encarando meu homem, desejando liberar suas garras. Peguei o guardanapo no qual ela rabiscou seu número e joguei em sua direção.



— Ele não vai precisar disso.

Uma risada súbita saiu de sua garganta. Ele tentou contê-la na pele nua, exposta acima do decote do meu vestido, seus lábios pressionando a carne, quando sussurrou as palavras.

— Você é.... O que farei com você? — Ele se afastou e colocou o beijo mais casto que já me deu nos lábios. — Você me faz feliz.

Emoção engrossou minha garganta. Espalhou-se, descendo devagar até que ocupou tudo. Meu coração, meus pensamentos, meu espírito.

Você me faz feliz também.

Tão feliz.

Eu não quero deixá-lo ir.

Por favor, não me deixe ir.

Ash se inclinou e beijou-me profundamente.

Suavemente.

Diferente do que já fez, como se também estivesse desesperado para valorizar esses momentos fugazes.

Segurou meu rosto com suas grandes mãos. Mãos que passei a confiar em todos os sentidos.



Meu pulso cravado vibrava e se agitava. Jurei que podia sentir o homem batendo em minhas veias e invadindo os ossos.

Ele se afastou e olhou para mim. Algo batalha através de seus olhos.

— Quando será esse fim? — Sussurrei, minha boca seca.

Seus dedos se contraíram.

— Não tenho a resposta para isso... Não quando sou o bastardo egoísta, que não quer que haja um.

O meu telefone apitou e acendeu na barra superior. Isso nos tirou fora da nossa bolha. Nossas cabeças se viraram em sincronia, a pequena caixa, na parte superior, aparecendo a notificação.

Bates.

Deus.

Precisava adquirir um novo número e apagar a mancha dele da minha vida de uma vez por todas.

A carranca nublou completamente a expressão de Ash. Virou-se para mim, sua voz perto de um rosnado.

— O que é isso?

Fiquei em silêncio novamente, gaguejei.

— Ele... Ele fica...



Ele não me deu tempo para explicar. Ash pegou meu celular e abriu diretamente nas mensagens.

Uma imagem assumiu toda a tela.

Outra das imagens ofensivas que Bates me inundou, como se pudesse ter a chance de ganhar-me de volta.

Mas isto... Isto embrulhou meu estômago.

Náuseas rodaram e lágrimas picaram meus olhos.

Ash estava na cama com duas mulheres. De bruços. Desmaiado. Uma das meninas tinha o telefone estendido, capturando a cena ilícita. O resultado óbvio de uma noite selvagem.

Ela o legendou.

#AshEvans #RockedMyWorld #Threesome #SunderSlut

Seus quinze segundos de fama.

Ash quase esmagou o telefone na mão.

— Filho da puta.

Ele voou feroz. Raiva.

— Disse-lhe para me dizer se aquele idiota estivesse incomodando, Willow. Você tem escondido isso de mim?

Balançou sua cabeça como se não pudesse ver direito, girou sobre os calcanhares e se dirigiu para a porta, seus passos largos cheios de fúria. Ele voou fora sem um olhar.



Fiquei ali, olhando. Ofegante, tentando equilibrar-me. Pulei e corri atrás dele, esquivando-me de algumas cadeiras, que estavam no caminho.

Abri a porta e sai para a noite.

A melancolia nebulosa esticava entre os céus, o ar denso e úmido. Grosso. Meus olhos saltaram à esquerda, mas o corpo virou à direita. Desenhado.

Ele ficou na distância, à frente de um beco. O homem intimidador não passava de uma furiosa silhueta de sombra.

Seu rosto estava virado para o céu, com as duas mãos pressionadas nos lados de sua cabeça.

Eu quase poderia vê-la irradiando dele.

Raiva.

Ódio.

Talvez um pouco de seu próprio pesar.

Cautelosamente, aproximei-me, meus saltos clicando sobre os paralelepípedos. Um eco de aviso na noite.

Suas costas ficaram rígidas, quando parei dois passos atrás dele.

Ash ainda estava esmagando meu telefone na mão.

— Entende?

— O quê? — Desafiei.



—O que tento lhe dizer o tempo todo. Que não sou bom o suficiente para você. Que merece alguém melhor.

— Você nunca escondeu nada disso de mim.

Riso amargo retumbou de seu peito.

— Este é apenas um arranhão na superfície, querida.

— A única coisa que sei é o homem que vejo... E o que você está me mostrando. — Ash é o único que me mudou. Acordou-me. Abalou minha concha.

Ele riu novamente, desta vez mais suave, balançando a cabeça e se virando lentamente. Levantou os dois braços, em sinal de rendição. Eu não tinha certeza se o homem já pareceu mais quebrado.

— É sempre eu, Willow. Sei que não consegue ver isso. No lado de fora, pareço um cara que não dá importância sobre muita coisa. Mas sou o único responsável.

Pisquei com a confusão.

Ele suspirou, agitou sua mão pelos cabelos e olhou para o chão sujo, quando começou a andar.

— Minha banda... Nós já passamos por tanta merda. Tanta coisa ruim. Cada pedacinho disso foi causada por mim.

Ash bufou um som carinhoso e projetou o queixo na direção do restaurante.



— Todos fazem graça sobre isso. Riem do fato de ser um lutador e estou sempre à procura de problemas. A próxima emoção. Eles sempre tomam minhas costas e nunca colocam a culpa em quem pertence.

— Ash…

Ele esfregou as costas de sua mão, que ainda segurava o telefone, sobre a boca. Como se pudesse limpar o gosto amargo.

— Nós éramos apenas crianças correndo pelas ruas, aprendendo a viver, descobrindo o que queríamos ser. Quando tínhamos doze, quem acha que foi que apareceu com o primeiro pacote de seis cervejas, roubadas do refrigerador de seu pai? Eu. Primeira vez que todos nós ficamos chapados? Fui eu o responsável.

Cansaço apareceu em suas palavras e ele piscou, como se voltasse para aquele dia.

— Fui eu quem traçou a primeira linha.

Seu rosto enrolado em agonia, enrolando meu coração junto com ele.

— Estava saindo com uma garota e uma noite a trouxe para casa. Tudo era sobre diversão e jogos, certo? — Nojo torcia de suas feições. — A próxima coisa que sabíamos, era que as coisas tinham, totalmente, explodido. Saiu de controle tão rápido. Antes que pudéssemos perceber, fomos



bombardeados com tudo isso. Tudo o que pudéssemos conseguir com um canudo até nossos narizes. Eu.

Ash olhou para o céu como se estivesse à procura de uma tábua de salvação.

— O irmão mais velho de Zee, Mark?

Sacudi um pouco minha cabeça, porque nunca tinha ouvido o nome.

— Costumava ser nosso baterista. — Esclareceu. —Meu melhor amigo. Morto. Acidentalmente. Começou na besteira que eu trouxe para nossa casa.

Ele bateu um punho em seu peito.

— Eu.

Sua cabeça se virou para mim, seu olhar severo.

— E sou o bastardo que sempre pareceu passar por pouco. Aquele que nunca se viciou. Era como se fosse o cara que incitou, acidentalmente, uma guerra, mas foi deixado de pé na beirada, vendo tudo ir abaixo, seus irmãos de armas caindo. Um por um. E não havia uma maldita coisa que pudesse fazer sobre isso.

Respirações duras saiam de seus pulmões.

— Minha irmã... O que aconteceu com ela... Aquele bastardo estuprá-la? Foi por minha causa.

Pesar socou meu estômago.



Ash continuou. Jogou a mão para a parte inferior de seu braço, para esse nó de tatuagens que gritavam em horror, loucura e tristeza.

— Eu marquei todos eles. Todo ataque sobre mim. Então, não esquecerei nunca que sempre consegui acabar com isso. Para lembrar de não me aprofundar em nada.

Minha cabeça girava. Tudo que queria era envolvê-lo em meus braços e dizer-lhe que ia suportar um pouco da sua carga também. Prometendo-lhe que era muito mais do que tudo isso. Eu vi a bondade. Nenhum de nós merecia ser preso em lamentos.

Ash apertou os dentes com tanta força, que pude ouvi-los ranger e se virou, as mãos indo para a parte de trás de sua cabeça, enquanto tentava respirar.

— Você sabia que eu ia ser pai?

Colidi com uma parede de dor. Dele. Minha. Todo o meu ser ficou rígido, com a força do choque. Minhas pernas tremiam e meu estômago revirou.

Virou-se para me olhar.

Seu rosto estava escrito em agonia.

— Eu.

— Ash.

Tormento derramou dele e dei um passo hesitante para frente.



O aceno de cabeça foi dura.

— E depois de tudo isso, Willow, depois de tudo isso, quero caçar este filho da puta.

Levantou o telefone uma fração, apertando-o na mão.

— Quero caçá-lo e levá-lo para fora. E não pelo que aconteceu naquela noite, na frente de sua loja. Mas por causa de você. Porque sou apenas tão egoísta, um idiota que quer reivindicá-la. Dizer-lhe que você é minha. Dizer-lhe que ele não pode nunca mais tê-la, porque nunca a deixarei ir.

Ele acenou com o celular.

— E este aqui é apenas mais um lembrete de por que não posso.

Tudo girava. Suas palavras, meu espírito e meu coração. Podia sentir tanto de nós oscilando na beira. Pronto para cair.

Meu telefone tocou.

Um grito enlouquecido saiu dele. Incrédulo e furioso, atendeu, como se fosse fazer todas as coisas que prometeu.

— Escute, seu filho...

Ash congelou.

Completamente.

Sua respiração, seu corpo e suas palavras.

Um calafrio percorreu minha espinha.



Medo e pavor.

— Sim... Eu sinto muito... Por favor, perdoe-me... Espere um segundo.

Piscou duro, mas seus olhos ficaram dolorosamente tristes. Lentamente, Ash estendeu o telefone.

— Você precisa atender.

— Mama. — Agarrei-me a seu corpo sem vida, chamando-a, repetidamente. —Mama. Não. Não me deixe. Não me deixe. Eu não estou preparada.

Eu não estou preparada.

Angústia queimou através de mim como fogo ardente. Queimando e rasgando. Cortando-me em duas.

Lamento ricocheteou nas paredes, a tristeza que exalei, não tendo nenhum lugar para pousar. Sem lugar para ir.

— Mama — chorei, abraçando-a mais perto, nunca querendo deixá-la ir.

Minha pedra. Minha fundação. Minha força.

Partiu.

Eu não conseguia respirar.

A solidão gritou.



Vazio demais para suportar.

Mãos pressionaram meus ombros. Como se procurassem derramar nova força em mim. Levando-me mais perto. Uma respiração no meu cabelo. Lábios em minha cabeça.

— Shh... Eu tenho você. Peguei você.

Um soluço rasgou livre do meu espírito. Apenas uma outra parte que falta de mim. Agarrei-me mais apertado à mulher que sempre me fez acreditar, tristeza jorrando da minha súplica.

— Por que, Ash, por que todos me deixam? Por quê?

Abraçou-me mais perto e eu deixei, desabei em seus braços. Nós escorregamos para o chão e me puxou para seu colo.

Ash me balançou.

— Shh.

Conforto agonizante.

Lágrimas saturaram sua camisa.

— Por quê?

Minha alma chorou.

Mama.

As palavras saíram da minha língua. Incoerente e desesperada.



— Não me deixe. Por favor, não me deixe. Eu preciso de você. Ash, preciso de você.

Eu preciso de você.

Ele pressionou a boca na minha testa.

— Shh... Estou bem aqui. Estou bem aqui. Não irei a lugar nenhum.





32

Ash

Passei três dias inteiros com ela.

Segurei-a por horas. Primeiro no chão do hospital. Então, uma vez que a convenci de que precisava sair de lá, fomos para sua casa. Enrolei-me em volta dela, por trás. Ambos ainda completamente vestidos, em cima da colcha de sua cama.

Sentei-me com ela, enquanto fazia planos do funeral e a ajudei a escolher um caixão. Um que iria coincidir com o da sua irmã. Sua mãe estava sendo enterrada ao lado dela.

Hoje, estava ao seu lado no túmulo, enquanto Willow baixou a cabeça e chorou.

Não acho que tenha parado de chorar. Nem uma única vez. Ela me matou.



Mantive um braço em torno de sua cintura, enquanto velhos amigos e conhecidos de sua mãe apareciam, para oferecer condolências.

Árvores se debatiam e agitavam, o céu mostrava sua fúria ao nosso redor.

Como se a terra lamentasse com ela.

Minha banda veio. É claro que vieram. Todos eles estavam lá, para oferecer seu apoio. As meninas se aproximaram, com lágrimas brilhando em seus olhos gentis e oferecendo que estariam lá para o que ela precisasse. Os caras estavam por perto, com toda firme lealdade, em silêncio.

Nem uma única vez saí do seu lado.

E não consegui identificar isso.

Quando aconteceu.

Quando meu mundo inclinou e cada promessa vã que já fiz tornou-se uma mentira. Quando tudo se tornou ela.

Porque em algum lugar naqueles três dias? Em algum lugar nesse percurso, fiz um voto silencioso que nunca faria.

— Você precisa comer alguma coisa. — Emily disse. Torceu suas mãos e começou a andar na frente de Willow.



Willow estava aconchegada sob um cobertor, em uma cadeira de balanço velha, na sala de estar.

Não estava frio.

Sabia muito bem por vezes, que frio não era apenas superficial. Às vezes, ele vinha de dentro. Um frio que se originava no espírito e saía gelado.

Envolvendo seus ossos e entorpecendo seu sangue. Antes de lentamente e seguramente, escoar para a superfície.

Ela balançou a cabeça.

— Não estou com fome.

Emily exalou pesadamente.

— Tudo bem. — Virou-se e voltou para a cozinha, para continuar cozinhando.

Willow se sentou ali, com aquela enorme bagunça de cabelo presa no alto da cabeça, expressão nublada com tristeza.

E tudo que sentia era sua paz.

A paz que ela me deu.

A paz que queria dar-lhe em troca.

E queria cair de joelhos e dizer-lhe que a amava. Que estava com medo do que fiz. Aterrorizado que eu pudesse me virar e estragar tudo de novo, que estava fugindo.

Porque como ela me disse uma vez.



Mesmo corações selvagens precisavam de um lugar para descansar.

E Willow se tornou o meu.

Mas eu não queria que a confissão viesse em um momento como este. Não queria que pensasse que estava dizendo isso só porque queria tirá-la de sua dor, porque Deus sabe que ela merecia algum tempo para sentir isso.

Então, em vez disso, afundei no chão, na sua frente e emoldurei seu doce rosto nas palmas das minhas mãos. Willow me olhou.

Olhos cor de chocolate.

Alma partida.

Espírito tão longe e fraco.

— Preciso que você coma alguma coisa, querida. Não comeu nada em quatro dias. Não digo para sair dessa, para secar os olhos ou qualquer coisa parecida. Tudo o que estou dizendo é que me importo muito com você e preciso que coloque, pelo menos, algo neste corpo doce, antes de murchar.

Deu-me um meio sorriso tremido.

Apertei com mais força.

— Combinado?

Ela assentiu com a cabeça.



— Combinado.

— Graças a Deus. — Dei um beijo em sua testa.

Comecei a me levantar, quando Emily me cortou, já pulando em ação.

— Famoso *Chicken Noodle* de *Campbell* ou a não tão famosa caçarola de atum de *Maude*?

Willow riu, encharcada e instável, mas estava lá.

— Vou tomar a sopa.

— Sopa então.

Virei-me para encará-la. Ela moveu seus dedos pelo meu rosto.

— Obrigada por estar aqui. Não sabe o quanto isso significa para mim. Não tenho certeza se teria passado por isso sem você.

Juntei a mão que vibrava ao longo do meu rosto e pressionei seus dedos em meus lábios.

— Não quero estar em outro lugar. Nunca mais.

Talvez, não fosse a hora de dizer isso. Fazer essas promessas, quando ela estava neste estado. Mas não podia me arrepender. Não quando me olhou desse jeito. Como se, talvez, desse-lhe de volta um pouco de sua vida, do jeito que me deu de volta a minha.



— Você me faz feliz. — Repetiu o que disse a ela naquela noite, antes que as coisas fossem para o inferno.

Ambos saltamos, quando a campainha tocou.

— Vou atender.

Willow assentiu e a empurrei para ficar. Passando a mão pelo cabelo, fui para a porta da frente. Olhei através de uma das pequenas janelas ao lado. Sheila, enfermeira de sua mãe, esperava do outro lado, segurando uma caixa.

Abri-a, passando a mão por um lado de meu cabelo, desconfortável, murmurei: — Hey.

Senti-me terrível, lembrando que parti para cima dessa pobre mulher, pensando que era aquele bastardo do Bates.

Ela acalmou sua voz.

— Eu sei que é um momento difícil agora, mas queria deixar essas coisas para Willow. Sei que gostaria de tê-las.

Aceitei a caixa, que estava cheia de bugigangas e imagens.

— Isso é gentil de sua parte. Sei que Willow irá apreciá-lo.

Mexeu-se e, cautelosamente, espiou dentro.

— Espero que ela esteja bem.

— Ela não está agora ..., Mas vai ficar.

Ela sorriu.



— Está bem, então.

— Obrigado, novamente — disse-lhe, antes de trancar porta.

Dando a volta, dei três passos para voltar à sala principal, onde Willow ainda estava sentada.

— Sheila trouxe coisas da sua mãe. Que tal nós olharmos mais tarde? Quando estiver pronta?

Emily entrou, carregando uma tigela de sopa fumegante.

— Acho que depois seria bom.

Ela apontou para as escadas com seu ombro.

— Por que não leva isso até o quarto extra? É lá que Will mantém todo o material sentimental. Precisamos ter cuidado, ou um presente vai te transformar em uma acumuladora.

Uma pequena zombaria conseguiu se libertar da boca de Willow.

— Eu trabalho com antiguidades. E não estou acima de um lixo. Você realmente acha que brincarei com as coisas boas?

Era quase brincalhão, senti um pouco de alívio em meu coração, quando andei no andar de cima e virei à esquerda, através da porta fechada e no quarto que nunca estive antes.

Emily não estava brincando. Era o paraíso do colecionador lá.



A luz natural filtrava pela janela. As cortinas, que estavam abertas em ambos os lados, eram marcadas com bordados florais, a colcha, que cobria a cama, vinha de uma era que Willow certamente nunca viveu. O chão estava coberto de pilhas de caixas e baús, um velho armário no canto.

Reprimi uma risada.

Esta menina.

Gostei muito.

Gostava que era humilde. Modesta. Um milhão de milhas de distância das garotas que caçavam como abutres malditos em meu mundo.

Atravessei o piso e coloquei a caixa em cima de outra, encostada na parede oposta.

Endireitei, olhei do outro lado da grande cômoda ornamentada, cheia de bugigangas e fotos. Não poderia deixar de sorrir, quando vi uma de uma menina adorável. Tinha que ser Willow. Ela não poderia ter mais do que seis ou sete anos, estavam em um campo, seus braços apertando ao redor do pescoço de sua mãe, com aquele sorriso inspirador já escrito em seu rosto, o cabelo se fundindo ao seu redor.

Sua mãe estava sorrindo de volta.

Eu parei meus dedos sobre um colar e um anel, tamborilando sobre uma taça de prata manchada.



Aprendia sobre esta menina, porque queria conhecê-la em todos os sentidos.

Parei na pequena caixa de madeira situada no centro. Cinza com dobradiças de bronze e gancho. O mesmo logotipo esculpido na entrada de sua loja, o mesmo tatuado em sua pele, foi gravado no topo.

Horror enrolou através dos meus sentidos confusos.

Pisquei o que tinha que ter sido mil vezes.

Tentando fazer a imagem diferente.

Em vez disso, tudo cristalizou, quando toda a familiaridade me esmagou, como um deslizamento de rochas.

Minhas mãos fecharam no meu cabelo.

Não.

Pânico fluiu pela sala. Ricocheteou a partir das paredes, ganhando força. Puxou meu coração, meu espírito e quase me fez cair de joelhos.

Porra.

Não.

Minha cabeça balançou com tontura.

Ainda assim, não poderia me impedir de alcançar, provisoriamente, levantei a tampa e olhei dentro, como se, talvez, pudesse encontrar uma resposta diferente.



Dentro havia um pequeno pedaço de papel dobrado em três.

Cambaleei para trás como se me queimasse, meus olhos frenéticos ardendo, atenção saltando ao redor do quarto para o resto das fichas.

De repente estava processando as fotos.

A respiração perfurou meus pulmões.

Eviscerado.

Pressionei o punho à boca e mordi. Pela primeira vez, no que parecia ser uma vida inteira, eu queria chorar. Ficar de joelhos e implorar.

Por quê?

Por que a vida tem que ser dessa maneira?

Injusta.

Fugi da sala, com o pânico perseguindo minhas costas e dor pesando no peito.

Isso é apenas o que tenho. Apaixonado como um tolo.

Sabia melhor o tempo todo.

Agarrei ao corrimão, enquanto clamava pela escada.

Willow olhou para cima, quando cheguei ao patamar.

Meu peito apertou.



Então, porra, a dor apertou e tinha certeza que ia me estrangular.

— Eu... Ah... Recebi um telefonema. Preciso ir.

Ela franziu a testa, mas então me deu um daqueles sorrisos compreensivos.

— Ok.

Eu não parei. Não a beijei ou toquei ou abracei. Só saí correndo de sua porta.

Luz branca ardia a partir de cima.

Sangue.

Respingos.

Marcas de dedos.

Esfregaços.

Pesar, horror e choque.

Um soluço arrancou livre, caí de joelhos e a reuni em meus braços.

Fria e flácida.

Sacudi-a.

— O que eu fiz? O que eu fiz? Não! Por favor. — Meus lamentos lançados contra as paredes do banheiro.

Pressionei a boca em sua testa, cada parte de mim tremendo. Temendo.



— Não, querida, não. Anna, não. Deus, por favor, não.

Sentei-me, suor escorrendo em minha pele e meu coração batendo fora do peito.

Passei ambas as mãos pelo rosto.

Porra.

Alguém batia na porta do meu quarto e percebi que foi o que me tirou do sonho.

A partir desse pesadelo maldito que se tornou minha vida. Deveria saber que não podia fugir dela para sempre.

Gemendo, cai de volta na cama e puxei meu travesseiro sobre a cabeça, cortando o que restava de luz da noite.

— Vá embora.

Nos últimos três dias, Zee montou meu rabo sem parar. O cara se manteve caminhando aqui, como se meu próprio quarto condenado pertencesse a ele, dizendo-me para parar de ser um maricas e ir corrigir o que diabos estraguei.

Ele nem sequer precisava perguntar se eu era o culpado. É evidente que sabia de quem era a culpa.

Outra batida e devolvi uma série de maldições. Gemi um pouco mais alto quando ele não pegou a pista e a porta se abriu.

— Raios, Zee, disse que não estou no humor…



Meu discurso interrompeu, quando a energia louca esgotou todo o ar do quarto. E iluminou com familiaridade sufocante. Paz e caos. Macio e feroz. Minha morte perfeita.

Em uma exalação dura, sentei-me.

— Willow.

Por todas as coisas sagradas. Tentei conter a onda de alívio, ao encontrá-la em pé, na porta do meu quarto. Eu tentei.

Mas Droga.

Ela parecia boa, tão condenada. Como a respiração que não tinha sido capaz de capturar durante os últimos três dias.

Olhos de chocolate piscaram para mim por todo o espaço. A menina se agarrou a maçaneta da porta, como se precisasse de apoio, para continuar a subsistir. Seu cabelo estava torcido em uma confusão sem lei, amarrado no alto da cabeça. Pedaços errantes soltos embaixo.

Será que isso a estava machucando, do jeito que me machucava?

Fui atingido com o ataque de emoções que passou pelo seu olhar. Tantas, que não poderia dar sentido a elas.

Ou, talvez, a única coisa que pudesse ler era minha culpa.

A culpa por fazer isso com ela.



Culpa por sair sem uma palavra ou uma explicação. Mas essa explicação? Só iria machucá-la mais. Então, ao invés de me preparar e expor as coisas, escondi-me no meu quarto.

Este quarto maldito, onde ela estava em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo.

Crepúsculo caía pelas janelas. Um duelo entre a noite e o dia. Um choque de sombras e luz brilhante.

Willow foi pega em um deles. A menina se iluminou em brilhante fogo.

Deus.

Ela era linda.

Tão linda, que meus ossos sacudiram e meu peito arfou.

Como diabos deveria fazê-lo?

Ela ergueu o queixo tremendo. Expôs a coluna delicada de seu pescoço. Minha visão ficou clara e lá estava eu, o idiota que imaginava enterrar meu rosto nessa carne sedosa. Experimentando o gosto provocante antes de mergulhar e tomar um longo gole.

Meus dedos se contraíram.

A menina usava este curto vestido frágil, que me levou para fora da mente. Aquelas pernas longas e finas estavam nuas. Mas a coisa que me fez? Estava enrolada em um



suéter, abraçando-o em seu apertado corpo doce, como se ela ainda não conseguisse afastar o frio.

Minha boca ficou seca, o coração começou a galopar e não pude conter.

Pêssego.

Queria reivindicá-la. Em vez disso, mexi-me, mudei, para que estivesse sentado na beira da cama. Claro, estava em nada além da cueca. Não sabia o que me fez mais transparente, o fato de que pudesse ver meu corpo reagindo a ela, simplesmente, por estar parada lá ou o fato de que meu espírito gritava para sair.

Tão alto, que podia praticamente ouvi-lo.

Doendo em agonia.

Acho que é o que acontece, quando você atravessa essa linha.

Você cai.

Ela se aproximou.

Tremi, quando a senti parar na minha frente.

Eu só ficava olhando para o chão, desejando que abrisse e me engolisse todo.

Porque este era eu. O covarde. Aquele que não poderia olhar para seu rosto, no momento que desse o golpe final em seu coração.



— Você me deixou. — Saiu de sua boca como uma lâmina afiada de acusação.

Obriguei-me a olhá-la.

— Foi o melhor, querida. — Resmunguei uma desculpa esfarrapada.

Olhos de chocolate assistiram. Aferição e leitura. Vendo através de mim.

Queria que ela atacasse ou me dissesse que era um bastardo. Tornaria mais fácil para nós dois. Em vez disso, esta menina macia e doce definiu uma mão suave no meu rosto. Arrepios passaram apressados e calor espalhou-se abaixo da superfície da minha pele.

— Você se lembra do que disse?

Talvez, estivesse perdido para a dose repentina de conforto que não merecia, porque a confusão puxou minha testa.

Ela ficou em silêncio momentaneamente.

— Aquele dia na cozinha no térreo, quando você me perguntou o meu maior medo.

Angústia pressionou, ao mesmo tempo que a compreensão chegou. Balancei a cabeça, minha voz em cascalho.



— Você me disse que seu maior medo era estar sozinha. De ser solitária. De ter todo esse amor em seu coração e não ter ninguém para dar.

Sua boca tremia, e as palavras engataram na garganta.

— E pelos últimos três dias, a cada vez que me virei... Cada vez que... A única pessoa que eu tinha. Não havia ninguém lá para dar.

— Willow. — Estendi a mão e agarrei seus quadris. Não conseguia evitar. Não pude deixar de tocá-la.

Abaixo de minhas mãos, ela estremeceu e traçou seu polegar ao longo da minha bochecha, enquanto continuava a falar:

— E você me disse que seu maior medo era cair no amor.

Energia brilhou ao nosso redor. Desorientada e confusa.

Willow colocou a mão livre na minha outra face, a menina queimando em mim, enquanto me forçou a olhar totalmente para ela.

— E aqui estamos nós... Nós dois sofrendo. Porque os nossos maiores medos são agora realidade.

Ar balançava de meus pulmões.

Deus. Esta menina.

Esta surpreendente, perspicaz, menina brilhante.



A garota que me fez lembrar.

Minhas mãos seguraram sua cintura, os dedos afundaram, porque não queria deixá-la ir.

Você não a merece.

Você não pode tê-la.

Você vai destruí-la.

Gemi, quando começou a encolher lentamente, tirando seu suéter. Ela passou em seus ombros e o deixou cair no chão atrás dela, expondo o vestido, que era nada mais do que um deslumbre. Seus seios tensos no material fino, que acariciava cada curva magra do seu corpo.

— Willow. — Disse isso como um aviso preso na minha garganta crua.

Tirou os pés de seus sapatos, antes que essas mãos ternas fossem enfiadas pelo meu cabelo, arrancando um gemido, vindo para minha frente, encaixando-se entre os meus joelhos.

Em uma exalação trêmula, enterrei meu rosto em sua barriga. Segurei-a por trás das coxas, para mantê-la perto, quando sabia muito bem que deveria me afastar dela.

Quando recuou apenas o suficiente para colocar um pequeno espaço entre nós, quase a puxei de volta para mim. Um tremor patinou em sua pele, antes de se abaixar e



recolher o material. Muito lentamente, puxou-o para cima, centímetro por centímetro.

A menina quase me desfez, quando o puxou sobre sua cabeça.

Willow estava nua por baixo.

Apenas uma extensão infinita de pêssego, pele cremosa.

Gemi, lutando por algum tipo de restrição. Mas caralho. Eu era apenas um homem. Um homem morrendo por uma coisa que não podia ter.

Ela se inclinou mais perto. Minha respiração tornou-se dela.

— Finja comigo. Apenas por pouco tempo, não quero me sentir tão vazia. Tão só. Finja comigo.

Vergonha soprou através de mim, como uma bala.

Se soubesse, a última coisa que faria era pedir isso de mim. Ela me odiaria. Exatamente como eu merecia.

Segurei-a pelo lado, meus dedos dançando na tatuagem em sua clavícula. Todos esses sonhos. Fugazes. Engoli a onda de tristeza e levei a palma da mão para a curva de seu pescoço, os dedos se espalhando amplos.

Seu pulso se agitava e vibrava contra meu toque.

Puxei-a para baixo. Lentamente. Lentamente. Até aquela doce boca, cor de mel se reunir com a minha.



Esse beijo?

Era muito disputado.

Muito fundo.

Muito macio.

Um apelo. Rendição de um segundo.

Mas naquele momento? Eu não conseguia parar de tratá-la como o tesouro inestimável que era.

Sexy e brutal, conforto vicioso.

Porque doeria mais, quando acabasse.

Coloquei-a sobre o colchão, enquanto subia sobre ela. Tirei minha cueca, sem nunca me afastar do beijo.

Beijei-a, enquanto suas mãos trêmulas passavam na minha pele. Para cima e para baixo em minhas costas. Tocando meu rosto. Pressionando meu coração.

A menina sempre tocou meu coração.

Ela conseguiu de uma maneira que ninguém mais fez.

E sabia que a familiaridade era real.

Que pertencia a nós.

Que não era alguma torcida percepção.

Sem dizer uma palavra, fui para trás e procurei na gaveta do criado mudo um preservativo, com pressa em me cobrir.



Emoção passou no meu peito, quando parei para olhá-la.

Willow tremia no meio da minha cama. Articulada com o olhar firme.

Lentamente, rastejei por trás, sobre seu corpo e me aninhei entre suas coxas.

Ela liberou um suspiro nervoso e cheio de necessidade.

Entrelacei seus dedos com os meus, mantive-os entre nós, quando apoiei os cotovelos na cama.

Nariz com nariz.

Peito a peito.

Nossas respirações confundiram-se.

Nossos corações trovejavam nos confins do meu quarto.

Sentia sua profundidade afundando em mim, quando a penetrei.

Seus lábios se separaram, seus olhos me adoravam, enquanto eu tremia e sacudia, fazendo-a gozar.

Fogo. Chamas. Um incêndio incinerado.

Mantive-a o mais perto que poderia. Apenas por esse momento.

Nossos corpos se moviam lentamente.

Em sincronia.



Silenciosamente.

Morosamente.

Lágrimas escorriam pelos cantos dos seus olhos e em seu cabelo, enquanto a olhava e tentava dizer-lhe todas as coisas que não poderia dizer.

Naquele momento, sabia que estava mais perto de uma pessoa, como nunca estive.

Mais perto do que sempre quis estar. Mais perto do que poderia estar.

E sabia que não iria nunca me sentir assim novamente.

O que sentíamos era o mais distante de fingir.

Willow gozou silenciosamente, sua boca se abriu em um gemido abafado e só entrei mais fundo e baixei a testa na dela, quando o meu corpo ficou rígido.

E por um momento... Pêssego e eu?

Nós sangramos com as estrelas.

Onde elas riscavam por todo o céu infinito.

Infinito.

Crepitando direto e brilhante, antes de, rapidamente queimarem.

Cinzas.

Apertando os olhos fechados, beijei sua boca. Saboreei esta garota por um segundo mais. Antes de, silenciosamente,



sair da cama. Peguei a cueca do chão e fui direto para o banheiro anexo.

Tudo rugiu, enquanto tirava o preservativo e colocava a cueca. Uma guerra viciosa entre minha cabeça e meu coração, que queria segurá-la para sempre e um pouco de coragem que tentava crescer em mim.

Com um suspiro tenso, inclinei ambas as mãos contra o balcão e minha cabeça caiu.

Jesus.

O que fiz?

Eu fodi tudo.

Estraguei tudo.

Obriguei-me a deixar a segurança do meu banheiro no minuto seguinte. Dei um passo, com medo de voltar para a tempestade. Eu sentia isso se construindo.

Willow sentou-se de costas no tronco, que colocou estrategicamente, ao pé da minha cama enorme. Ela recuperou e estava abraçando aquela camisola ao redor de seu corpo, quando olhou para a parede mais distante, que ainda permanecia em branco.

Era o único lugar neste cômodo que nunca chegou a estar completo, antes que a felicidade alucinante fosse estragada.



Meu peito se apertou e tentei engolir em torno dos cacos de vidro que se reuniram na base da minha garganta.

Maldita tortura.

Um melancólico riso subjugado ondulou de sua boca doce e ela olhou para baixo, expondo a nuca, enquanto pegava um fio em sua camisola.

— Naquela manhã, quando o encontrei .... Senti você. Eu apenas não sei como, Ash. Mas senti você. Foi o momento em que você abriu seus olhos. Fiquei estupefata. Sabia que, quando entrou na minha loja depois, as coisas não acabariam bem. Sabia que deveria me proteger da colisão que senti vindo, no segundo que entrou na minha vida.

A cabeça inclinada para o lado. A respiração tomada era palpável, puxando o ar.

— Eu não sabia disso na época, mas acho que menti para você naquele primeiro dia, aqui no seu quarto... Quando lhe disse que não acreditava em amor à primeira vista.

Ela hesitou, antes de falar novamente.

— Porque tenho certeza que um pedaço de mim se apaixonou por você a primeira vez que te vi quebrado no chão. E estive me apaixonando desde então.

O nó na garganta latejava.

— Willow. — Era cru.



Ela se mexeu um pouco, virando para mim com aquele deslumbrante rosto, inesquecível. Olhos de chocolate líquido. Suaves e macios. Tão suaves que quase me derrubaram de joelhos.

Tocou seu peito.

— Diga-me que me ama... Do jeito que eu te amo. — Ela agarrou a camisola apertada, um escudo e uma âncora. — Porque tenho muito amor. Tanto, Ash. E a única coisa que quero é dar a você.

Essas foram as palavras que me cortaram em dois.

Amor. Maldito amor. Estava em toda parte, incomodando minha consciência e se debatendo em meu espírito.

Dor me atingiu e desviei a atenção, olhei para o chão. Movi a mão sobre a boca e me forcei a dizer-lhe o tipo mais blasfemo de mentira.

— Eu não posso te dizer isso.

Expressei da única maneira que poderia, porque meu coração não me deixou formar uma decepção tão grande.

Eu podia vê-la trabalhar até a aceitação, a forma como os ombros e a cabeça baixa, eventualmente, endireitasse.

Willow enxugou o rosto com as longas mangas de sua suéter e se levantou. Olhou ao redor do quarto, de alguma forma, tendo uma aparência de um sorriso.



— É um bom quarto, Ash. Obrigada por me deixar compartilhar com você. Ser parte disso.

Lágrimas caíram em listras e juntou as mãos direto sobre o peito.

— Obrigado por me salvar do jeito que você fez. Desculpe-me, se não consegui terminar completamente, mas não posso fingir. Não quando todo o fingimento é uma mentira.

Nossa mentira.

Ela foi para a porta.

Deixe-a ir. Deixe-a ir.

Pânico fincou. Muito rápido. Demais...

— Willow.

Ainda de costas, hesitou. Seus ombros soltaram para cima e para baixo.

A menina tão frágil e tão forte.

Desenhada, mudei-me para ficar atrás dela. Estava de volta ao meu peito, coloquei as minhas mãos em ambos os lados do seu pescoço. Seu pulso acelerava descontroladamente, um apelo vibrante na minha pele, e em sua própria rendição, sua cabeça caiu para trás.

Inclinei-me e pressionei meus lábios em sua testa, o melhor pedido.



— Fique.

Porra.

Eu nem sequer sei o que pedia.

O que estava pedindo de mim mesmo.

Porque o que tenho que dar a ela? Mais dor?

Tristeza dançou com as sombras. Lentamente, deslocou-se para me encarar. Suas palavras eram suaves, mas cheias de determinação. Com a crença. Esta menina quebrada era o mais distante de fraca.

— Você me disse que um cara olharia para mim. Que um dia iria encontrar-me porque mereço. Você me fez prometer que não iria me contentar com qualquer outra coisa. Quero que ele seja você. Tanto que estou morrendo por dentro. Mas não me acomodarei, Ash. Não vou me contentar com nada menos do que o jogo do meu coração.

Ela ergueu os braços e virou o rosto para o teto. Como se procurasse por uma promessa em algum lugar, além do quarto em que estávamos, que se perdeu no céu noturno, no qual não conseguia vislumbrar.

— Talvez ele esteja lá fora, flutuando sobre os desejos que minha mãe lançava para o ar. Talvez não o tenha achado ainda.

Lágrimas escorrendo pelo seu rosto, ela direcionou sua atenção de volta para mim.



Willow sorriu aquele sorriso estonteante que fazia aquela coisa louca no meu coração. Ele tremeu de dor e encheu de esperança.

Minhas entranhas apertaram com agonia e pesar.

Eu te amo. Morreria por você. Viveria por você. Mas a única coisa que não podia fazer era falar isso.

— Eu amo você, Ash Evans. Espero que saiba que você vale o risco.

Uma última vez, passou seus dedos sobre minha boca e minha barba.

Tão doce.

Então ela se virou e saiu da minha porta.





33

Willow

Apertei a mão na boca, corri para fora pela porta da frente e desci os degraus da varanda. Só precisava me manter firme por um segundo mais. Pulei no carro e bati a porta e com as mãos desajeitadas coloquei a chave na ignição. Dei um suspiro aliviado, quando, finalmente, virei a ignição e saí pela rua.

Precisava sair de lá.

Ficar longe.

Lágrimas escorriam por meu rosto, os olhos estavam turvos e me esforcei para me concentrar no trajeto. Passei a palma da mão sob meu olho, lutando para manter o soluço na minha garganta.

Ele entrou em erupção.

Caiu livre.



Sentindo tudo estilhaçar dentro de mim.

Perda. Tristeza. Desgosto.

Eles agitaram, com o poder de um furacão, nos confins do carro.

Quanto mais poderia aguentar?

Um grito subiu pela garganta.

Ash.

Meu lindo, brilhante e corajoso Ash.

Tão cheio de vida também e tão aterrorizado por ela.

Vi o medo em seus olhos.

Senti o amor em seu toque.

Ouvi a verdade em suas mentiras.

Talvez fosse isso que o assustasse.

Talvez esta noite fosse a coisa mais tola que eu poderia ter feito. Pisei naquele lugar e me coloquei na linha de fogo.

Mas não poderia continuar sem saber. Não podia passar mais um dia esperando-o voltar. Não podia suportar sentar sozinha, rezando para que fosse aparecer e confessar tudo o que lhe fez correr.

Soube naquela noite que o persegui no restaurante.



Este homem, todo arrogante, provocativo, paquerador, mantinha um poço de segredos e dor. Eu o senti tão perto de se dar para mim.

Senti sua rendição nos dias que estava ao meu lado. Quando o homem me apoiou, em um dos momentos mais difíceis que já passei. Simplesmente, não consegui compreender o que o fez fugir, há três dias. Quando ele foi de um homem prometendo não sair do meu lado a um desastrado, fugindo pela porta.

Então, expus-me. Assumi o risco. Pousei bem no meio de uma falha em que não queria estar.

Solidão.

Eu jurava que a vida era vibrante e próspera.

Ofegante, durante um soluço, passei a manga do casaco no rosto e tentei me concentrar na estrada, com a noite surgindo.

Ameaçadora. Esmagadora.

Sentia isso pressionando em mim. Tomando conta de mim.

Minha mãe me ensinou o tempo todo que eu era mais forte do que isso.

Meu mundo era meu para segurar. Mesmo se fosse em pedaços.



Mas esta noite, essas peças foram espalhadas e até agora, tinha certeza que jamais poderiam ser recolhidas.

Todos.

Todo mundo foi embora.

Virei-me na minha rua. Casa. Vaga. Vazia.

Pude sentir os últimos pedaços de mim espalhando além, quando vi o caminhão estacionado em frente da casa. Raiva e ódio, combinando com a miséria que se alinhava em meu corpo.

Por que ele estava fazendo isso comigo?

Tremi, quando estacionei o carro, cada polegada minha sacudia, quando coloquei o SUV na garagem e desliguei o motor.

Eu me atrapalhei para sair.

No meu fim.

— Você precisa sair de minha propriedade. — As palavras arranhando minha garganta.

Bates desencostou do caminhão de Billy, que estava sentado na cabine.

— Quero falar com você.

Virei-lhe as costas, dirigi-me para a porta, mal conseguia fazer minhas mãos cooperarem, enquanto tentava destravá-la.



— Eu lhe disse antes, não tenho nada a dizer.

— Oh, acho que você só pode ter algo a dizer sobre isso.

Zombei, tentei segurar as lágrimas que lutavam para serem liberadas. A última coisa que queria fazer era chorar na sua frente. Simplesmente, não podia processar o fato que estava aqui e continuava a fazer isso comigo, depois que perdi minha mãe. Não havia dúvida de que soubesse, as notícias nesta pequena cidade corriam rápidas e certamente chegaram até ele.

A porta se abriu na minha frente.

— Por favor, deixe-me em paz. Eu não posso fazer isso com você, Bates.

Ele agarrou meu braço. Liberei uma respiração chocada e tentei me livrar dele. Seus dentes ficaram cerrados, quando se agarrou mais a mim, dedos cavando a pele. Bates zombou.

— Esse cara... Que você estava em cima? Que agiu feito prostituta?

Prostituta?

Minha boca torceu em fúria.

— Você não tem nenhum direito de me acusar de nada. Eu não pertenço a você. Não mais. O que faço e quem eu vejo não lhe diz respeito. Agora vá... Antes que chame a polícia.

Ele riu, como se eu fosse ridícula. Como se tivesse todo o controle, da maneira que sempre teve. De repente, soltou-



me e tropecei para trás em minha sala de estar. Bates agarrou meu espaço.

O medo cresceu.

Isso foi pouco antes de chamar minha atenção para a pasta que tinha na mão.

Confusão girou através de mim, medo pulando na minha barriga. Não aguentava mais a crueldade que Bates me oferecia.

Mas ele não teve piedade, quando tirou a primeira foto. Preto e branco explodindo grande.

Horror me bateu.

Eu caí de joelhos. Ambas as mãos pressionando a boca.

Náuseas afiadas e as paredes fechadas.

Não.

Minha cabeça balançou.

— Não. Nn... Não.

Bates lançou a pasta no chão na minha frente. Páginas e páginas de fotos brilhantes preto e branco espalharam-se, para revelar sua brutalidade.

Cruel.

Desumano.

Errado.



— Não.

A vil respiração de Bates estava ao lado do meu rosto.

— Willow. Sempre tão ingênua. Parece que não o conhece em tudo, não é?





34

Willow

Vinte e um anos de idade

Soluços ecoaram através da linha. Frenéticos. Incoerentes. Eles eram o tipo que Willow cresceu reconhecendo, nos anos que antecederam a saída de sua irmã, ainda que não houvesse nenhuma possibilidade que fosse se acostumar a eles.

Pavor embrulhou seu estômago.

Willow apertou o telefone em sua orelha. Com a outra mão, atrapalhou-se no escuro, para encontrar a lâmpada de cabeceira. Ela apertou os olhos contra a luz intrusiva que atravessava seu pequeno quarto de infância. Ainda vivia com sua mãe, para que pudesse ajudar a cuidar dela nos maus dias. Piscou e tentou orientar-se. Para chegar até o trem em alta velocidade em que Summer andava por muito tempo.



— Acalme-se, Summer. Não consigo entender o que você está dizendo.

Desde que Summer tinha nos deixado há quatro anos, Willow nunca soube que tipo de chamada receberia. Se sua irmã estaria cheia de vida, borbulhante e exalando sua luz ofuscante. Ou se estaria caída nas profundezas de sua doença, onde era escuro e sombrio.

Willow sentiu que estava entre elas. A distância. Maior do que nunca foi.

— Ele me disse que me amava... Ele me disse. — Summer balbuciou, com lágrimas e respirações duras. — Ele está me traindo. Oh meu Deus.... Não posso acreditar nisso.

Mais soluços e Willow quase podia ver sua irmã arrancar o cabelo.

— Eu disse a ele.... Eu disse a ele... Ele não vai escutar. Ele não vai ouvir!

A última foi um grito e uma respiração mais tarde, vidro quebrado no fundo.

Summer lamentou, sem fôlego.

— Eu não posso.... Não posso fazer isso.

— Acalme-se, fale comigo.

Histeria borbulhava da boca de sua irmã.



—Eu a ouvi, Willow. Ouvi. Oh meu Deus.... Eu não queria isso. Não, não, não, não, não. Eu não queria isso. Eu não posso fazer isso.

— O que você está dizendo?

— Eu não posso.... Sinto muito. Eu te amo, Willow. Eu te amo muito. Mas não posso aguentar isso. Não mais.

A linha ficou muda.

— Summer! — Willow gritou, a voz rasgada a partir de algum lugar profundo de seus pulmões. — Summer!

Frenética, discou o número de sua irmã. A linha estava ocupada na outra extremidade.

Sua mãe derrapou até parar em sua porta, piscando o sono, enquanto tentava se concentrar em Willow no quarto.

— Estou com medo, mamãe.

Medo estava escrito no rosto de sua mãe.

Ela a abraçou e a puxou em seus braços. Willow deixou a respiração entrar. Lilacs e pó de bebê em conforto.

— O que você acha de ir buscá-la, docinho? Você e eu. Traremos para casa, onde ela pertence.

Alívio passou por Willow e balançou a cabeça contra o peito de sua mãe.

— Bom. Arrume suas coisas.





35

Ash

— Que porra você acha que está fazendo? — Zee bateu no chão atrás de mim, recuando e agarrando sua nuca, tentando se conter para não me rasgar.

Enfiei algumas coisas na mala, que foi colocada no centro da minha cama.

Aquela cama, porra.

— O que parece que estou fazendo? Embalando. — Coloquei tanto sarcasmo que pude na resposta. Você sabe, porque eu era um cara tão engraçado.

Fechei a tampa da mala e passei o zíper, fechando-a. Não havia tanto assim que precisasse, de qualquer maneira. Não era como se, realmente, vivesse aqui. Todas as minhas coisas estavam em Los Angeles, onde morava. O lugar de onde eu nunca deveria ter saído. Quando as festas eram intermináveis e as mulheres não estavam em falta.



Fácil.

Este lugar era apenas uma fantasia deformada. Um santuário. Um asilo.

Não podia ficar um segundo a mais.

— E onde é que você pensa que está indo? — Zee exigiu.

— Casa.

Suas sobrancelhas desapareceram sob seu cabelo.

— Casa?

— Foi isso que disse.

Ele zombou.

— Você percebe que o seu traseiro já atrasou a produção do álbum por oito semanas?

Dei de ombros, como se não tivesse importância, enquanto uma nova rodada de pesar derrapava através do meu sistema.

— Sim, bem, talvez estivemos por aqui por muito tempo. Todo mundo tem suas famílias. Baz e Lyrik tem filhos. Austin e minha irmã tem um a caminho. Parece-me que estamos aqui juntos sem motivo, de qualquer maneira.

Incrédulo, sacudiu sua cabeça.

— E você apenas diz isso? Sério? Você apenas vai jogar fora tudo o que os caras têm colocado nesta banda, porque



um dia, apenas decidiu que era hora de partir? O que eu gostaria de saber é quando Ash Evans se transformou em um covarde. Porque nós sabemos que isso não tem nada a ver com os caras ou suas famílias ou a *Sunder* em seu curso. Tem tudo a ver com aquela garota, que acabou de passar correndo para fora de sua porta.

— Seja qual for a razão, vou embora. Não ficaremos aqui.

Pendurei a bolsa sobre meu ombro e peguei as chaves.

Sai pela porta do meu quarto. Zee estava em meus calcanhares, quando fui para as escadas.

— E o que é que eu deveria dizer aos caras? Você sabe que não podem continuar sem você.

Recusando-me a olhar para trás, bati o corrimão.

— Estou falando com você. — Disse, quando estendeu a mão e me agarrou pelo ombro.

Girando sobre ele, dei um passo para a frente e encarei seu rosto.

— Estamos atirando essas mesmas palavras pelo que parece uma eternidade. A banda não pode continuar. E aqui estamos, desesperados para remendá-la, cada vez que surge um problema. Estou cansado de tudo. Cansado de me preocupar com toda essa merda. Tentando manter todos juntos, quando todo mundo está se afastando.



Atordoado, Zee balançou para trás em seus calcanhares.

— É isso o que você realmente pensa? Que essa família é fraca? Porque, de onde vejo, tem sido sempre forte. Todos nós sabemos onde estamos. O que nós queremos. Nós ainda temos toda a unidade e o talento, sem a besteira de estrelas de rock, que nos reteve durante anos.

Baixei os olhos para o chão.

— Sim, bem, não estou certo do que quero mais.

Mentira.

Bela mentira.

Eu a queria.

Encontrei seu olhar.

— Talvez eu seja o elo mais fraco.

Ar saía de seu nariz.

— Ou, talvez, você seja apenas um covarde. E não vai defender o que realmente quer, porque isso significa que você largará todas seus jogos idiotas. Pare de atuar. Porque sei que a quer. E sei que você sabe que é melhor com ela. Então, você tem pés frios e joga tudo fora. É isso que quer? Voltar para as garotas que não se importam com nada, mas que podem tê-lo? Porque, então, você pode viajar pelo mundo e não se importar com nada? Conveniente, não é?

A raiva irradiava dele.



É evidente que o idiota estava ansioso para uma luta.

Zee deveria ter pensado melhor, antes de me encher de raiva.

Protestei de volta.

Meus dentes cerrados.

— Você não sabe nada. Então, saia de perto, antes de um de nós fazer algo que possa se arrepender.

— Sim? Como deixar aquela menina doce, que por qualquer motivo insano adora-o, que acaba de perder sua mãe, pelo que eu saiba, sair por aquela porta com o coração despedaçado por todo o chão? Ou quer deixar sua banda? Sua família? Porque não estou muito certo do que estamos falando aqui. Porque não me esclarece?

Eu estava sobre ele em um flash, meu punho em sua camisa.

Deu-me uma espécie de sorriso, que não tinha certeza de já tê-lo visto usar.

— Sensíveis, não estamos?

As palavras foram rangidas.

— Avisado, Zee.

— Sim, bem, estou avisado. — Algo que parecia pena brilhou em seu rosto. — Observo-o por anos, homem. Desde o dia em que me aproximei e tomei o lugar do meu irmão na



banda. Sabe o que é isso? Chegar com sete anos de atraso? Tentando preencher o vazio da morte do meu irmão, o cara que eu amava mais do que este mundo e prezava mais que tudo?

—Desisti de tudo por vocês. Tudo. Você, Baz, Lyrik... Estavam tão próximos. Tinham passado por tanta coisa juntos. Não podia deixar de me sentir como uma pessoa de fora. Querendo ser bom o suficiente para ser uma parte desta fraternidade, que significava algo mais do que apenas a música que tocamos. Lá estava você... Esse cara que sempre viveu em festas. O centro das atenções. Você me fez sentir em casa. Protegeu-me e mostrou aonde eu pertencia, mesmo quando não sentia que pertencia.

Vergonha me fez liberar o aperto de sua camisa.

Ser aquele cara fácil foi a minha única forma de sobreviver.

Zee deu um passo para trás, as sobrancelhas juntas profundas.

— Por tudo isso, acha que não vi isso, cara? Todo esse tempo? Nenhum indício do que você está fugindo, mas percebo isso. E Willow... Foi a primeira a fazê-lo parar de correr nessa loucura. Primeira vez que você abrandou. Primeira vez que esteve em paz. Aqui está você... Correndo de novo. Apenas do que e de quem você está fugindo?



Levantei meu queixo.

— Você não vê isso? Eu não tenho paz. Correr é uma tonelada inteira melhor, do que cair de joelhos.

Meu telefone tocou no bolso. Puxei-o, mandando-o direto para o correio de voz, quando vi que era nosso gerente, Anthony. Lido com ele mais tarde.

Meu telefone tocou novamente e, novamente, mandei para o correio de voz. Ia enfiá-lo de volta no bolso, quando um texto iluminou a tela.

Não fiquei surpreso que era de Anthony.

Mas foi a imagem que apareceu no link que tirou meu fôlego.

Isto acabou de chegar aos sites de fofocas. Você precisa me ligar.

Engasguei com o ar estagnado, minha visão ficou turva, com a visão da imagem e título do artigo.

— Caralho. — Mal respirava, tentando entender de onde isto saiu. O que significava. O dano que causaria.

Tropecei para trás, pânico e dor passaram por mim.

— Qual o problema, cara? — Perguntou Zee, toda a sua ira mudando para preocupação.



— Eu tenho... — Pisquei, deixei cair meu saco no chão, corri uma mão agitada pelo meu cabelo. — Eu tenho que chegar até ela.

Corri para fora, como se um demônio estivesse nos meus calcanhares, com intenção de me chutar direto de volta para as profundezas do inferno. Cheguei em meu *Navigator*, liguei o motor e voei como um louco pelas ruas de Savannah. Desesperado para chegar até ela. Para explicar o inexplicável.

Pelo menos precisava tentar, antes que alguém chegasse a ela. Antes que visse o vil pedaço de papel.

Willow merecia ouvir isso de mim, sabendo que não iria querer me ver novamente.

Rodas derraparam, passei pela última curva para a casa dela, meu estômago em uma malha de milhares de nós, meu peito ameaçando estourar aberto.

O tempo parou, quando vi o caminhão estacionado em frente de sua casa.

Pânico.

Medo.

Esses sentimentos foram destruídos pela onda de protecionismo que se levantaram dentro de mim.

Percorri o outro lado da estrada, tocando em meus freios, quando meu SUV saltou para o meio-fio, parando em um ângulo meio estranho na calçada. Minha atenção mal se



voltou para a face do homem sentado na cabine do caminhão, que tinha acabado de ultrapassar.

A raiva cresceu.

A necessidade de aniquilar.

Mas acima de tudo isso, foquei a casa. Na menina.

Corri. Corri o mais rápido que pude, através de seu gramado, nem parei quando abri a porta.

Tudo aconteceu em menos de um segundo.

A cena em frente a mim.

Minha menina ajoelhada. Chorando. Traída. As imagens espalhadas em sua frente no chão. O bastardo olhando de soslaio por cima do ombro, soberbo, certamente portador das imagens espalhadas, como uma doença.

Velha tristeza arrancou, através do meu espírito, cortando novas feridas, tendo novas vítimas.

Eu não tinha ideia de como ele chegou próximo delas.

Willow soluçou e enterrou seu precioso rosto nas mãos.

Ela não deveria descobrir assim.

Um segundo mais tarde, senti-me partindo. Rachando. Sem controle.

Bates olhou para cima, no segundo que corri. Meu ombro conectou em seu estômago. Agarrei-o e o levantei,



porque a minha única intenção era levá-lo para longe da menina.

A menina.

A menina que, de repente gritou, quando o escarranchei no peito, colocando para trás o braço e soltando o punho, que bateu contra o lado de seu rosto. Ódio vertia livre.

— Você acha que isso é um jogo? Magoá-la desse jeito? Seu desgraçado. Desgraçado!

Bates cuspiu na minha cara.

— Eu a feri? Acho que isso é tudo sobre você.

Segurei sua camisa com ambas as mãos, levantei-o e joguei de volta para baixo.

— Onde você conseguiu essas fotos?

Pensamentos passaram pela minha cabeça. Este idiota enviava mensagens de textos com todas essas imagens para Willow. O entendimento chegando até mim. O único *paparazzi* que me seguia por toda parte, provavelmente, não era um *paparazzi*.

Pago para escavar a sujeira.

Acho que ele encontrou.

Seu sorriso era presunçoso.

— O que? Você pensou que poderia escondê-lo? Fugir com ela? Não estava prestes a deixar Willow se emaranhar



com os seus gostos? Sabia que, se cavasse fundo o suficiente, encontraria o que precisava. Só precisava abrir os olhos para quem você é. Para o que fez.

Toda razão estalou.

Loucura precipitou-se, tomando seu lugar.

Meus punhos voaram.

Fúria.

Desordem.

Carne estava em meus punhos. Eu não poderia dizer se estava mais irritado com este idiota ou comigo mesmo. Ambos sendo um obstáculo. Ambos sendo indignos. Nenhum de nós poderia chegar perto de ser bom o suficiente para esta menina.

Bates se esforçou para revidar.

Assim como sabia o tempo todo, o bastardo não era nada, sem o bando de seus amigos.

Sangue espalhado, grunhi quando bati nele mais duro. Os nós dos dedos triturando os ossos.

De novo e de novo.

Willow gritou, mas não havia nada que eu pudesse fazer para impedir o assalto. Sempre quis acabar com este bastardo. Limpar a mancha de sua vida.



Estava perdido nele, totalmente desavisado da rachadura repentina contra a parte de trás da cabeça. Escuridão passou pela minha visão. Gritei, voei ao redor e tropecei em meus pés. A sala girou, quando minha atenção pousou em Billy.

O idiota que colocou tudo isso em movimento.

Carreguei-o, agarrando pela cintura. Nós dois voamos de costas, batendo contra uma estante. Livros e imagens caíram, vidro quebrando no chão, nós caímos no meio dela. Lutamos pelo controle. Dei três golpes em sua lateral, quando ele me deu um golpe em meu queixo.

Dor irradiava através do rosto, minha cabeça ainda latejando com o golpe inicial.

Gritos ricochetearam a partir das paredes.

Willow. Willow. Willow.

Ele só me fez lutar mais. Mais duro por ela. Porque não queria deixá-la. Não queria que se machucasse. Queria levá-la embora.

Virei-o de costas, meus punhos nada além de fúria, violência e desordem, enquanto o atacava. Um pé acertou meu intestino. A respiração foi tirada de meus pulmões, quando Bates saltou em minhas costas.

— Pare! — Willow implorou.

Filho da puta.



Aparentemente, nenhum desses idiotas poderia lutar sua própria guerra.

Dei uma cotovelada nas costelas de Bates, dando mais um golpe no rosto de Billy.

A voz de Willow filtrou em minha consciência, novamente, invadindo o transtorno.

— Levante-se. Levante-se agora.

Ambos endureceram, Bates recuou lentamente, assim como Billy deixou-se cair para baixo de mim.

Virei-me para encará-la, o braço da menina tremendo como uma louca, enquanto segurava uma arma em nossa direção.

As palavras dela tremiam, enquanto falava, mas tinha certeza que ela não estava fingindo sua ameaça.

— Levante-se, Bates. Levante-se e saia. Vocês dois. Nunca voltem e certifiquem-se de nunca cruzar meu caminho ou de Ash de novo. Ou prometo que encontrarei uma maneira de provar que vocês foram responsáveis pelo ataque fora da minha loja. Que você me roubou. — Ela ficou em silêncio por alguns instantes. — Encontrarei uma maneira.

Bates relaxou e sentou. Passou as costas da mão na boca, o lábio arrebentado, seu olho inchado, sobrancelha dividida. Lançou-me um olhar que prometia que ia ter volta.



Eu não dou a mínima, a menos que essa menina fosse o custo.

— Willow. — Argumentou.

Ela o encarou.

— Nunca mais, Bates. Eu não quero ver você nunca mais.

Nunca confunda quebrado com fraco.

Billy estava com os olhos arregalados, quando olhou para ela, que apontava o cano em sua direção.

— Vamos dar o fora daqui. Eles não valem a pena. Nenhum deles.

Bates piscou, ainda olhando para Willow, como se quisesse discutir, antes de, duramente, sacudir a cabeça.

— Você vai se arrepender disso, Willow. Você vai se arrepender disso.

Sim.

Estava apostando que ela faria.

Mas duvidava que o arrependimento teria a ver com ele.

Lágrimas riscaram seu rosto, quando a porta se fechou atrás dos dois.

— Willow. — Sussurrei, com cautela, odiando que já tinha declinado assim. Odiando o que acabei de fazer e não



manejei em dizer-lhe a verdade. Talvez tentasse protegê-la, mas ela merecia honestidade.

Mas a verdadeira questão era que eu estava apavorado.

Medo dela olhar para mim do jeito que estava olhando agora.

Seu braço tremeu e balançou, lentamente baixou a arma e fui para a frente com cuidado, desenrolei de seus dedos, reunindo-a em meus braços.

— Willow.

Um grito rasgou sua garganta.

— Como você pôde? — Fechou ambas as mãos na minha camisa. — Como você pode fazer isto comigo? Foi apenas um jogo? Tudo isso era apenas um jogo doente e cruel?

As palavras bloquearam em minha língua.

— Diga-me — Gritou.

Puxei-a mais perto.

— Eu não sabia, Willow, prometo a você que não sabia. Não até o dia em que encontrei sua caixa lá em cima.

Willow caiu contra mim, joelhos fracos. Caí no chão, com ela em meus braços. E sussurrei em seu cabelo:

— Eu não sabia.

— Como? — Implorou.



Minhas entranhas tremeram.

— Eu a conheci em Los Angeles. *Sunder* tinha conseguido a marca e descobrimos que estariam nos patrocinando em uma turnê. Nós estávamos comemorando.

Olhos de café fixaram em mim, quando a garçonete, que eu não conseguia tirar os olhos, apareceu na minha frente.

— Anna é meu nome. Deixe-me saber se há alguma coisa que possa fazer por você.

— O seu número — Disse.

Ela revirou os olhos.

— Isso sempre funciona?

— Sim, na maioria das vezes.

Ri sobre as palavras com todo o arrependimento que poderia ter em mim.

— Persegui-a até que ela cedeu.

Willow tremeu em meus braços e a abracei mais perto, enquanto continuei a história, que sabia que não queria ouvir, mas que precisava. A verdade que sempre mereceu.

— Ela me avisou logo depois, que eu não iria querer namorá-la. Sinceramente, não sei por que, porque de onde estava sentado, parecia perfeita. Bonita. Sorriso enorme. Confiante.



Willow sufocou durante um soluço e engoli em torno dessa dor esmagadora no meu peito, as palavras ásperas, quando as forcei para fora.

— Eu me apaixonei por ela, Willow. Pela primeira vez na minha vida, senti algo diferente sobre uma menina. Isso me assustou, porque as coisas com a banda estavam acontecendo tão rápido. Mas eu queria. Eu a queria.

Seu cabelo estava espalhado por todo o travesseiro e ela acariciou meus lábios com os dedos.

— Conte-me seus sonhos. — Quase sussurrou.

Afeto puxou minhas entranhas. Em um lugar que nem sabia que existia.

— Você sabe, é uma loucura, porque sinto que já consegui tudo o que sempre quis. A banda, finalmente, tendo reconhecimento. A turnê prestes a começar. Realmente, não acho que precise de qualquer outra coisa... Não queria mais nada. Não até conhecer você.

Um sorriso suave vibrou de sua boca.

— Isso é para que servem os sonhos. Há sempre um milhão deles lá fora, flutuando ao nosso redor, apenas fora do alcance, esperando pegá-los. E mais um milhão, pronto para tomar o seu lugar, quando encontramos os outros.

Juntei-a contra mim, seu corpo tão cálido, meu nariz aninhou em seu pescoço.



— Quem te deu esse coração mole, Anna?

— Não é mole.

Eu ri.

— Você é uma mentirosa.

Vermelhidão corria em seu rosto.

— Diga-me o seu. — Cutuquei.

Sua resposta veio como uma confissão.

— Eu só quero ser feliz.

Coloquei-me de joelhos, sorri-lhe, rastejando entre suas coxas.

— Talvez possa ajudar com um pouco dessa parte feliz.

Ela riu, então gemeu e tive a sensação, de repente, de que estava mais feliz do que já fora.

Porque essa é a maneira que se apaixonar sempre deve ser.

Uma lâmina rápida em linha reta de êxtase.

As palavras de Willow eram torturadas, lançando-as contra a minha camisa e forçando-as entre as lágrimas.

— Essa é a única coisa que ela sempre quis. Ser feliz.

Passei meus dedos por seus cabelos.



— Eu sei. Eu não entendia isso então, quando a conheci, o desespero por trás dele. Deveria saber, Willow. Deveria saber. Deveria ter visto os avisos.

Uma energia enlouquecida gravitava pelo meu quarto. Um circuito desarmado. Caos ricocheteava a partir das paredes. Quicando rápido. Ganhando velocidade.

Lençóis foram lançados da cama e a lâmpada do meu lado foi derrubada da mesa de cabeceira. Gavetas puxadas para fora do armário e roupas espalhadas pelo chão.

Lágrimas escuras desceram como listras pelo rosto de Anna.

— Como você pôde? Como pôde fazer isto comigo?

Com as duas mãos, peguei minha cabeça. Querendo sacudi-la. Demandando que parasse. Pela mulher que sabia que voltaria para mim.

Ela desapareceu há duas semanas.

— Do que você está falando?

— Aquela garota que você estava falando. Como pôde fazer isto comigo?

Frustração e raiva apertaram meu peito, minha voz rangendo.

— Não toquei ninguém.



— Não minta para mim. — Implorou através de lágrimas violentas. — Eu ouvi você... Na cozinha. Você lhe disse que a amava.

Confusão atravessou meu cérebro, antes da realização surgir.

— Edie?

— Sim! — Gritou.

— Você quer dizer a minha irmã... Edie? — Cuspi minha própria acusação.

No segundo que disse isso, Anna caiu em si e seus pés falharam. Afundei com ela no chão.

— Eu sinto muito, eu sinto muito. — Choramingou. — Por favor, apenas não me deixe.

Apertei os olhos fechados contra as memórias que tinha acabado de proferir no ar.

— Eu lembro de estar com medo naquele dia.... A primeira vez que a vi perder o controle. Foi como... Não a reconheci. Ela me pediu para perdoá-la. Prometeu que nunca iria acontecer novamente. Disse-lhe que estava tudo bem. Eu queria acreditar que estava.

Willow gemeu.

— Ela estava doente. Ela estava doente. — Willow ficou calada brevemente. — O que aconteceu naquele dia? Preciso saber como isso aconteceu.



Dei um beijo em seu cabelo, como se pudesse aliviar um pouco da sua dor.

— Foi horrível, Willow. Horrível. Eu faria qualquer coisa para voltar. Mas não sabia.

Sangue saiu do canto da boca de Anna, seu batom manchado. Um hematoma marcando sua bochecha e outros foram florescendo, na parte superior das coxas.

Agarrei-a pelos braços.

— Precisa me dizer quem fez isso com você, Anna. Agora mesmo.

Ela piscou os olhos, a boca movendo-se, quando não quis formar a palavra.

— Lyrik.

Empurrei de volta ,quando a palavra me queimou.

Lyrik? De jeito nenhum ele iria tocá-la.

Mas a prova estava por todo o corpo.

— O que ele fez?

— Ele... Ele tentou... Precisamos ficar longe dele.

Como poderia? A porra do meu melhor amigo, em quem confiei com minha vida?

Respirei fundo.



— No segundo que ela o acusou, acho que percebi que algo estava errado. Mas não queria acreditar que mentiria sobre algo assim.

Minhas mãos estavam em punhos, quando passei pela porta da frente. Carregado com emoções, bati as mãos contra o peito de Lyrik, enquanto ele subia na sua moto.

— Que porra é essa que você fez?

Pego de surpresa, balançou para trás, pura confusão e descrença escrita em seu rosto, quando se recuperou e se equilibrou, todo o seu peso de volta para mim, quando devolveu o empurrão.

— Que porra é essa, cara?

Eu tropecei para trás, saltei de volta.

— Você me ouviu, o que você fez com ela?

Os olhos escuros se estreitaram.

— Ela quem?

— Anna! — Gritei.

Respirei a confissão no topo da cabeça de Willow.

— Lá estava eu, acusando-o de tentar estuprá-la, ao mesmo tempo, sabendo no fundo, que tudo estava errado.

Lyrik apontou um dedo na direção da pequena casa que nós compartilhamos. Sua voz caiu com um aviso.



— Escute a si mesmo, homem. Ficando aqui como um louco, fazendo acusações onde não há nenhum fundamento. Eu sei que a ama, mas há algo lá que não está certo. Você não viu o que ela está fazendo aqui? Tem você em todos seus pequenos dedos.

Minha garganta quase fechou. Porra, odiava envolver Willow nisso. Colocando-me nisso. Expondo os detalhes que me corroeu, pelos últimos sete anos.

Willow tentou recuperar o fôlego, os dedos cavando em meus ombros.

— Ela tinha um bom coração. Juro que tinha. Às vezes, simplesmente, não conseguia encontrá-lo.

— Eu sei, Willow. Eu sei. Tudo veio tão rápido. Do nada, não sabia como lidar com isso. Se pudesse. Eu juro. Quando voltei para dentro para confrontá-la.... Estava tão confuso. Então, virei. Parte de mim a odiava e a outra parte queria salvá-la.

Anna me espiou do final do corredor, onde estava escondida.

Apontei para ela.

— Dê o fora.

— Ash. — Implorou, frenética.

— Eu não posso acreditar que você apenas tentou colocar... Culpar o meu melhor amigo por tentar estuprá-la?



Tentando me virar contra ele? Não entende como bagunçado isso é?

— Eu só... Você... Não pode ir. Você não pode me deixar aqui. Por favor, Ash...

Isso é do que se tratava? Ela tentando me convencer a não sair em turnê?

Inacreditável.

Respirei fundo, meus pulmões muito apertados.

— Eu disse para sair. Pegar suas coisas e sair. Fiquei furioso. Ela me bateu, Willow. Bateu. Não tinha ideia de como lidar com isso.

Ela saltou em minhas costas, quando comecei a ir para a porta.

— Estou doente, Ash. Estou doente. Eu não sei como parar. Não sei como parar.

Minha boca se abriu em uma respiração tensa, levei-a por um pulso e, lentamente, desenrolei-a do meu pescoço. Seus pés tocaram o chão.

Nem mesmo confiava em mim, virei-me para encará-la. Anna olhou para o chão, antes de se afundar nele.

—Eu disse a você .... Estou tentando. Tentando tão forte. Eu odeio essa parte minha, mas não sei como pará-la.

Encarou-me com uma expressão de puro tormento.



A dor apertou meu peito, este amor louco que tinha por ela, em desacordo com o ressentimento queimando, através de meu sangue.

Caí de joelhos na frente dela.

— Eu só quero sentir. Mas às vezes sinto tanto. — Apertou seu peito. — E essa paranoia junto... Aqui... É a única coisa que posso sentir e estou, de repente, fazendo coisas, dizendo coisas que nunca quis dizer. É tudo alimentado por esse medo que vou perder algo, que poderia morrer.

Senti como se tivesse engolido um galão de vidro quebrado.

— Isso não faz ficar tudo bem.

Ela se encolheu.

— Você acha que não sei disso? Você acha que não odeio o que fiz? Que não me odeio por ser essa pessoa? Mas o pensamento de você me deixar... Não sei se posso fazer isso, Ash. — O desespero surgiu de volta em suas palavras. — Preciso de você. Eu te amo tanto.

— Você precisa de ajuda, Anna. Nem sequer a reconheço.

— Eu sei... Prometo.... Vou buscá-la. Eu farei qualquer coisa. Assim, não desista de mim. Este não é o meu verdadeiro eu. — Anna pegou minha mão e a apertou contra o ritmo frenético de seu coração. —Você conhece o meu eu real. Bem aqui. Você me conhece.



— Como eu deveria confiar em você?

—Vou provar isso. Eu vou. Apenas... Diga que ainda me ama.

Minha boca abriu e fechou, antes de, finalmente, suspirar e apertar a boca em sua cabeça, cantando as palavras da música que escrevi para ela, nesses momentos escuros, quando sentia sua dor e não tinha ideia de como aliviar isso.

Deito-me

Diga a sua paz

Venha o que vier

Mas você não pode se esconder

A dor atrás de seus olhos

Anna agarrou-me mais apertado.

Então fique comigo

Eu não me importo

Encontre o seu conforto

Bem aqui ao meu lado

Eu vi tudo isso antes

Queria tirá-lo

Então fique comigo

Eu não me importo

Encontre o seu conforto



Bem aqui ao meu lado

Minha voz estava rangendo.

— Naquele dia... Quando fui com você para ver sua mãe?

Willow assentiu.

— Cantei para ela essa música. Era a música que escrevi para Anna. Algo me obrigou a cantar. Pensando que poderia acalmá-la. Eu só não tinha ideia que cantar seria tão ruim.

Um soluço rasgou de Willow e continuei respirando as palavras em seu ouvido.

— Acho que, em algum lugar dentro de mim, sabia que estava me apaixonando por você. E estava com medo de voltar a esse lugar de se sentir tão impotente. Medo de amar alguém e não ser forte o suficiente para ajudá-la. Aterrorizado de não ser forte o suficiente, para estar lá para ela, quando realmente importasse.

—Ela precisava de você.

Meu gesto era lento e cheio de pesar.

— E eu a deixei. Logo depois que isso aconteceu, estava tão abalado, confuso sobre o que fazer. A turnê começou em dois dias e aqui estava Anna, desesperada, tentando me fazer ficar. Fui para casa dos meus pais, porque senti que precisava de um espaço. Afastar-me e ter alguma clareza.



Apertei-a com mais força, dor puxando-me para baixo, quando forcei a admissão.

— Foi a pior noite da minha vida, Willow. Eu tinha ido para minha mãe e meu pai e recebi esse texto para ir direto para casa desse cara.

Fúria me atacou, quando voltei a essa memória.

— De alguma forma, Edie convenceu a deixá-la ir comigo para esta festa.

— Não — Willow gemeu, acrescentando tudo. Remendando junto. A noite que nos destruiu.

Música vibrava de dentro das paredes finas. Assim que bati, a porta se abriu para Paul, que já estava virando. Fiz apresentações rápidas, encolhi-me, quando ele deu à minha irmã uma cerveja. Mas porra. Um copo de Solo vermelho era muito menos do que já tinha provado, quando tinha quatorze anos. Ainda assim, ela era diferente. Inocente. Edie não estava perto de se adaptar a este mundo desprezível.

Normalmente, passo em um lugar como este e, imediatamente, sugo a vibração. Deleito-me com ela. Vivo.

Não essa noite.

Mesmo que ela tivesse me prometido que ficaria bem, Anna não tinha parado de mandar mensagem, desde que saí. Meu telefone parecia uma bomba. Constante. Incessante.



Parte de mim entendia. Anna estava com medo que estivesse colocando distância entre nós. A outra parte estava chateada, pois esta era a razão da qual queria distância.

A verdade era: sentia falta dela. Aquela garota, que se tornou minha melhor amiga.

Eu só não sabia como lidar com a dicotomia: a Anna que adorava e aquela que me aterrorizava.

Minha irmã ria e se divertia, então, fiz o meu melhor para relaxar. Tomei algumas bebidas. O mundo desmoronando e eu entornando cerveja.

Meu celular vibrou no bolso, novamente. Relutantemente, eu o peguei, imaginando que não podia continuar ignorando-a. Não quando lhe disse que iria apoiá-la. Fugindo como um covarde e não enfrentando o que vinha, não me faria ganhar, exatamente, quaisquer estrelas douradas.

Fiquei de pé e me movi pelo corredor, onde era mais silencioso, mergulhando em um quarto vago e aceitando a chamada.

— Hey. — Disse.

Ela chorava baixinho. Isso me cortou como uma lâmina cega. Odiava que estivesse sofrendo.

— Eu preciso falar com você, Ash. Por favor, volte para casa.



Afundei na beirada da cama, esfregando os olhos cansados com o polegar e o indicador.

— Pensei que você estava indo para seu apartamento?

— Eu só.... Precisava vê-lo, quando você chegar em casa. Falar com você.

— Eu não estou para falar esta noite, Anna. Vou até a sua casa amanhã. Conversaremos. Decidir como vamos lidar com isso, ok? — Tentei manter o tom da minha voz, deixá-la saber que me importava, mas que não estava desabando.

Um soluço quebrou toda a linha.

— Eu preciso falar com você. Por favor, Ash, venha para casa.

Suspirei.

— Eu não vou fazer isso, Anna. Você...

— Estou grávida. — Ela de repente declarou.

Tudo ficou em silêncio e o mundo parou. Finalmente, entendi.

—Você está realmente fazendo isso agora, Anna? — Cerrei os dentes, sem simpatia. — Você está aí, tentando me prender, dizendo que tenho uma criança chegando? Depois que tentou me jogar contra Lyrik esta manhã?

Ofegava para respirar.



— Eu não sou uma porra de um brinquedo e não permitirei que me use como um. Terminei. Quando chegar em casa, espero que tenha ido embora.

— Eu estou. — Foi um gemido.

— Basta parar, Anna, não aguento mais mentiras.

Encerrei a chamada e apertei a mão em minha boca, querendo gritar, porra, chorar à parte.

Isto estava matando Willow. Sentia isso. A angústia que abalava seu corpo. Queria parar. Para protegê-la da verdade. Mas continuei, as palavras quebrando, quando lhe ofereci os meus pecados.

— Eu não acreditei nela, Willow. Não acreditei nela. E só queria esquecer tudo. Voltar ao que era, antes de conhecê-la.

A porta do quarto se abriu, deixando entrar uma lasca de luz. Casey a fechou, atrás dela. Ela atravessou a sala e a deixei me empurrar para a cama, deixei-a rastejar em cima de mim.

Porque não queria sentir nada.

Não a picada de mentiras de Anna.

Não a dor da perda em meu interior.

O pesar.

A culpa.



Mas a culpa estava lá, quando Casey me beijou, quando suas mãos estavam no meu peito. Apertei meus olhos, tentei bloquear tudo, para concentrar apenas na sensação de pele contra pele. É o que tinha feito por toda minha vida. Não tinha que ser diferente agora.

Não.

Mas era.

Meu telefone se iluminou novamente e a culpa floresceu e ampliou. Empurrei Casey para fora, a menina sorrindo, torcida ao meu lado na cama.

Confuso, aceitei a chamada, empurrei-a para o meu ouvido.

— Anna.

Eu queria pedir desculpas. Para dizer-lhe que tinha que fazer isso. Que iríamos descobrir isso. Que a conhecia.

Na outra extremidade, ouvi-a chorar baixinho.

— Eu amo você, Ash. Preciso que saiba disso.

— Deus, amo você também. Muito.

Casey ficou, subitamente, de joelhos ao meu lado, a voz açucarada e doce.

— Aww, é tão bonito, Ash Evans, professando seu amor eterno, quando tem a língua na minha garganta.

— Quem é? — Anna perguntou.



— Ninguém.

— Quem é? — Exigiu mais alto. Mesmo através da distância, podia sentir. O piscar de olhos. O gatilho.

Anna começou a hiperventilar, na outra extremidade da linha.

— Oh meu Deus, oh meu Deus. Eu sabia. Eu sabia. Você está me traindo. Não, não, não. — Gaguejou. — Eu não posso fazer isso. Não.

— Anna, escute. — Gritei, chegando desequilibrado.

— Eu não posso fazer isso. — ela gemeu e a linha ficou muda.

Jurei, agarrando o telefone na minha mão, apontando para Casey.

— Fique bem longe de mim.

Saí do quarto, com a intenção de encontrar Edie, para dizer-lhe que iríamos sair de lá, quando meu telefone tocou novamente.

Quase o joguei contra a parede, até que vi que era um texto de Edie.

Cheguei em casa. Não se preocupe comigo.

Parte de mim queria chamá-la e brigar, por ter apenas saído. Essa festa não era segura. A outra metade estava



apenas aliviado, que ela tinha ido. Que não era uma parte dessa bagunça.

Minhas mãos fecharam nas costas de Willow e não pude falar as palavras. Mal podia admitir para mim mesmo que, enquanto deixava uma garota em cima de mim, minha irmãzinha estava sendo estuprada.

— Eu cometi tantos erros naquela noite, Willow. Muitos. Mas o que sabia era que precisava fazer tudo certo com Anna. No fundo, sabia que não era culpa dela. Que ela estava doente.

Dirigi de volta para casa.

Culpa passando por minha pele com um brilho de suor. Não podia acreditar que deixei essa cadela me beijar. Que a beijei de volta. Toquei.

Sem surpresa que Anna não confiava em mim. Que estava apavorada, por me deixar por meses em um tempo. Ser fiel a ela parecia tão simples, até que não era.

Será que eu mudaria? Será que Anna faria o mesmo?

A única coisa que sabia era que eu queria. Que não podia suportar a ideia de deixar esta cidade, com as coisas do jeito que estavam entre nós.

O principal? Sabia que ela estava doente. Estava certo de que não era mentira. Mesmo se não acabássemos juntos, pelo menos poderia ajudá-la a passar por isso. Ajudá-la a



encontrar a felicidade, que ela, desesperadamente, queria encontrar.

Soltei um suspiro, abri a porta do carro e me dirigi para casa. As janelas ainda estavam enegrecidas com a noite, a porta da frente trancada. Coloquei minha chave e abri a porta.

Silêncio profundo ecoou de volta.

Dei um passo hesitante para dentro.

— Anna? — Chamei, mais silencioso do que o pretendido.

Nada. Avancei pelo corredor, inclinei-me e acendi a luz do meu quarto. Minha atenção passou pela sala, prendendo no espelho contra a parede, que foi quebrado, peças caídas no chão, papéis espalhados, minhas gavetas puxadas de suas dobradiças e minhas coisas derramando-se, como se tivesse estado frenética, procurando por um segredo que não a deixei saber.

Passei a mão pelo cabelo. Inquietação bateu na minha pele. De alguma forma, estava mais em pânico pelo que ela fez, do que pelo que lhe disse e por isso foi embora.

Andei na escuridão do corredor, segurando o telefone na mão, tentando descobrir como me desculpar. Como deixá-la saber que não queria mais ninguém. Que o que aconteceu com Casey foi um erro. Um deslize, no meio de um momento em que não poderia fazer sentido.



Pedir-lhe que me perdoasse, como estava disposto a perdoá-la.

Porra.

Eu estava indo para lá. Colocar para fora, conversar, o que deveríamos ter feito antes.

Girei e dei um passo para trás no corredor, antes de congelar. Algo frio patinou na minha espinha, pego por nada, mas a sensação que tive, quando vi as luzes brilhantes atravessando a parte inferior da porta do banheiro.

Respirando curto, avancei. Acalmei-me, antes de, lentamente, virar a maçaneta e abrir a porta.

Luz branca iluminava tudo.

Meu coração parou e o estômago virou.

Sangue.

Respingos.

Marcas de dedos.

Esfregados.

Pesar, horror e choque.

Seu corpo estava torcido em um ângulo estranho, cortes abertos em todas as direções em seus pulsos, uma garrafa vazia de comprimidos tombou de lado, perto de sua mão ensanguentada.

Não.



Um soluço, que estava guardado, saiu e, lentamente, caí de joelhos ao lado dela.

— Não. Anna, não. — Sussurrei, antes de cair lentamente em sua frente, com um gemido.

Juntei-a em meus braços, balançando-a, enquanto implorei e confessei.

— Não.

Corpo frio. Rosto pálido.

— Não. Anna, não. Deus, por favor, não.

Willow chorava, lutando para fugir. Lutei para segurá-la mais perto.

— Como você pôde? Ela precisava de você. Meu Deus. Ela precisava de você. Estava doente. Estava doente.

— Eu estou tão arrependido. Se soubesse como me sinto.

— Ela estava doente. — Willow falou novamente, caindo de volta para o chão. Luto passava em volta de nós. Porra. Queria acabar com tudo, mas abri a boca e lhe dei a última parte da história de sua irmã.

Sentei-me na cadeira dura de plástico na sala de espera, os dedos tremendo, enquanto dobrava e desdobrava continuamente, a nota que Anna rabiscou e deixou no chão. Como se, ao fazer isso, a confissão pressionada no papel manchado de sangue, pudesse mudar.



Eu sinto muito. Nunca quis ser essa pessoa. Mas não posso pará-la e estou com muito medo de fazer isso sozinha. E se a transmitir? Esse pensamento? Essa possibilidade? Dói demais. Por favor, perdoe-me. Eu preciso ser livre.

As palavras enrolaram em meu ser como uma falta, doença incurável, a possibilidade me provocando de todos os ângulos.

Ela não estava mentindo.

Se soubesse, naquele fugaz segundo que a teria encontrado deitada no chão e a puxado em meus braços. Provei seu medo. Senti sua tristeza. Era como se eu quase pudesse alcançar e tocar a perda.

— Sr. Evans? — Perguntou uma mulher.

Olhei para cima com um aceno.

Ela sentou-se ao meu lado.

— Eu sou o Dra. Kirklen.

Mal conseguia engolir, porque o que preparava-se para dizer, já estava escrito em seus olhos.

— Ela foi embora? — Luto. Dizendo que era absoluta dor.

— Eu sinto muito. Ela teve uma parada cardíaca. Entre a overdose e a perda de sangue, não poderíamos recuperá-la. Fizemos tudo o que podíamos.



Não importava que já soubesse, tristeza plantou em mim.

Lâminas de gelo e fogo.

Destruído.

— O bebê? — Mal podia falar.

Ela tocou meu antebraço.

— A gravidez deu positivo.

Pisquei, completamente dormente e em agonia, tudo ao mesmo tempo.

Eu seria pai. Porra. Seria um pai. Algo que nunca quis, até que a possibilidade foi-me tirada.

Bati os pulsos das minhas mãos nos meus olhos.

Eu.

Tudo isso estava sobre mim.

— Eles me disseram que o nome dela era diferente em seu cartão de seguro. Percebi então que veio para Los Angeles e mudou seu nome. Desesperada para se tornar outra pessoa. Pensando que estava perseguindo seus sonhos e que pudesse encontrá-los lá. Eu não queria saber, Willow. Não queria saber que ela era diferente da menina pela qual me apaixonei. Queria apagar o resto. Assim como um covarde, dobrei a carta que ela escreveu de volta em sua caixa e a deixei. Então, fugi.

Estava fugindo desde então.



Frenético, golpeei o botão do elevador. Desesperado para sair, porque não havia nada para mim.

As portas de metal pesadas fecharam e o vazio aumentou.

Assim que o elevador pousou no primeiro andar, voei para fora. A cada passo, trovejando, senti um pedaço de mim deixado para trás.

As peças que Anna revelou, todos eles pertenciam a ela.

O amor.

A lealdade.

A compaixão.

Nenhuma delas foi suficiente. Porque eu não era suficiente. Era muito imprudente. Vivia muito rápido.

Pensamentos de uma criança que nunca chegaria a conhecer oprimiram-me.

As possibilidades que nunca tiveram uma chance.

Era insano, como amei alguém que nem conhecia?

Jamais faria isso novamente.

Eu não podia.

Não, quando eu não era confiável para ficar.

Acelerei. Estava quase em um corrida, em fuga, quando me dirigi à uma porta de correr de vidro.



Podia sentir-me rachado. Lascado.

Tive a súbita vontade de virar a cabeça, enquanto saía porta afora. Meu olhar bateu em grandes olhos de chocolate. Reconheci a agonia em sua busca. Esta menina estava tão desesperada para entrar, como eu estava para sair.

Empurrei minha atenção para longe, não querendo processar a dor de outra pessoa.

Porque nunca teria, novamente, um coração frágil em minhas mãos.

Não, quando a única coisa que faria seria esmagá-lo em meu aperto.

A familiaridade. Era ela. Minha Pêssego.

Willow estava completamente solta em minha espera, eviscerada.

Vergonha uivava, através do meu espírito, ao terminar a história que fui um covarde para contar.

Tanto naquele dia, quando saí do hospital e a deixei e sua mãe com todas as perguntas que mereciam uma resposta, quanto no dia em que a familiaridade que descobri em Willow, finalmente me alcançou.

A questão era, exatamente, o que eu reconheci?

Porque, no segundo que deixei aquele hospital e pelos próximos sete anos, escolhi a rota fácil. Recusando-me a



chegar muito perto. Viver para o tipo de alegria que poderia encontrar.

Até que colidi com Willow Langston.

Coração em primeiro lugar.

— Ela estava doente, Ash. Ela estava doente.

— Eu juro, não sabia a extensão disso. Não, até que fosse tarde demais. — Murmurei no topo de sua cabeça.

— Eu não posso... — Ela se desenrolou de meus braços, levantou-se e fiz o mesmo, querendo envolvê-la novamente e sabendo que não tinha o direito.

Willow se virou, como se não pudesse suportar olhar para mim.

Isso aí? Era por isso que fiz o que fiz. Escondi. Fingi um pouco mais. Fingi que não a amava, quando sabia, no meu âmago, que nunca poderia tê-la.

Senti o tremor que rolou por seu corpo, a dor atando à acusação.

— Você sabia disso... Quando dormiu comigo hoje.

Meu tom era calmo e suplicante.

— Willow.

Seus lábios tremeram.

— Você sabe... De alguma forma já sabia, quando cheguei ao hospital ela tinha ido embora. Minha mãe e eu, já



estávamos a caminho, indo lá para trazê-la de volta, porque sabíamos que estava em espiral.

Cada célula do meu corpo se contraiu de dor. Luto por ela. Luto pela Anna. Pela Summer de Willow.

Willow voltou sua atenção para o teto.

— Levaram-nos nesta sala, sentaram conosco e nos disseram, deram a caixa e disseram que o homem que entrou com ela a deixou.

Encarou-me.

— Eu odiava aquele homem. — As palavras se transformaram em um sussurro. — Odiava o homem que a engravidou, então a deixou. O único que não tomou conta dela. Aquele que era muito covarde para sequer esperar por nós, para nos dizer o que aconteceu.

Seu corpo tremia.

— Você sabia que ela estava com medo de ser mãe? Aterrorizada em passar sua doença? Disse-me que iria deixar isso para mim. A parte confusa, ela provocava, porque sabia que não podia correr o risco. Mas prometeu que seria a melhor tia do mundo.

— Eu. — Disse-lhe. Assim como disse-lhe naquela noite. Eu era responsável. Tudo isso.... Estava em mim.

Willow limpou a palma da mão sobre o rosto molhado.

— Preciso que você vá.



O pânico tomou meu coração.

— Willow.

Ela apertou os olhos fechados.

— Por favor... Apenas vá.

Abaixei minha cabeça, acenei lentamente, quando aceitei isso, o destino doente e cruel, antes de cruzar a porta. Hesitei lá, antes de reunir coragem e olhar para trás, desejando que tivesse dito tudo esse tempo todo. Sorri para ela. Suavemente. Infelizmente.

— Não era fingimento, Pêssego. — Toquei meu peito. — Você não pode fingir isso.

— Não.... Mas não posso viver na sombra da minha irmã.

Eu queria discutir isso. Mas me perguntava se estávamos vivendo na sombra de sua irmã o tempo todo.





36

Willow

A porta, silenciosamente, fechou atrás dele.

Cai no chão. Dor me consumia, agonia espalhando como uma rachadura lenta, estilhaçando, quando reuni as fotos em meu peito.

Abracei-as. O amargo e belo tesouro, que mal podia suportar.

Summer sorriu de volta, nos momentos roubados. De alegria e inibição. Sua vibração derramando pelas imagens brilhantes, como se ainda tivesse o poder de comandar o quarto. O jeito que ela sempre teve.

Envolvido ao seu redor estava o homem que eu amava. Com tudo de mim. Coração. Corpo. Alma. Para sempre.

Caí para frente e chorei.

Esmagada pela dor.



Engolida pela dor.

Fraca.

O silêncio pairou como uma mortalha, no quarto extra do andar de cima. Sentei-me em uma cadeira de balanço antiga, olhando pela janela. Era o quarto onde guardava todas as recordações que não suportaria ver todos os dias, então vinha aqui, quando queria ficar perto de tudo que perdi.

A chuva da tarde de verão derramou com fúria, no meu quintal. Extasiada, eu a assisti cair sobre o telhado da pequena oficina, onde me apaixonei totalmente.

Porque me apaixonar por Ash Evans valeu a pena o risco.

Dias se passaram em um borrão, enquanto lutava com um desgosto mais intenso do que já experimentei. A perda de Ash. A angústia de Summer.

O problema era que eu não poderia dizer se eles eram os mesmos.

Memórias de minha irmã passaram pela minha mente.

“Anéis rosados em torno dos olhos

Um bolso cheio de rosas para esconder o cheiro



Cinzas, cinzas

Todos nós caímos[6]*”*

Willow e Summer, derrubadas em uma pilha no chão, as risadas voltadas para o céu.

Summer ligou seu dedo mindinho ao de Willow. Sua irmã sorriu.

— Willow e Summer para sempre.

Willow sorriu.

— Para sempre.

Tristeza passou por mim. Durante anos, quis rastrear o homem que acreditei que a abandonou. Acusar e cobrar. Mas, em algum lugar no interior depois de ouvir sua história, depois de ouvir seu pesar, sabia que seu amor por ela foi tão impotente quanto o meu. Que a imagem que evoquei em minha mente, estava toda errada. Mesmo depois de ter feito tudo o que podia, Ash ainda não foi suficiente para salvá-la de si mesma. E tive que acreditar na sua verdade.

Dor se intensificou. Agarrando-me em todos os lugares.

Porque isso também dói.

Muito.

Seu amor por ela.

[6] Ring Around the Rose é uma canção melancólica geralmente cantada no jardim de infância e faz alusão a peste negra.



Isso faz de mim uma pessoa horrível?

Summer correu através das ervas altas, partes selvagens de cabelo preto voando em volta do rosto sorridente, enquanto se virou para olhar por cima do ombro. Willow seguiu os passos de sua irmã, da forma que sempre fazia, descendo o aterro em direção ao fundo, no riacho escondido no banco de árvores. Summer saltou com todas as suas roupas, afundando, dois segundos depois, surgindo na água. Sua risada dançou pelo ar quente. Jogou seus braços acima da cabeça.

— É uma sensação incrível, Will. Não esconda nada. Nunca se esqueça o que mamãe disse. O mundo espera por você.

Willow hesitou, desejando que fosse mais como sua irmã, antes de fechar os olhos e saltar.

Mas essa era a coisa sobre mim e Summer. Sempre assisti o mundo com cautela, enquanto ela o buscava, até que o mundo que queria abraçar, lentamente desmoronou em sua volta. Quando o medo se instalou.

Willow limpou as lágrimas sob os olhos de sua irmã e Summer se agarrou a ela, soluçando em seu peito.

— Não é correto ser assim, Will. Não é. Tenho que cuidar de você e não o contrário. Odeio isso. Odeio tanto.

— Shh ... Está tudo bem. Sempre cuidarei de você.



Limpei as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Tentei. Deus, como tentei. A parte mais difícil era que não fazia sentido como acabamos aqui, Ash e eu. Por que o destino tinha nos torcido tão cruelmente. Porque não tinha ideia do que era certo e se amá-lo era errado.

Ele estava me chamando, deixando-me mensagens, implorando-me para respondê-las. Talvez fosse a minha vez de ser covarde. Mas não sei como enfrentá-lo. Como olhar para o homem que amava totalmente e me perguntar se havia alguma possibilidade de ser retribuída nesse amor.

Duas vezes o peguei sentado em sua SUV, do outro lado da rua, a presença desse homem fascinante, inebriante, esticando para me tocar e eu definhando na solidão da minha casa. Como questionei e pedi pelas respostas, que nenhum de nós tínhamos.

Memórias surgiram em minha mente e abracei a caixa em meu peito. Balancei, quando pensei novamente na conversa que tivemos no dia anterior ao que ela partira.

— Bates é.... Seguro. — Summer argumentou, inclinando a cabeça para Willow.

Willow continuou a trabalhar no velho pedaço, raspando o velho para revelar o novo. Ela balançou a cabeça.

— Ele disse que vai se casar comigo. Você sabe que é o que quero. Uma família.



Summer passou e sussurrou no seu ouvido.

— Ele faz você se arrepiar?

Não, nunca.

— O amor, supostamente, é para ser constante. Estável. — Willow sustentou.

Summer riu, o som saltando pelas paredes da oficina.

— Oh, minha doce, Willow. — Agarrou-a pelas bochechas e deu um beijo em sua testa. — O amor nunca é como você espera que ele seja. Apenas espere. Quando realmente sentir isso? Aposto que não usará quaisquer palavras como estável e seguro. Apenas espere.

Ela se movimentou pela loja, antes de se virar e olhar para trás para Willow. Algo significativo, preso em suas palavras.

— E quando você o encontrar? Prometa-me que nunca o deixará.

Ofegante, através das minhas lágrimas, pressionei ambas as mãos na barriga, porque jamais esperei por esse amor, para ficar assim. Nunca esperei que isso se quebrasse e me sacudisse.

Cinzas, cinzas, todos nós caímos.

Mas minha mãe...Ensinou-nos que nossos mundos eram nossos para segurarmos. Mesmo quando estivessem em pedaços. Mesmo quando os nossos sonhos fossem



espalhados com o vento. Porque nunca sabíamos onde essas sementes espalhadas podiam pousar e se enraizar.





37

Ash

Meus dedos se atrapalharam nas fricções de meu baixo.

— Que droga! — Cerrei, deixando cair a cabeça, a busca por algo legal e indescritível ficava cada vez mais difícil.

A voz de Baz veio através dos alto-falantes na cabine, onde eu falhava.

Caindo seria a palavra chave.

Difícil.

— Por que não faz uma pausa. Caminhe lá fora. Podemos voltar a isso mais tarde.

Duramente, esfreguei as costas da mão na boca.

— Já estamos com este álbum atrasado.

Zee tinha razão em me trazer sentido. Sair da banda era a última coisa que queria fazer. Mas com este tipo de produtividade? Eu poderia muito bem sair.



— Tome um fôlego. — Disse Baz. Desta vez não foi uma sugestão.

Coloquei meu baixo favorito de lado, as mãos abrindo e fechando em punhos ferozes. Como se essa ação pudesse queimar a agressão e desespero, que ameaçava ferver o sangue em minhas veias.

Sai da cabine, jogando um olhar para Baz, que estava sentado no console, como se alguma coisa disso fosse sua culpa.

— Melhor? — Eu era todo sarcasmo e despeito.

Ele estava bem atrás de mim, quando saí do estúdio para o salão. Zee e Austin estavam em um canto mais distante, tendo algum tipo de conversa abafada, privada, que provavelmente tinha tudo a ver comigo. Lyrik e Tamar estavam em um dos sofás, a menina envolta em seu colo e o cara sussurrando suavemente, olhando-a.

Não achava que os nós que estavam ao meu redor pudessem me amarrar mais.

Eles estavam.

Fui para as escadas, sentindo necessidade de sair de lá.

Baz me parou com a mão no meu ombro, suas palavras medidas, mas graves.

— Você quer tirar isso de mim? Ótimo. Mas sabe que pisar por aqui como um idiota não mudará nada. Não sei o



que diabos aconteceu com Willow, mas é óbvio que você precisa corrigir.

Consertar.

Zombei, quando girei para encará-lo. Incrédulo.

— Consertá-lo? Algumas coisas não podem ser corrigidas. Não, quando fui o único que as quebrou, em primeiro lugar.

Eu estava quebrando o tempo todo.

Sua voz baixou ainda mais e simpatia transformou sua expressão.

— Eu sei que o que aconteceu com Anna e que você estragou tudo, cara. Foi horrível. Horrível. Algo que ninguém deveria ter que passar. E sei que escolheu colocar isso no passado. Viver a sua vida da melhor maneira que podia. Fazendo o melhor todos os dias. Acha que não sei que você nunca deixa de contar esses dias? Mas chega um ponto em todas nossas vidas, quando isso não é mais suficiente. Quando precisamos de dias que importam, porque, qual é o ponto em viver, se não temos algo pelo qual viver?

Emoção brotou muito rápida e apertei as mãos de novo, lutando para agarrar-me à raiva, de modo que não teria que lidar com a dor.

Ele piscou, com os dentes cerrados.



— Deus me livre, Ash, Deus me livre, mas se perdesse Shea hoje? Nunca lamentaria ter me acomodado, percebendo o que era importante, escolhendo fazer cada um de nossos dias contarem. Um dia que passamos juntos vale mais de um milhão sem ela.

Dor me atravessou e açoitou.

— Eu apenas não estou certo de ser digno de qualquer um dos dias de Willow.

Virei-me e cambaleei até as escadas, cabeça pendurada entre os ombros, enquanto subia. No segundo que cheguei ao topo, mãos pousaram no meu peito, interrompendo a fuga.

Olhei para cima. Edie estava lá, preocupação passava por todo o rosto.

— Edie. — Murmurei, sentindo o último pedaço da minha reserva distante.

— Você está me assustando, Ash. O que está acontecendo com você?

Peguei-a em meus braços.

— Edie. Eu sinto muito.

Estava tudo se aproximando. Estava próximo o tempo todo. Desde aquele momento, um ano atrás, quando descobri sobre o que deixei acontecer com ela.

Ela balançou a cabeça contra meu peito.



— Eu não entendo.

— Eu arruinei tudo. Arruinei.

Edie recuou, simpatia em seu rosto, enquanto colocou a mão na minha e me levou até a sala de estar, no piso principal da casa de Baz e Shea. Sentou-me em uma cadeira e subiu de joelhos na minha frente.

Esfreguei as duas mãos sobre meu rosto.

— Preciso te contar algo.

Ela tocou meu joelho.

— Você pode me dizer qualquer coisa. Qualquer coisa.

— Naquela noite... O que aconteceu com você... — Não podia sequer formar as palavras.

Assentiu com sua cabeça.

— Havia tanta coisa acontecendo nos bastidores. Esta menina...

Juntei minha coragem e disse à minha irmãzinha a mesma história que contei a Willow, há duas semanas. Recuei, comecei desde o início, desde a primeira noite que conheci Anna e todo a trajetória até o final, quando tudo terminou em destruição.

Para Edie.

Para Anna.

Para Willow.



— Eu fui responsável por isso, Edie. Pelo que aconteceu com você. Estava tão envolvido com o que acontecia com minha vida, naquela noite, que não cuidei de você do jeito que deveria.

Eu.

Sempre tinha sido eu.

Lágrimas correram pelo rosto de Edie.

— Como você pode dizer isso? Paul foi responsável, Ash. Paul. Não você.

— Você está errada.

Edie balançou a cabeça.

—Eu não estou. Passei muitos anos me culpando e me recuso a deixá-lo fazer o mesmo. — Sua boca tremia. — Isso me deixa doente saber o que lhe aconteceu naquela noite. A ela. É horrível e errado. Não posso te dizer como estou arrependida. Gostaria de ter sabido.

Meus cotovelos estavam apoiados nos joelhos, juntei os dedos e levantei a cabeça para olhar minha irmã.

— Isso me mata. Não sabia o que aconteceu com você, Edie. Todos esses anos não tinha a menor ideia do que passou aquela noite. Pensar que fiquei aliviado, quando chegou o texto que dizia que já estava em casa, pensando pelo menos, que estava a salvo, quando não estava segura.



— Somos muito bons em manter segredos um do outro, não é?

— Sim. — Concordei. — Bons demais. E não quero mais isso. Não para qualquer um de nós.

Edie voltou sua atenção para o chão, antes de olhar para mim.

— Eu não posso acreditar que ela era irmã de Willow.

Esfreguei meu queixo.

— É tão problemático.

— Não foi culpa sua, Ash. Ela estava doente. Você tem que saber isso.

Parte de mim sabia. A outra estava contando todos os erros que fiz. Os avisos que ignorei.

— Eu só....Só queria... — Todas as incógnitas estavam congeladas em minha língua.

O rosto de Edie se contorceu.

— Claro que você gostaria de poder mudar isso. Todos desejamos que pudéssemos parar as coisas ruins de acontecerem em nossas vidas. Gostaríamos de tirar a dor das pessoas que amamos. Voltar atrás e mudar isso. Mas só porque não pode mudá-las, não significa que seja culpado.

Edie colocou a mão em seu estômago, carinho enchendo sua expressão, os olhos tão brilhantes direcionados a mim.



— Eu odeio o que Paul fez para mim, Ash e nunca diria que está tudo bem ou que era para ser, mas me pergunto se Austin e eu teríamos encontrado um ao outro, se isso tudo não acontecesse. Se ele não estivesse lá para mim. Às vezes, nossos maiores presentes são encontrados em nossas horas mais sombrias.

Sua cabeça se inclinou em ênfase.

— E se Willow é o seu maior presente?

Segurei a parte de trás da cabeça.

— Ela me disse que não pode viver na sombra de sua irmã.

— Ela é? Sendo sombra da sua irmã? É isso que vê, quando a olha?

Soltei um suspiro, sendo honesto.

— Eu me preocupo que ela possa ser.... Quando percebi primeiro quem Willow era. Desde o segundo que a conheci....Senti isso... Familiaridade, quando a olhei. Como se já a conhecesse, quando não deveria. Isso me assustou, a possibilidade de estar vendo Anna nela.

— E o que você acha agora?

Meu olhar se enroscou com grandes olhos de chocolate. Reconheci a agonia em sua busca. Como esta menina estava tão desesperada para entrar, quanto eu estava para sair.

E sabia que via Willow em tudo.



Encontrei o olhar de Edie.

— Acho que não há nenhuma chance na sua vida em ser uma sombra. Não, quando ela é meu sol.

Um sorriso conhecedor atingiu o rosto da minha irmã.

— Você a ama.

— Muito.

Mais do que qualquer coisa que já conheci.

— Ela sabe?

Willow sabia?

Minha mente percorreu nossas memórias, através das palavras que lhe dei.

— Finja comigo.

— Eu não sou bom para você, querida. Não posso lhe dar todas aquelas coisas que realmente quer.

— Diga-me que me ama... Do jeito que eu te amo.

— Eu não posso te dizer isso.

A compreensão apertou meu peito.

— E se ela não sentir o mesmo? E se não puder me olhar, sem pensar em sua irmã? Sobre o que fiz? Sobre como decepcionei sua irmã? E se eu a decepcionar?

Edie tocou meu joelho.



— Talvez precise mostrar por que deveria acreditar em você. Que a quer. Nenhum de nós perdeu, Ash. O jeito que ela olhou para você. Não pode deixá-la ir.

Uma garganta pigarreou ao lado e olhei para cima, quando Tamar andou em direção ao quarto, obviamente, capturando a essência da nossa conversa. Ela deixou cair uma foto ampliada preto e branco em meu colo.

A que tirou de Willow no meu colo, neste mesmo lugar.

Meu coração batia descompensado.

Porque a minha menina... Minha Pêssego... Estava aconchegada contra mim e eu tinha os lábios pressionados no topo da sua cabeça e a segurava firme, enquanto Willow se derretia contra meu corpo.

Fácil.

Não é o tipo que procurei nos últimos sete anos.

Mas algo que era simples e real.

Como nós estávamos, exatamente, onde deveríamos estar.

Essa energia louca brilhou ao nosso redor, como uma coisa palpável. Esse sentimento, que nunca consegui entender.

Amor.

Minha Tam apertou meu ombro.



— Apenas no caso de precisar de provas.





38

Willow

A calma que não sentia há semanas, encheu o espaço, quando me deixei ficar perdida no som suave da lixa. Corri sobre a madeira do velho pedaço, novamente e novamente.

Revelando a beleza escondida por baixo.

Finalmente, forcei-me a levantar e sair da minha casa. Para focar na perda que me perseguiu dia a dia. Sabendo que tinha que cuidar de mim mesma. Talvez, para não seguir em frente, porque depois de Ash Evans, isso seria impossível. Mas, para dar um passo adiante.

Emily apertou as mãos para frente do balcão, ao lado da caixa registradora, quebrando minha atenção. Arrastando-me de volta à realidade que não queria enfrentar.

— Então, é isso mesmo? Você vai deixá-lo ir? — A urgência tranquila teceu suas palavras.



Tentei engolir, enquanto meu peito tremia.

— Eu não vejo outra solução. — Finalmente, falei, o meu espírito repercutindo uma reação, nessa afirmação.

Olhei para cima, com a testa torcida em descrença.

— Você não vê outra solução? Quem é que pensa que está enganando? Essa “solução” está bem na frente de vocês. Sabe o qual... A estrela do rock insanamente gostosa que salvou? Aquele que foi salvá-la? Aquele que te trouxe de volta à vida. Fez com que acreditasse de novo? Aquele.

Ash também foi o único que me esmagou.

— Você sabe que não é assim tão simples — Disse, voltando-me para os fusos de madeira, minhas mãos derramando meu amor contra os grãos. Eu quase podia vê-lo, sentado naquela segunda sala, onde guardei todas minhas memórias.

Esse quarto não me daria mais vergonha.

— Não? — Emily desafiou.

Pisquei através da umidade que se reuniu em meus olhos.

— Ele estava apaixonado pela minha irmã.

— E daí?

Minha cabeça se ergueu.



— Então o quê? — Meu rosto estava pisado em agonia e um tremor sacudiu através do meu corpo. — Como é que teria certeza de que Ash realmente me ama, Emily? Como? Como poderia saber com certeza que quando me deitasse com ele, veria a mim e não a imagem de minha irmã? Eu nunca poderia...

— Competir com sua irmã? É isso que está se preparando para dizer?

— Não... Isso não é....

Era isso?

Eu não sabia. Tudo o que sabia era que amava minha irmã mais do que o mundo inteiro. Então, este homem se tornou o meu tudo.

Culpa nadou com a dor.

— E se for uma desonra para ela? E se for uma desonra para todos nós?

Emily se aproximou de mim lentamente, estava do outro lado da cadeira de balanço e me agarrou em ambos os lados da face.

— E se for uma desonra ignorar isto? O que foi dado a você?

Simpatia nadou em seus olhos.

— Sua irmã foi incrível, Willow. Ela era uma força. Brilhante. Talentosa. A estrela brilhante. E sei que a amava



com todo seu coração. Mas Summer não está mais aqui. Mas esse homem? Ele está louco por você, tentando lhe falar. Para fazê-la ver isso, enxergar. De onde estou, a única pessoa que Ash vê é você.

Baixei os olhos fechados.

— Você me disse que ele quebraria meu coração, Emily. Você estava certa.

Ele acabou de fazer isso de uma maneira totalmente diferente do que ela sugeriu na época.

Uma suave risada rolou dela.

— Eu não sou tão grande em admitir quanto posso estar errada, Will. E acho que agora, você também pode estar errada. Tudo o que sempre quis... Tudo... Esses sonhos estão ali, esperando-a para chegar e levá-los.

— Eu só.... Não sei se posso. Ash não quer nenhuma dessas coisas.

Nós estremecemos, quando a campainha tilintou acima da porta. Que tocava cada vez mais, desde que Ash Evans entrou em minha vida. Minha loja não é mais uma sem-nome. Ele me salvou de mais maneiras das quais nem poderia saber, contudo, destruiu tudo, também.

Era um jovem em seu uniforme, um boné na cabeça e uma prancheta digital na mão, enquanto equilibrava uma grande caixa no outro.



— Eu tenho uma entrega para Srta. Langston?

— Sou eu. — Disse, ficando de pé, limpando as mãos no meu jeans, para que pudesse aceitar o pacote.

— Assine aqui, por favor.

Rabisquei meu nome no local que indicou e ele me entregou a caixa, já se dirigindo à porta de saída, dizendo por cima do ombro. — Tenha um bom dia.

Aproximei-me do balcão, peguei uma ferramenta afiada, e passei do outro lado da vedação. Tirei a embalagem e congelei, quando vi a pequena caixa de madeira retangular, situada no interior. Meu ritmo cardíaco acelerou, um trovão em minhas costelas e aquele caroço horrível, que estava na base da minha garganta doía.

Com as mãos trêmulas, eu o levantei.

Ele era manchado em cal. Era desgastado e bonito. Coloquei-o no balcão e corri os dedos trêmulos em toda a palavra que foi esculpida no topo.

As marcas eram brutas e sem polimento.

Will

Emily se moveu para ficar em frente a mim.

— O que é isso? — Suas sobrancelhas se uniram, quando olhou para a escultura crua, sem polimento.

Mais lágrimas se soltaram.



— Ash.

Sabia com cada parte de mim e ainda me sentia como se não soubesse nada.

— Oh, Will. — Emily sussurrou como incentivo.

Lentamente, levantei a tampa, dobradiças velhas rangeram, quando expuseram um antigo relógio de bolso de prata e um pedaço de papel dobrado em quatro, aninhado dentro.

Deus.

O que tentava fazer comigo?

Olhei para o par de letras e números escritos na parte superior, mas minha atenção foi roubada pela forte caligrafia pressionada no papel.

Willow,

Por onde começo mesmo? Você me pediu para ir e fiz, porque sabia como dar sentido à nossa realidade. Pensei que a deixar era o melhor. Porque sabia que merecia ter você me odiando. Então, quando percebi que não poderia me forçar a deixar esta cidade, deixá-la, decidi que precisava dar-lhe tempo.

Tentei, mas não estou honestamente certo o que lhe dar tempo significa mais. Tudo o que sei é que as duas últimas semanas têm sido as mais insuportáveis da minha vida. Cada



dia que passa é mais longo do que o último e cada segundo que se passa, parece com uma eternidade que nós perdemos.

Engraçado, mas tenho certeza que o tempo não começou a correr, até o dia em que te conheci.

Três meses atrás, estava caminhando por esta rua, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Parecia assim. Fechei-me com a ideia de compromisso, com a possibilidade de nunca amar alguém de novo, porque achava que nunca poderia assumir esse tipo de responsabilidade.

Eu só estava... Sobrevivendo ao longo dos dias. Deixando o tempo passar, sem ele realmente significar algo.

Estava tão perto da felicidade, quando pensei que pudesse obtê-la.

Naquela noite, três meses atrás? Sabia que estava perto da minha última respiração. Era como se sentisse a morte pairando ao meu lado. E lá estava você. Dando-me mais tempo.

Cinco dias depois, retornei a este mesmo ponto que quase morri. Eu não poderia ficar de fora. Não conseguia afastar a sensação de que tinha algo importante a fazer. Talvez, nesse momento, já fosse um homem diferente. Talvez, entre deitado em uma poça do meu próprio sangue e pensar que nunca veria as pessoas que amava de novo, algo já se libertara de dentro



de mim. Talvez, essa barreira reforçada que construí em torno do meu coração sofreu uma rachadura.

Mas ali, olhando-a pela primeira vez?

Mal sabia eu, que já encontrara uma brecha para minha alma.

Lágrimas rolaram quentes por meu rosto e o lugar vazio dentro de mim latejou. Olhava através das lágrimas, tentando entender o sentido dos números e letras que estavam no lugar de uma carta. Com fome para mais de suas palavras. Perguntando se era uma completa idiota por querê-las.

Olhei para Emily, que estava sorrindo para mim do outro lado do balcão.

— O que é isso? — Implorei.

Ela estava com seu telefone e virou o rosto em minha direção.

— Eu acho....Acho que são coordenadas. — Apontou para a fileira de números e letras no topo da carta. —Estas são as coordenadas exatas para a loja.

Emily inseriu na segunda linha. Um pequeno suspiro saiu dela, quando pegou os resultados. Um sorriso esticou seu rosto, quando olhou-me novamente.

— É o resort onde foi a reunião.



— Oh meu Deus. — Respirei. Tirei as lágrimas persistentes, penduradas em meus cílios e lutei para acalmar o coração em fúria.

O que faço?

O que isso pode mudar?

— Como vou saber?

Estendeu sua mão e agarrou a minha, trêmula.

— Nós nunca sabemos com certeza, Willow. Nunca. Na vida não existem garantias. Existem apenas possibilidades. Precisa descobrir onde essa leva você.

Emoções saltavam.

Esperança, desespero e necessidade.

Dobrando a carta de volta na caixa, peguei minha bolsa e as chaves. Caminhei para porta, mas parei, quando Emily me chamou.

— O que vê, quando ele olha para você?

Dei-lhe um sorriso sombrio e um aceno de cabeça. Corri para fora, sem saber onde a perseguição acabaria. Mas sabendo que não poderia ignorar o que gritava no meu interior, querendo sair.

Limpei as lágrimas com a manga da camisa, tentando clarear a visão e acalmar a revolta do meu coração. Digitei a coordenada e segui para o resort. Guiou-me, através do lobby



e para o exterior, ao redor no qual a recepção foi realizada sob as estrelas e brilhantes luzes.

Uma risada cheia escapou, quando encontrei outra caixa, que foi colocada perto de uma fileira de arbustos floridos.

Subi de joelhos e a puxei para o colo. Esta era completamente quadrada e tinha a palavra “você” esculpida no topo. Novamente antiga. Novamente bonita. Meu pulso correu, quando um afetuoso riso saiu de meus lábios.

Levantei a tampa. Escondida dentro estava uma das fotos que tirou em seu telefone naquela noite, quando Ash me destruiu. Quando exigiu que eu visse a maneira como me olhava, quando tudo o que podia ver era ele.

A imagem era inteiramente do meu rosto, minha expressão um tanto tímida, quanto confiante. Preenchida com todo o amor que viria a perceber neste homem.

Desdobrei a nota que estava dentro.

Minha Willow,

Dois meses atrás, eu lhe pedi para fingir comigo. Para fingir que me pertencia, quando uma parte apavorada minha gostaria que houvesse uma maneira que pudesse ser minha. Aqui estava essa incrível menina, que era tão diferente de qualquer pessoa que já conheci, até agora fora do meu alcance, porque ela queria todas as coisas que nunca poderia lhe dar.



Eu não poderia ter essas coisas. Estava com muito medo para esse tipo de risco novamente. E honestamente, não estava lá ainda. Não achava que precisava de amor ou queria um. Mas em algum lugar nessa trajetória? Naqueles dias que se passaram? Você me mostrou o que queria de novo. Fez-me lembrar. Agitou uma parte minha que esqueci há muito tempo. A parte que zombava estupidamente e irresponsavelmente, quando, na realidade, vivia a vida mais imprudente de todas. Acima de tudo, você trouxe algo novo. Algo melhor. Algo que nunca soube que era uma parte de mim.

Em algum lugar no tempo? Em algum lugar no tempo, apaixonei-me por você.

Amor.

Ele inchou ao meu redor. O abraço mais quente contra o frio e escuro, depois de estar perdida por semanas. Estive tão certa de ver isso nele... Sentia em seu toque. Mas deixei o choque e a tristeza por Summer convencer-me que foi falso.

Ash. Com seu duro, lindo exterior e seu coração suave, incrível.

Peguei a carta, a caixa e corri de volta pelo lobby, para o meu carro, quando esta esmagadora emoção floresceu, espalhando pelo meu corpo. Sitiando o meu espírito, coração e mente.

Conforto caótico.



Meus dedos estavam atrapalhados, quando entrei na próxima linha de coordenadas, listadas na parte inferior da segunda carta. Liguei o carro e deixei a voz genérica me guiar de volta pela cidade, para a parte antiga dela.

Essa ânsia que sentia, estava deslocada e ampliada.

Levou um pouco de tempo para virar tristeza.

Até o momento que coloquei meu carro no parque, eu estava chorando.

Não sabia se poderia fazer isso.

Doía muito. Mas lá estava eu, saindo do carro e caminhando até a colina. Árvores antigas estenderam seus troncos sobre a terra. Como se oferecessem seu conforto a esse lugar que chorava de tristeza.

Vento soprava e as folhas caíam.

Caí de joelhos entre as duas lápides que descansavam lado a lado.

Cautelosamente, passei os dedos, marcando o da minha mãe que acabara de ser definido. Muito novo. Muito cru. Um buquê de flores frescas foi fixado ao lado das palavras que marcavam seus dias. A vida dela. Seu legado.

— Eu te amo mamãe. Eu te amo muito. Queria que estivesse aqui... Porque não sei o que fazer.

O vento uivava de volta e juntei minhas forças, voltei minha atenção para pedra da minha irmã. Uma pedra que foi



escrita muito breve. Lá também tinha um novo ramo de flores, amor e arrependimento como um presságio. Ao lado, havia outra caixa. Na tampa, esculpida na mesma forma bruta, estava as palavras “por favor”.

Este homem estava me quebrando. Limpei o nariz com a manga, pela primeira vez relutante em abrir a caixa. Petrificada com o que pudesse estar lá dentro. Sabendo que precisava ver tudo do mesmo jeito.

Dentro havia outra nota dobrada. Abaixo dela, um punhado de hastes estéreis de dentes de leão. Como marcado do lado dele, onde seus demônios descansavam.

Tristeza flutuava, e cai para a frente, gritos silenciosos caindo da minha boca, enquanto desdobrava a nota pequena, preocupando-me em cortar os poucos fios restantes que segurei juntos, em meu coração.

Willow,

Pedindo-lhe para vir aqui é uma das coisas mais difíceis que já fiz. Parte minha pensava que era cruel. Desnecessário. Enquanto a outra parte achava que trazê-la aqui pode ser o momento mais importante.

Você me disse que não podia viver na sombra da sua irmã.

Eu nunca subestimarei o que sentia por ela. Eu a amava. Amava. Mas acho que sua irmã e eu? Fomos apanhados um no



outro. Tanto de nós à procura de algo, quando nenhum de nós sabia o que buscava. Por um momento no tempo, descobrimos um no outro. Chamas destinadas a queimar.

O que aconteceu com sua irmã foi uma tragédia, Willow. Um desperdício horrível de um espírito bonito. Eu faria qualquer coisa para voltar e mudar as coisas. Fazer as coisas de forma diferente. Estou disposto a apostar que se sua irmã tivesse a chance, faria também.

Ela amava a vida da única maneira que podia. Acho que me amou da mesma forma. Esse amor era frenético, fugaz e nunca poderia ser sustentado. Mas o amor que tinha por você e sua mãe? Era o tipo mais verdadeiro. O tipo que assustava, porque era a única coisa real para ela.

Se você precisa saber uma coisa... Saiba disso. Sua luz... Seu amor... A sua paz. Esse era sua constante.

Eu acho que talvez... Talvez, sua irmã e eu estivéssemos perseguindo nossos sonho, e durante essa busca colidimos no meio. E ainda me mata que sua perseguição foi interrompida muito cedo, tendo que ir tão longe.

Mas estou certo agora que, colidindo com ela de alguma forma, enviou-me a perseguir você.

Soluços foram arrancados de minha alma. Nunca me senti tão dividida em dois. Quebrada bem no meio. A devoção à minha irmã e meu amor por este homem.



Mal sendo capaz de enxergar, fiquei de pé e corri para o carro. Coloquei as próximas coordenadas da parte inferior, quando lá cheguei. Apertei o volante, enquanto seguia as indicações, para fora da cidade.

A estrada passava pela cidade, antes que fosse para uma área rural, as árvores cresciam altas e orgulhosas. A familiaridade puxou meus sentidos, puxou meu coração.

Você se lembra, mamãe, você se lembra?

Tirei o pequeno pedaço de terra no final da estrada, que levava ao lugar da história que contei à minha mãe, no dia que Ash foi comigo para visitá-la. Quando lhe cantou sua canção. Quando veio para mim depois e me levou.

O dia em que meu coração já não era meu.

Atrapalhei-me na trilha estreita, até que cheguei no prado.

Um prado onde minha irmã e eu tínhamos brincado uma vez. Onde minha mãe sentava-se conosco e lançávamos nossos sonhos para o ar.

Dentes-de-Leão cobriam cada polegada do chão. No final do verão, viravam sementes. Uma brisa soprou. Elas se espalharam, levantando-as em espiral no ar, como pequenas fadas brancas voando para entregar seus sonhos.



Em reverência, levantei meus braços para cima e girei em círculo, como todos aqueles sonhos dançando em volta de mim.

Pressionei as mãos em meu coração partido. Meu coração partido que pulsava e gemia. Meu coração arrogante, caótico, que esse homem queria consertar.

Foi fácil de encontrar a caixa de colecionador incompatível, que deixou bem no centro. Caí de joelhos e a puxei para o colo.

Eu estava tremendo, quando, carinhosamente, rocei os dedos sobre a palavra esculpida na tampa, no mesmo esboço bruto.

Fique

Respirei com o significado que veio junto. A mensagem que me enviou.

Será que poderia ficar?

Lentamente, levantei a tampa.

Todo o ar saiu dos pulmões. Minha mão disparou para boca. Dentro havia outra caixa pequena. Envolta em veludo preto. Mesmo assim, sem tocar ou abrir, poderia dizer que era antiga. Quase não pude ter as mãos cooperando, quando alcancei a carta que estava lá dentro. Cuidadosamente, abri, meu coração à mercê de sua mão.

Pêssego,



A palma da mão em meu peito, tentando segurar toda emoção que, desesperada, tentava sair.

Você estava certa. Eu fui um covarde, no dia em que deixei o hospital. Escolhi a rota fácil. Andei por essa estrada e jurei a mim mesmo que nunca olharia para trás.

Então, colidi com você. Então eu soube o que estava faltando. Eu queria algo mais. Queria que meus dias pertencessem a você.

Você é minha paz. Minha luz. Minha definição de amor. Sim, é frenético, caótico e selvagem. Mas também é suave, silencioso e calmo. É faísca, lampejos e uma chama constante.

Quero gastar todo meu tempo com você. Eternidade. Meu para sempre.

Estou com medo? Sim.

Mas estou cansado de ser um covarde. Não, quando se trata de você. Disse-lhe o tempo todo que o cara estava lá fora, esperando por você. Fiz que me prometesse que não se contentaria com nada menos do que um homem que te daria todas as coisas que merece.

E você?

Você merece tudo.

Se me deixar, quero dar-lhe o mundo. Porque você, Willow, tomou o meu, ao longo do tempo e se tornou minha.



Você... Nunca poderia ser o segundo lugar ou estar escondida nas sombras. Você brilha muito. Sua fé é muito brilhante e seu amor é muito vívido.

Você é meu sol.

Todos os seus sonhos... Estão ao seu redor, apenas esperando por você para alcançá-los.

Estou esperando por você.

Meu coração batia à frente do meu peito, pedindo-me para ir para casa. Nem sequer sei como cheguei à pequena caixa aberta, mas o fiz e meu coração se manteve gritando, querendo estourar.

O anel foi ornamentado. Platina, incrustado com diamantes. Delicado.

Muito velho.

Tão perfeito.

Havia mais uma palavra na parte inferior da sua carta, junto às seguintes coordenadas.

Fique

Eu nem sequer precisava ligá-las. Já sabia onde me levariam. Ainda assim, quando subi no meu SUV pequeno, tinha um destino totalmente diferente em mente. Corri de volta para cidade e estacionei em frente da linda casa que só visitei uma vez antes.



Corri até a varanda da frente e bati na porta.

Três segundos depois, uma Tamar preocupada a abriu, tentando equilibrar-se, balançando uma menina em seu quadril, quando se concentrou em mim.

— Willow... Você está bem?

— Preciso da sua ajuda.

Olhos azuis brilharam.

— Claro. Qualquer coisa.

— Nós precisaremos de sua câmera.

Um sorriso perverso esticou seu rosto.

— Eu gosto do jeito que pensa.





39

Ash

Entrei na vaga da minha casa enorme, que ecoava de volta um vazio silencioso, oco. Engraçado como estava, depois das coisas extravagantes. Encher minha vida com coisas que, realmente, não significavam nada.

Posses.

Mulheres.

Um tipo de vida que passou na velocidade da luz.

Agora, a única coisa que queria era preencher este lugar com sua luz. Com seu sorriso, sua esperança e sua doce alma.

Crepúsculo passava pelas janelas que davam para a varanda, lançando ao piso principal sombras e dúvida. O dia inteiro passou e toda esperança que senti foi ofuscada.

Todo o dia estive no limite, esperando por ela.



Para me escolher.

Sentei aqui por cerca de seis horas, depois que o pacote foi entregue. Esperando. Querendo arrancar meu cabelo fora, com cada segundo que passava.

Então, naturalmente, porque o universo me odiava, Lyrik e Austin foram e convocaram uma reunião de emergência há duas horas, jogando alguma besteira que estava acontecendo em LA. Disseram que tinha que estar lá, o que era estúpido, considerando que não poderia processar qualquer coisa que dissessem. Eu estava lá, mas não presente. Impaciente e inquieto. Verificando meu telefone um milhão de vezes, para ver se Willow mandou uma mensagem ou ligou.

Nada.

Willow me matou.

Mas, como lhe disse, estava cansado de ser um covarde. Coloquei-me à disposição. Ofereci minha vida, se estivesse apenas disposta a estender a mão e levá-la.

Empurrando um suspiro, dirigi-me para as escadas. Minha mão apoiada no corrimão, enquanto marchava em direção a esse cômodo que me provocava com os restos de sua presença. Só que era pior esta noite. Sabendo que fiz tudo o que podia e não foi suficiente.



Contornei o hall e empurrei, para abrir um lado da porta dupla. A última parte do dia ainda invadindo, dando à sala que cantava com o espírito de Willow, um pano macio, cor-de-rosa.

Respirei o interior. O cheiro persistente de pêssego encheu meus sentidos. Apertou meu peito. Pisquei, perguntando se estaria ficando maluco, porque estava mais intenso do que nunca foi. Essa energia louca que brilhava e jogava.

Senti-me transformando, mudando, para olhar a parede estéril. Aquele lugar vago que Willow deixou como uma marca contra meu nome.

Só que não estava mais nua.

Umas fileiras de oito quadros adornavam o espaço. Todos feitos em preto e branco, emoldurados em madeira velha, vintage.

Cada uma enorme e absolutamente profunda.

Houve apenas uma sugestão da minha menina em cada um. Um sussurro de seu ombro. Um perfil de seu rosto forte capturado como um segredo. A provocação de renda preta.

Um tremor passou pela espinha e os cabelos na minha nuca levantaram em conhecimento.

Não era do tipo terrível.



Não. Este era o tipo que desacelerou o tempo, porque sabia que iria querer me lembrar desse momento para sempre.

Esperança me apertava o peito.

Lentamente, virei-me, buscando.

Coração na minha garganta.

Ela estava na porta do banheiro.

Estava vestindo nada além de renda preta e uma das minhas camisas brancas de botões, que roubou da gaveta. Desabotoada. Toda cremosidade de sua pele macia estava em exposição, montes de mogno empilhados na cabeça, mechas escorrendo, para enquadrar aquele doce rosto, lindo.

Jurava que a sala girava.

Mal conseguia falar, garganta muito inchada e grossa. Consegui pronunciar a única coisa que importava.

— Willow.

Ela saiu da beirada, no brilho da noite. Podia sentir a timidez que atravessava seu corpo, a vermelhidão que corava suas bochechas, quando apontou para as fotos na parede, atrás de mim. Mas sua voz estava cheia de esperança.

— Você disse que queria acordar olhando para mim todos os dias.



Devoção bateu em meu corpo, esse amor louco que tinha por esta menina preciosa.

Virei-me para ela, o coração batia errático, quando comecei a compartilhar sua respiração. Estendi a mão e segurei seu queixo, o pulso acelerado sob meu toque.

— Eu quero, Willow. Prometo... Eu quero. O que disse a você nessas cartas... É toda a verdade que tenho para dar. Você é meu sol. Minha vida.

Olhos de chocolate brilhavam, tudo o que estava sentindo refletia de volta.

— Eu pensei... Pensei que, talvez por te amar, estava desonrando minha irmã. Sua memória. Seus sonhos. Mas ela me fez prometer... O dia antes de sair... Que se eu encontrasse o amor, o tipo real, que nunca o deixaria ir.

Uma única lágrima escorreu do canto do olho.

—Eu acho.... Acho que ela quer que sejamos felizes. Acho que, talvez, estivesse guiando-nos aqui, o tempo todo. Porque me encontrei com você.

Segurei seu rosto em minhas mãos.

— Pêssego.

— Diga-me que é real. — Sussurrou.

Meu nariz roçou o dela.



— É real. Não há nada de falso no amor que sinto por você.

Um sorriso fraco formou em sua boca, Willow agarrou o lábio inferior entre os dentes, mão tremendo como um terremoto, quando estendeu a caixa de veludo.

— O que você disse na última carta... Que quer tudo isso... Tudo isso comigo. Preciso saber o que realmente quer fazer.

— Eu quero tudo. Tudo o que tenho para dar, Willow. Tudo isso.

Nenhuma mentira.

Sem reservas.

Seu olhar viajou para a parede oposta. Para o lugar que me perdi, quando cheguei.

Juro, o mundo tremeu.

Encostado debaixo da janela estava um berço de madeira. Antigo, construído a partir de estacas esculpidas e ripas ornamentadas, o estilo de assinatura de Willow escrito sobre a recuperação.

Chocado, virei-me para encará-la, a menina que olhava para mim.

Esperança. Amor. Acredite.



— Por que tenho a sensação de que este é um tipo de pergunta de mais cedo ou mais tarde, querida? — Minhas palavras foram obstruídas com emoção, mas isso não significava que não havia um sorriso lutando para sair de minha boca.

— Porque peguei um sonho. E, talvez pareça diferente da maneira que sempre imaginei. Diferente do que esperava. Mas é real e a única coisa que quero é compartilhar com você.

Afundei no chão na frente dela, minhas mãos apertando seus quadris, meu nariz enterrado na carne doce de sua barriga.

— Eu quero isso, Willow. Quero tudo isso. Nunca soube, até conhecer você.

Willow tocou meu rosto tão suave e correu os dedos gentis pelo meu cabelo.

Amor cercando, dei um beijo lá, antes de me recompor e dar à minha menina um sorriso.

— Agora, onde é que está a caixa?

Sufocou o riso com lágrimas e entregou-me. Retirei o anel, que sabia que seria perfeito para ela.

Uma relíquia de família.

Um tesouro.

Impagável.



— Willow Langston, que me colocou para fora da minha miséria, diga-me que vai se casar comigo.

Lágrimas riscaram pelo seu rosto. Olhos de chocolate tão grandes. Amor tão claro.

— Sim. — Sussurrou.

Coloquei o anel em seu devido lugar, olhando entre seu dedo e seu rosto, perguntando como ganhei o direito de ter algo tão bom, fazendo uma promessa silenciosa para estimá-la sempre, antes de me levantar e erguer minha menina nos braços. Girei voltas e voltas.

Ela jogou a cabeça para trás e riu. Riu o som perfeito, poesia que passou por mim como um carinho. Girei mais rápido.

— Oh meu Deus, Ash, coloque-me para baixo, você vai me derrubar.

Willow gritou, quando fiz exatamente isso, bem no meio da nossa cama. Sorri-lhe, quando tirei minha camisa.

— O que, acha que não posso lidar com você? — Flexionei meus braços. — Olhe quão forte eu sou.

— Oh, parece que meu menino arrogante saiu para jogar.

— Seu garoto arrogante sempre quer jogar, querida. Como soa ser a Sra. Willow Evans?

Ela riu enquanto eu subia sobre seu corpo.



— Isso soa como a melhor coisa que já ouvi.

— Isso significa que começo a entrar nesse doce corpo agora? Estou morrendo, baby. Você sabe o quão forte precisei de você? O quanto senti sua falta?

Ela tocou meu rosto.

Sexo e conforto.

Tremeu ao redor da sala.

Olhando-a, afastei uma mecha de cabelo de seu rosto precioso.

— Eu te amo. Mais do que você pode saber.

Sua expressão se suavizou, com toda a ternura que só ela poderia dar.

— Eu sei, Ash. Eu sei. E prometo que te amarei da mesma forma... Até o fim dos tempos.





Epílogo

Willow

Acima, o céu azul plano no horizonte. Tufos de nuvens puras e brancas flutuavam na brisa infinita. Aves sobrevoavam e piavam, passando de árvore em árvore.

Risos foram ouvidos do céu, enquanto corriam através do campo de dente-de-leão.

Amor. Amor. Amor estava ao redor deles.

Ash colocou a mão em meu rosto.

— Minha esposa. Meu Sol.

Apertei minha mão mais perto.

— Meu tudo.

Minha vida. Minha alegria. Meu dom.

Essa alegria estava ao meu redor, quando tirei um dente de leão para fora, em direção a meu filho, que chutou e riu, na dobra do braço de seu pai.



Meu coração estava cheio com todo o amor que tinha para dar, minhas palavras saíram raspadas, quando sussurrei para meu filho.

— O que quer, docinho? Seus sonhos estão lá fora, esperando você. Apenas tem que pegá-los.

Perseguir os sonhos sempre era um risco.

Sonhos que se dispersaram e foram soprados tantas vezes, que pareciam fora de alcance.

Mas, eventualmente, esses sonhos?

Eles se estabeleciam e se enraizavam.

Eles descobririam o único lugar que foram feitos para estar.

Fim



Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).